

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA FÍSICA**

**O LUGAR DO TURISMO NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA:
CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS À AÇÃO EDUCATIVA**

Nair Aparecida Ribeiro de Castro

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Física, do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Ciências - Área: Geografia Física.

Orientadora: Profa. Dra. Regina Araújo de Almeida

São Paulo
2006

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA FÍSICA**

**O LUGAR DO TURISMO NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA:
CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS À AÇÃO EDUCATIVA**

Nair Aparecida Ribeiro de Castro

Para Annita e José Eustáquio

AGRADECIMENTOS

O momento de agradecer é para mim da mais pura emoção.

Rendo graças ao Pai que me permitiu renascer.

Renascida, manifesto minha profunda gratidão ao Prof. Dr. José Pereira de Queiroz Neto e à Profa. Dra. Regina Araújo de Almeida por me acolherem como doutoranda no egrégio Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Penhoro aos insignes Prof. Dr. Wagner Costa Ribeiro, Prof. Dr. Eduardo Yásigi, Prof. Dr. Felisberto Cavalheiro (*in memorian*), Prof. Dr. José Bueno Conti, Profa. Dra. Regina Araújo de Almeida e à Profa. Dra. Rita de Cássia Ariza da Cruz meu respeito e admiração pela condução firme e ajuda inestimável na construção do meu próprio caminho.

Declaro à Profa. Dra. Iná Elias de Castro, ao Prof. Dr. Alaoua Saadi, ao Prof. Dr. Oswaldo Bueno Amorim Filho, à Profa. Dra. Adyr A Balastrieri Rodrigues e ao Prof. Dr. Marcos Aurélio Tarlombani da Silveira minha gratidão pela disponibilidade em colaborar com suas reflexões sobre questões que envolvem o cotidiano da pesquisa acadêmica na área de interceção da Geografia com o Turismo.

Manifesto meu apreço aos amigos e amigas de caminhada pela abordagem geográfica do turismo: colegas de cursos partilhados, graduandos da disciplina Geografia do Turismo, professores das Academias de Viagens e Turismo.

Reconheço em Regina, Wal, Carmen, Ari, Maria Lúcia, Sérgio, Bigode, Ângela, Airton, Bruna, Júlio e Rafael os amigos paulistas do meu coração.

Às parceiras irmanadas na paixão pela educação geográfica, Miriam e Rita, a gratidão por saberes e fazeres generosamente compartilhados.

Aos caríssimos mestres Rachel Silva Jardim, Flora Maria de Matos, David Márcio Santos Rodrigues, Ione Duarte de Souza e Ivo de Magalhães (*in memorian*), raízes do meu enamoramento geográfico, meu esforço cognitivo no desvelamento desse sonho.

RESUMO

O estudo que apresentamos traduz a busca pelo conhecimento do lugar assumido pelo turismo no contexto da ciência geográfica com o objetivo de amearhar contribuições que dêem suporte teórico-prático aos docentes envolvidos com a formação do geógrafo nos cursos de licenciatura e de bacharelado. De início, analisamos o caráter dual do turismo como prática social e atividade produtiva. Em seguida fazemos uma revisão teórica das categorias geográficas Território, Lugar e Paisagem sem perder de vista esse caráter dual na perspectiva de uma abordagem geográfica. O resultado obtido nos conduz à visão preliminar de contribuições teórico-metodológicas na área de interseção da Geografia com o Turismo. Empreendemos, num “*tour* epistemológico”, a busca das raízes do interesse do geógrafo por esta temática. Recuperamos a historicidade desse conhecimento, identificando-o com a própria evolução do pensamento geográfico. Iniciamos essa viagem de estudos no período clássico, passamos pela Geografia Moderna e daí às renovações paradigmáticas dos anos 50 e 70 do século XX, com as contribuições das abordagens Pragmática, Crítica, Humanista, Cultural e Socioambiental. A análise de modelos elaborados por geógrafos internacionais, inicialmente neopositivistas e, posteriormente, voltados para a abordagem sinalizadora da pluralidade paradigmática, evidencia a preocupação epistêmica com a organização do espaço turístico. Esses estudos tematizam e colocam desafios à produção desse conhecimento, cuja discussão se apresenta indispensável ao seu avanço e aprimoramento. Tomando esse construto como referência, partimos para conhecer a produção acadêmica brasileira em dissertações e teses, num universo de 162 produções, defendidas em 22 departamentos de geografia de instituições pública e privada do país. Essa pesquisa nos revela a tendência pluriparadigmática formadora, tanto da base de sustentação teórica, como da base conceitual e temática que referencia a produção brasileira na abordagem geográfica do turismo. No sentido de verticalizar nossa contribuição à formação do geógrafo, relatamos uma experiência pedagógica na disciplina “Geografia do Turismo” do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, da qual participamos no ano de 2002 e analisamos programas de ensino da disciplina Geografia do Turismo, desenvolvidos no Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná - Brasil, e em mais cinco países – Itália, Espanha, Costa Rica, Canadá e EUA. A avaliação de nosso experimento somada às análises curriculares que empreendemos coloca em evidência a pluralidade de focos, enfoques e bases conceituais que as abordagens geográficas do turismo ensejam.

Palavras-chave: Ciência Geográfica, Turismo, Geografia do Turismo, Formação do Geógrafo, Abordagem Geográfica do Turismo

SUMMARY

The study we hereby present, translates an investigation about the role played by tourism within the geographic sciences, aiming at gathering enough facts to provide theoretical and practical support to professors involved in the training and teaching of geographers and geography teachers. To start off, we analyze this dual role played by tourism, both as social practice and productive activity. Following that, we make a theoretical review of geographic categories such as Territory, Place and Landscape, without losing track of this dual role in considering a geographical approach. The result attained brings us a preliminary view of the theoretical and methodological issues present where geography interfaces with tourism. We then take an “*epistemological tour*” in searching the root-causes for the interest a geographer might have for such a theme. We recover the history behind this knowledge, correlating it with the very evolution of the geographical thinking. We commence this study voyage on the Classical Period, we then move through Modern Geography, and from there, we get to the paradigmatic renovations of the 50’s and the 70’s on the XX century, with the support from Pragmatic, Critical, Humanistic, Cultural and Socio-Environmental issues. As we analyze models created by foreign geographers, initially neopositivists and, later, with an approach that hints to a paradigmatic plurality, we notice this epistemic concern towards organizing the touristic space. These studies organize knowledge production into themes, and places hurdles along the way, in such fashion that this discussion is paramount to progress and improvement. Taking this statement as a reference point, we began to study the Brazilian academic production among thesis and dissertations, in a realm of 162 papers, presented in 22 Geography Departments of both public and private institutions in our country. This research unveils this pluriparadigmatic teaching trend, of theoretical basis as well as conceptual and thematic, which references the Brazilian academic research production within this geographical approach in tourism. In order to verticalize our contribution to the training of new geographers, we report a teaching experience in the discipline “Geography of Tourism”, from the Department of Geography of the School of Philosophy, Languages and Human Sciences of the University of São Paulo, which we took part in the year of 2002, when we analyzed Geography and Tourism teaching programs developed at the Department of Geography of the Federal University of Parana – Brazil, and in five other countries, namely Italy, Spain, Costa Rica, Canada and the USA. The assessment of our experiment, plus the curricular analysis we did, highlights the plurality of focus, methods and conceptual basis for geographic approaches to tourism.

Key-words: Geographical Science, Tourism, Geography of Tourism, Geographer’s Education, Geographical Approach of Tourism

SUMÁRIO

Resumo	05
Summary	06
Lista das Figuras	09
Lista de Tabelas	09
Lista de Abreviaturas	10
Introdução	11
Aportes teórico-metodológicos e procedimentos de pesquisa	17
I - O turismo e o turista: a complexa tessitura sob a ótica da Geografia	26
1 - O caráter dual do turismo: prática social e atividade produtiva	28
2 - Revisão teórica das categorias território, lugar e paisagem na perspectiva da abordagem geográfica do turismo	46
3 - Contribuições teórico-metodológicas para a abordagem geográfica do turismo – visão preliminar	57
II - <i>Tour</i> epistemológico pela produção do conhecimento na abordagem geográfica do turismo	62
1 - Raízes da abordagem geográfica do turismo no pensamento clássico da ciência geográfica	64
2 - Modelos do espaço do turismo e seus referenciais teórico-metodológicos	69
3 - Desafios na caminhada de produção do conhecimento da abordagem geográfica do turismo	105

III – Aproximação de olhares epistêmicos de geógrafos brasileiros na área de interseção da geografia com o turismo	108
1 - Primórdios da produção acadêmica brasileira da abordagem geográfica do turismo: contribuições e tendências	159
2 - Abordagens geográficas do turismo na produção acadêmica brasileira (1975-2005)	172
3 - Olhares epistêmicos do geógrafo brasileiro: contribuições e tendências	193
IV – Inserção da abordagem geográfica do turismo no currículo dos cursos de graduação em geografia: possibilidades e perspectivas	231
1 - A educação na caminhada formadora do turismo	232
2 - Relato de experiência na graduação em Geografia	238
3 - Os currículos nos cursos de graduação em Geografia	256
V - Considerações Finais	291
VI - Referências Bibliográficas	296
VI – Anexo	311

LISTA DE FIGURAS

Quadro 1 - Características de viagem de tipos psicográficos	33
Figura 1 - Posições psicográficas de destinos selecionados	34
Figura 2 - Tempos e categorias do lazer e turismo	43
Figura 3 - A matriz da análise turística organizada por Mitchell (1991)	44
Quadro 2 - Modelos do Espaço Turístico (Neopositivismo)	73
Quadro 3 - Modelos do espaço turísticos e seus fundamentos teóricos	74
Figura 4 - Os círculos de Von Thünen e o espaço turístico de Miossec	81
Figura 5 - O espaço turístico teórico de Miossec – Modelo 1 (1976)	82
Figura 6 - Modelo 2 de desenvolvimento turístico de Miossec (1977)	85
Figura 7 - Distribuição de usos recreativos em Greer e Wall	87
Figura 8 - Modelo de Mariot para fluxos turísticos entre duas localidades	88
Figura 9 - Modelo de Campbell de viagem recreativa e excursionista	89
Figura 10 - Oferta e demanda de turismo doméstico e internacional	90
Figura 11 - Hierarquia espacial de fluxos de turistas	92
Figura 12 - Fluxos turísticos	93
Figura 13 - Modelo de enclave turístico em uma economia periférica	94
Figura 14 - Evolução hipotética de uma área turística (E. W. Butler)	97
Figura 15 - O espaço turístico de Chadeffaud (Do mito ao espaço)	101
Figura 16 - Diacronia de um produto turístico	102
Gráfico 1- Brasil - Dissertações e teses (1975-1993)	160
Gráfico 2 - Produção acadêmica por instituição	174
Quadro 04 - Dissertações e teses: base conceitual e temas	206
Gráfico AG-1 - Dendograma	207
Gráfico AG-2 - Base Conceitual/Freqüência	211
Quadro 5 - Programa de Geografia do Turismo - USA	264
Quadro 6 - Programa de Geografia do Turismo - Canadá	269
Quadro 7 - Programa de Geografia do Turismo - Itália	272
Quadro 8 - Programa de Geografia do Turismo - Espanha	278
Quadro 9 - Programa de Geografia do Turismo - Costa Rica	281
Quadro 10 - Programa de Geografia do Turismo - UFPR/Brasil	285

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dissertações e teses nas abordagens geográficas do turismo (1975-1993)	160
Tabela 2 - Produção acadêmica por instituição (1975-2005)	173
Tabela 13 - Produção acadêmica por instituição e ano	176
Tabela 15 - Trabalho acadêmico de orientação: produção por orientador	179
Tabela 12 - Trabalho acadêmico: orientadores por instituição	184
Tabela 14 - Número de orientadores por instituição	187
Tabela 3 - Brasil: arcabouço teórico das dissertações e teses (1975-2005)	200
Tabela AG-1 - Dados básicos de organização dos grupos	208
Tabela 4 - Base conceitual e temática: identificação e quantificação	209
Tabela AG-2 - Verbetes em ordem de freqüência	210
Tabela AG-3 - Ordenamento dos grupos segundo a base conceitual	212
Tabela AG-4 – Relação instituição e produção dos grupos	213
Tabela 5 - GRUPO A	214
Tabela 6 - GRUPO B	215
Tabela 7 - GRUPO C	217
Tabela 8 - GRUPO D	218
Tabela 9 - GRUPO E	219
Tabela 10 - Impactos: referencial paradigmático/freqüência	227
Tabela 11 - Impactos: análise contextual	228

LISTA DE ABREVIATURAS

BIRD	- Banco Mundial
CAPES	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DG	- Departamento de Geografia
FFLCH	- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
IGC	- Instituto de Geociências
LEMADI	- Laboratório de Ensino e Material Didático
OCDE	- Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico
OIT	- Organização Internacional do Turismo
OMT	- Organização Mundial do Turismo
PUC-Minas	- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
UEC	- Universidade Estadual do Ceará
UEM	- Universidade Estadual de Maringá
UFBA	- Universidade Federal da Bahia
UFF	- Universidade Federal Fluminense
UFG	- Universidade Federal de Goiás
UFMS	- Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFRGS	- Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	- Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFPR	- Universidade Federal do Paraná
UFRN	- Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFS	- Universidade Federal do Sergipe
UFSC	- Universidade Federal de Santa Catarina
UFU	- Universidade Federal de Uberlândia
UGI	- União Geográfica Internacional
UNB	- Universidade de Brasília
Unesp	- Universidade Estadual Paulista
Unesp/PP	- Unesp/campus de Presidente Prudente
Unesp/RC	- Unesp/campus de Rio Claro
Unicamp	- Universidade Estadual de Campinas
UFPE	- Universidade Federal de Pernambuco
USP	- Universidade de São Paulo

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem a intenção de contextualizar e globalizar o conhecimento do conhecimento na área de interseção da Geografia com o Turismo. A partir de aportes teórico-metodológicos referenciados por geógrafos internacionais; de aportes teóricos, conceituais e temáticos de dissertações e teses defendidas em cursos de pós-graduação em Geografia em instituições brasileiras; de programas de ensino na abordagem geográfica do turismo experienciados no Brasil e em cinco instituições de ensino de graduação da Itália, Estados Unidos da América, Canadá, Costa Rica e Espanha, construímos análises, levantamos tematizações, apontamos desafios com vistas a oferecer nossas contribuições aos professores-educadores que atuam na formação do geógrafo brasileiro.

Este é o objetivo que norteia as pesquisas realizadas ao longo do processo de urdidura do nosso trabalho: amearhar contribuições que dêem suporte teórico-prático aos docentes envolvidos com a formação do geógrafo nos cursos de licenciatura e de bacharelado.

Data de 1841 o primeiro registro do interesse epistêmico do geógrafo pela força transformadora de turistas em movimento sobre territórios, numa interação com lugares, culturas e populações visitadas. Daquele tempo até os nossos dias, olhares epistêmicos de geógrafos se debruçam sobre processos de desenvolvimento, organização espacial, fluxos e efeitos geográficos do turismo, constroem modelos de análise espacial do fenômeno, amearham referências e oferecem subsídios às políticas de ordenamento, planejamento e gestão dessa atividade. O conhecimento gerado e denominado por Stradner, em 1905, por “geografia do turismo”, mas que atualmente se convencionou denominar “abordagem geográfica do turismo”, ganhou expressão a partir do pós-guerra ao se transformar, de prática até então vinculada a uma elite endinheirada, em fenômeno de

massa. A criação do turismo, ao mesmo tempo uma prática social e uma atividade produtiva, está no contexto das transformações de cunho técnico-científico provocadas pela revolução industrial, desde a locomotiva como transporte de massa e o automóvel, ao advento do trabalho assalariado e à conquista do tempo livre¹. Como afirma Lanquar (1995, p.4) “Le berceau du tourisme, ce sont les structures urbaines industrielles telles qu’elles se développent en Europe occidentale et en Amérique du Nord, à partir de 1840”. Enfim, a sociedade turistificada é oriunda, na sua maior parte, dos países industrializados do Norte e da classe alta de países emergentes, o que denota as grandes disparidades globais existentes por detrás desse novo estilo de vida da sociedade contemporânea.

O geógrafo não pode ignorar o amplo espectro de imbricações entre turismo e condições ambientais; entre turismo e sociedade, espaço, cultura, políticas setoriais e impactos de toda ordem, advindos dessa prática social e ao mesmo tempo atividade produtiva. Cruz, geógrafa e pesquisadora desse fenômeno, afirma que um dos grandes problemas no trato dessa questão é “a ausência de estudos sistemáticos e consistentes acerca da evolução do turismo no país, capazes de fornecer o referencial teórico necessário à análise de efeitos sócio-culturais da atividade”. (1996, p.270)

Há 36 anos a União Geográfica Internacional (UGI) reconhecia a relevância do ensino e da pesquisa na área de interseção da Geografia com o Turismo, através da criação do Grupo de Trabalho de Geografia do Turismo, Ócio e Recreação (1972) e da Comissão de Geografia do Turismo, Recreação e Mudança Global (1980), responsável por sua institucionalização como disciplina autônoma na formação do geógrafo.

¹ “O tempo livre é o que fica depois que se retira do tempo total o dedicado ao trabalho, ao descanso e a outras obrigações secundárias como o deslocamento para o trabalho, a higiene pessoal e a realização dos deveres domésticos. [...] o turismo e a recreação são duas formas distintas de uso do tempo livre.” (BOULLÓN, 1985, p.50)

É nesse contexto que assumimos como relevante e necessária a inserção da abordagem geográfica do turismo na formação do geógrafo, mesmo que isso implique em desafios aos professores educadores desse nível de ensino. É nesses termos que se coloca o objetivo de nosso trabalho, que se traduz na produção de um conhecimento do conhecimento na abordagem geográfica do turismo, organizado e tematizado em quatro partes. Cada uma se apresenta através de três itens que organizam a relação dialógica que estabelecemos com o conhecimento sistematizado por geógrafos, a partir de seus olhares epistêmicos sobre o fenômeno turístico.

As quatro partes, produzidas de forma enredada e matizada, conformam única tessitura. Na parte I tratamos da complexa teia turismo e turista sob a ótica da Geografia. Adentramos nesse conhecimento de forma a ser encadeado com as partes II e III. A rede de pressupostos teórico-metodológicos em processo é enlaçada nos fios da parte IV. O produto resultante conforma as primeiras contribuições à inserção da abordagem geográfica do turismo no currículo da formação do geógrafo.

No item 1 da parte I, apresentamos dois eixos imbricados em sua abordagem: o turismo, como prática social e como atividade humana. Entendemos que é nessa tessitura complexa do fenômeno turístico, mesmo que seja de desafiante entrelaçamento, que podemos clarificar a sua construção conceitual. O item 2 é de revisão teórica de categorias caras ao pensamento geográfico como território, lugar e paisagem na perspectiva da análise espacial do turismo. No item 3, apresentamos a abordagem geográfica do turismo, deixando à mostra considerações teórico-metodológicas numa visão preliminar.

Na parte II realizamos um *tour* epistemológico pela produção do conhecimento na abordagem geográfica do turismo.

No item 1, esse *tour* nos conduz à identificação e análise das nascentes dessa abordagem e de sua imbricação com as raízes epistemológicas do pensamento clássico da Ciência Geográfica. No item 2, o *tour* nos revela as várias influências epistemológicas que orientam a produção desse conhecimento a partir dos anos 50 do século XX: a orientação neopositivista, que referencia a produção dos modelos de análise espacial do turismo na perspectiva da Nova Geografia ou Geografia Quantitativa; a abordagem marxista das correntes críticas; a abordagem humanista, que incorpora a percepção; o comportamentalismo behaviorista e a abordagem cultural. São eles que referenciam o pensamento geográfico a partir de 1970 e que na atualidade apontam para a tendência da abordagem pluriparadigmática. No contexto de uma relação dialógica com esse conhecimento tematizamos:

Pearce (2003) critica autores dos modelos do espaço turístico, ao dizer que eles não têm dado a devida atenção aos modelos existentes, tanto para tomá-los como base ou referência para novas postulações, quanto para submetê-los a testes empíricos e apreciações críticas. Até que ponto essa crítica é procedente?

No item 3, nosso diálogo passa a ser com os desafios que perpassam a caminhada epistemológica da produção do conhecimento na abordagem geográfica do turismo.

A parte III tem por finalidade aproximar abordagens geográficas do turismo a partir da análise da produção acadêmica de dissertações e teses defendidas em Programas de Pós-Graduação em Geografia em universidades brasileiras, no período 1975-2005.

A caminhada constitui-se no rastreamento dos pressupostos teórico-metodológicos que dão sustentação a essas produções. Esses pressupostos,

por sua vez, permitem revelar na abordagem de seus títulos, palavras-chave e resumos o construto epistemológico que edifica o processo de produção desse conhecimento. Seus aportes deixam a descoberto que as filiações paradigmáticas que têm fundamentado a produção do conhecimento geográfico são as mesmas em que se ancora a produção brasileira na abordagem geográfica do turismo. A análise do conhecimento produzido expõe, de forma matizada, as influências das abordagens Crítica, Humanista, Pragmática, Cultural e Socioambiental que caracterizam a ciência geográfica brasileira na atualidade.

No item 1 dessa parte, ao apresentar a produção da vanguarda brasileira nas abordagens geográficas do turismo no período de 1975-1993, adotamos o seguinte procedimento metodológico: analisamos a produção dessa primeira geração de geógrafos-pesquisadores, suas contribuições em nível teórico-prático e colocamos em questão o porquê do interesse tardio do geógrafo brasileiro pela pesquisa da dimensão geográfica do turismo. No item 2, analisamos a produção acadêmica em trinta anos de crescente e diversificada exercitação teórico-prática, ao abarcar o período 1975-2005. Revelamos dados sobre esses pesquisadores no que respeita à resposta de questões relativas a quem são eles, quem os orienta, que abordagens teórico-metodológicas referenciam suas pesquisas. Novas tematizações são formuladas e discutidas, entre elas, destacamos:

Traz implicações em nível da produção do conhecimento brasileiro o fato de existir um número relevante de professores orientadores de uma única produção na abordagem geográfica do turismo?

Para tecer a resposta a essa tematização entendemos que melhor seria colher a opinião de alguns dos orientadores do universo dessa pesquisa. As opiniões colhidas são de autoria do Prof. Dr. Oswaldo Bueno Amorim Filho

(PUC-Minas), Profa. Dra. Iná Elias de Castro (UFRJ) e Prof. Dr. Allaoua Saadi (UFMG).

No item 3, enfeixamos essa produção acadêmica a partir de uma aproximação de olhares epistêmicos de geógrafos brasileiros em suas contribuições e tendências. Identificamos ainda categorias e aportes geográficos cujos fios tecem as complexas e ricas abordagens geográficas do turismo construídas por geógrafos-pesquisadores, também ao longo dos últimos trinta anos de pesquisa acadêmica (1975-2005). Situamos nesse contexto o compromisso do geógrafo ao dialogar e tematizar se as produções que têm seu foco nos impactos gerados pelo turismo vão além da constatação e da denúncia.

Na parte IV, estabelecemos uma relação dialógica com um dos desafios que tem sido colocado aos geógrafos-educadores envolvidos na transposição didática da abordagem geográfica do turismo, qual seja, a definição de uma base conceitual que dê conteúdo/forma à essa abordagem.

Da educação nos caminhos formadores do turismo tratamos no item 1. A formação do geógrafo ocupa parte central na complexidade dos fios desse bordado. Sua discussão é realizada no item 2. Seu contexto é o relato de nossa experiência enquanto doutoranda com alunos do curso de graduação em Geografia no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, em 2002. O item 3 contém o desafio aos professores que atuam nos cursos de formação do geógrafo, qual seja a construção de um programa na área de interseção da Geografia com o Turismo. Que contribuições análises de programas multinacionais podem oferecer à construção dos cotidianos educativos da formação do geógrafo brasileiro? Essa questão problematizadora conduz o eixo da discussão.

APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

“Caminante, no hay camino, se hace el camino al andar.”

Antonio Machado, poeta espanhol

O interesse epistêmico do geógrafo pela dimensão espacial do turismo remonta ao século XIX, com os primeiros registros atribuídos a Kohl em obra datada de 1841, acerca da força transformadora do meio natural provocada pelo deslocamento de pessoas em direção a um determinado lugar. Datadas do início do século XX, registram-se as contribuições de geógrafos alemães, como Hettner e Hassert.

Enquanto o turismo esteve restrito à elite aristocrática europeia da época, bastavam-lhe os equipamentos pré-existentes, por exemplo, hotéis na orla mediterrânea da Côte d’Azur. Ao longo da primeira metade do século XX, geógrafos europeus, com seus olhares epistêmicos, acompanham o movimento da sociedade e passam a captar as complexas imbricações espaciais e territoriais que, aos poucos, assume o deslocamento espacial do turista.

Ao geógrafo austríaco Stradner, a quem se atribui a origem do termo *Fremdenverkehrsgeographie* - geografia do turismo – em obra datada de 1905, chamavam-lhe atenção os efeitos positivos do turismo na balança de pagamentos e as diferentes motivações que levavam as pessoas a viajar. Ruppert e Maier, em obra datada de 1969, teriam reconhecido o peso que o lazer começava a assumir na sociedade da época, chegando a considerá-lo tão importante quanto o trabalho, a moradia e a educação. Eles chegaram mesmo a propor, como objeto de estudo, as formas e os processos de

organização espacial demandados pelos grupos humanos, ao realizarem a função vital do lazer e do descanso. Na França, a filiação paradigmática da abordagem geográfica do turismo é referenciada no possibilismo historicista e circunscrita no mosaico regional vidalino.

Na verdade, a produção do conhecimento sobre a abordagem geográfica do turismo tem suas raízes e seu desenvolvimento nas influências epistemológicas que permeiam historicamente a produção do conhecimento geográfico. Em seus primórdios, passou da simples apreciação morfológica ao enfoque genético-funcional, na perspectiva mesmo de entender o fenômeno turístico em sua origem e processo, como fator da transformação da paisagem cultural. O método ideográfico da via indutiva, baseado na observação, comparação, classificação, generalizações e daí à via explicativa, característico da tradição clássica, é que fundamenta estudos e pesquisas na abordagem geográfica do turismo até a primeira metade do século XX (CALLIZO, 1991).

Exclusão dos problemas metafísicos entendidos como pseudoproblemas. Empirismo. Linguagem científica comum para todas as ciências. Linguagem matemática. Modelos lógicos como expressão dos fatos do mundo real. Essas são as bases filosóficas e epistemológicas de um novo padrão científico que se impõem a partir dos anos 50 do século XX. Na Geografia, a influência neopositivista da Ciência é conhecida como Revolução Quantitativa ou Nova Geografia ou Geografia Pragmática. Ela referencia os estudos na abordagem geográfica do turismo dos anos 50 até os anos 90. Desse período, são vários os modelos construídos na perspectiva do espaço turístico: de ligação ou viagem; de origem destino; estrutural e evolucionários. Na busca de regularidades da distribuição do fenômeno turístico em dimensão espacial, com vistas à construção de uma hierarquia dos assentamentos turísticos, destaca-se um elenco de geógrafos encabeçados

por Walter Christaller que, com sua teoria dos Lugares Centrais, oferece contribuições para se pensar o processo de urbanização turística da atualidade. Suas postulações influenciam, até os nossos dias, o pensamento de geógrafos, inclusive brasileiros, envolvidos com pesquisas acerca da dimensão geográfica do turismo.

A partir de 1970, somam-se aos estudos e pesquisas na interseção da Geografia com o turismo, além da abordagem Pragmática, também a abordagem Crítica, a abordagem Humanista que incorpora a Percepção, além do comportamentalismo behaviorista, e a abordagem Cultural. Como na Ciência Geográfica, afirma-se a tendência à abordagem pluriparadigmática na produção do conhecimento na abordagem geográfica do turismo.

Desde a década de 1980 do século XX insinua-se na produção do conhecimento geográfico (e na abordagem geográfica do turismo, também) a tendência à flexibilização entre fronteiras disciplinares numa religação de saberes através de “invasões e migrações interdisciplinares” e “circulação de conceitos².” A Geografia, ciência multidimensional, e “complexa por princípio, uma vez que abrange a física terrestre, a biosfera e as implantações humanas” (MORIN, 2000, pp.28-29) é ainda mais valorizada como campo de estudo de fenômenos com dimensão espacial, na medida em que a ela se incorporam estudos e pesquisas sob o enfoque dado pelo geógrafo ao turismo.

² As expressões “invasões e migrações interdisciplinares” e “circulação de conceitos” são tomadas de empréstimo de Morin (2000, p.107), é aqui usada para significar *rupturas entre fronteiras disciplinares, invasão de um problema de uma disciplina para outra, circulação de conceitos* que está na base do construto da produção do conhecimento da Abordagem Geográfica do Turismo. Esses conceitos ajudam os geógrafos no processo de apreensão desse fenômeno híbrido, polissêmico, impreciso que é o turismo.

Ainda que insuficientemente sistematizado, o enfoque dado pelo geógrafo a esse fenômeno é ampliado ao longo do tempo que marca o movimento construtivo dos espaços geográficos nas transformações porque passa a sociedade-mundo. Assim, para os geógrafos do início do século XX cabiam duas tarefas: explicar os impactos espaciais e analisar suas causas geográficas, então atribuídas aos aspectos naturais e ao caráter sazonal (tempo adequado para a fruição). Posteriormente, o enfoque passa pela interação homem/meio natural na perspectiva de identificar fluxos, localizar áreas turísticas, fatores e efeitos espaciais do turismo, comportamento de diferentes grupos de turistas na perspectiva das formas de instalações turísticas e processos da organização espacial. Ora nos processos de desenvolvimento e organização espacial, ora nos seus impactos, os geógrafos constroem referências essenciais para a elaboração de novas postulações sobre o espaço turístico, além de oferecer subsídios às políticas de ordenamento, planejamento e gestão da atividade.

O conhecimento brasileiro na abordagem geográfica do turismo tem como marco inicial a tese de doutoramento do Prof. Dr. Armando Corrêa da Silva, intitulada “O litoral norte do estado de São Paulo. Formação de região periférica”, defendida em 1975 no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

De 1975 a 1998, a produção acadêmica desse conhecimento se restringe aos Departamentos de Geografia da Universidade de São Paulo, Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Estadual do Ceará. Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul destaca-se a Tese de Livre Docência defendida pelo Prof. Dr. Kleber Moisés Borges de Assis, intitulada “O turismo interno no Brasil”, datada de 1976. A partir 1999, sob o peso do

turismo nas políticas públicas do país, assumem vigor teórico-metodológico e continuidade as produções acadêmicas de dissertações e teses na área de interseção da geografia com o turismo, ampliando-se a pesquisa dessa abordagem para outras instituições que oferecem cursos de pós-graduação *stricto sensu* em Geografia, no país.

No universo de 162 dissertações e teses de nossa pesquisa, é possível apreender através de títulos, palavras-chave e resumos, um conhecimento urdido num complexo construto epistemológico que incorpora abordagens pluriparadigmáticas, invasões e migrações conceituais interdisciplinares, análise hologramática, análise climatológica, análise sociogeográfica, análise etnográfica, avaliação multidimensional, estatística *Student*, análise ambiental envolvendo geoprocessamento e Sistema de Informação Geográfica. Assim se delinea a caminhada: geógrafos, com seus olhares epistêmicos matizados de multiparadigmas, ressignificam a geograficidade do fenômeno turístico com novas leituras sobre territórios, paisagens e lugares, no processo de apreensão da dualidade que perpassa a realidade espacial, onde esse fenômeno se expressa. Ou seja, tecem análises acerca das políticas de turismo responsáveis pela inserção de novas espacialidades configuradas na urbanização turística e de novas territorialidades incorporadas no tecido social que conforma o turismo urbano, rural, de litoral, de montanha, de áreas protegidas.

A partir da análise e tematização dos dados referentes ao universo de nossa pesquisa, reconhecemos, em seu construto conceitual, quatro grupos que se distinguem quanto a conceitos que: (I) imprimem identidade ao pensamento geográfico revisitados sob a ótica do turismo (produção do espaço, território, territorialidade, espacialidade, paisagem, lugar, região, relação sociedade e natureza e fronteira); (II) conceitos que evidenciam tendência

pluriparadigmática do pensamento geográfico atual (ordenamento territorial, zoneamento, gestão ambiental, planejamento espacial, globalização, território-rede, sociedade de consumo, trabalho, especulação imobiliária, segregação espacial, políticas públicas); (III) conceitos que indicam a construção processual na área de interseção da Geografia com o Turismo (impactos socioambientais, núcleo de periferia urbana, infra-estrutura turística, turismo com base local, urbanização turística, segunda residência); e (IV) conceitos resultantes de invasões e migrações interdisciplinares (impactos socioambientais, impactos espaciais, políticas públicas de turismo, sustentabilidade, cultura, patrimônio, ecologia, recreação, lazer, turismo de massa, marketing turístico, produto turístico, capacidade de carga, representações simbólicas, potencial-diagnóstico de atratividades, processo histórico, economia do turismo).

Os procedimentos de pesquisa que constituem a produção deste trabalho envolvem um elenco de atividades realizadas em dois momentos. O primeiro refere-se ao ano 2002, quando de nossa dedicação integral ao processo formativo desenvolvido junto ao Departamento de Geografia/USP, sob a orientação da Profa. Dra. Regina Araújo de Almeida, em que participamos de atividades diversas e que passaremos a relatar. E o segundo momento foi desenvolvido ao longo dos anos subseqüentes. Os aportes teórico-metodológicos de três cursos, a saber: “Geografia Política e Meio Ambiente (FLG 5011-1)”, ministrado pelo Prof. Dr. Wagner Costa Ribeiro, no período de 18 de março a 7 de julho. O eixo norteador resgata a tradição da geografia política ao discutir os conceitos de sustentabilidade, segurança ambiental internacional e soberania nacional sob a ótica da ordem ambiental internacional, identificando seus atores centrais e as novas possibilidades e dificuldades para o Brasil atuar no cenário internacional. Como avaliação, elaboramos um texto em que abordamos as questões referentes ao conceito de sustentabilidade sob a ótica do turismo. O curso “Ecologia, Paisagem e

Gestão Ambiental” (FLG 5777-2), ministrado pelo Prof. Dr. Felisberto Cavalheiro, no período de 03 a 30 de junho tem seus temas e fundamentos teórico-práticos relacionados aos procedimentos que devem ser considerados em planejamento de paisagem. Como avaliação, apresentamos, em grupo, o relatório de trabalho de campo em que abordamos a percepção do espaço vivido de jovens de 14 a 18 anos de idade do bairro Abernésia, em Campos do Jordão-SP. Este trabalho foi apresentado no VI Encontro Nacional de Turismo de Base Local, em Campo Grande - MS (2002). E o curso “O turismo no planejamento urbano e regional (FLG 5900-1)”, ministrado pelo Prof. Dr. Eduardo Abdo Yásigi, no período de 09 de setembro a 01 de dezembro. Seu fio condutor é a compreensão da organização espacial do turismo vista de modo inseparável do planejamento urbano e regional e das grandes questões nacionais de inserção no cotidiano, a partir da opção da comunidade. O pressuposto norteador repousa nas histórias dos centros de maior atração turística do mundo ao demonstrarem que, quando as construções têm em conta a dignidade de seus cidadãos, acabam por despertar o interesse dos outros. A questão central é construir civilização e (re)conceituá-la sob o prisma da globalização. Foram diversas as atividades avaliativas ao longo do curso.

Realizamos na pesquisa de gabinete o levantamento e análise de dissertações e teses produzidas e defendidas na área de interseção da Geografia com o Turismo no DG/USP; e organizamos o referencial bibliográfico relativo à abordagem geográfica do turismo e ao turismo. A pesquisa empírica vivenciada na construção de cotidianos pedagógicos com a disciplina “Geografia do Turismo” se deu no âmbito da experiência como professora assistente do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE) na disciplina optativa “Geografia do Turismo FLG 564”, oferecida aos alunos do curso de graduação em Geografia do DG/USP e ministrada pela Profa. Dra. Regina Araújo de Almeida. As atividades desenvolvidas (trabalhos de campo,

roteiros, trilhas de pesquisa, seminários) e a produção da página eletrônica³ de desenvolvimento da disciplina, constituem os dados da experiência relatada na parte IV deste trabalho.

Ao longo desse ano, participamos de eventos de cunho científico, como palestrante, em encontros realizados com professores partícipes do Programa das Academias de Viagens e Turismo da rede pública estadual e municipal de São Paulo; como orientadora técnico-pedagógica em trabalho de pesquisa na abordagem geográfica do turismo realizado por grupo de pesquisa do Laboratório de Ensino e Material Didático (LEMADI-DG/USP); bem como de dois eventos relacionados ao Turismo, quais sejam: o Simpósio sobre Ecoturismo, organizado pela Profa. Dra. Adyr Balastreri Rodrigues, no DG/USP; e o VI Encontro Nacional de Turismo de Base Local, em Campo Grande - MS (2002), com a apresentação dos seguintes trabalhos: - individual: "Ensinando e aprendendo turismo com crianças: uma experiência com educadoras do município de Araxá-MG". Caderno de Resumos, p.37-8. Em co-autoria: "Nas trilhas da pesquisa – Geógrafo do turismo: que profissional é esse?" Caderno de Resumos, p.41-2; "O lugar do turismo no curso de graduação em Geografia: uma experiência em processo". Caderno de Resumos, p.39-40 e "Percepção espacial e turismo: a segregação espacial de Campos de Jordão". Caderno de Resumos, p.247-48.

Posteriormente, participamos de colóquios de orientação e ampliamos o referencial de coleta de dados com três momentos: dissertações e teses defendidas na área de interseção da Geografia com o Turismo junto às instituições de ensino superior do país, no período 1975-2005; cursos de graduação em Geografia que oferecem a disciplina "Geografia do Turismo"

³ [http:// www.geoturusp.hpg.com.br](http://www.geoturusp.hpg.com.br)

junto aos cursos de graduação de instituições de ensino superior do país; e programas de cursos de graduação em Geografia que oferecem a disciplina “Geografia do Turismo” junto a instituições de ensino superior em âmbito internacional.

Os dados coletados no âmbito de dissertações e teses são tratados através do método de análise grupal (*cluster analysis*). As análises realizadas são organizadas sob a forma de gráficos, tabelas, quadros e arrematadas por considerações e conclusões que se configuram na produção de um conhecimento da abordagem brasileira da geográfica do turismo.

Do processo vivenciado concordamos com Vera (1997) que o turismo é um instrumento para a construção de novos espaços de crescimento e de desenvolvimento territorial. Como toda intervenção humana no espaço geográfico, apresenta impactos favoráveis a serem maximizados e impactos desfavoráveis. Nesse caso, o controle/minimização dependerá da gestão territorial e seus instrumentos de ordenamento/planejamento/administração, de políticas para o setor, bem como do nível de consciência ecológica de anfitriões e visitantes. Neste contexto, ganha relevância, o papel do geógrafo profissional técnico, pesquisador e educador a quem destinamos as contribuições de nosso esforço na produção deste trabalho.

Posto que a renovação dos aportes teórico-metodológicos na formação do geógrafo é uma das discussões importantes e necessárias na atualidade acadêmica, seu reconhecimento é um dos fios do complexo bordado desta tese.

I - O TURISMO E O TURÍSTA: A COMPLEXA TESSITURA SOB A ÓTICA DA GEOGRAFIA

“Il n'existe un “bon” et un “mauvais” tourisme, un tourisme qui serait respectueux de l'environnement et un autre qui le nierait [...] Car aucun type de tourisme, même le plus doux, n'est pas sans effet pervers sur l'environnement. Il ne faut pas oublier que le tourisme, grand créateur de richesses, est à la fois une vision du monde [...] et une formidable force de subversion de la nature et de la culture, des territoires comme des sociétés. Il ne faut donc pas sous-estimer le caractère potentiellement pernicieux de tous les types de tourisme, y compris de ceux qui se présentent comme respectueux de l'environnement et armés de bons sentiments.”

Rémy Knafou

“O turismo é híbrido (...) É híbrido, no sentido em que ele é, ao mesmo tempo, um enorme potencial de desenvolvimento e um enorme potencial de degradação sócio-ambiental, na ausência de uma regulação adequada para o setor. Logo, uma política federal de turismo é extremamente importante, pois se faz necessário administrar conflitos, fomentar atividades, regenerar áreas degradadas, desenvolver usos alternativos.”

Bertha Becker

“Há uma busca qualitativa em todo o mundo, no modo de vestir-se, de viver, de passar férias – não mais o turismo para ver as coisas de fotografia, mas viver as experiências dos nativos, experimentar o local. [...] há correntes de resistência à compulsão do consumo padronizado com duas ações: uma na busca da diversidade e outra na busca de uma certa fuga à maneira de viver dominada pela sociedade de consumo. Há um momento de resistência contra a mercantilização da vida.”

Edgar Morin

A epígrafe de abertura desta parte, anunciadora de três diferentes olhares de geógrafos sobre o turismo, evidencia os diferentes níveis de complexidade que envolve a discussão e, porque não dizer, a produção do conhecimento dessa temática, sob a ótica da Geografia.

O olhar de Knafou (1991), professor da Universidade Paris 7, é uma (des)construção crítica do turismo. Essa forma de olhar o fenômeno é comum em geógrafos de diferentes nacionalidades. O que o distingue é o fato de ser pesquisador desse fenômeno e membro da equipe MIT (Mobilités, Itinéraires, Territoires).

O olhar de Becker (1999), professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), longe de apresentar uma visão fragmentada como a do professor francês, reconhece o caráter híbrido, portanto complexo, do fenômeno e a necessidade de sua regulação através de políticas.

O olhar de Morin (2002), intelectual pluralista, Diretor emérito do Centro Nacional da Pesquisa Científica (CNRS), na França, é distinto dos anteriores, pelo seu modo de olhar o fenômeno sob a ótica do turismo e do turista.⁴

Nesta parte I, pretendemos adentrar no conhecimento do turismo e do turista de forma enredada com as partes II e III. A rede de pressupostos teórico-metodológicos processada é enlaçada nos fios da parte IV. O produto resultante é a nossa contribuição à inserção da abordagem geográfica do turismo no currículo da formação do geógrafo.

⁴ À primeira vista pode causar estranhamento citar Edgar Morin como uma das escolhas de nossa epígrafe. O fato não é acidental. Além de ser graduado em Geografia (também em Direito e História) e ser uma referência mundial no campo da Educação, é sobre o paradigma da Complexidade que repousa uma das possibilidades mais desafiantes acerca da produção de um conhecimento na abordagem geográfica do turismo.

Desse modo, apresentamos os três itens que constituem a abordagem da parte I.

-O item 1 apresenta dois eixos imbricados em sua abordagem: o turismo como prática social e como atividade humana. Entendemos que é nessa tessitura complexa do fenômeno turístico, mesmo que seja de desafiante entrelaçamento, que podemos clarificar a sua construção conceitual.

-No item 2 fazemos uma revisão teórica de categorias caras ao pensamento geográfico como território, lugar e paisagem na perspectiva da abordagem geográfica do turismo.

-No item 3 apresentamos contribuições teórico-metodológicas na abordagem geográfica do turismo numa visão preliminar.

1 - O CARÁTER DUAL DO TURISMO: PRÁTICA SOCIAL E ATIVIDADE PRODUTIVA

O vocábulo *tourist*, originou-se na Grã-Bretanha por volta do ano de 1800. Era usado para designar aqueles que praticavam o *Grand Tour*, ou seja, uma grande viagem continental, então obrigatória para o jovem *lord* inglês como complementação de sua educação. A partir de 1811 a palavra *tourism* passou a significar explicitamente a teoria e a prática da viagem, tendo como motivação principal o prazer (LANQUAR,1995).

Se o turismo atual é um produto de transformações que se originaram com a evolução do capitalismo no contexto da sociedade industrial, sua manifestação como fenômeno de massa acontece no período posterior à 2ª. Guerra Mundial. Esse contexto envolve uma série de fatores que se

relacionam à reconstrução econômica e a construção de um novo momento histórico, pois se relaciona à conquista de tempo na diminuição das horas dedicadas ao trabalho, das férias remuneradas e na ampliação do tempo livre. É também outra, a dimensão geográfica do espaço, com a redução das distâncias propiciadas pelo transporte aéreo e pelo uso massificado do automóvel. Tudo isso, somado à melhoria salarial como fator de ampliação da capacidade de consumo é enlaçado pela criação da necessidade básica das viagens de turismo como forma de escapar do cotidiano estressante, além da demonstração de *status* social.

Segundo Stock “la société contemporaine est une société à individus mobiles” (*apud* STOCK, 2003, p. 3). Urry (1999) assevera que o turismo vem sendo considerado no século XXI, como um dos componentes de um novo estilo de vida da sociedade pós-moderna. Knafou (1999) reconhece que sua prática deixou de ser elitista, que é hoje parte de uma cultura de massa.

Sabemos, no entanto, que a sociedade turistificada é oriunda, na sua maior parte, dos países industrializados do Norte e da elite de países emergentes, denotando, assim, as grandes disparidades globais existentes por detrás desse novo estilo de vida da sociedade pós-revolução industrial. Esse dado é comprovado por Krippendorf (2002). Ele afirma que o início do século XXI registrou um recorde histórico de viagens, seja de negócios ou lazer: 700 milhões de chegadas em todo o mundo e quase duas vezes mais que há 15 anos. Essa expansão, no entanto, se restringem de 3 a 5% da população mundial, segundo estimativas da Organização Mundial do Turismo (OMT)⁵.

⁵ A OMT, com sede em Madri, substituiu em 1975 a União Internacional de Organismos Oficiais de Turismo. Órgão normativo e consultivo do turismo mundial tem entre suas publicações o Anuário de Estatísticas do Turismo, de âmbito nacional e internacional, com publicação em vários idiomas.

No cenário da globalização contemporânea, a atividade turística ganha novos destinos e disputas intercapitalistas das multinacionais do setor. Entre os operadores, a competição acirrada é no sentido da busca pelo que é original ou exótico, através de um maior valor agregado ao produto. Isso também significa estímulo ao turismo doméstico como forma de reter divisas no próprio país. Dentro desse contexto, a estratégia usada pelo capital nas diversas modalidades (ecoturismo, turismo rural, cidades históricas, turismo de sol e praia, turismo de aventura) é a formação de circuitos temáticos em torno de uma metrópole ou de um centro polarizador da infra-estrutura necessária que seja capaz de integrar, complementar e dar suporte ao turismo regional (BENEVIDES, 2004).

Sendo esse o enfoque, o fulcro da relação geografia e turismo é o fato de o deslocamento espacial situar-se no centro da prática social do turismo, uma vez que os produtos turísticos são consumidos *in situ*, e a demanda é que se desloca. Esse fato faz com que o produto turístico se transforme num amálgama de elementos indivisíveis, a saber: o patrimônio turístico representado pelos recursos culturais, naturais, tecnológicos, históricos, artísticos que constituem os atrativos da viagem e o que move o deslocamento espacial do turista; os equipamentos de hospedagem, restauração e lazer, sem os quais a viagem se torna impossível; e a facilidade de acesso que se refere ao meio de transporte, cuja possibilidade de acesso é medida muito mais em termos econômicos do que em distância física (LANQUAR, 1995).

É se deslocando do lugar de moradia permanente rumo a um destino que o turista exercita essa prática sócio-espacial e cria os fluxos turísticos que, sob a ótica do capital, são entendidos como mercado. Lembrando Knafou (1999), os turistas estão na origem do fenômeno, são eles que definem e escolhem os lugares a serem turistificados. Neles, se dispõem os produtos turísticos

transformados em mercadoria para uso, consumo e fruição. Essa prática social comporta tanto o deslocamento do turista em direção a uma destinação turística, quanto às relações de sociabilidade que ele estabelece com as pessoas nos lugares.

Tal comportamento do turista está no centro de interesse da economia de mercado e do marketing turísticos. Estudos e pesquisas ainda não são em número suficiente para tentar estabelecer um padrão de comportamento global que informe esse mercado. Contudo, existiria um comportamento que apontasse para um consumidor global de produtos turísticos?

Os dados sobre França, Brasil, Estados Unidos e Japão utilizados na pesquisa empreendida por Eshghi e Sherth, a respeito da globalização dos padrões de consumo, sugerem a esses autores que muito mais do que o estilo de vida, o que determina os padrões de consumo são as diferenças culturais e nacionais (*apud* Swarbrooke e Horner, 2002).

Reisinger e Turner revelam em sua pesquisa que o comportamento do turista ocidental é diferente do turista oriental no que diz respeito a determinadas características relacionadas às interações, comunicações e manifestação de sentimentos. Outras pesquisas que tomam como variáveis as diferenças culturais e psicológicas deixam em evidência a não-existência de um consumidor global (*apud* Swarbrooke e Horner, 2002). No entanto, eles afirmam a possibilidade de escolha de determinados segmentos de mercado a partir de uma perspectiva mundial ou européia. Por exemplo: o turista de negócios europeu ou internacional quer serviços confiáveis, ambiente de boa qualidade, oportunidades flexíveis de reserva hoteleira, serviços de conexão confiáveis. Já o turista com consciência ambiental apresenta como exigência produtos de turismo sustentável, viagens para áreas remotas e subdesenvolvidas, confiança nas características ambientais do produto. Por

seu turno, o estudante jovem procura produtos bons e econômicos, descontos, pacotes flexíveis.

O interesse do geógrafo em relação ao entendimento do comportamento espacial do turista, bem como as diferentes motivações que levam as pessoas a viajar, remontam ao geógrafo austríaco Stradner em obra datada de 1905 (*apud* LUIS GÓMEZ, 1988) e ganha relevância nos anos 80 do século XX com a abordagem Humanista (geografia da percepção). Esses estudos são enriquecidos com as contribuições tomadas de empréstimo das ciências neurológicas pela psicologia cognitiva, bem como o uso da informática para a construção de modelos cognitivos de espaço. Isso tornou possível a compreensão de certos procedimentos espaciais como a locomoção e a orientação, além dos mapas mentais como representações do espaço de referência. O referencial teórico humanista tem dado sustentação teórica à pesquisa na abordagem geográfica do turismo, tanto no âmbito das relações entre anfitriões e visitantes, quanto no âmbito de seu comportamento espacial.

A abordagem psicográfica é das mais usadas para estudos sobre o comportamento do turista. A partir de dados empíricos, busca-se compreender esse comportamento através de suas opiniões, atitudes, personalidade, estilo de vida, como afirmam Swarbrooke e Horner (2002). Segundo esses autores, uma das mais reconhecidas contribuições nessa linha de pesquisa é dada por Plog, professor da University Cornell, dos Estados Unidos da América. Esse pesquisador toma como objeto a personalidade de diferentes tipos de turistas e, a partir daí, cria uma tipologia que os identifica em dois grupos com características distintas: os psicocêntricos (inibidos, não afeitos à aventura, ansiosos) e os alocêntricos (autoconfiantes, aventureiros, curiosos, extrovertidos). Entre os extremos há os tipos intermediários, que são os mesocêntricos, semi-psicocêntricos e os

semi-alocêntricos. Segundo Plog, tipos psicográficos diferentes visitarão destinos diferentes. Assim, os destinos turísticos serão descobertos por alocêntricos e na medida em que se tornarem mais conhecidos serão freqüentados por “meio cêntricos”, enquanto os alocêntricos se deslocam para outros lugares, até que chegue a fase do declínio da destinação turística. O comportamento e as motivações em viagens propostos por Plog foram amplamente utilizados, criticados e depois sustentados empiricamente no estudo de Nickerson e Ellis, como afiança Pearce (2003). Ele pode ser resumido no QUADRO 1.

QUADRO 1

Características de viagem de tipos psicográficos

Psicocêntricos	Alocêntricos
Em destinos de viagem, preferem o que é familiar.	Preferem áreas não turísticas.
Gostam de atividades lugar-comum nos destinos.	Apreciam o senso de descoberta e se deleitam com novas experiências, antes que outros tenham visitado a área.
Preferem lugares com sol e diversão, incluindo um bom relaxamento.	Preferem destinos novos e diferentes.
Baixo nível de atividade.	Alto nível de atividade.
Preferem destinos que possam ir de carro.	Preferem ir de avião aos destinos.
Pacote de viagem completo provido de atividades bastante programadas.	Os preparativos de viagem devem incluir o básico (transporte e hotéis) e permitir liberdade e flexibilidade consideráveis.

Fonte: *Apud* Pearce, 2003, p.45

Uma compreensão ampliada do modelo desenvolvido por Plog é discutida a partir da análise da FIG.1, a seguir:

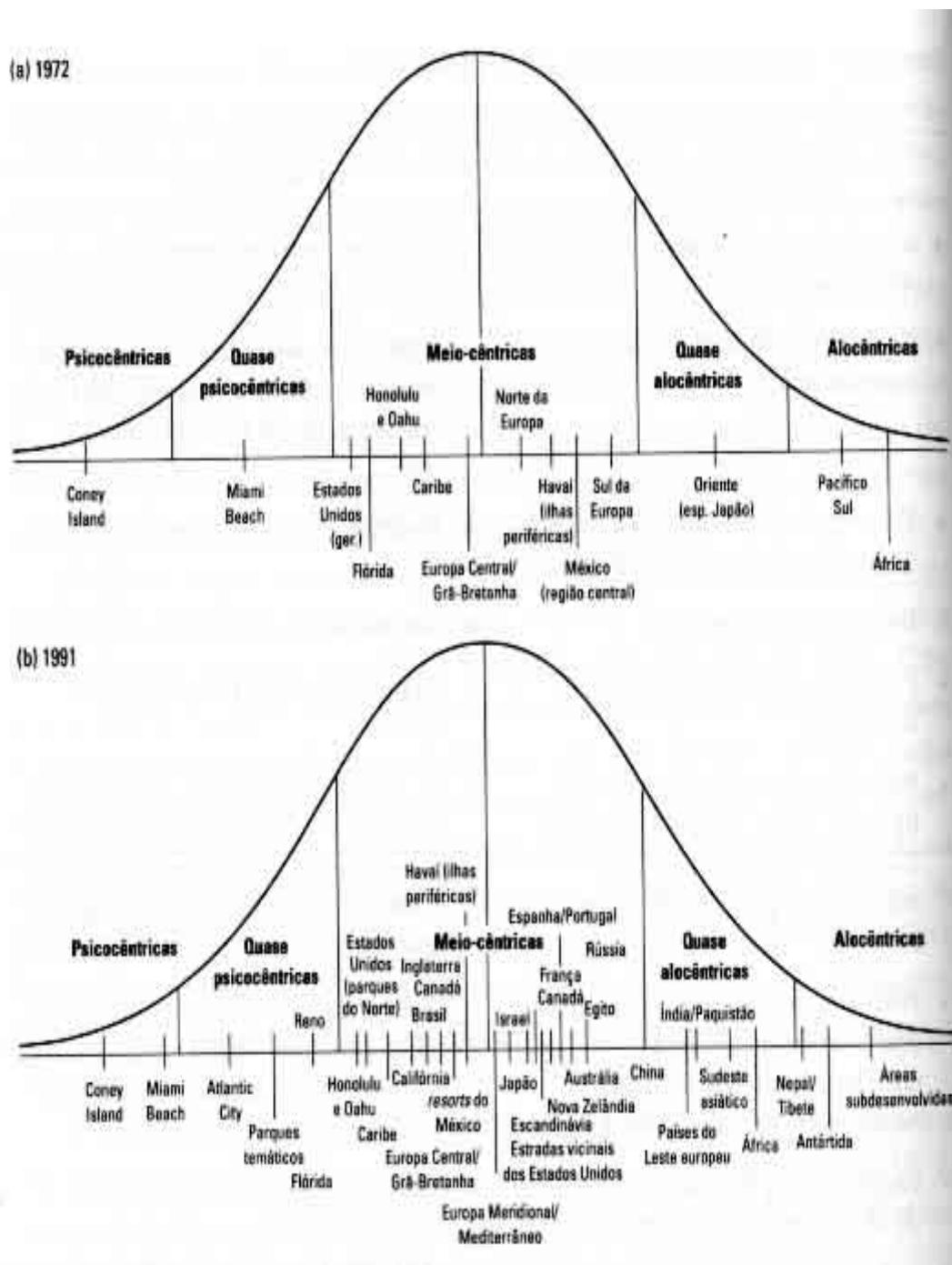


FIGURA 1: Posições psicográficas de destinos selecionados.
Fonte: Apud Pearce, 2003, p.46.

Confrontados os dados de 1972 e 1991 observa-se a expansão dos destinos turísticos e o movimento de migração para os destinos escolhidos por mesocêntricos. Com o fim do socialismo abrem-se os destinos do Leste europeu, mas o que se mostra como novidade é o movimento dos turistas alocêntricos para os destinos exóticos. De certa forma esse comportamento nos permite constatar que o planeta Terra “encolheu” para quem busca novas descobertas⁶.

A partir do comportamento psicográfico do turista, Plog propõe um modelo evolucionário dos espaços turísticos. Esse pesquisador tem a seguinte opinião:

“[...] podemos visualizar um destino se movendo através do espectro, ainda que de forma lenta ou gradual, mas muitas vezes inexoravelmente em direção ao potencial de seu próprio ocaso. As áreas de destino trazem consigo as sementes de sua própria destruição, à medida que elas próprias se tornam mais comerciais e perdem as qualidades que originalmente atraíam os turistas.” (*apud* PEARCE, 2003, p.44)

Os estudos desse pesquisador norte-americano têm servido de pistas valiosas para outros pesquisadores, entre eles, Turner e Ash (*apud* PEARCE, 2003). Numa certa medida, parece-nos que eles se inspiraram em Plog para a formulação de um modelo evolucionário do espaço do turismo, que será discutida na parte II.

Essa postura um tanto quanto fatalista enunciada por Plog acha-se relacionada a diversos fatores, entre eles: falta de controle do crescimento

⁶ A expansão do turismo em escala mundial se dá do seguinte modo: século XIX Periferia 1 - Europa Ocidental (origem), estados Unidos e Canadá; 1900-1940 Periferia 2 – Mediterrâneo Ocidental, Costa da Flórida; 1950-1970 Periferia 3 – Mediterrâneo Oriental, Norte da África, Califórnia, Caribe, México; 1970-1990 Periferia 4 – África, América Latina, Sudeste do Pacífico, Austrália; 1990+ Periferia 5 – Antártida e demais áreas remotas em todos os continentes e oceanos. Silveira (2000 p.27)

dos lugares turistificados; uso inadequado do solo, da água, das paisagens litorâneas; destruição de ecossistemas depositários de rica biodiversidade; alteração da dinâmica natural; instalação de “patologias” sócio-culturais; políticas públicas inadequadas, ou ausência delas. Estas questões, relacionadas às políticas de ordenamento, planejamento, gestão e sustentabilidade dos espaços turísticos, são recorrentes nas pesquisas acadêmicas que constituem o universo de nossa pesquisa.

Outro tema de interesse do geógrafo sob a ótica da prática social do turista refere-se às relações de sociabilidade que ele estabelece com os anfitriões dos lugares visitados. No Brasil, os aportes teórico-metodológicos da geografia da percepção e o conceito de espaço vivido (*espace vécu*) formulado por Frémont (1976) têm referenciado a produção acadêmica de dissertações e teses que tratam desse tema. As produções de geógrafos brasileiros do universo da nossa pesquisa que apresentamos a seguir evidenciam a variedade de matizes conceituais e temáticos que sustentam as análises das relações estabelecidas entre anfitriões e visitantes e as novas territorialidades que emergem, tanto em nível material quanto simbólico.

Silvestre (1995) coloca seu foco na imagem turística de São Lourenço-MG. Sob a ótica das relações sociais estabelecidas entre turistas e moradores dessa estância, ela analisa em que medida essas relações influenciam a organização da atividade turística e a criação da paisagem do lugar.

Amaral (2001) define as novas territorialidades construídas com a inserção do ecoturismo no município de Alto Paraíso de Goiás, a partir da percepção de seus moradores. Avalia também em que medida as mudanças ocorridas nos espaços afetam a convivência das pessoas com o lugar e são por elas percebidas.

Silva (2003) procura compreender as diversas experiências entre distintos grupos socioculturais e a paisagem do PN da Chapada dos Veadeiros e a Vila de São Jorge, no estado de Goiás. O foco da pesquisa centra-se em duas formas de ver e perceber a paisagem: a dos "de dentro" - moradores nativos e migrantes - e a dos "de fora" - turistas.

Andrade (2004) investiga as causas do declínio do turismo de Nova Jerusalém-PE através das experiências do "mundo vivido" pela população local. A relação paisagem-turismo perpassa a idéia de paisagem como imagem e permeia questões geográficas, culturais, psicológicas e mercadológicas, próprias de cada época.

Pinheiro (2004) identifica, analisa, compreende e demonstra como a percepção dos visitantes na área do Parque Estadual do Guartelá, no estado do Paraná, revela os processos subjetivos que perpassam a interação homem/ambiente. Os resultados podem ser usados para o planejamento turístico em áreas naturais, bem como de proposição de estratégias e ações voltadas para o envolvimento de visitantes através de procedimentos adequados na recepção e orientação.

Lacerda (2005) parte do pressuposto que o turismo proporciona a manifestação e o encontro dos olhares forasteiros com o olhar regional. A paisagem, através de sua dimensão simbólica e estética, faz a mediação. Pela observação criteriosa da paisagem têm-se os recursos necessários para um programa de interpretação ambiental com vistas a aumentar o nível de consciência do visitante e torná-lo estimulado e capaz de atribuir maior nível de respeito aos lugares visitados.

Posto que a prática social do turista antecede a origem da palavra **turismo**, cujos primeiros esforços de definição remontam à década de 1930, uma questão que nos colocamos refere-se à dificuldade em definir o turismo. Tal dificuldade está entranhada nas duas lógicas distintas e contraditórias que o constituem: a lógica produtiva, que é ação; e a lógica da prática social coletiva, que é função.

Sob a ótica mercadológica, a primeira tentativa de definição apresentada pela Organização Mundial do Turismo (OMT) de 1976 evidencia uma realidade mundial ainda não globalizada. O conceito é considerado restrito e limita-se a usos estatísticos: “O turismo é o deslocamento para fora do lugar de residência habitual, por um período mínimo de 24 horas e um máximo de 90 dias, motivado por razões de caráter não lucrativo.” (apud MOLINA e RODRIGUEZ, 2001, p.12)

Acompanhando as mudanças globais em curso, a OMT propõe nova definição nos seguintes termos:

“O turismo compreende o conjunto de atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens e estadias em lugares situados fora de seu local de residência habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano, para fins de lazer, negócios ou outros motivos quaisquer e em que o turista é um visitante que permanece pelo menos uma noite, num alojamento coletivo ou particular, no lugar visitado” (apud SILVEIRA, 2002, p.21).

Sob a ótica acadêmica, o caráter dual do turismo, ao mesmo tempo prática social e atividade produtiva é reconhecido por Kraft, um dos precursores da pesquisa turística moderna. Segundo ele, “[...] *dualité du concept (tourisme) à la fois actividade humaine et appareil technico-économique prévu en as faveur, [...] englobant donc simultanément un élément subjectif et de substratum matériel qui lui sert de base.*” (apud CAZES, 1992, p.8)

Molina e Rodriguez apresentam duas definições recolhidas no verbete *Ócio y turismo*, da Biblioteca Salvat de Grandes Temas, Barcelona, 1973. A primeira, de autoria de Hunziker e Krapf, dois professores suíços, datada de 1973, é considerada clássica:

“Turismo é o conjunto de relações e os fenômenos produzidos pelo deslocamento e permanência de pessoas fora de seu lugar de domicílio, desde que tais deslocamentos e permanência não sejam motivados por uma atividade lucrativa principal, permanente ou temporária.” (*apud* MOLINA e RODRIGUEZ 2001, p.11)

A segunda definição é de autoria de Benscheidt, datada de 1973, que afirma:

“Turismo é o conjunto de relações pacíficas e esporádicas que resultam do contato entre pessoas que visitam um lugar por razões não profissionais e as pessoas naturais desse lugar.” (*apud* MOLINA e RODRIGUEZ, 2001, p.11)

Beni, especialista em turismo, interpreta o pensamento de Jafar Jafari que numa visão sistêmica define esse fenômeno assim:

“Um elaborado e complexo processo de decisão sobre o que visitar, onde, como e a que preço. Neste processo intervêm inúmeros fatores de realização pessoal e social de natureza emocional, econômica, cultural, ecológica e científica que ditam a escolha dos destinos, a permanência, os meios de transporte e o alojamento, bem como o objetivo da viagem em si para a fruição tanto material como subjetiva de sonhos, desejos, imaginação projetiva, de enriquecimento existencial histórico-humanístico, profissional, de expansão de negócios. Este consumo é feito por meio de roteiros interativos espontâneos ou dirigidos, compreendendo a compra de bens e serviços da oferta original e diferencial das atrações e dos equipamentos a ela agregados em mercados globais com produtos de qualidade e competitivos.” (BENI, 2000, p.35)

Sob a ótica do sociólogo Krippendorff, o turismo é uma fuga do cotidiano, uma

“[...] atividade em que a necessidade de relaxamento é comercializada e transformada em viagens de todas as espécies, de acordo com as regras da arte do marketing [...] É a indústria da diversão e do prazer [...] das agências de viagens, das empresas de transporte por ar, trilho, estrada e água, dos estabelecimentos de alojamento, dos restaurantes e dos estabelecimentos de diversões, das empresas de construção, dos construtores de casas de campo e de trailers, dos fabricantes de equipamentos para camping e caravanas, dos escritórios de planificação e consultoria, dos conselheiros econômicos e publicitários, dos arquitetos, dos construtores de teleféricos, dos fabricantes de esqui e de roupa, dos vendedores de souvenirs, dos cassinos e parque de diversões, do setor automobilístico, dos bancos dos seguros, etc. Uma indústria que tem sua dinâmica própria, seus jornais – por exemplo Amusement-Industrie, The International Trade Review on Leisure Equipment Technology [...] seus congressos, suas feiras especializadas e exposições, tudo organizado em escala nacional e internacional” (1989, p.44).

Falcão, sob a ótica do arquiteto,

“O turismo, qualificado como nova modalidade de consumo de massa, desenvolve-se no âmbito da emergente economia de trocas invisíveis em escala nacional e internacional. Esta modalidade se expande com a produção de bens (infra-estrutura), construções, alimentos e produtos diversos e serviços (transportes, hospedagem, alimentação, etc) que se integram para o consumo final. Esse conjunto de bens e serviços oferece ao mercado de consumo ‘condições de acessibilidade’ a determinado lugar. O espaço, na dimensão do lugar, assume caráter de objeto de consumo e, como tal, é (re)produzido e comercializado.” (1999, p.65)

Silveira, a partir da ótica do geógrafo, entende o turismo

“[...] como uma atividade que consiste no deslocamento de pessoas provisório e limitado no tempo e no espaço, de tal modo que não implica na transferência do local habitual de residência, e que possui motivações diversas (que podem ir do simples lazer, passando pela curiosidade, educação, saúde, cultural, aventura, indo até aspectos de ordem profissional e religiosa), e que tem, por um lado, como subjacente ao aproveitamento desse tempo de deslocamento, um desejo de evasão por parte do ser humano do seu território cotidiano e, por outro lado, a busca por novos espaços e culturas de forma mais ou menos vinculada, e que não deixará de produzir efeitos de ordem econômica, social, cultural e ambiental. Portanto, entende-se o turismo como uma atividade que também produz e consome espaços, sendo responsável por novas territorialidades, como bem assinala Rodrigues.” (2002, p.21)

Ao fazer uma análise comparativa das idéias contidas nas definições apresentadas, podemos tecer algumas considerações.

- A atividade turística emerge das motivações das pessoas que se põem em movimento para um dado destino e num tempo definido de permanência, que não pode ultrapassar as normas vigentes de um país (viagens ao exterior), nem ali permanecer indefinidamente (viagem doméstica). O tempo do deslocamento também demarca o tipo de viagem, ou seja, a excursão, o fim de semana, as férias (dependendo do país visitado, varia de quatro a seis meses).
- Em sua definição também está presente um território organizado para sua fruição: a infra-estrutura constituída de equipamentos culturais, de saúde, técnicos e econômicos destinados às práticas de lazer e recreação, a restauração, hospedagem, locomoção, comunicação, entre outros.

- Motivações, deslocamento, destino e infra-estrutura básica para o consumo do espaço turístico. São esses os elementos constituintes da **territorialidade** do fenômeno turístico.
- O uso e consumo do território turístico produzem uma **espacialidade complexa** devendo ser analisada em suas dimensões econômica, simbólica, comportamental e sociológica, cujo produto, em processo, gera um tipo de urbanização distinta do modelo industrial: a **urbanização turística**.
- Dados colhidos nas definições permitem identificar os quatro elementos essenciais ao turismo: os turistas; os mecanismos públicos e privados de ordenamento da atividade; os meios e a infra-estrutura de transportes responsáveis pela mobilidade dos turistas e a destinação turística que oferece a comunidade anfitriã, o(s) produto(s) que se constituirão em atratividade e a infra-estrutura de serviços necessária. A esse conjunto denominamos **sistema turístico**.

Para uma representação dessa análise tomemos de empréstimo os esquemas organizados por dois geógrafos: Mitchell (1991) e Cazes (1992).

Começaremos por Cazes na análise da FIG.2. O autor trabalha com as variáveis “tempo de trabalho” e “tempo liberado” e reconhece neste último o “tempo livre”, em que as pessoas podem se dedicar a diversas práticas de lazer em casa ou ao lazer turístico. Ele toma o tempo livre e reconhece dentro dele o lazer e as práticas diversas, distinguindo-as. Chama-nos a atenção, a inclusão do *tourisme d'affaires* no tempo destinado ao trabalho (*réunions, missions, etc*), conforme reconhecimento pela OMT. Tanto o lazer turístico quanto o *tourisme d'affaires*, embora distintos, implicam em deslocamento e viagem.

Schéma simplifié des temps et des catégories principales d'activités de loisir-tourisme

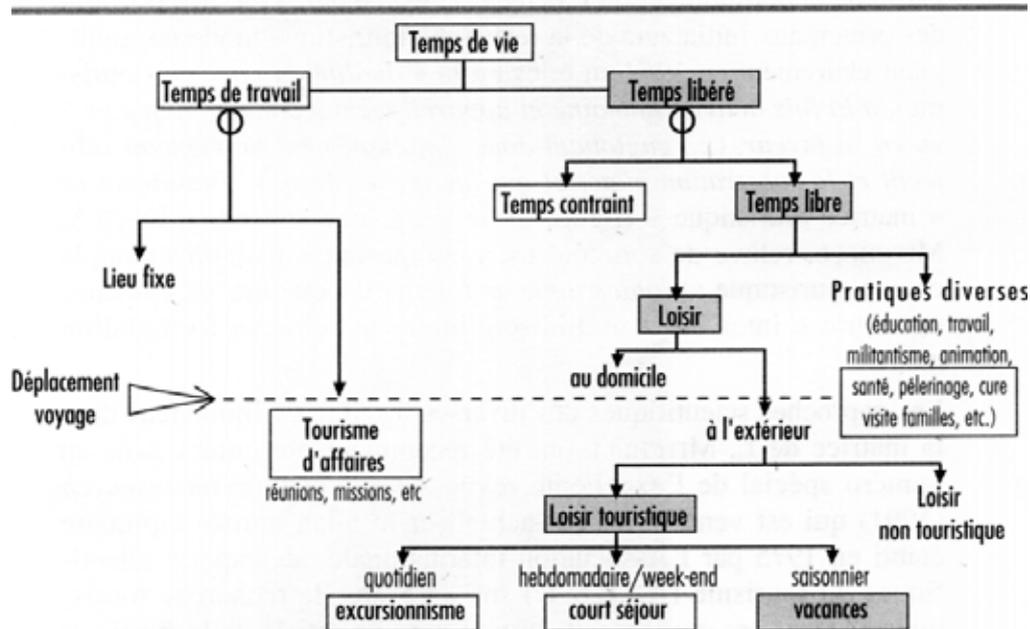


FIGURA 2 – Esquema simplificado de tempos e categorias principais de atividades de lazer e turismo.

Fonte: Cazes, 1992, p.7

De forma simplificada, Cazes nomeia as principais atividades de lazer turístico, diferenciando-os: no cotidiano seria o “excursionismo”; em fim-de-semana seria uma “curta estada” e de “temporada” que corresponderia às férias.

A seguir analisaremos o esquema organizado por Mitchell (1991), na FIG.3, para uma matriz de análise do fenômeno turístico. Essa autora norte-americana deixa em evidência a dimensão multidisciplinar do turismo e sugere uma abordagem para cada disciplina.

La matrice de l'analyse touristique

		COMPLÉMENTARITÉ			ORIENTATIONS	DISCIPLINES
		DEMANDE Origine	OFFRE Destination	CONSOMMATION Echanges		
"Locumony" (connaissance des lieux)	DESSEIN Intention/Motivation	1	2	3	Idéologie	Philosophie - Religion Anthropologie
	STRUCTURE Classification/Stratification	4	5	6	Activité Institution	Sociologie Sciences politiques
	DISTRIBUTION Site/Situation	7	8	9	Environnement	Géologie Ecologie

ORIENTATIONS	Perception Connaissance Comportement	Management Ressources Land-use	Interaction Transport Participation
DISCIPLINES	Psychologie	Economie Marketing	Géographie

Source : L. MITCHELL, CHET, 1991

FIGURA 3 – A matriz da análise turística organizada por Mitchell (1991)
Fonte: apud Cazes, 1992, p.7.

Os elementos constituintes da análise geográfica sugeridos por ela - interação, transporte, participação – enfatizam a **geografia da recreação**⁷.

Não somente os estudos anglo-saxões apresentam especificidades, no caso a recreação, em relação à abordagem geográfica do turismo. Na realidade, não existe unanimidade no tratamento teórico e metodológico entre os pesquisadores do Reino Unido, França, Alemanha, Espanha, EUA (e nós acrescentaríamos o Brasil), como afirma Vera (1997).

Segundo ele,

⁷ Tomamos o significado de recreação de empréstimo a Knafou, que o coloca nos seguintes termos: “[...] le temps du loisir est consacré à la (re)constitution du corps et de l’esprit sous des formes multiples et variées: en cela, il est une modalité de la récréation, comme le tourisme. Car on peut se recréer dans le quotidien (loisir) comme dans l’hors-quotidien (tourisme)” (2003, p.581)

“[...] en Alemania si da prioridad a los aspectos morfológicos (paisaje) y sociales; en Francia, el turismo internacional y la modelización a pequeña y grand escala, y en Estados Unidos y el Reino Unido – aunque con diferencias la recreación en las áreas rurales y naturales [...]” (VERA, 1997, p.29).

Na Espanha, podemos constatar na obra de Vera (1997), que os temas abordados contemplam,

“[...] el análisis de las transformaciones de municipios o comarcas litorales como consecuencias de la conversión de la costa en espacio turístico; el equipamiento turístico de diversas regiones; la relación entre el medio natural y su explotación turística, y los impactos regionales del turismo, entre otros.” (1997, p.35)

No Brasil, os dados da pesquisa deste trabalho e apresentados na parte III, indicam, na finalidade de seu universo temático, uma conexão com o ordenamento, planejamento e gestão da atividade turística. Desse modo, destacam-se temas relacionados ao levantamento do potencial e diagnóstico turístico; políticas públicas setoriais; planejamento, gestão e reordenamento territorial do turismo; turismo regional; impactos socioambientais; turismo de litoral; produção do espaço turístico; turismo e desenvolvimento; sustentabilidade turística.

O turismo é, portanto, um fenômeno complexo que encerra múltiplas dimensões (espacial, social, individual, temporal, simbólica), variados propósitos, diversos olhares disciplinares, muitas formas de apreensão. Polissemia, imprecisão e fluidez. O resultado é a ausência consensual de sua definição. É o que revelam as tentativas de diversos autores consultados ao tentar aprendê-lo em seu caráter multifacetado. Esse esforço na definição de seus estudos ganha força na riqueza de matizes do fenômeno mais importante da sociedade contemporânea (STOCK, 2003).

2 - REVISÃO TEÓRICA DAS CATEGORIAS GEOGRÁFICAS TERRITÓRIO, LUGAR E PAISAGEM NA PERSPECTIVA DA ABORDAGEM GEOGRÁFICA DO TURISMO

Território, paisagem e lugar - categorias que imprimem identidade ao conhecimento geográfico, permitindo a interpretação de fenômenos com dimensão espacial - são os esteios sobre os quais a atividade turística se processa. Provoca deslocamentos espaciais, cria empregos, capta divisas, requer planejamento e gestão nos usos do solo e da qualidade ambiental, reordena territórios, cria novas regionalizações, configura novas espacialidades e territorialidades e gera vultuosos lucros, sobretudo, para os países de economia central. Rodrigues resume sumariamente os elementos básicos do espaço turístico em “oferta turística, demanda, serviços, transportes, infra-estrutura, poder de decisão e de informação, sistema de promoção e de comercialização” (1997, p.45).

O **território**, na ótica da globalização, é redefinido por Santos (2002) como

“Conjunto de sistemas naturais mais os acréscimos históricos materiais impostos pelo homem. Ele seria formado pelo conjunto indissociável do substrato físico, natural ou artificial, e mais o seu uso, ou em outras palavras, a base técnica e mais as práticas sociais, isto é, uma combinação de técnica e de política. Os acréscimos são destinados a permitir, em cada época, uma nova modernização, que é sempre seletiva”. (2002, p.87)

Knafou (1999) propõe conceitos inovadores à atividade turística e à sua prática social. O primeiro deles é o de “território turístico”, ou seja, “territórios inventados e produzidos pelos turistas, mais ou menos retomados pelos operadores turísticos e pelos planejadores” (p.73) O encontro entre turistas e anfitriões gera conflitos de territorialidades, podendo assim diferenciá-las:

"[...] há diferentes tipos de territorialidades que se confrontam nos lugares turísticos: a territorialidade sedentária dos que aí vivem freqüentemente, e a territorialidade nômade dos que só passam, mas que não têm menos necessidade de se apropriar, mesmo fugidamente, dos territórios que freqüentam" (1999, p.64).

A diversidade atual dos territórios turísticos está estreitamente relacionada às transformações da sociedade contemporânea que, por sua vez, são captadas pelo gênio edificador da produção turística. Desse modo, podemos citar como territórios turísticos: a orla marítima com seu tradicional turismo de sol e praia; as áreas naturais protegidas que carregam o selo verde e controverso da sustentabilidade turística; a natureza das águas, do ar, das trilhas, das cavernas, de paredões dos batólitos; o meio rural com sua vida bucólica; as cidades e as metrópoles.

No Rio Grande do Sul, uma experiência inusitada relaciona-se ao turismo de desterritorializados do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, MST. Segundo a Equipe MIT

"Au Brésil, le mouvement des paysans sans terre (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, MST), engagé dans une occupation illégale de terres de grans propriétaires, eut idée de exploiter économiquement le mouvement spontané de visites d'intérêt ou de solidarité qui s'est développé en sa faveur; d'où l'initiative consistant à faire payer le séjour dans des campements situés sur ces exploitations ou à l'hôtel, en recourant à un réseau d'agences autorisées. L'expérience vise une clientèle jeune, soucieuse de participer à des activités communautaires, et s'insère dans une tradition déjà ancienne de séjours mêlant temps libre et engagement personnel, dont témoignait, par exemple, le séjour dans un kibboutz israélien. On se situe alors aux limites du tourisme et d'expériences de vie (à caractère militant ou non), qui ont un autre sens et, probablement, une autre portée." (2002, p.274)

Esse tipo de turismo “solidário”, não exime do MST o seu caráter de transgressão ou infração dos dispositivos estabelecidos na Constituição Federal a respeito da propriedade da terra no Brasil.

Na mesma esteira, Knafou (1999) propõe o conceito “território sem turismo”, embora, segundo ele, seja a cada dia mais difícil encontrá-lo em razão da acessibilidade possibilitada pelo transporte aéreo. E, finalmente, o conceito inovador “turismo sem território”. Esses lugares, verdadeiros enclaves econômicos, não só existem como são designados “paraísos do planeta”. Têm existência e oferta reais, embora não sejam lugares turistificados por não serem territorializados pelo turista. São lugares de passagem, espaço-receptáculo, não-vivido, não-relacional e nem histórico enquanto produção social, dispensando os predicados naturais de referência local. Têm uma espacialidade planejada sob medida para o turista, como os *megaresorts*, artificializados (KNAFOU, 1999) e construídos a partir de uma cadeia produtiva pulverizada nos quatro cantos do planeta (RODRIGUES, 1997).

Esses espaços do mito, da fantasia, não-identitários designados **não-lugares** por Augé (1994) e discutidos por Carlos (1996; 1999) e Rodrigues (1997) visam à valorização global e pontual do território e expressam a pluralidade da cultura contemporânea, no âmbito do consumo do lazer⁸ e da recreação, revolucionando os princípios da atividade turística.

O turismo sem território está espalhado pelos quatro cantos do planeta tomando como exemplo o modelo desenvolvido pelo Club Méditerranée.

⁸ Palavra polissêmica, o significado de lazer é tomado de empréstimo a Dumazedier, em que ele afirma ser o “[...] conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.” (1973, p. 34).

Estão nas ilhas paradisíacas dos Sete Mares; em Las Leñas, nos Andes argentinos; nos espaços futurísticos da Epcot Center e nas fantasias da Disney World, nos EUA, EuroDisney, na França; além de outros encontrados no Canadá e na República Sul-Africana, estes reprodutores da espacialidade de ambientes tropicais. As corporações transnacionais do turismo inventam novas estratégias de produção/reprodução ampliada do capital, criando espaços turísticos à margem da estrutura territorial e urbana. A segregação tem sido a resultante em novos paraísos do turismo caribenho, africano e asiático, como os tailandeses e indonésios recentemente destruídos por tsunamis.

O sociólogo suíço Krippendorf (1989) defende as vantagens dos centros de férias artificialmente construídos, considerando-os mesmo uma alternativa para o turismo de massa. Por ser um espaço que se basta, uma vez que dentro dele existe quase tudo o que se quer, tem rigoroso controle de sua capacidade de carga,⁹ além de minimizar ao máximo os impactos culturais desvantajosos para os anfitriões, tais como as drogas e a prostituição.

Enfim, o turismo constrói novos territórios e territorialidades ao promover inovações relacionadas à infra-estrutura energética, transportes e comunicações, saneamento básico, expansão imobiliária com a valorização do solo urbano; ao afetar valores, costumes e cultura da comunidade local, resultando numa série de efeitos favoráveis e desfavoráveis ao inscrever uma nova racionalidade espacial, numa conexão sistêmica entre o local e o global.

⁹ A capacidade de carga, segundo a Organização Mundial do Turismo – OMT-, significa “o número máximo de pessoas que podem visitar simultaneamente um mesmo destino turístico, sem causar danos ao meio físico, biológico, econômico e sociocultural, e sem reduzir de maneira inaceitável a qualidade da experiência dos turistas”, *apud* SILVEIRA 2002, p.62.

Desse modo, como lugar de vida, de trabalho e de circulação, é a categoria-chave para o planejamento, a análise espacial e a compreensão da prática social do turista e do turismo como atividade produtiva.

O **lugar** é um conceito intrínseco à paisagem e ao território. Ele se apresenta na atualidade em relação a um tempo de globalização/ fragmentação, uma vez que contém e está contido no mundo. A mediação é feita por fluxos de informações interconectados em nível local/global, bem como por meio de complexas relações configuradas em arranjos territoriais, atividades produtivas, orquestrados sob a combinação de forças sociais, políticas, culturais e econômicas. Isso significa um transitar permanente entre local/nacional/mundial. Significa também reconhecer nos lugares identidades, culturas, singularidades dos povos e civilizações, características socioambientais. E desvelar como essas condições são enfrentadas, transformadas e determinantes, ou não, de certo modo de vida nos diferentes lugares do planeta. Ao mesmo tempo em que o lugar descreve uma localização e uma orientação espaciais também circunscreve uma experiência humana, que se constitui, em nível de consciência, na construção da identidade. (CASTRO, BUENO e SILVA 1998)

Santos o define como *“a extensão do acontecer homogêneo e do acontecer solidário e se caracteriza pela própria configuração territorial, pelas normas, organizações e regimes de regulação”*. (1998, p. 36-37).

Literatura, relato coloquial de viagens, estudo infanto-juvenil de paisagens dos confins da Terra, filmes, propaganda turística. Tudo isso é fonte para a construção das mais diferentes representações dos lugares, a base territorial de referência para a escolha e/ou apropriação pelo marketing de destinos turísticos.

As condições climáticas e belezas naturais, tidas como o potencial de atratividade, ocupam hoje posição secundária. No espaço globalizado são referenciais prioritários: os atributos socioeconômicos relacionados à qualidade da organização territorial dos equipamentos de infra-estrutura; a qualidade ambiental; o mito que será apropriado pela publicidade e o marketing junto à rede transnacional de operadoras. Assim, se transforma em produto turístico o que era, até então, um recurso territorial.

São múltiplos os olhares epistêmicos sobre o lugar turístico no universo de nossa pesquisa. Para Benevides é

“Um arranjo territorial que amálgama infra-estruturas, moda, produtos, imagens, serviços, ‘climas’, atrativos e paisagens, articulados por relações sistêmicas e por estratégias mercadológicas que integram e articulam respectivamente as atividades componentes do chamado trade turístico, indo da produção à promoção conjuntas.” (2004,p.62)

Para Fratucci,

“O lugar turístico que aqui conceitualmente propomos é o território onde o turismo se realiza, e onde há a ocorrência de interações e inter-relações temporárias entre o anfitrião e o turista, aos quais irão permitir um contato direto, sem barreiras (físicas ou simbólicas) entre eles e o reconhecimento da existência do outro, recíproca e simultaneamente. Para o turista essa experiência irá trazer um crescimento pessoal e a satisfação das expectativas, sonhos e ansiedades que o levaram a estabelecer sua viagem. A viagem torna-se um momento de aprendizado, de crescimento. Para o habitante, o anfitrião, a experiência irá propiciar, além do seu crescimento pessoal interior, a consolidação da sua identidade com o seu lugar e a consciência de todas as possibilidades do seu cotidiano. (2000, p.130)

Responsabilizado por um processo de modernização, o turismo também é um poderoso agente de (re) qualificação espacial, social e funcional dos lugares (MIT, 2003). Antigos sítios industriais e portuários mudam de função ao serem transformados em espaços culturais e de lazer, a exemplo de Puerto Madero, em Buenos Aires, na Argentina, a Bacia do Rhur, na Alemanha, Saint-Etienne e Bacia Parisiense, na França. E o que dizer dos territórios contínuos na orla marítima de várias partes do planeta Terra, ordenados em rede, em que as linhas são os itinerários emoldurados pela paisagem e os nós, os lugares turísticos em processo de transformação? Madrugá (1992) analisa essa questão a partir da litoralização da orla marítima brasileira, ampliada pelo processo de industrialização-urbanização e acelerada, na atualidade, com a expansão do turismo. A intensidade desta ocupação, segundo o autor, reforça uma perspectiva conservadora no processo de modernização, acarretando igualmente riscos permanentes que levam a autofagia do espaço litorâneo.

O lugar, porém, é apenas uma das fontes de turistificação. Knafou (1999) aponta outras, como o mercado articulado com os operadores turísticos e suas técnicas de publicidade.

A **paisagem** - *landscape*, *landschaftskunde*, nos idiomas inglês e alemão - é uma categoria clássica da Geografia e objeto de estudo de várias gerações de geógrafos, entre eles, o americano Sauer. Segundo esse autor, em artigo original datado de 1925, geógrafos ingleses e alemães dão à paisagem o mesmo significado conceitual: “uma forma da Terra na qual o processo de modelagem não é de modo algum imaginado como simplesmente físico. Ela pode ser, portanto, definida como uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais”. (SAUER, 1998:23)

Como fato cultural, a paisagem é sempre um patrimônio. Assim a designou a Convenção sobre a Proteção do Patrimônio Cultural e Natural aprovada pela

Assembléia Geral da Unesco em Paris, em 1972. E, aquela antiga dicotomia entre paisagem natural e paisagem cultural, embora superada pelos geógrafos no início do século XX (SAUER, 2000), é retomada em 1992, no Encontro Técnico do Comitê do Patrimônio Mundial em La Petite, França. Ficou acordado que a Paisagem Cultural passa a ser entendida como “obra combinada da natureza e do homem”.

A respeito da paisagem, símbolo emblemático do turismo, Lacoste discute sua manipulação pela produção turística, afirmando:

“Le paysage n’est pas seulement une valeur esthétique, symbolique, un procédé idéologique; c’est aussi une valeur marchande... Ce développement de la valeur marchande des paysages, aussi bien dans la spéculation foncière que dans les politiques touristiques, est à metre en rapport avec la place: c’en est tout à la fois la cause et léffet... La beauté des paysages croissante que les mass media accordent aux paysages et les sentiments qui la sous-tendent vont devenir, c’est bien connu, un moyen publicitaire, et plus encore un moyen de manipulation sociale par le tourisme.” (*apud* CAZES 1992, p.79)

Basta que seja possuidora de beleza cênica excepcional, a paisagem é transformada em patrimônio turístico¹⁰ em recurso turístico¹¹ e territorializada por agentes turísticos para ser consumida no olhar contemplativo individual ou coletivo de turistas.

¹⁰ Patrimônio turístico é o conjunto potencial (conhecido ou ainda desconhecido) de bens materiais ou imateriais à disposição do homem, e que podem ser utilizados mediante um processo de transformação para satisfazer as suas necessidades turísticas (OMT, *apud* PIRES, 2001:231).

¹¹Recurso turístico são todos os bens e serviços que, por intermédio da atividade humana e dos meios à sua disposição, tornam possível a atividade turística e satisfazem as necessidades da demanda (OMT, *apud* PIRES, 2001:231).

Tomando como referência a abordagem cultural, a paisagem é um livro ilustrado com as representações da cultura, em seus conteúdos normativos que são (re) interpretados e (des) respeitados pela sociedade, em seus múltiplos tempos. Assim, as formas produzidas na paisagem pelas práticas sensíveis dos homens e o modo como ele as organiza espacialmente, são passíveis de diversas leituras. Depende do sujeito que a observa, pois envolve as subjetividades, visão de mundo e construção de significados.

Nesse sentido, Meneses (2002) considera pelo menos, dois tipos de leitores de paisagens turísticas:

“A primeira é romântica, individual, solitária, em busca da contemplação silenciosa de uma natureza inédita e intocada, impregnada de mensagens de autenticidade, transcendência e a sensação de um prazer superior, que não está reservado a todos. A indústria turística tem sabido explorar competentemente estes anseios, mascarando suas contradições e fragilidades e também ressaltando seu papel de distinção social. Num outro pólo, o olhar coletivo solicita a presença de co-participantes que confirmem a pertinência de estar num lugar – ‘onde é preciso estar’ – e a correção dos valores que o turista atribui à paisagem. Este último olhar está associado ao turismo de massa.”
(2002:47)

Como recurso turístico, a paisagem é também discutida por Pires (2001) que, por sua vez, se fundamenta em Boullón (1985), Pearce (1985) e Font (1989) para desenvolver suas idéias acerca dessas duas realidades intimamente relacionadas – paisagem e turismo - e que podem ser apreendidas de acordo com os interesses de abordagem e de enfoque. Citando Jordana (1992), o autor considera a paisagem em três dimensões: a dimensão estética ou visual – relacionada à percepção humana; a dimensão cultural – que ultrapassa a beleza estética ou de equilíbrio ecológico por ser testemunho da história e carregada de valores emocionais; e a dimensão ecológica ou ecológico-geográfica que expressa a interdependência dos elementos

naturais que a constituem e que representa num dado momento uma resposta dessa evolução.

A territorialização da paisagem pelo olhar do turista ganha significado na expressão *tourist gaze*¹², de Urry (1999) e em outra, cunhada por Krippendorf (1988), de que o turismo é um “devorador de paisagens”. Castro (2002) a discute na perspectiva da política, do recurso, da estética, do mito, da imagem, do imaginário deixando à mostra seus diferentes desdobramentos quando relacionada ao turismo. E conclui: “é a sensibilidade humana que se encontra na origem da paisagem”. (p.132)

As três categorias, território, lugar e paisagem ganham relevância na análise do espaço turístico ao estabelecermos as relações de interdependência entre elas e delas com a estrutura conceitual, tanto da geografia quanto de outras ciências humanas e da natureza, no rico processo de invasões e migrações interdisciplinares (MORIN, 2000). Essa flexibilização das fronteiras do conhecimento geográfico para a análise do fenômeno turístico é proposta por Barbaza (1988), que afirma:

“Ignorer (les facteurs sociologiques, économiques, politiques), ce n’est pas seulement dénaturer le phénomène touristique dans son expression spatiale, c’est aussi se priver des clefs essentielles pour la compréhension de l’organisation de l’espace et appauvrir dangereusement la géographie du tourisme.” (*apud* CAZES, 1992, p.76)

A partir da pluralidade desse construto conceitual passaremos a analisar a complexa espacialidade do turismo.

¹² Olhar fixo, atento ou pasmado.

Segundo Lanquar, *“le berceau du tourisme, ce sont les structures urbaines industrielles telles qu’elles se développent en Europe occidentale et en Amérique du Nord, à partir de 1840”* (1995, p.4). Nosso propósito é a feitura de um recorte na história do turismo, a partir da primeira metade do século XX, num tempo em que o turismo era uma prática social da elite aristocrática e da burguesia industrial em que as estruturas territoriais pré-existentes bastavam ao *dolce far niente*. O turismo como fenômeno de massa, filho da sociedade urbano-industrial, do trabalho assalariado, do tempo livre e do mercado, se transforma em agente ativo de ordenação dos territórios produzidos para sua fruição a partir do pós-guerra.

Desde então, e com a globalização, a dinâmica dos territórios turísticos busca atender aos objetivos da produção lucrativa e satisfazer às necessidades dos seus usuários, turistas, excursionistas, visitantes em viagens de negócios, partícipes de eventos científico-culturais, peregrinos. Essa dupla funcionalidade (valor de uso/valor de troca) torna a organização territorial do turismo muito complexa. De um lado, agrega vários setores da economia, investidores, organizações em redes, profissionais, agentes de desenvolvimento, denotando diversidade e dispersão, do local ao global. Por outro lado, incorpora as dimensões simbólica, comportamental e sociológica, que também precisam ser levadas em conta nas políticas de planejamento e gestão dos espaços turísticos. Tais características, além de se distinguirem da lógica da produção-reprodução do espaço, uma vez que impõem uma ocupação-desocupação-rotação social sobre o espaço (HIERNAUX:1999), ainda envolvem em seus aportes conceituais a dimensão simbólica, o imaginário, o mito, ou seja, a lógica que move as pessoas às viagens de turismo e lazer.

No universo de nossa pesquisa identificamos a abordagem dessa nova espacialidade urbana, em seu estágio embrionário, na tese de doutorado de

SILVA, Armando Corrêa da. “O litoral norte do estado de São Paulo – Formação de região periférica”, datada de 1975; e na dissertação de mestrado de TULIK Olga. “Praia do Góis e Prainha Branca: Núcleos de periferia urbana na Baixada Santista”, datada de 1979. Como objeto de tematização, a urbanização turística é foco das produções acadêmicas de Ramos (2002) Oliveira (2003), Fonseca (2004) e Furtado (2005). No contexto mais amplo da produção brasileira desse conhecimento destacamos as pesquisas de Mello e Silva 1997 e 1999; Luchiari, 2000; Lopes Junior, 2000 e Mascarenhas, 2004. Colocamos, no entanto, como necessidade a ampliação de investigações empíricas e reflexões teóricas no sentido mesmo de conhecer a natureza da urbanização turística em processo nos espaços turísticos brasileiros, confrontada com outras escalas geográficas e temporais.

3 - CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA A ABORDAGEM GEOGRÁFICA DO TURISMO: VISÃO PRELIMINAR

O turismo na sociedade contemporânea é uma atividade que compõe com as demais produções sócio-econômicas e culturais e não pode ser entendido fora do contexto das diversas atividades articuladas com a base territorial. Já sabemos que fazer turismo implica em usar o território e nele deslocar-se. Ao territorializá-lo, realiza-se o ciclo do capital nos valores de uso e de troca, ou seja, a tangibilidade da experiência para o turista e o lucro, sob a ótica das instituições promotoras. O resultado em processo ganha visibilidade na controversa modelização evolucionária dos espaços turísticos sendo os mesmos fadados ao perverso ciclo da descoberta/exploração/destruição, a exemplo de Butler (1980) e Chadeaud (1988), mesmo a guisa de uma possível regeneração.

Entretanto, outros olhares possíveis guardam uma estreita relação de interdependência e articulação sistêmica entre território, paisagens, lugares, ambiente e turismo na perspectiva da transformação espacial induzida por equipamentos de lazer, restauração, hospedagem, *shoppings centers*, condomínios fechados, infra-estrutura viária, além de efeitos de toda ordem, favoráveis e desfavoráveis, no meio ambiente e na cultura local. De fato, a partir de sua capacidade modeladora sobre os lugares, o turismo transforma vilas e estações turísticas em cidades turísticas. Nelas, os arranjos espaciais, o consumo de paisagens e do lazer prevalecendo sobre as atividades produtivas, a atração de fluxos migratórios, o crescimento econômico com taxas que tendem a se tornar superiores à média regional/nacional, a formação de uma nova elite local se distinguem por uma natureza outra de urbanização, que Mullins (1991), Luchiari (2000), Mascarenhas (2004) reconhecem como **urbanização turística**.

Outrossim, entendemos que cabe ao setor público-privado o uso dos instrumentos de ordenação, planificação e gestão, tanto para a criação de novas espacialidades destinadas ao consumo de práticas turísticas, quanto para (re) qualificá-las no sentido de uma refuncionalização do espaço herdado e agora valorizado para o consumo do prazer.

Nessa mesma direção, rastreamos as contribuições de três geógrafos que têm se distinguido na tarefa investigativa dos espaços turísticos: Vera (1997), Pearce (2003) e Cazes (1992b,1999).

Iniciaremos por Vera (1997) que propõe estudos inovadores na vertente territorial e ambiental do conhecimento turístico, articulados aos aportes oferecidos por outras ciências sociais como a Economia, a Sociologia e a

Ecologia, com vistas ao entendimento da dinâmica turística no espaço geográfico. Entre as questões tratadas por ele destacamos as seguintes:

- Os efeitos espaciais da atividade turística, sobretudo aqueles relacionados ao impacto ambiental (efeitos desfavoráveis e valorização social do meio ambiente);
- A questão da escala de análise mais adequada ao estudo do fenômeno, sabendo que: a escala regional se refere à distribuição das áreas turísticas (análise da localização de recursos, infra-estrutura e fluxo turístico), o potencial e diagnóstico, os impactos e implicações do modelo territorial; a escala local se refere à identificação e prática dos agentes sociais e protagonistas responsáveis pela produção do espaço turístico, os aspectos paisagísticos e morfológicos em transformação, à avaliação dos impactos ambientais, à comunidade local, entre outros.
- A competência territorial que pode ser vista por vários ângulos. Um deles é que qualquer lugar é passível de desenvolvimento turístico. Desse modo, o turismo pode ser um instrumento de produção de novos espaços e de desenvolvimento territorial. Um outro ângulo acha-se relacionado à análise da hierarquização urbana e ao processo de periurbanização responsável pelo crescimento difuso do espaço turístico¹³. Há, ainda, outro ângulo que se refere à inserção do turismo em um meio produtivo e natural onde ele se desenvolva.

¹³ Essa segunda forma, isto é, a periurbanização, é investigada na produção brasileira da abordagem geográfica do turismo a partir do conceito “núcleos de periferia urbana” que designa, exatamente, as mudanças sócio-culturais e sócio-ambientais na organização de um espaço periférico pelo turismo litorâneo (TULIK, 1979).

Vera (1997) insiste na necessidade da produção científica em nível teórico e no uso de marcos teóricos e de modelos que referenciem novos estudos e pesquisas.

Pearce (2003) sugere temas emergentes no sentido de ampliar o campo de pesquisas na abordagem geográfica do turismo. No esboço dessas possibilidades ele aponta o turismo em áreas urbanas e o turismo doméstico. No entanto, as maiores contribuições que ele oferece estão em nível de procedimentos teórico-metodológicos para encaminhamento de futuras pesquisas, entre as quais destacamos:

- Fortalecimento dos elos em vários níveis (escalas) geográficos. Por exemplo: “Como as tendências internacionais afetam determinado país e determinados lugares no país?” Ou: Como o *resort* adequa à região, qual é o papel da região na nação e o lugar da nação no mundo?
- Atenção às interconexões entre pesquisas e tomá-las como referência em trabalhos empíricos, testando referenciais teóricos em estudos de caso. Nesse sentido, a crítica de Pearce tem a mesma direção de pesquisadores espanhóis, como Callizo, Luis Gómez e Vera, ao asseverar que a maior parte dos estudos de caso carece de uma teoria que os fundamente. Do mesmo modo, alerta ele, “os estudos que enfatizam a metodologia são frequentemente fracos quanto à interpretação, enquanto os que proporcionam muitos comentários não raro se resumem à técnica.” (PEARCE, 2003, p.357)

Cazes (1992 b; 1999) aponta para a crescente complexidade que envolve a relação entre Turismo-Desenvolvimento no Terceiro Mundo. Como outros geógrafos, ele chama a atenção para a necessidade de uma análise mais científica das práticas turísticas e de seus variados impactos sobre os

espaços geográficos e as realidades sociais dos países periféricos, uma vez que:

“la démarche géographique rencontre avec cette problématique l’un de ses objets privilégiés: celui des conditions d’inscription dans l’espace, national ou local, d’une logique économique internationale, des **effets pervers** de cette projection, des relations délicates, déséquilibrées, parfois conflictuelles, entre **aménageur** et **aménagé**”¹⁴. (1992 b, p.193)

Entendemos que as recomendações desses autores, embora de realidades distintas da brasileira, permitem reflexões, comparações, redirecionamento e contribuições teórico-metodológicas para o avanço da produção desse conhecimento.

Nesta parte I tomamos de empréstimo vozes e olhares de especialistas de diferentes campos do saber-fazer turístico e apresentamos o turismo e o turista na ótica da Geografia.

A parte que segue é um *tour* epistemológico na abordagem geográfica do turismo.

¹⁴ Grifos do autor.

II – TOUR EPISTEMOLÓGICO¹⁵ PELA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NA ABORDAGEM GEOGRÁFICA DO TURISMO

“La geografía del turismo se há visto notablemente enriquecida por las aportaciones neopositivistas, por la incorporación de la dimensión comportamental y por las reflexiones que, tal vez más sociológicas que espaciales, nos há suministrado el enfoque radical. [...] Queda, sin embargo, un largo camino que recorrer...”

Javier Callizo Soneiro

Esta parte II analisa e discute a produção do conhecimento na área de interseção da Geografia com o Turismo, que se convencionou denominar abordagem geográfica do turismo. Há, no entanto, que distinguirmos entre geografia do turismo e geografia turística. A primeira toma a dimensão espacial do fenômeno turismo como objeto de reflexão. Como outros fenômenos de dimensão espacial, o turismo enriquece e “irriga” as reflexões geográficas. A geografia turística, segundo Rodrigues (2000), cuida de informar a base geográfica dos lugares e recursos turísticos, “desconsiderando as relações sociedade – natureza, que constituem a base da geografia social” (p.94).

¹⁵ Essa expressão é tomada de empréstimo a Callizo (1991, p.22) ao se referir ao artigo elaborado por Luis Gómez – “*Evolución Internacional de la Geografía del Ócio*” publicado na revista *Geocrítica* no.69, pp.7-51 de maio de 1987, Universidade de Barcelona. Epistemologia é definida como o “conjunto de conhecimentos que têm por objeto o conhecimento científico, visando a explicar os seus condicionamentos (sejam eles técnicos, históricos, ou sociais, sejam lógicos, matemáticos, ou lingüísticos), sistematizar as suas relações, esclarecer os seus vínculos, e avaliar os seus resultados e aplicações”. (Novo Aurélio Século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999).

Há um consenso entre autores consultados (RODRIGUES, 1985; LUIZ GOMEZ, 1988; CALLIZO, 1991; VERA, 1997) de que a produção do conhecimento sobre a abordagem geográfica do turismo encontra-se no bojo das influências epistemológicas que permeiam historicamente a produção do conhecimento geográfico. Que influências epistemológicas são essas?

Claval (1982) as identifica nas três grandes mudanças na constituição do pensamento geográfico. A primeira situa-se no final do século XVIII que, sob a influência naturalista, dotou a Geografia de um conhecimento descritivo, detalhado e sistematizado acerca da diversidade dos lugares, quando se destacaram os alemães Von Humboldt e Ritter. A segunda situa-se no final do século XIX e tem como referência a institucionalização da Geografia como disciplina acadêmica e sua divisão em geografia geral física e geografia regional. Seus fundadores são Ratzel, na Alemanha, e La Blache, na França. E a terceira mudança, datada dos anos cinqüenta do século XX, que é a transformação da Geografia em uma ciência social.

Esse *tour epistemológico* em torno da abordagem geográfica do turismo se insere no interior dos três movimentos de constituição da ciência geográfica referenciados por Claval.

No item 1, esse *tour* nos conduz à identificação e análise das nascentes da abordagem geográfica do turismo e sua posterior imbricação com as raízes epistemológicas do pensamento clássico da ciência geográfica. Sob a influência ideográfica e corológica que a confirmam, essas raízes se caracterizam pela tarefa de descrever esse fenômeno social.

No item 2, o *tour* nos revela as várias influências epistemológicas que orientam a produção desse conhecimento a partir dos anos 50 do século XX. Tais influências, ora transitam na visão sistêmica e na utilização de modelos submetidos à lógica matemática de orientação neopositivista, que

referenciam a produção do conhecimento na perspectiva da Nova Geografia ou Geografia Quantitativa; ora no paradigma marxista das correntes críticas e até mesmo a abordagem humanista, que incorpora a percepção, o comportamentalismo behaviorista e a abordagem cultural que referenciam o pensamento geográfico a partir de 1970.

O fio condutor é a busca da explicação e das leis gerais de ordenamento do espaço turístico, à luz da seguinte tematização: Pearce (2003) critica autores dos modelamentos do espaço turístico, ao dizer que eles não têm dado a devida atenção aos modelos existentes, tanto para tomá-los como base ou referência para novas postulações, quanto para submetê-los a testes empíricos e apreciações críticas. Até que ponto essa crítica é procedente?

O item 3 sinaliza para os desafios que perpassam a caminhada epistemológica da produção do conhecimento na abordagem geográfica do turismo. Por se tratar de um conhecimento social, a busca de explicação e de leis gerais do ordenamento do espaço turístico acompanha o movimento mutante do espaço geográfico.

1- RAÍZES DA ABORDAGEM GEOGRÁFICA DO TURISMO NO PENSAMENTO CLÁSSICO DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA

Os primeiros registros acerca do interesse de geógrafos pelo fenômeno turístico parecem remontar à primeira metade do século XIX, com Kohl em obra datada de 1841. Chamou sua atenção a força transformadora do meio natural provocada pelo deslocamento de pessoas em direção a um determinado lugar (LUIZ GÓMEZ, 1988; CALLIZO, 1991). A observação feita por Kohl repousa no fato de a prática social do turismo manter com o espaço a dependência do deslocamento para sua fruição, dada à fixidez do atrativo turístico dos lugares. Certamente, a “força transformadora” a que ele se

refere, isto é, os impactos espaciais do turismo¹⁶, não tem sido a mesma ao longo do tempo. Sobretudo, se for considerado que a sua prática social na Europa, até a primeira metade do século XX, se restringia a uma seleta e aristocrática elite e a burgueses enriquecidos pela revolução industrial que utilizavam as estruturas territoriais pré-existentes nas praias mediterrâneas do sul europeu.

Em Wolf e Jorckzek encontram-se referências dos primeiros estudos com o enfoque geográfico do turismo, na Alemanha (*apud* REJOWSKI, 1998). Nesse sentido, destacam-se também Stradner, com a obra *Der Fremdenverkehrs*¹⁷, a quem se atribui o uso introdutório do termo “geografia do turismo” (*Fremdenverkehrsgeographie*) na bibliografia especializada e Sputz, em obra datada de 1919, intitulada *Die Geographischen Bedingungen und Wirkungen des Fremdenverkehrs in Tirol*.¹⁸, que foi dos primeiros geógrafos a relacionar a prática social do turismo com o deslocamento espacial (*apud* LUIS GÓMEZ, 1988).

Como esclarece Luis Gómez (1988), na segunda edição de *Der Fremdenverkehrs*, datada de 1917, Stradner insiste em suas análises sobre os efeitos positivos do turismo na balança de pagamentos e chama a atenção para as diferentes motivações que levavam pessoas a viajar. Para ele, as pessoas viajam por uma decisão individual (*freie Antriebe*) como, por

¹⁶ São, dentre outros, as vantagens e desvantagens do turismo sobre o meio natural, a população e sua estrutura ocupacional, o uso das paisagens rurais e urbanas, os sistemas de circulação, as formas de assentamento.

¹⁷ (O Turismo)

¹⁸ (Condicionantes geográficos e efeitos do turismo no Tirol)

exemplo, o desejo de conhecer o mundo e a moda¹⁹; outras relacionam as viagens ao desenvolvimento da vida econômica, social, política e cultural (*gebundene Antriebe*). A importância desses estudos seria mais tarde reconhecida por Bernecker e Fuster, como afirma Luis Gómez (1988).

Há também que ressaltar a relevância dos estudos feitos no início do século XX pelos alemães Hettner e Hassert, cuja abordagem passa de uma apreciação morfológica da atividade turística para um enfoque genético-funcional, na perspectiva de explicar este fenômeno em sua origem e processo, como fator da transformação da paisagem cultural. Para eles, o trabalho do geógrafo se desdobra em duas tarefas complementares: explicar os impactos espaciais e analisar suas causas geográficas, isto é, tanto nos aspectos naturais, quanto em seu caráter sazonal (tempo adequado para a fruição), como assevera Luis Gómez (1988).

O discurso clássico da Geografia tem duas referências distintas. Na Alemanha, ele é referenciado no determinismo ambientalista e na tradição corológica (LUIS GÓMEZ, 1988). Para Hettner, a descrição e a interpretação das diferentes características da superfície terrestre é a essência mesma da geografia (CAPEL, 1981). Essa tendência é confirmada nos estudos realizados por Sputz em obra datada de 1919, segundo Luiz Gómez (1988). Para esse geógrafo espanhol, esse discurso clássico na França é referenciado pelo possibilismo historicista que impregna os estudos sobre o surgimento e o desenvolvimento do turismo, o que evidencia uma forte influência dos fatores físicos e antropogeográficos nos quais repousa o objeto

¹⁹ Em sua tese de doutorado datada de 1934, Simkowsky chama a atenção para a importância que a *moda* desempenha na criação de espaços turísticos e nas viagens, pois segundo ele “[...] se visita los lugares más caros en donde se goza de la vida mundana, para ver y ser visto [...]” (*apud* LUIS GÓMEZ, 1988)

do estudo geográfico naquele tempo. Essa filiação paradigmática da abordagem geográfica do turismo, circunscrita no mosaico regional vidalino, propõe que os estudos turísticos sejam incluídos na geografia da circulação, evidenciando as primeiras orientações da geografia francesa sobre a temática. É o que demonstram os estudos franceses de Cribier e os trabalhos de Blanchard, sobre Nice e Córsega, como afirma Callizo (1991).

É Poser, em obra datada de 1939, quem afiança essa condição subordinada da geografia do turismo ao paradigma vidalino quando afirma que, apesar do reconhecimento e de todo o esforço de conceitualização do fenômeno, ainda não se concebia uma geografia do turismo cujo objeto fosse exclusivamente essa atividade (*apud* CALLIZO, 1991).

Na obra *Grundriss der allgemeinen Fremdenverkehrslehre* – Fundamento da Teoria Geral do Turismo – datada de 1942, Hunziker e Krapf evidenciam uma preocupação com a sistematização de um conhecimento sobre a atividade turística. Este trabalho influenciará não só os estudiosos franceses, espanhóis, ingleses, suíços e alemães desse fenômeno, como também os organismos internacionais que passariam a adotar sua definição de turismo por volta dos anos cinquenta do século XX, como afiança Luis Gómez (1988).

O fato é que a primeira metade do século XX é pródiga de estudos alemães, franceses e ingleses em que a ênfase ao fenômeno turístico é dada ao deslocamento de pessoas de sua residência habitual e o tipo de interação que se dá entre elas, reconhecendo-se os impactos socioculturais entre turistas e anfitriões nas zonas receptoras.

Na língua inglesa, se destaca como clássicos desse período os estudos de Ogilvie, datados de 1933 e de Norval datados de 1936. O primeiro deles por considerar um dos atributos básicos do turista, dentre outros, o gastar – “ [...] *money in the place they visit without earning it there*”. E o segundo, Norval, por definir o turista como alguém que se desloca para um “[...] *foreign country*” sempre que não pretenda estabelecer-se ali definitivamente ou realizar atividade profissional e empregará “[...] *in the country of temporary sojourn money which has been earned elsewhere*”. (apud LUIS GÓMEZ, 1998). Aí estão os pressupostos da conceitualização do termo turista que seria, mais tarde, retomado e adotado pela OMT.

Embora não se distanciando do enfoque clássico, mas enriquecida com os aportes epistemológicos formulados pela geografia social alemã²⁰, a produção do conhecimento sobre a abordagem geográfica do turismo posterior à 2ª Guerra Mundial não chegou a formular uma teoria explicativa do fenômeno turístico, na perspectiva da análise espacial. Segundo Callizo (1991), no fio condutor das reflexões ainda prevalece o enfoque da interação homem-meio como está evidenciada na obra de Ruppert e Maier datada de 1969. Esses dois geógrafos alemães foram os primeiros a reconhecer o peso que o lazer começava a assumir na sociedade da época, chegando mesmo a considerá-lo tão importante quanto o trabalho, a moradia e a educação. Daí a

²⁰ Trata-se de uma corrente geográfica desenvolvida por geógrafos alemães do pós-guerra. Seu objeto de estudo são as formas de organização espacial da sociedade. O conhecimento resultante é aplicado no campo do ordenamento territorial, com um duplo enfoque: estrutural (diferenciação espacial da sociedade) e processual (gênese e mudanças das estruturas espaciais). Para ampliar a temática, destacamos dois artigos: RUPPERT, Karl; SCHAFFER, Franz. La polémica de la Geografía Social en Alemania (I): *Sobre la concepción de la Geografía Social*. Geocrítica Año IV. Número: 21. Mayo de 1979; e WIRTH, Eugen. La polémica de la Geografía Social en Alemania (II): *La Geografía Social Alemana en su concepción teórica y en su relación con la Sociología y la "Geographie des Menschen*. Geocrítica. Año IV. Número: 22. Julio de 1979.

proposição de tomar como objeto de estudo as formas e os processos de organização espacial demandados pelos grupos humanos, ao realizarem a função vital do lazer e do descanso. Do ponto de vista epistemológico, nada mudou, ou seja, o conhecimento geográfico continuava filiado ao empirismo gnoseológico característico do método indutivo clássico, como informa Luis Gómez (1988).

Em suma, o método ideográfico da via indutiva, baseado na observação, comparação e classificação para chegar às generalizações que, por sua vez, se convertem numa teoria explicativa (CAPEL, 1981), é o que caracteriza a tradição clássica e fundamenta os estudos da abordagem geográfica do turismo da primeira metade do século XX. Desse modo, o que conta é a ênfase nas relações homem-meio natural na perspectiva de identificar fluxos e focos, fatores e efeitos espaciais do turismo, praticamente se restringindo ao campo ideográfico da indução, o que reforça a idéia de uma preocupação com a descrição do fenômeno, mais do que com a busca de sua explicação teórica. O divisor de águas paradigmático seria estabelecido na passagem de uma Geografia Clássica para uma Geografia Moderna nos anos 50 do século XX.

2 - MODELOS DO ESPAÇO DO TURISMO E SEUS REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A terceira mudança no pensamento geográfico, datada dos anos cinquenta do século XX, caracteriza-se pela ruptura com o discurso da Geografia Clássica e a adoção da filosofia e dos métodos da concepção neopositivista de ciência, originando-se daí a Nova Geografia ou Geografia Quantitativa.

Como ciência explicativa e preocupada em formular leis gerais, a Geografia, de acordo com as idéias de Schaffer, “tem de ser concebida como a ciência voltada para a formulação das leis que governam a distribuição espacial de certas características na superfície terrestre”. (1977, p.11)

Schaefer, nascido em Berlim em 1904, estatístico, cientista político e filósofo radicado nos Estados Unidos da América como professor de Geografia na Universidade de Iowa, teve Bergmann como interlocutor de suas idéias. Seu artigo *Exceptionalism in Geography: a methodological examination*, datado de 1953 e publicado postumamente (JOHNSTON, 1986, p.74), desvaloriza a análise regional e o método historicista na qual essa análise se fundamenta. Ele é considerado referência na introdução da concepção neopositivista e das “revoluções quantitativa e teórica” na Geografia, bem como de seu caráter a-histórico, ao afirmar que “resulta difícil ver que tipo de comprensión puede ganar-se simplemente de la contemplación de las fases sucesivas de un proceso en desarrollo” (CAPEL, 1988, p.394).

As bases filosóficas e epistemológicas desse novo padrão científico adotado pela Nova Geografia foram lançadas por eminentes cientistas lógicos e matemáticos membros do Círculo de Viena (SCHLICK, KRAFT, BERGMANN, entre outros) e do grupo de Berlim, bem como de catedráticos ingleses da Universidade de Cambridge (RUSSEL e seus colaboradores MOORE, WHITEHEAD e WITTEGENSTEIN). O intento desses filósofos e epistemólogos era traçar um divisor de águas entre metafísica e filosofia e a ciência. A preocupação era com o esclarecimento da lógica do pensamento científico, cujo enunciado deveria ser observável, verificável. Isso implicou numa compreensão da estrutura formal da linguagem (matemática) como

sistema de regras, que tornasse possível um pensamento verificável, verdadeiro, possível, seguro, como afiança Morin (1998).

Capel (1988) apresenta uma síntese dos fundamentos das correntes neopositivistas que irão influenciar a construção da Nova Geografia:

“El punto de partida es siempre empírico, la experiencia, y profundamente antiidealista, con exclusión de los problemas metafísicos que son considerados pseudoproblemas. Existe una preocupación generalizada por el análisis del lenguaje científico, así como del significado y el uso del lenguaje común, a la vez que hay una afirmación de la unidad profunda de la ciencia por encima de los contenidos diversificados de las distintas disciplinas, y una voluntad decidida de lograr un lenguaje común para ellas. La investigación científica e sus resultados se intentan expresar de una forma clara, lo que exige el uso del lenguaje matemático e de la lógica, que es concebida como una sintaxis de la ciencia.” (1988, p.370-71)

Nesse contexto, a ciência passa ser entendida como modelo. Wittgenstein, filósofo austríaco, que transitava nos círculos e grupos dos filósofos europeus dessa época, radicando-se no pós-guerra na Inglaterra, ofereceu contribuições importantes para a análise da produção do conhecimento sobre o espaço do turismo, na perspectiva de modelos. Em Costa Gomes essas idéias ganham força esclarecedora:

“Em primeiro lugar, o conhecimento do mundo é feito a partir da construção de ‘quadros de fatos’. Esses quadros nos indicam uma forma lógica e estável dos objetos, sem, no entanto, reproduzir suas propriedades materiais. Em segundo lugar, existe uma correspondência biunívoca entre os fatos desses quadros e a realidade, correspondência expressa pela relação lógica. Desta maneira, chega-se ao conhecimento pela construção de modelos lógicos que restituem o comportamento dos fatos no mundo real.” (1996, p.253-254)

Popper, que buscava junto com os cientistas do Círculo de Viena, os limites entre ciência e pseudociência se diferenciou deles por defender a seguinte idéia: “O que prova que uma teoria é científica é o fato de ela ser falível e aceitar ser refutada” (*apud* MORIN, 1998, p.38)

Fracassado o projeto de ciência defendido pelos cientistas neopositivistas, entram em rota de frustração os modelos de espaço turístico ancorados na Nova Geografia ou Geografia Quantitativa. O que são modelos na perspectiva da produção do conhecimento geográfico? Quais são esses modelos espaciais do turismo de inspiração neopositivista?

De acordo com Hagget e Chorley (1975), modelo é uma estruturação simplificada da realidade. Dependendo da natureza de sua constituição, os modelos podem ser visualizados como construções sólidas, físicas ou experimentais ou, então, como modelos teóricos, simbólicos, conceituais ou mentais, como é o caso dos modelamentos do espaço turístico.

Pearce (2003) os classifica para o estudo do espaço turístico usando como critério quatro grupos básicos: viagem ou ligação, origem-destino, modelos estruturais e modelos evolucionários. Há, no entanto, um ponto comum entre eles: a abordagem de um sistema de origem-ligação-destino.

Alguns desses modelos são apresentados no quadro a seguir. De filiação neopositivista, eles evidenciam um trato mais sistemático da dinâmica espacial desse fenômeno, embora sua base teórica e conceitual ainda seja pouco consistente. (CALLIZO, 1991; PEARCE, 2003).

QUADRO 2
MODELOS DO ESPAÇO TURÍSTICO (NEOPOSITIVISMO)

TIPOS	ÊNFASE	AUTOR	CARACTERÍSTICAS
De ligação	Componente ligação ou viagem	Mariot Campbell Greer-Wall Miossec	-Conceito de rotas (acesso/recreativa/ retorno) -Percurso X estada (excursionista X recreativo) -Mudanças no volume de viagens turísticas Conceito de zonas sucessivas -Núcleos e cinturões
Origem/ destino	Função geradora/ receptora e sua integração recíproca	Lundgren Pearce	-Hierarquia espacial de circulação de viagens (tipos de destinos turísticos) -Integração geração/recepção + fluxo turístico
Estrutural	Relação núcleo/ Periferia	Britton	-Destinos dependentes – sistema comercial multinacional – enclave turístico em economias periféricas
Evolucionista	Mudanças nos movimentos turísticos e no desenvolvimento de estruturas de turismo. Conceito: “periferia do prazer”	Plog Butler Gormsen Miossec Oppermann	-Personalidade dos diferentes tipos de Turistas (tipos psicográficos) -Ciclo de vida das áreas turísticas -Incorporação das mudanças no grau de participação local/regional no processo de desenvolvimento -Evolução estrutural de regiões turísticas no tempo e no espaço (instalações) -Combina estrutura espacial com o papel e comportamento de diferentes grupos de turistas (existência de estruturas pré-turísticas)

Fonte: Organizado por CASTRO (2006) a partir de Callizo (1991) e Pearce (2003)

Como nosso propósito é um *tour epistemológico* na abordagem geográfica do turismo face à questão problematizadora levantada na apresentação, consideramos conveniente um critério de classificação que leve em conta os fundamentos que dão sustentação teórica aos modelos. Sendo assim, o quadro se desdobra como segue no QUADRO 3.

QUADRO 3

MODELOS DO ESPAÇO TURÍSTICOS E SEUS FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Fundamentos Teóricos	Autores	Características
Neopositivismo	Christaller (1955 e 1963)	Busca de regularidades da distribuição dos assentamentos turísticos em sua dimensão espacial. Inspira-se na teoria de V.Thünen.
	Campbell (1967)	Seu modelo de viagem excursionista e recreativa mostra diferentes possibilidades de movimento de turistas fora de um centro urbano. Mais tarde esse modelo seria confirmado por pesquisa de Rajote (1975).
	Yokeno (1968)	Inspirado nas teorias de Von Thünen e Weber, esse autor estuda as vantagens comparativas da concentração de atividades em centros especializados.
	Mariot (1969)	Inspira-se no modelo de Campbell para desenvolver seu modelo de rotas recreativas.
	Turner e Ash (1975)	Inspiram-se nos anéis concêntricos de V. Thünen para criar o modelo evolucionário dos espaços turísticos, ou seja, a fase de descoberta pela elite; ampliação do tráfego turístico; decadência com a instalação do turismo de massa.
	Greer e Wall (1979)	Inspira-se nas zonas concêntricas que circundam as cidades, desenvolvido por seus antecessores para elaborar seu modelo de distribuição de usos recreativos dos espaços turísticos.

	<p>Butler (1980)</p> <p>Pearce (1981) e Lundgren (1982)</p>	<p>Referencia-se em Plog (1973), Stansfield (1978) e Noronha (1976) para criar o conceito de ciclo de vida do produto e um modelo em que apresenta uma hipotética seqüência evolucionária de uma área turística.</p> <p>Ambos desenvolvem modelos de origem-destino em que discutem a função duplamente geradora e receptora de um destino turístico e sua integração recíproca. Pearce, em seu modelo esquemático, mostra os fluxos turísticos de e para áreas urbanas importantes e reconhece que essa função da cidade já foi anteriormente estudada por Yokeno (1968), Mercer (1970), Rajote (1975) e Ruppert (1978). Lundgren, por sua vez, cria uma “hierarquia de circulação de viagem” com base em uma série de características definidoras dos destinos, entre outros, centralidade geográfica, atrações do lugar geográfico e oferta de serviços demandados pelo turista a partir da economia local ou regional.</p>
Pluriparadigmático	<p>Lundgren (1972 e 1974), Hills e Lundgren (1977), Britton (1980,1982) e Cazes (1980)</p> <p>Plog (1973)</p> <p>Miossec (1976/1977)</p>	<p>Os autores desses modelos discutem as relações estruturais entre origens e destinos a partir do impacto do turismo receptivo em países periféricos, deixando em evidência as dúvidas sobre os benefícios advindos da implantação de projetos turísticos.</p> <p>Analisa a personalidade dos diferentes tipos de turistas, identificando-os em dois grupos com características diferentes: os psicocêntricos e os aloccêntricos.</p> <p>O autor elaborou dois modelos. No primeiro, sob a inspiração de V.Thünen e Yokeno, ele discute as possíveis causas das deformações dos círculos concêntricos. No segundo modelo ele trata da evolução estrutural na perspectiva espaço-temporal de regiões turísticas. Adota fundamentos teóricos que vão da</p>

de águas, lugares de spas. No que diz respeito às áreas periféricas, Christaller associa a periferia de ocupação humana e distribuição de lugares com recursos ambientais como águas medicinais, praias mais afastadas, altas montanhas, bosques solitários com o desenvolvimento turístico como comércio do repouso, de lazer e de viagem de férias. Posteriormente, essas áreas mais afastadas na periferia são incorporadas às áreas exploradas pelo comércio turístico. Desse modo, o padrão de desenvolvimento do turismo em áreas periféricas é no sentido de uma busca contínua por novas áreas periféricas para a abertura de novos espaços turísticos, num processo seqüencial de produção-reprodução. Certamente, suas observações e argumentos influenciariam os autores de modelos evolucionários do ciclo do produto do espaço turístico, dentre eles, Plog (1973), Miossec (1976), E. W. Butler (1980) e Chadeaud (1987). No universo de nossa pesquisa destacamos os trabalhos acadêmicos de SILVA (1975) e TULIK (1979).

A busca de Christaller é por regularidades da distribuição do fenômeno turístico em dimensão espacial. Como em sua tese original, tais regularidades se referem aos princípios de racionalidade econômica, mas ele reconhece a existência de irregularidades em relação aos lugares centrais quanto à exatidão de localização, pois

[...] isto não é possível para os lugares periféricos (ligados ao turismo) com a mesma exatidão matemática. O máximo que pode ser dito é que estes espaços, que são os mais afastados das localidades centrais e também das aglomerações industriais, têm as mais favoráveis condições de localização para os lugares turísticos. Estes não se encontram no centro das regiões povoadas, mas na periferia. (*apud* SILVA, 2001, p. 124-125).

Luis Gómez (1988), ao comentar o modelo dos assentamentos turísticos em Christaller, esclarece que ele usou como esquema explicativo de sua localização,

“en el creciente impulso hacia la periferia mostrado por ciertos grupos sociales residentes en las aglomeraciones urbano-industriales, como resultado de un doble tipo de factores interrelacionados: los que ‘empujan’ a efectuar los desplazamientos como consecuencia de la mejora del bienestar económico a partir de los años cincuenta y la fuerza de atracción que para las gentes tienen determinados lugares” (1991, p.23).

Christaller indica o turismo como possibilidade de desenvolvimento econômico de regiões periféricas ao afirmar que “o turismo oferece às regiões economicamente subdesenvolvidas uma chance para elas mesmas se desenvolverem já que estas regiões interessam ao turismo” (apud MELLO e SILVA, 1999, p.127)

No entanto, para Saey, em seu artigo “Three fallacies in the literature on central place theory”. In: *Tijdschrift voor Economische en Sociale Geographie*, a teoria dos Lugares Centrais seria insuficiente ou insatisfatória em razão das distorções verificadas com relação à hierarquia dos assentamentos turísticos, pelo menos por duas razões: o número de centros de tamanho médio é superior ao previsto pela teoria e os menores são em número inferior; a hierarquia das funções centrais nem sempre confere com a hierarquia da população dos assentamentos turísticos. (apud CALLIZO,1991)

Posto isso, seria a teoria dos Lugares Centrais uma referência insuficiente para explicar os assentamentos turísticos em tempo de globalização?

Para Claval

“[...] el interés principal de una teoría como la de los lugares centrales no proviene de la forma más o menos perfecta com que permite dar cuenta de las regularidades observables, sino, por el contrario, de todos los problemas que plante acundo las regularidades no existen; es generadora de problemas, porque postula un orden y todo lo que se ajusta a esse orden demanda una explicación”. (apud CALLIZO, 1991, p.161)

O fato é que novos aportes se inspiram no objetivo da Geografia do Turismo proposto por Christaller, qual seja, da análise das regularidades espaciais existentes na distribuição dos assentamentos turísticos. É o que indicam, por exemplo, os estudos de Coppok “Geographical contributions to the study of leisure”; Smith “Recreation Geography”; Biagini “Proposte per una classificazione dei centri turistici su basi funzionali. La gerarchia dell’Italia settentrionale”; e Pearce “Tourism today. A geographical analysis” (*apud* CALLIZO, 1991). No Brasil, destacamos a tese de doutorado de Silva (2004) “Turismo, crescimento e desenvolvimento: uma análise urbano-regional baseada em cluster”, e os artigos de Mello e Silva (1999) “Geografia, turismo e crescimento: o exemplo do Estado da Bahia”; e Eufrásio (1996), “O turismo nos lugares centrais e o turismo ambiental na obra de Christaller”.

Entretanto, Von Thüner e Weber não inspiraram somente a Christaller. O geógrafo japonês Yokeno parte da aplicação dos conceitos apontados por eles para propor seu modelo de espaço turístico. Um ponto nebuloso de seu modelo são os fatores das possíveis deformações das zonas hipoteticamente concêntricas, o que, segundo ele, poderia resultar do turismo da capital, das principais linhas de transporte e dos níveis de preços turísticos. E esclarece: custos locais inferiores podem explicar a passagem de um país rumo a outro mais distante (*apud* PEARCE, 2003).

Miossec, inspirando-se no modelo de espaço turístico internacional desenvolvido por Yokeno, recria a matriz de Von Thünen ao incorporar a dimensão perceptivo-comportamental ²¹ ao neopositivismo, como argumento para explicar tais “deformações”. Trata-se de um modelo original e ousado,

²¹ A dimensão perceptivo-comportamental é tratada na corrente humanista da Geografia que, por sua vez, tem seus fundamentos ancorados na fenomenologia. Miossec ousa tecer suas teorizações usando referenciais do neopositivismo e da fenomenologia, assumindo uma postura pluriparadigmática, pouco usual na década de 70 do século XX.

além de ser tido como um dos mais sugestivos intentos de sistematização global do espaço turístico, como explica Callizo:

“En sustancia, el espacio teórico-turístico de Miossec se articula sobre la base de un esquema originariamente concéntrico, que traduce las relaciones económico-espaciales entre un foco emisor e las áreas receptoras. Ese esquema sufre, sin embargo, perturbaciones que se concretan en deformaciones positivas y negativas de los círculos concêntricos, cuyo origen remite al impacto de determinados factores: físicos, sociales, económicos, políticos, culturales y desde luego, mentales” (1991, p.168).

Callizo (1991) aponta quatro pressupostos teóricos que fundamentam o modelo de espaço turístico desenvolvido por Miossec:

- a) O fato de a oferta turística ser consumida *in situ*, obriga necessariamente ao deslocamento;
- b) Como já advertira Christaller (1963) a economia turística é explicada pela noção de utilidade dos lugares e gera uma mobilidade a partir de um centro emissor até um centro receptor;
- c) A migração estacional da clientela busca na periferia a alteridade espacial;
- d) Como por definição exige o pernoite fora do lugar de residência habitual, o ato turístico consiste no deslocamento e na estada na periferia receptora.

Em seu primeiro modelo datado de 1976, Miossec trabalha com três variáveis, condições *sine qua non* do deslocamento turístico: custo do deslocamento, custo do tempo da estada e custo do preço do solo. O preço

do solo diminui progressivamente do centro para a periferia; o custo do deslocamento é cada vez maior do centro para a periferia até um dado momento em que, numa economia de escala, ela poderá ser alcançada através de vôos charter; e o tempo de estada no centro receptor dependerá de maior ou menor disponibilidade de dinheiro, sendo que em média é de dez a vinte dias para a maioria dos turistas. A combinação desses três gradientes resulta em um modelo de círculos concêntricos que leva em conta o centro emissor, a periferia próxima e a periferia distante, conforme FIG.4 a seguir.

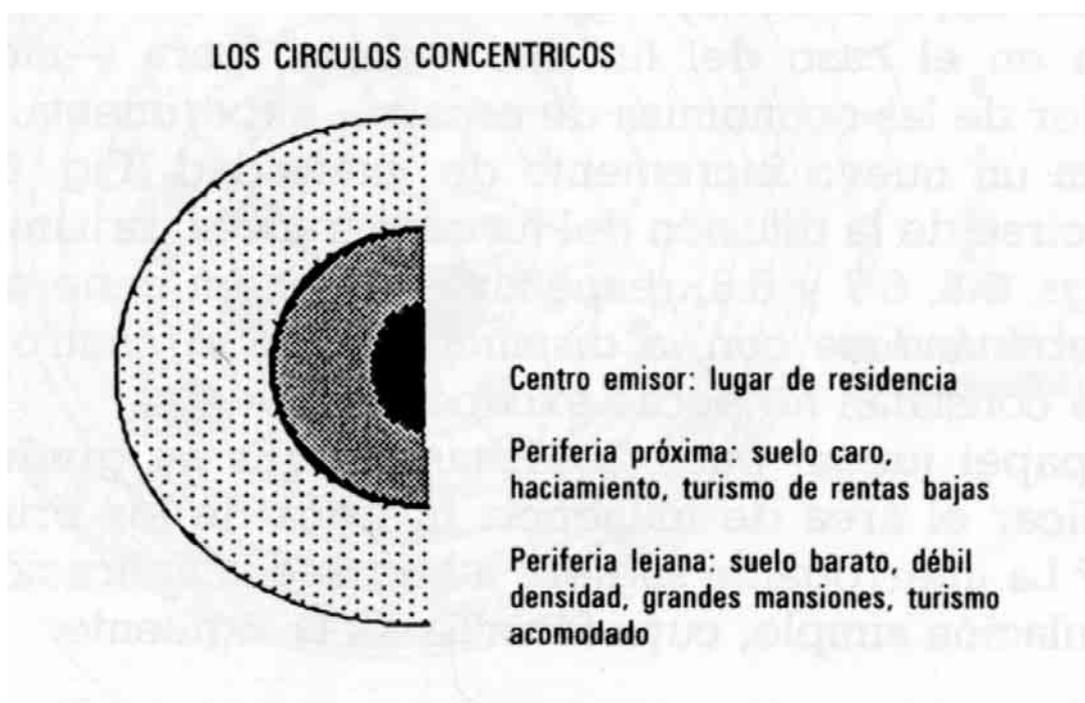


FIGURA 4: Os círculos de Von Thünen e o espaço turístico segundo Miossec.
Fonte: *Apud* Callizo, 1991, p.169

A propósito das deformações dos círculos concêntricos do modelo, Miossec atribui o fato tanto a fatores conjunturais, quanto a fatores estruturais, ora favorecendo uns e desfavorecendo outros destinos turísticos.

Na FIG.5, a seguir, o núcleo é circundado por quatro zonas concêntricas, no espaço real, estando sujeitas às deformações.

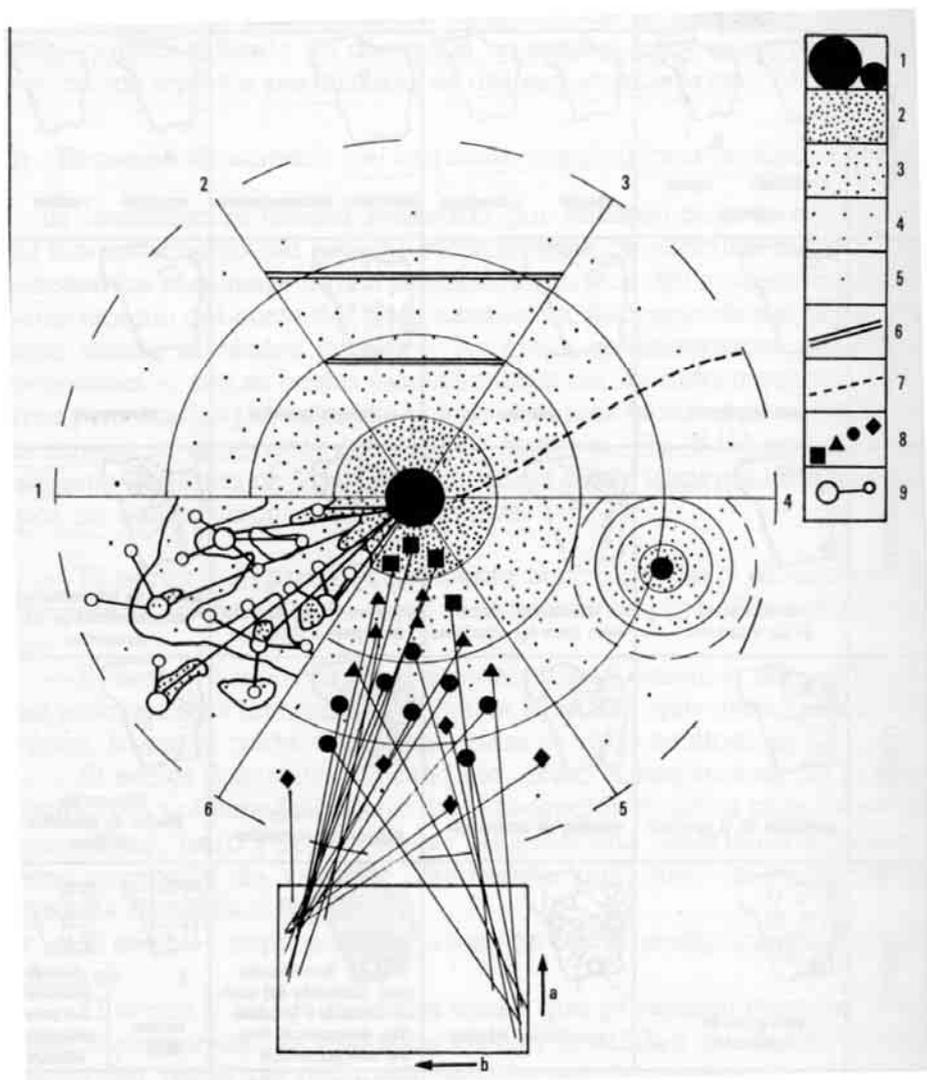


FIGURA 5: O espaço turístico teórico de Miossec – Modelo 1 (1976)
 Fonte: *Apud* Callizo, 1991, p.182

O setor 1 indica o gradiente centro-periferia em estado teoricamente puro e sem deformações.

O setor 2 mostra que as condições bioclimáticas favoráveis aliadas à moda heliotalassorópica favorece a destinos de sol e praia como a bacia do Mediterrâneo e o Caribe; por outro lado desfavorece destinos como a Europa setentrional e o Canadá.

No setor 3, as deformações estão ligadas aos laços históricos relacionados à herança colonial, que podem explicar a deformação positiva do turismo britânico e francês em relação às suas antigas colônias africanas e asiáticas. A mesma língua e os hábitos comuns reforçam a alteridade espacial. As deformações de tipo econômico geram perturbações conjunturais negativas e positivas, haja vista as flutuações do mercado de divisas, as oscilações de moeda (dólar e yen, por exemplo). As deformações políticas têm origens conjunturais negativas, a exemplo da desarticulação de destinos turísticos clássicos, como os territórios conflituosos do Oriente Médio. Por outro lado, outros destinos de peregrinação são valorizados. Incluem-se também como fator de deformações do modelo as economias de escala, que têm como base as relações entre promotores dos países emissores e dos países das áreas receptoras na obtenção de externalidades. Eles atuam de modo estrutural e praticamente permanente. Tomemos como exemplo: a agência **A** propõe aos seus clientes o país **X**; o país **X** propõe ser servido pela companhia aérea **M**. O controle da oferta e da demanda permite às grandes operadoras internacionais concentrarem seus serviços e esforços sobre um número reduzido de destinos turísticos. Esses, por sua vez, desenvolvem o turismo porque os grandes monopólios conseguem reduzir os custos. Assim, as economias de escala podem explicar o controle da demanda periférica e a concentração sobre poucos destinos.

O setor 4 explica as perturbações pela multiplicação de focos emissores.

No setor 5, as perturbações estão relacionadas a informação e valorização dos lugares pelos turistas e atuam de modo mais estrutural e permanente. A qualidade da imagem, no entanto, diminui do centro para a periferia. Passa gradativamente da boa qualidade (a ponto de ele mesmo escolher seu destino turístico) à caricatura da imagem dos lugares na periferia mais distante. Nesses lugares, o turista é praticamente dependente das agências de viagem e operadores internacionais que fazem mediação e escolhem os destinos turísticos.

O setor 6 mostra perturbações resultantes da evolução e hierarquia do espaço turístico que se acham relacionadas à transformação da infraestrutura de transporte, à percepção espacial do turista e às atitudes das áreas receptoras (*apud* CALLIZO, 1991).

Em seu segundo modelo datado de 1977, Miossec deixa à mostra a dinâmica do espaço turístico. Ele identifica quatro fases de uma área turística como descrito na FIG. 6:

-Fase inicial (0 e 1): região isolada, pouco ou nenhum desenvolvimento, turistas com pouca informação sobre o destino, anfitriões que começam a desenvolver uma visão do que o turismo pode trazer.

-Fase 2: instalação de *resorts* pioneiros que expandem o desenvolvimento do lugar.

-Fases 3 e 4: expansão e complexidade do espaço turístico com sistema hierárquico de *resorts* e redes de transporte; mudanças nas atitudes locais dos anfitriões com aceitação do turismo e controle de planejamento e gestão (ou rejeição) e um conhecimento por parte dos turistas acerca do que a região pode oferecer em termos de especialidade do espaço-cultural. (*apud* CALLIZO, 1991)

Nessa última fase, Miossec parece se inspirar nos estudos de Plog (1973) como já discutido no item 2 da parte I. Esse autor parte da análise de motivações e identifica a personalidade de dois diferentes tipos de turista: os psicocêntricos e os alocêntricos, estes últimos responsáveis pela “descoberta” de destinos turísticos. Essa semelhança é observada por Pearce (2003) quando afirma que Miossec

“[...] sugere ser o próprio turismo, e não as atrações originais, que no momento estão atraindo visitantes para a área. Essa mudança de caráter induz alguns turistas a migrar para outras áreas de maneira semelhante à sugerida por Plog”. (p.52).

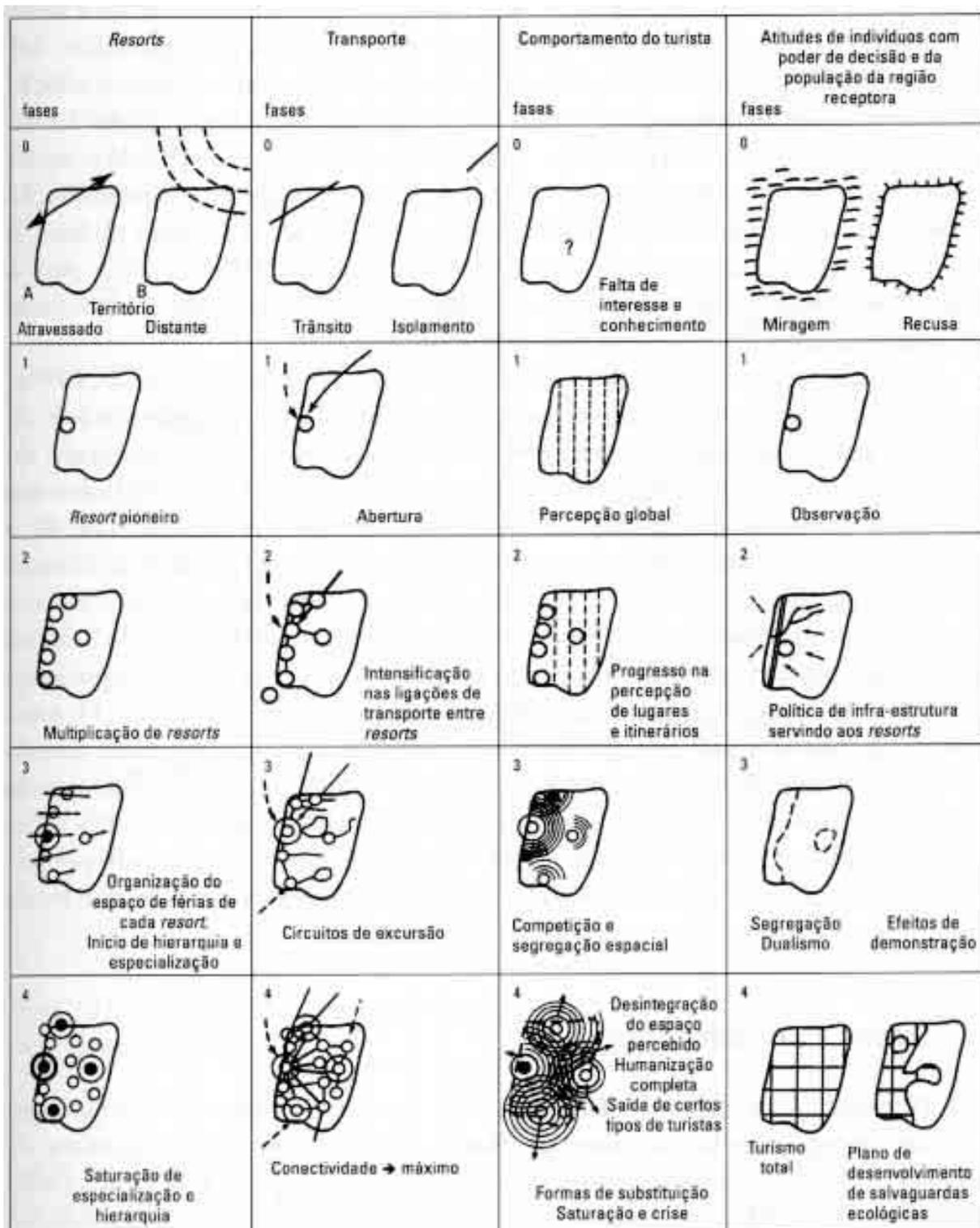


FIGURA 6: Modelo 2 de desenvolvimento turístico de Miossec (1977)
 Fonte: *Apud* Pearce, 2003, p.51.

O modelo 2 (evolucionário) formulado por Miossec nos parece mais abrangente que os demais a serem apresentados, incluindo aspectos novos, como as mudanças ocorridas nas instalações (*resorts* e rede de transportes), mudanças no comportamento e atitudes dos turistas, dos executivos de empresas locais com poder de decisão e das populações hospedeiras. Dito de outro modo, Miossec propõe um novo olhar epistêmico sob a ótica da abordagem pluriparadigmática sobre o espaço do turismo, ao incorporar em seus modelos evolucionários (FIG.5 e 6) referenciais teóricos neopositivistas da Nova Geografia e os aportes oferecidos pela fenomenologia na leitura espacial sob a ótica da geografia Humanista.

Puxando o fio norteador dos postulados desenvolvidos por Von Thünen e Weber, e posteriormente, retomados e ampliados sob a ótica do turismo por Christaller, Yokeno e Miossec, a vez agora é de Greer e Wall usarem o critério “mudanças no volume de viagens turísticas”, inspirado nas zonas concêntricas que circundam as cidades, em seu modelo de distribuição de usos recreativos, conforme FIG.7. A interação entre oferta e demanda defendida por esses geógrafos é comentada por Pearce (2003). Neste caso, argumenta ele, enquanto a demanda pode variar inversamente ao aumento da distância em relação à cidade, as ofertas recreativas e de férias aumentarão geometricamente “na medida em que cada unidade seguinte dá acesso a áreas de terra cada vez maiores” (*apud* PEARCE, 2003, p.32).

Assim, oferta e demanda produzem um pique de “cone de visitação” nas proximidades do centro gerador, como mostra a FIG. 7. Nela, pode-se observar a manutenção do conceito de “zonas sucessivas”, embora seja rejeitada a noção de declínio-distância como simples função no interior de cada zona.

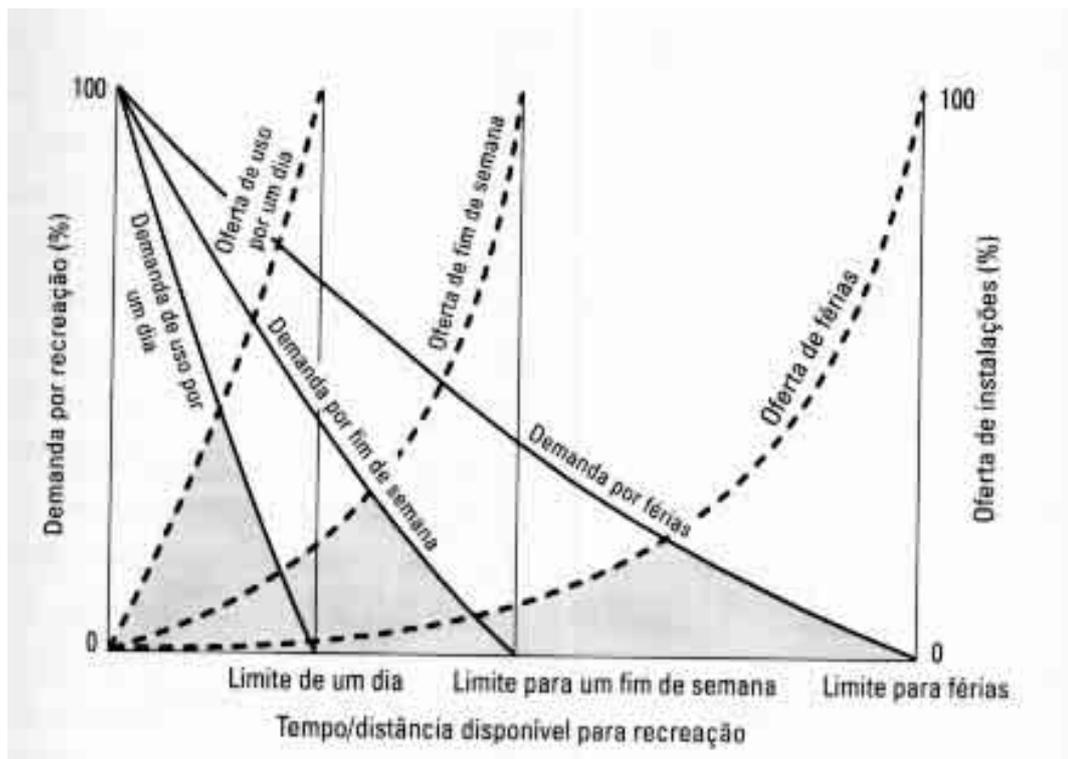


FIGURA 7: Distribuição de usos recreativos em Greer e Wall
 Fonte: *Apud* Pearce, 2003, p. 33

Passemos à análise de modelos neopositivistas de fluxos turísticos começando com o proposto por Mariot, datado de 1969. O próprio Pearce (2003) afiança que, para desenvolver esse modelo, Mariot inspirou suas pesquisas no modelo espacial de Campbell, datado de 1967 que, por sua vez, mostra as diferentes possibilidades de movimento de turistas fora de um centro urbano. Campbell teria seu modelo confirmado mais tarde pela pesquisa de Rajotte, datada de 1975 acerca dos “Padrões de movimento em Quebec”.

Voltando à análise do modelo desenvolvido por Mariot, ele apresenta três rotas que vinculam o lugar de residência permanente (origem ou centro emissor) a um centro turístico (destino ou centro receptor). São elas: a rota de acesso, a rota de retorno e a rota recreativa. As duas primeiras indicam

uma ligação direta entre origem e destino, que pode, ou não, ser a mesma (*apud* Pearce, 2003). A rota recreativa tem implícita a idéia de excursão, pois no percurso entre origem → destino é possível visitar diversos lugares, como indica o esquema da FIG. 8.



FIGURA 8: Modelo de Mariot para fluxos turísticos entre duas localidades.
Fonte: *Apud* Pearce, 2003, p.30

Como dissemos anteriormente, a idéia de excursão, em Mariot, foi inspirada no modelo de viagem excursionista e recreativa de Campbell. O seu modelo (FIG.9.) indica a existência de, pelo menos, três movimentos a partir de um centro urbano.

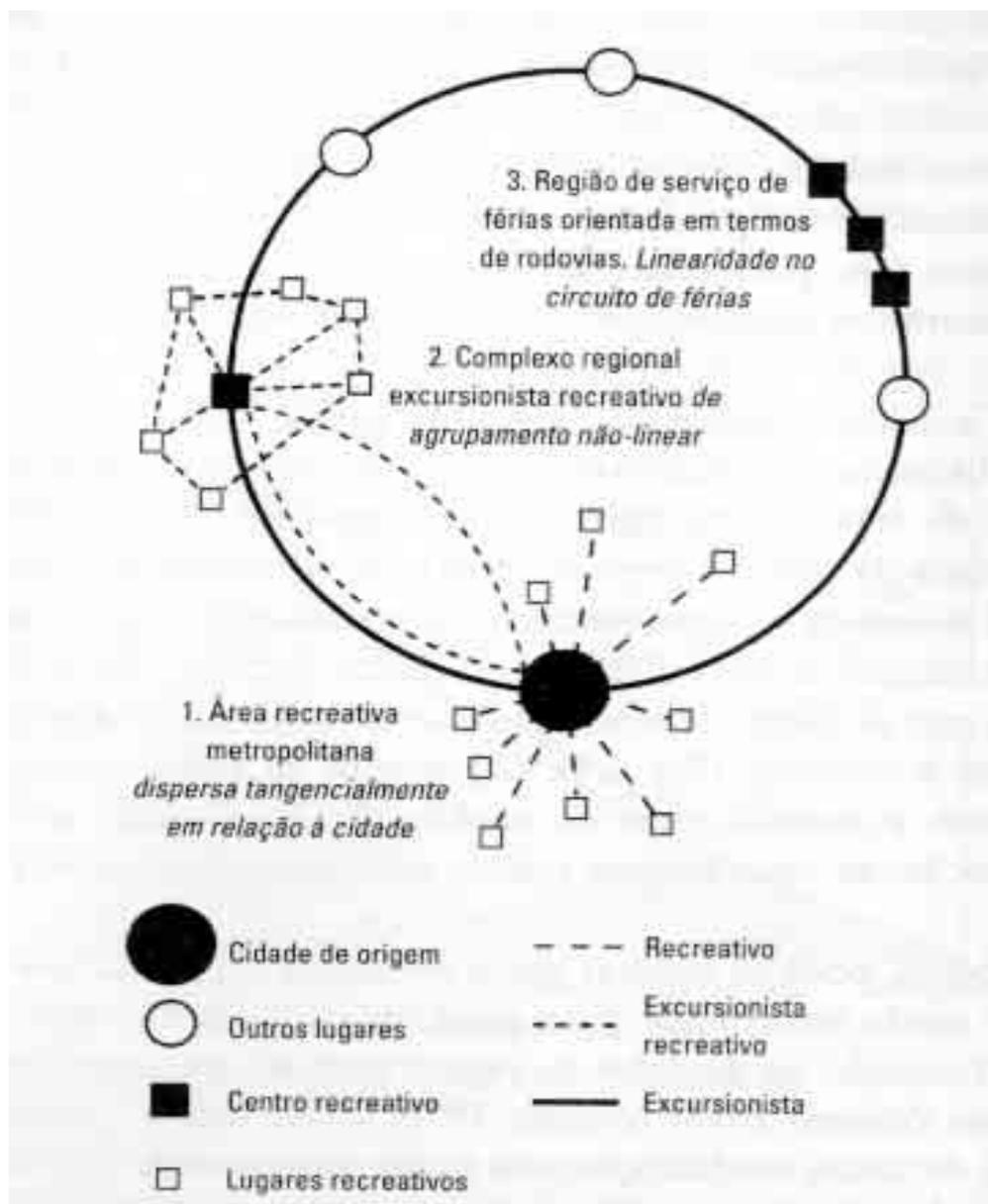


FIGURA 9: Modelo de Campbell de viagem recreativa e excursionista.
 Fonte: *Apud* Pearce, 2003, p.31

O movimento 1 de difusão radial a partir da cidade, a que chamaremos “grupo recreativo”, tem no lazer a motivação da viagem. O movimento 2 ou “grupo excursionista” tem seu interesse no percurso em si e nas diversas paradas durante o passeio fora da cidade. O movimento 3, linear e orientado pelo eixo rodoviário, é o grupo intermediário ou “excursionista recreativo”. Ele

tem elementos dos dois fluxos anteriores e realiza viagens curtas a partir de uma base regional. A contribuição do modelo de Campbell está em favorecer a análise dos padrões de fluxo do turista.

Os modelos neopositivistas de origem-destino incluem um dado novo: a maior parte dos lugares são, ao mesmo tempo, origem e destino turístico. Isso equivale dizer que têm uma função duplamente geradora e receptora. Esta interação recíproca é analisada pelos modelos de Thurot, Pearce e Lundgren Segundo Pearce (2003), a contribuição do modelo do sociólogo Thurot, originalmente usado para mensurar a capacidade de carga, contribui por conceitualizar os diferentes níveis de fluxos turísticos (nacional e internacional) e estruturas espaciais, conforme FIG.10.

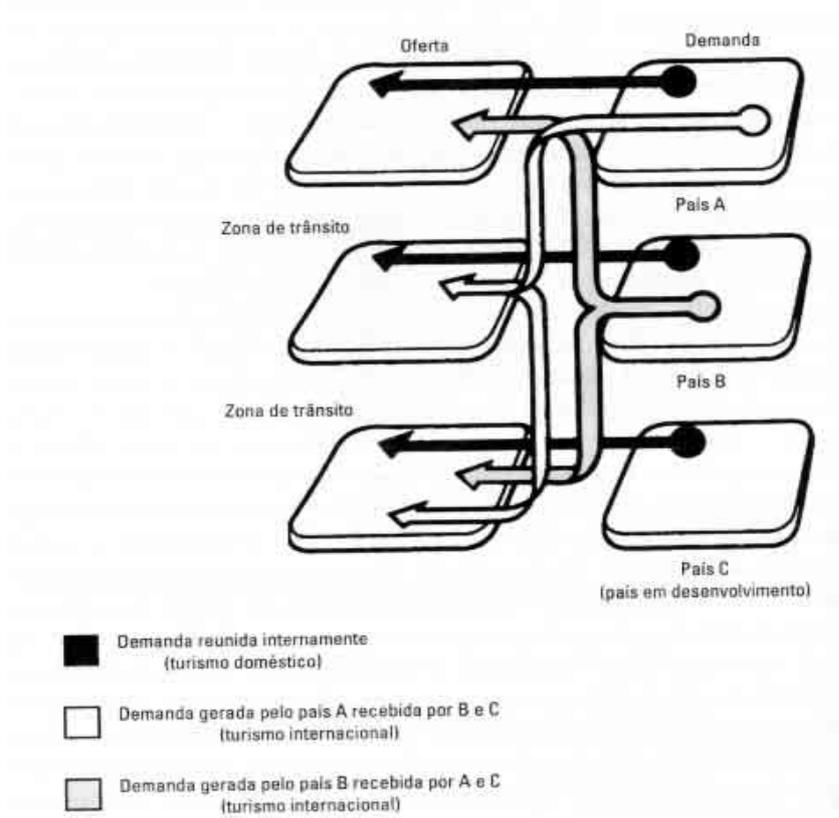


FIGURA 10: Representação esquemática de oferta e demanda de turismo doméstico e internacional em uma série de países.

Fonte: *Apud* Pearce, 2003, p.36

Conforme se observa na FIG.10, são três sistemas nacionais representados pelas letras A, B e C em que se distinguem oferta/demanda de turismo doméstico/turismo internacional. Observa-se que parte da demanda gerada pelo país **B** é recebida por **A** e **C**; e a demanda gerada pelo país **A** é distribuída por **B** e **C**. O país **C** (em desenvolvimento) não gera uma demanda internacional suficiente a não ser para a elite do país, embora possa ter turismo doméstico e receber turistas internacionais de **A** e **B**. Thurot coloca uma zona de trânsito entre os países **A**, **B** e **C**.

Pearce afiança que Lundgren, em suas pesquisas, concentra sua atenção no papel das localidades enquanto destinos turísticos. No modelo, ele cria uma “hierarquia de circulação de viagem” com base em uma série de características definidoras dos destinos, tais como: graus de atração mútua de viagem; centralidade geográfica; atrações do lugar geográfico e oferta de serviços demandados pelo turista com base na economia local ou regional. A partir daí, Lundgren identifica quatro destinos turísticos:

1. Destinos metropolitanos de localização central com elevado volume de tráfego recíproco que atuam como área geradora e como destino principal. Incluem centros metropolitanos de primeira grandeza, bem integrados nas redes de transportes internacional e transcontinental.
2. Destinos urbanos periféricos com populações mais reduzidas, menor importância em sua função de centro e com tendência maior para receber do que gerar turistas.
3. Destinos rurais periféricos, de caráter menos nodal, dependentes de um ambiente geograficamente mais amplo e passível de atrair visitantes com uma combinação de características paisagísticas. Uma vez que a população dessas áreas costuma ser reduzida e dispersa, resulta daí, freqüentemente, um forte recebimento de turistas com ínfima geração.

4. Destinos de ambiente natural geralmente bastante distantes das áreas geradoras, muito esparsamente povoados e freqüentemente sujeitos às políticas administrativas rigorosas, como no caso de parques nacionais e regionais, e outras reservas. (*apud* Pearce, 2003: p. 37-8)

Conforme FIG.11, a seguir, Lundgren desenvolve o seu “modelo conceitual do espaço de destino turístico” em que mostra a interação horizontal entre os centros urbanos do sul do Canadá e as ligações verticais com o interior canadense.

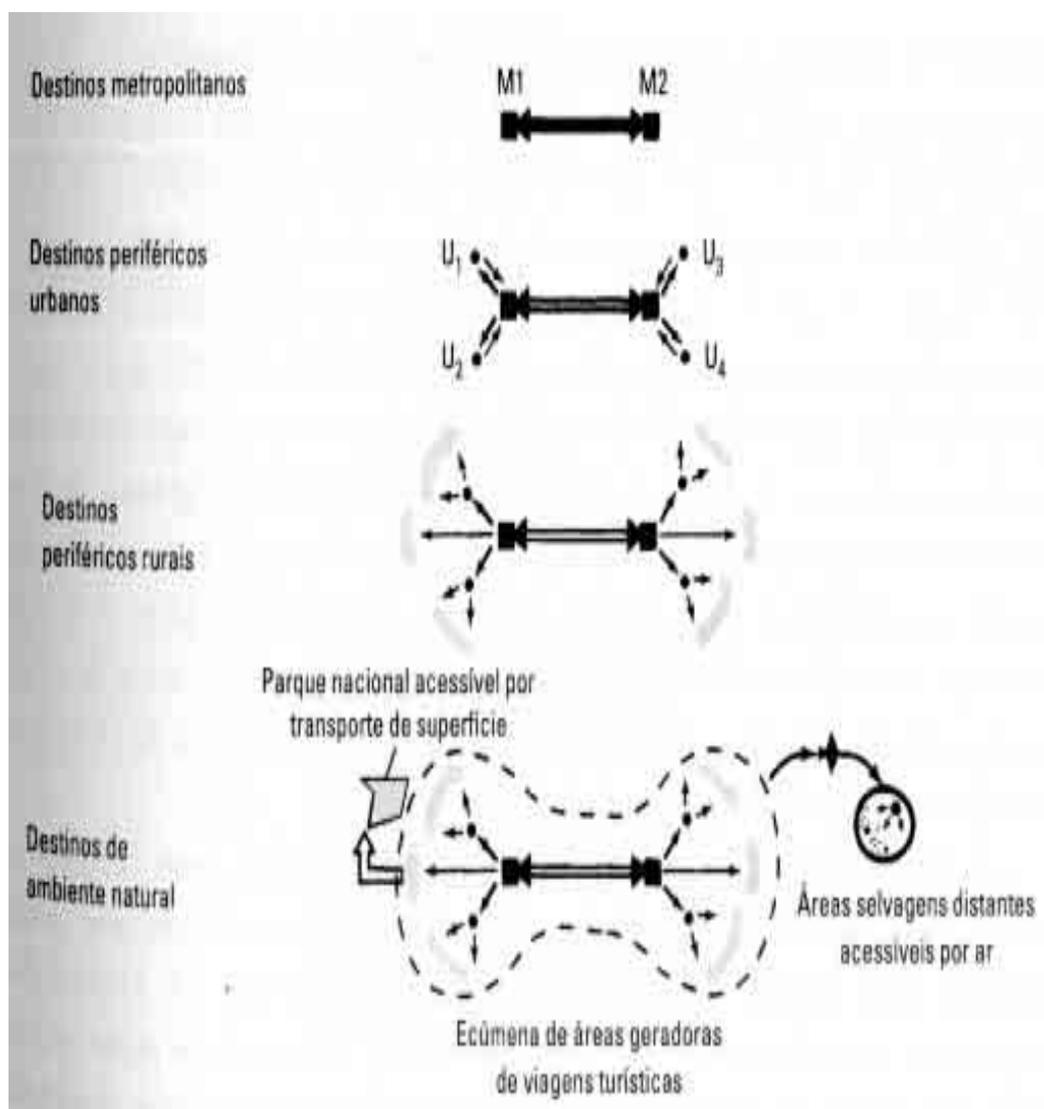


FIGURA 11: Hierarquia espacial de fluxos de turistas
Fonte: *Apud* Pearce, 2003, p.37

Pearce, em seu modelo datado de 1981, analisa funções, simultaneamente, geradoras e receptoras das áreas urbanas e seus fluxos associados. Desse modo, as cidades, sobretudo os grandes centros, passam a desempenhar vários papéis, como de fontes de turistas, de destinos turísticos, de tráfego turístico (parada regional e excursões para áreas circundantes). Como os fluxos podem ser classificados pela duração da viagem e pela distância percorrida, é possível identificar várias zonas concêntricas em torno delas, conforme FIG. 12.

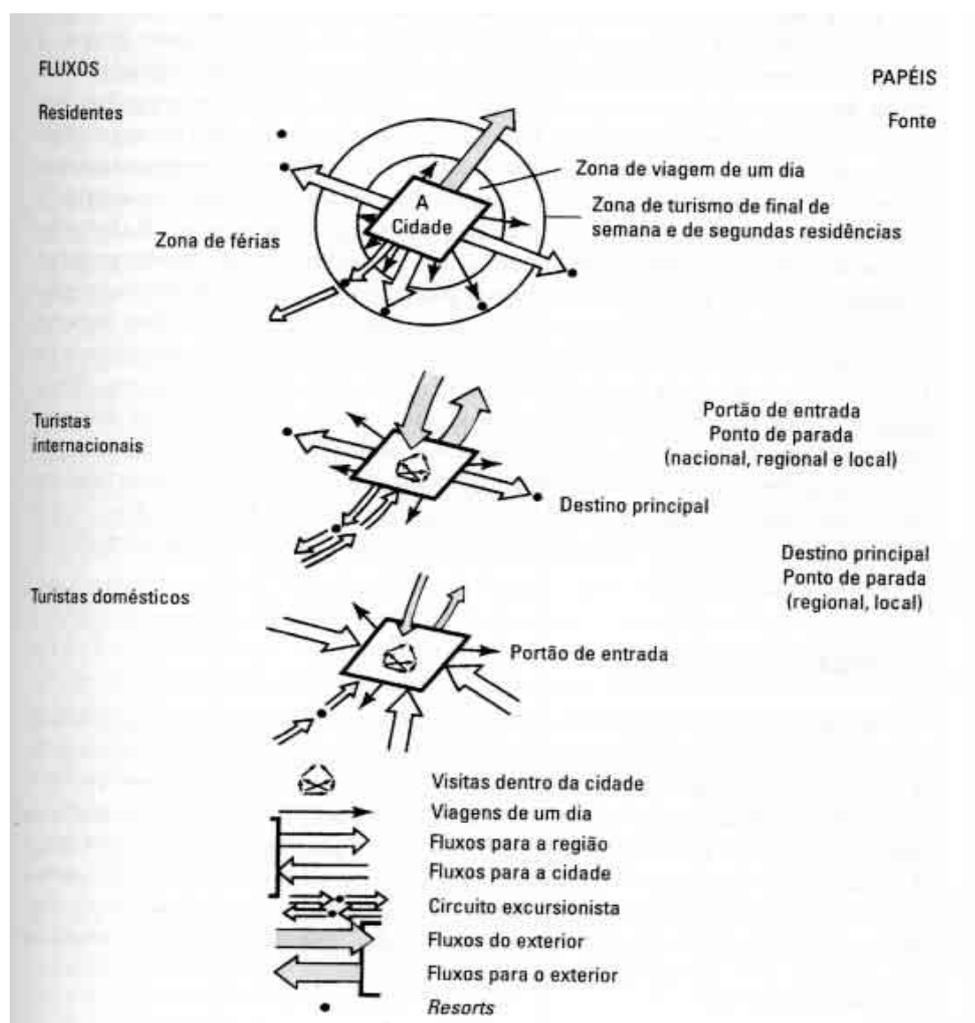


FIGURA 12: Representação esquemática de fluxos turísticos de e para áreas urbanas importantes
 Fonte: *Apud* Pearce, 2003, p. 39

Seu modelo mostra os fluxos turísticos de e para áreas urbanas importantes e reconhece que essa função da cidade já foi anteriormente estudada por Yokeno, Mercer, Rajotte e Ruppert.

Segundo Pearce (2003), os modelos estruturais entre origem e destino desenvolvidos por Lundgren, Hills e Lundgren, Britton e Cazes examinam o impacto do turismo internacional em países periféricos. Esses autores apresentam traços em comum, cujo padrão básico encontra-se no esquema de Britton, FIG.13.

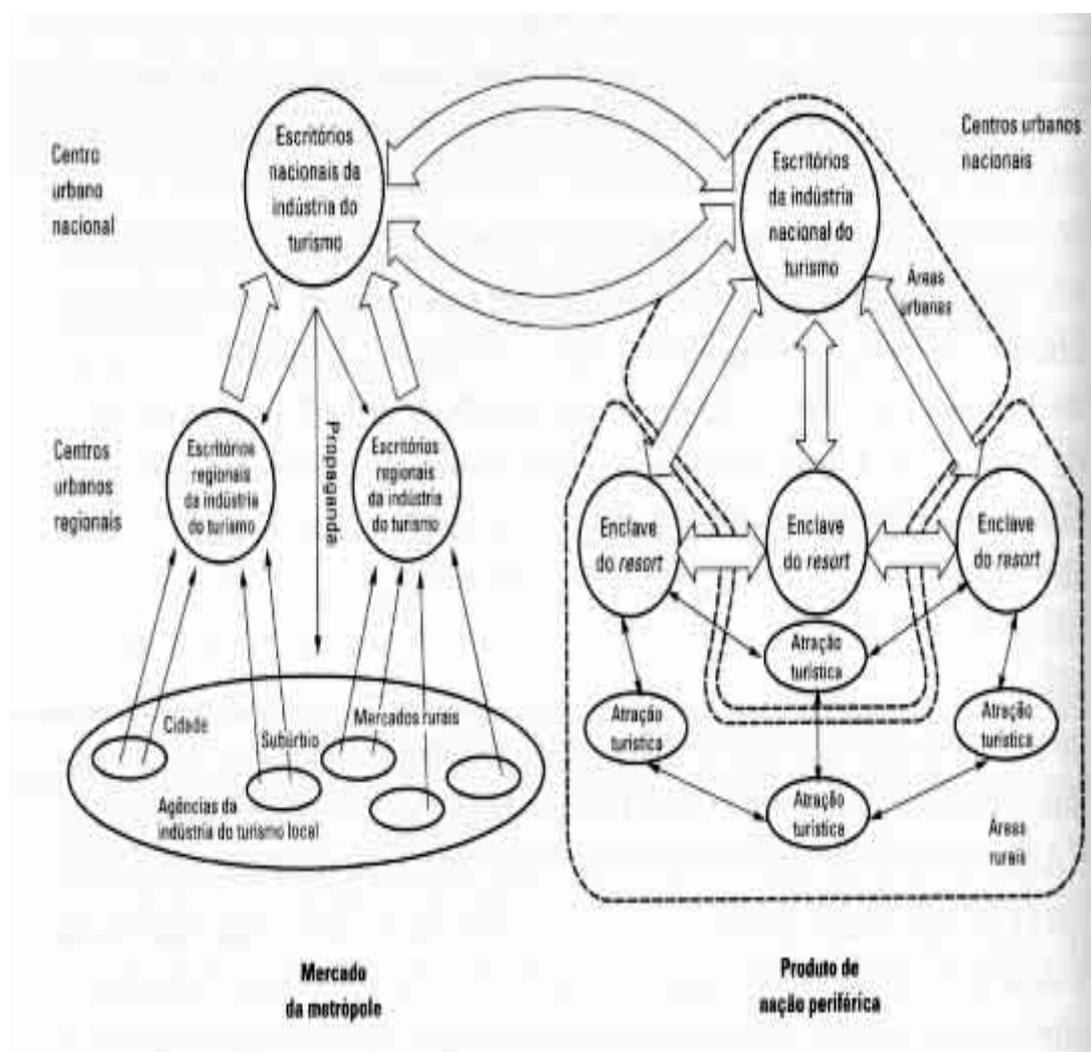


FIGURA 13: Modelo de enclave turístico em uma economia periférica.
Fonte: *Apud* Pearce, 2003, p.42

Segundo Pearce, esse modelo de Britton tem sua origem “no controle exercido por empresas multinacionais com base em regiões metropolitanas sobre a indústria internacional do turismo” e afirma que Lundgren sugere que essas relações

“são basicamente uma função da superioridade tecnológica e econômica do gerador de viagens, de áreas em sua condição de núcleo metropolitano e da disposição das áreas de destino em adotar valores e soluções metropolitanos com o intuito de satisfazer as diferentes demandas dos viajantes metropolitanos”. (*apud* PEARCE, 2003: p.41)

Por sua vez, Cazes e Britton enfocam o papel do “sistema comercial multinacional” no que respeita ao fomento do tráfego turístico para os países periféricos. Cazes também discute as promessas de instituições multinacionais (BIRD, OMT, OIT, OCDE) na difusão da crença de aumento de renda em moeda estrangeira, redução de desequilíbrios regionais e criação de novos postos de trabalho. Segundo ele, o que se tem verificado são benefícios quase sempre ilusórios e superestimados. A infra-estrutura construída (enclaves de *resort*, por exemplo) não favorece uma interação com o ambiente e a sociedade local. Esse fato é constatado por Cruz em relação às políticas regionais de turismo no Nordeste brasileiro que, ao desconsiderar a realidades locais, cria “territórios homogeneizados pela obediência a um modelo internacional de urbanização turística do litoral, calcado na concentração do equipamento e na segregação espacial de turistas e residentes” (1997, p.216).

O turismo, a partir dos anos 50 do século XX, pela série de razões já discutidas na parte I, tomou as feições de um turismo de massa. No mundo globalizado, em que as vantagens competitivas se baseiam na diferença entre os lugares, impondo-lhes o que Fonseca (2004) conceitua como *diferenciação espacial*, novas espacialidades e territorialidades resultam em

mudanças nas estruturas do espaço turístico. Essas mudanças são analisadas por Furtado (2005) tendo como foco Natal-RN. Confirmando Cruz (1999), a autora atribui essa nova realidade às relações público-privadas, responsáveis pela remodelação de áreas antigas da cidade para que a atividade turística delas se apropriem num processo de (re) qualificação espacial. O produto em processo é a fragmentação do tecido urbano. Esta se revela tanto nos indicadores de natureza social e econômica, quanto sob a ótica de uma nova paisagem urbana retratada pelas formas de ocupação do espaço pelas elites locais e pelo setor de serviços: são os bairros de status e as áreas selecionadas como de maior capacidade de resposta ao capital.

Pesquisadores da abordagem geográfica do turismo, atentos a esse movimento, propõem modelos evolucionários para interpretação da realidade dos espaços turísticos. É o caso de Turner e Ash que em seu modelo criaram o conceito de “periferia do prazer”. Para eles

“essa periferia tem diversas dimensões mas é mais bem concebida geograficamente como cinturão turístico que cerca as grandes zonas industrializadas do mundo. Normalmente ela se situa entre duas e quatro horas de vôo dos grandes centros urbanos, indo às vezes do oeste para o leste, mas geralmente em direção à linha do Equador e ao sol.” (*apud* PEARCE 2003, p.43)

No modelo proposto, eles concluem que os destinos turísticos passam por três fases sucessivas:

“Fase 1: descoberta por turistas ricos e construção de hotel de classe internacional.

Fase 2: desenvolvimento de hotéis de ‘classe média alta’ (e expansão do tráfego turístico).

Fase 3: perda do valor original para novos destinos e chegada do turismo classe média e de massa” . (*apud* PEARCE, 2003, p.43)

A evolução dos espaços turísticos tem sido uma preocupação epistêmica de vários geógrafos estudiosos da zona de interceção da Geografia com o Turismo, tais como: Meyer-Arendt (1985) *The Grand Isle, Louisiana resort Cycle*; Strapp (1988) *The resort cycle and second homes*; Cooper e Jackson (1989) *Destination life cycle: the Isle of Man case study*; Debbage (1990) *Oligopoly and the resort cycle in the Bahamas*; Kermath e Thomas, (1992) *Spatial dynamics of resorts, Sósua, Dominican Republic*.

Dos modelos evolucionários, o mais amplamente difundido e testado é o do canadense Butler. Ele parte da conceitualização do “Ciclo de vida de área turística” argumentando que “pouca dúvida pode haver de que as áreas turísticas são dinâmicas, de que evoluem com o tempo” (*apud* PEARCE, 2003, p.47).

Referenciando-se em Plog, Stansfield e Noronha, a partir do conceito de ciclo de vida do produto, Butler cria um modelo (FIG.14.) em que apresenta uma hipotética seqüência evolucionária de uma área turística em seis estágios: exploração, envolvimento, desenvolvimento, consolidação, estagnação e rejuvenescimento ou declínio.

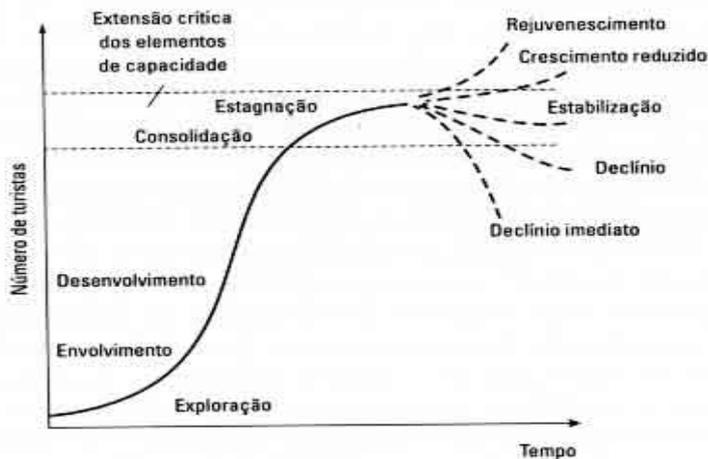


FIGURA 14: Modelo de Butler para a evolução hipotética de uma área turística.
Fonte: *Apud* Pearce, 2003, p.48

Uma crítica a esse modelo, atribuída ao próprio Butler, é a permanência da análise em nível descritivo, deixando de explorar algumas das implicações de sua seqüência evolucionária. Pearce chama a atenção para esse fato, ao dizer que “não deveríamos nos limitar a identificar padrões de movimento ou de relações espaciais, mas procurar explicá-los” (2003, p.42).

O modelo de Butler ao longo do tempo encontrou alguns contestadores quanto ao seu valor como prognóstico (HAYWOOD, 1986; COOPER e JACKSON, 1989). Indo mais além em sua análise, Choy sugere:

“Melhor do que usar o modelo de Butler para descrever a evolução de um destino turístico é tratar cada um deles individualmente, como entidade única e não passível de ser pré-condicionada pela conceitualização de padrões de crescimentos futuros e alternativos” (*apud* PEARCE 2003, p.49).

A crítica de Rodrigues (1998) chama a atenção para o fato de Butler referir-se ao ciclo de vida do turismo e não ao espaço do turismo.

Um dos últimos trabalhos relevantes sob a ótica da abordagem pluriparadigmática é o de Oppermann, datados de 1992 e 1993. Segundo Pearce (2003) esse autor combina o neopositivismo com elementos da estrutura espacial do segundo modelo de Miossec em que realça o papel e o comportamento de diferentes grupos de turistas para estudar o espaço turístico dos países em desenvolvimento.

Diferentemente de Miossec e dos demais, Oppermann reconhece a influência de estruturas pré-turísticas, evidencia o papel da capital, que normalmente conta com o aeroporto internacional, cuja influência se estende para as regiões costeiras e arredores que apresentam alguma atratividade especial e

ainda identifica os padrões espaciais dos setores informal e formal²² e seu peso na economia local.

Um modelo de espaço turístico na perspectiva dessa abordagem que se apresenta distinto dos demais é o elaborado pelo geógrafo francês Chadeaud (1987). Sua singularidade reside no fato de propor uma análise do espaço turístico valendo-se de uma fundamentação teórica tida como conflitante, ao reunir materialismo dialético, historicismo e teoria comportamental e análise sociológica para explicar a produção social do espaço turístico.

Em artigo intitulado “El espacio turístico de Chadeaud, um entrevero teórico: del historicismo al materialismo dialéctico y el sistemismo behaviourista”, Callizo escreve:

“El modelo teórico construído por el geógrafo francés Michel Chadeaud, en la que es su tesis de estado póstuma, plantea una “explication” del espacio turístico como expresión de la relación dialéctica que entre clases dominantes y clases dominadas, se establece a partir de los mecanismos de emulación “mito-producto turístico”, o lo que es lo mismo, entre la demanda y la oferta. Un modelo marxista, pero también sistémico-behaviourista, no exento de reminiscencias del mejor historicismo francés.”(1989, p.37-44)

Segundo Chadeaud (1987), as sociedades industriais acham-se divididas em “classes dominantes” e “classes dominadas”. Desse modo, as principais crenças e idéias dessas sociedades emanam exatamente das classes que

²² O reconhecimento de dois circuitos (superior-formal e inferior-informal) na economia urbana dos países em desenvolvimento/subdesenvolvidos foi estudado pela primeira vez por SANTOS, Milton. In: *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. Tradução de Myrna T.Rego Viana. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. Título original: *L'espace partagé. Les deux circuits de l'économie urbaine des pays sous-développés*, 1978. O autor, no entanto, não se refere a ela.

têm o controle dos poderes econômicos, religiosos, jurídicos, constituindo uma “ideologia dominante” que impregna as atividades e os comportamentos humanos em suas práticas sociais. Por exemplo, o termalismo, o banho de mar, o bronzear-se são atividades articuladas pela classe dominante e transformam-se em demanda social. Tal demanda, mesclada de componentes em nível objetivo e subjetivo, canalizam percepções feitas através de imagens, discursos, mensagens que esse autor denomina “representações”. São elas que podem adquirir o poder de um **mito** que serve de referência ao modelo para as classes dominantes:

“Et nous dirons qu’un mythe est constitué d’un ensemble de représentations mentales nées de textes, d’iconographies, de photographies, de paroles envolées..., d’un agrégat de messages composant tout un système de communication.” (CHADEFAUD, 1987, p.18)

O mito, enquanto mantém seu poder e seu uso, não é contestado ou substituído por outros mitos colocados na moda. Ele guarda as representações que alimentam uma demanda social em expansão. Através dessa lógica Chadeaud chega ao conceito de “produto” turístico que estaria articulado sobre o tripé hospedagem, transporte e lazer.

O esquema teórico de Chadeaud tem por base uma interação sistêmica entre a demanda social (o mito), a oferta (o produto turístico) e o espaço como projeção da sociedade global, conforme mostra a FIG.15.

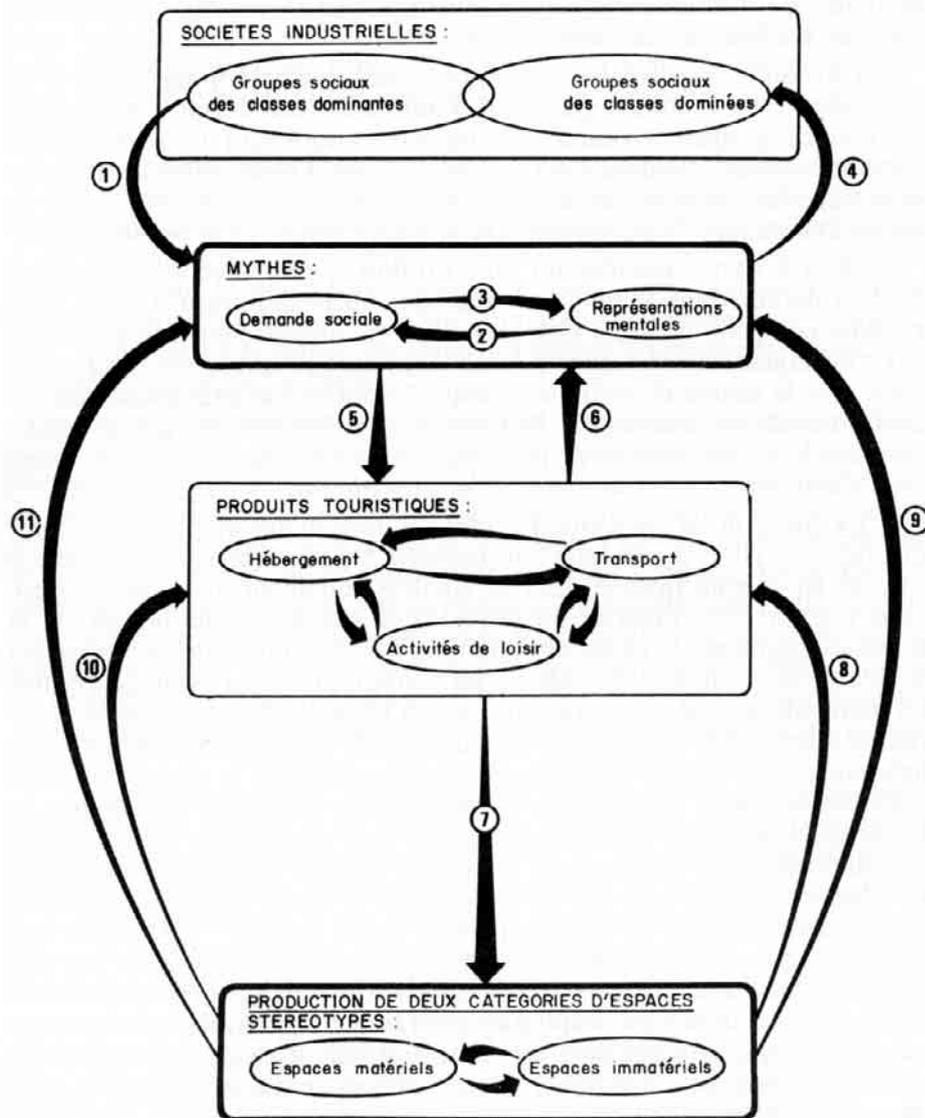


FIGURA 15: O espaço turístico de Chadeffaud (Do mito ao espaço).
 Fonte: Chadeffaud (1987, p.17).

Para Chadeffaud é o impacto espacial de um produto que dá origem à “produção do espaço” e considera essa nova “formação socioespacial” constituída dos produtos espaciais, quais sejam os espaços materiais construídos, ordenados, acondicionados (alojamentos, transporte e equipamentos de lazer) e os espaços imateriais que são as paisagens

transformadas em imagens e usadas para promoção turística aplicada sobre o espaço material. Ao se referir ao “espaço estereotipado”, ele levanta a hipótese de que um espaço turístico considerado na acepção material e imaterial representa a projeção no espaço e no tempo dos ideais e mitos da sociedade global. Desse modo, a função turística pode conceder uma situação econômica privilegiada a um determinado lugar.

Nessa perspectiva, o espaço turístico não é apenas uma consequência ou expressão espacial do produto turístico. É um feedback sobre o próprio produto turístico e sobre a demanda social conformada pelo mito: o espaço turístico – material e imaterial – que intervém na oferta turística, alimenta o desenvolvimento do mito, a demanda social e fecha o sistema, como mostrou a FIG. 15.

Chadefaud também formulou seu modelo de evolução do espaço turístico, apresentado na FIG.16.

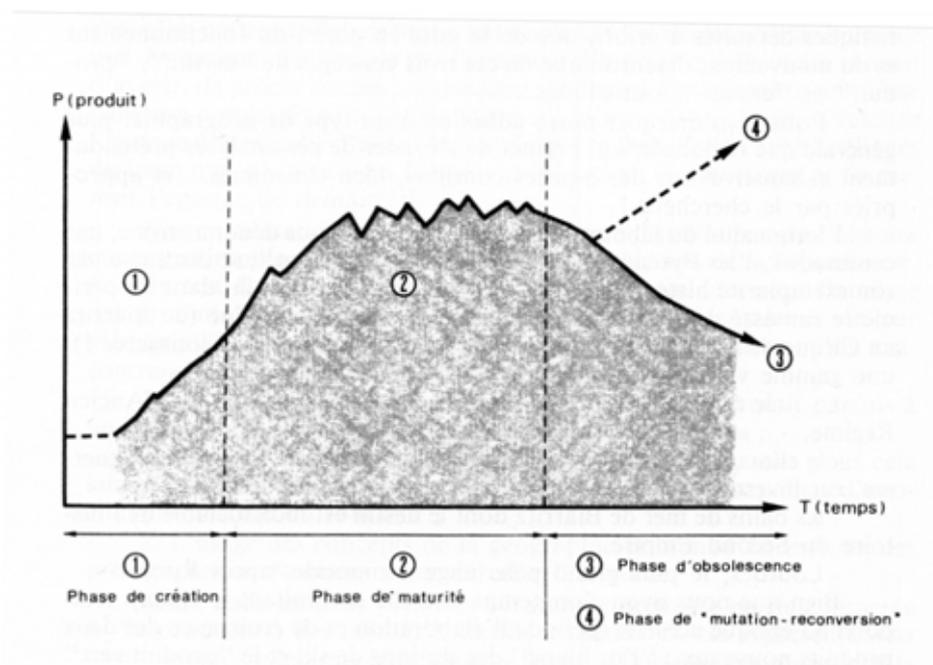


FIGURA 16: Diacronia de um produto turístico.
Fonte: Chadefaud (1987, p.21).

O autor trata da dimensão diacrônica de um produto turístico considerando-o como um bem não durável, cuja vida se decompõe em três grandes momentos, a saber:

-A fase de criação do produto em que se localizam no espaço os primeiros elementos do binômio “mito-produto”. É nesse momento que é gerada uma oferta imaterial através das representações mentais dirigidas a uma clientela potencial que impulsionará a oferta material (hospedagem, equipamentos, transportes).

-A fase de maturidade do produto caracterizada por sua expansão e consolidação de uma estrutura material. Não é uma fase homogênea pois nela irão ocorrer momentos de crescimento e de recessão.

-A fase de obsolescência do produto, em que se apresentam diversas alterações que indicam o declínio da demanda, tais como: o aparecimento de novos mitos, a mudança de necessidades, a inadequação entre oferta e demanda e alojamentos inadequados. Esse declínio faz parte de um processo de desmitificação. A estrutura funcional se rompe.

Chadefaud coloca como incógnita a reconversão-mutação do produto, uma vez que alguns deles podem conhecer um processo de reconversão, ou seja, cria-se um outro mito que justifique um produto novo.

Callizo (1991), ao avaliar a proposta teórica de Chadefaud, aponta como mérito a busca de novas explicações, não se limitando à observação das regularidades como campo de conhecimento defendido pelo neopositivismo. E, ao contrário de Miossec, Chadefaud parece colocar o espaço em posição secundária, quando não o omite, porque na abordagem explicativa marxista o

foco desloca-se para a causalidade histórica e econômica (COSTA GOMES, 1996). A ênfase recai, então, sobre o produto turístico enquanto mercadoria e toma a sociologia como chave explicativa da conformação da demanda. Assim sendo, o espaço se reduz a um mero suporte ou projeção das relações de classe.

Ao enfeixarmos esse item consideramos que o turismo, como uma abordagem recente em Geografia, não tem ainda um conhecimento suficientemente sistematizado, uma vez que as pesquisas empíricas e as reflexões teóricas acerca do espaço turístico remontam aos anos 50 do século XX. No entanto, reconhecemos uma relação dialógica ao analisar os modelos dos pesquisadores consultados. Constatamos a preocupação em rastrear as contribuições de seus pares, confirmar as hipóteses de trabalho ou refutá-las, tomá-las como referência essencial em novos estudos e pesquisas. Esses pesquisadores ousaram romper com uma ciência neopositivista ao tecer diferentes posturas filosóficas e políticas que contribuem para o avanço histórico-disciplinar do que se tem convencionado denominar abordagem geográfica do turismo.

Por fim, esse *tour* epistemológico em torno da abordagem geográfica do turismo, deixa a descoberto o esforço intelectual de um elenco de geógrafos de nacionalidades diversas que, portando diferentes referenciais teórico-metodológicos, marcaram a pesquisa geográfica ao longo do século XX. Com ênfase, ora nos processos de desenvolvimento e organização espacial, ora nos seus impactos, eles construíram referências essenciais para a elaboração de novas postulações sobre o espaço turístico que por sua vez oferecem subsídios às políticas de ordenamento, planejamento e gestão da atividade.

3 - DESAFIOS NA CAMINHADA DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NA ABORDAGEM GEOGRÁFICA DO TURISMO

O fenômeno turístico tem despertado o interesse do geógrafo desde o século XIX. A teorização do espaço turístico ganha esforço de teorização a partir dos anos 50 do século XX. Não têm sido poucos os desafios para incorporar essa temática ao campo dos estudos geográficos. É possível encontrar menção sobre esse fato em clássicos como Kohl (1808-1850), Hettner (1859-1941) e Hassert (1866-1947) que encontravam dificuldades “para incluir dentro de su campo el estudio de lo que antaño se conocía exclusivamente como el fenómeno turístico” (LUIZ GÓMEZ, 1988, p.79).

Por um lado, parece persistir preconceito por parte de alguns geógrafos em nível internacional, e até no interior da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), em relação à pesquisa desse fenômeno de dimensão geográfica (SAMOLEWITZ, 1960; MITCHELL, 1979; LUIZ GÓMEZ, 1988; VERA: 1997; RODRIGUES, 2001).

Por outro lado, parece existir um descabido rigor epistemológico entre alguns dos geógrafos que se ocupam em investigar esse fenômeno, mesmo levando-se em conta o processo ainda embrionário de sua teorização. (CALLIZO: 1991; PEARCE: 2003)

Parece existir unanimidade acerca da falta de um corpo coeso e satisfatório de uma teoria do espaço turístico, apesar de todo o esforço de conceitualização dos estudiosos. Pesquisadores espanhóis clamam por falta de fundamentação teórica nas investigações geográficas sobre o tema, razão de ser da crescente insatisfação por parte de quem produz esse conhecimento, com a correspondente crítica ao excesso de descritivismo e empirismo. (LUIZ GÓMEZ, 1988; CALLIZO, 1991). Valenzuela, por sua vez,

refere-se à fraqueza da reflexão conceitual dos trabalhos na abordagem geográfica do turismo na Espanha (*apud* RODRIGUES,1998).

Britton destaca a relutância por parte de geógrafos em reconhecer a natureza capitalista global do fenômeno. Stabler, economista, considera os modelos geográficos do espaço turístico “insuficientemente integrados” ao não incorporarem turista e atividade turística no contexto espacial, além de carecer de base econômica e de administração de marketing (*apud* CALLIZO, 1991).

Miossec, indo além em sua crítica, afirma que

“La literatura sobre el tema [el turismo], por otra parte, ha estado plagada de análisis medíocres, colecciones de estadísticas, pernoctas, camas, turistas, consideraciones sobre la vocación turística de un lugar, etc. Cosas, todas, que no guardan sino una relación lejana con la geografía del turismo” (*apud* CALLIZO, 1991:159)

Callizo, contrário ao pluriparadigmatismo, considera ainda insatisfatória a sistematização de uma abordagem geográfica do turismo, dada a coexistência, na Geografia Humana, de vários enfoques com objetos e propostas metodológicas diferenciadas. O autor se reporta às tendências relacionadas à tradição clássica, ao neopositivismo, ao behaviorismo neopositivista e ao radicalismo não-isento de influências comportamentais e refere-se a

“[...] un cierto rechazo del reduccionismo y formalismo neopositivistas, la denuncia de la falacia positivista de considerar los distintos comportamientos espaciales como la expresión concreta de las necesidades reales de determinados grupos humanos em el campo do ócio” [...] (1991, p.24).

Transpor todas as fronteiras, transitar livremente pelas ciências humanas eis um dos grandes desafios posto por Barbaza já em 1988 e ainda reafirmado por Hiernaux (1999):

“Una geografía del turismo debería por principio, basar-se em los aportes suntuosos de otras disciplinas sin miedo a per su sentido geográfico. Es justamente en la fusión de disciplinas que poderemos dar su rol a una geografía del turismo, ya que ésta debe basar-se em temas como el imaginário, las prácticas sociales, los patrones de consumo, las formas e las imagines, entre otros tópicos. La economía puede ser inserta em este conjunto eludiendo las tensiones hegemônicas que su simples presencia distila”. (1999, p.50)

Existirá, na atualidade, fadiga ou estagnação na busca por novas abordagens geográficas do turismo, como querem fazer acreditar alguns geógrafos europeus? Rodrigues²³ é de opinião que,

“O fato do conhecimento não avançar, isto não se restringe só ao turismo, mas à Geografia como um todo, independente da temática. Isto, inclusive, não é só no Brasil. Continuo achando que o conhecimento tem que ser transdisciplinar, não se fechando em compartimentos estanques. Portanto, insistir numa Geografia do Turismo é retroceder. E viva Milton Santos que transpôs todas as fronteiras, transitando livremente por todas as disciplinas.” (2006)

“A riqueza do pensamento geográfico reside na sua própria pluralidade de enfoques”, afirma Mendonça (2004). É na esteira da postura epistemológica desse geógrafo brasileiro que aproximaremos nosso olhar na nascente caminhada pela produção do conhecimento na abordagem geográfica do turismo no Brasil. Tomamos como matéria-prima dissertações e teses defendidas no período compreendido entre 1975-2005. É esse o desafio que nos colocamos na tessitura da complexa trama epistemológica de que resulta, em processo, o bordado inconcluso da parte III.

²³ A opinião da Profa. Dra. Adyr A Balastrieri Rodrigues foi obtida por meio eletrônico “por não se dispor de nenhuma outra fonte para abordar o tema em discussão”, como afiança o Manual de Elaboração de Referências Bibliográficas. São Paulo: Atlas, 2001, p.106.

III – APROXIMAÇÃO DE OLHARES EPISTÊMICOS DE GEÓGRAFOS BRASILEIROS NA ÁREA DE INTERCEÇÃO DA GEOGRAFIA COM O TURISMO

A natureza cambiante do mundo contemporâneo, e da intensidade da velocidade que o qualifica, impõe a necessária simultaneidade de novos olhares, novas técnicas e novas perspectivas sobre o objeto de estudo da geografia. Impõe, sobretudo, a abertura das mentes para se criar o novo, o diferente, aquele que superará o estágio de dificuldades e limitações de apreensão do real que tão marcadamente ainda caracteriza o presente.

Francisco Mendonça

Esta parte III tem por finalidade aproximar abordagens geográficas do turismo a partir da análise da produção acadêmica de dissertações e teses defendidas em Programas de Pós-Graduação em Geografia em universidades brasileiras, no período 1975-2005.

A Geografia é uma ciência de abordagem plural, haja vista seus ramos crítico, cultural, humanista, pragmático, clássico. Ainda acrescentaríamos a abordagem socioambiental proposta por Mendonça (2001, 2004). Neste trabalho defendemos, como Rodrigues (1998, p.87), o “tratamento pluriparadigmático” nos estudos da Geografia, o que justifica o uso da expressão “abordagens geográficas” quando nos referimos à área de interceção da Geografia com o Turismo. Do mesmo modo, justifica-se a expressão “olhares epistêmicos” do título desta parte, dada à rica pluralidade das abordagens identificadas nas produções acadêmicas levantadas.

Há trinta anos a pesquisa acadêmica brasileira rastreia, com seus olhares epistêmicos, o movimento nacional e global do deslocamento espacial de pessoas que buscam na prática turística e no lazer o preenchimento de seu tempo livre. Também investiga a complexa produção do espaço turístico que a atividade exige. Desse modo, identifica e propõe alternativas para maximizar os impactos positivos e minimizar os impactos negativos que implicam na ação humana sobre o espaço, qualquer que seja o nível de intervenção; diagnostica o potencial de atratividades; avalia e critica políticas públicas de turismo e suas implicações no (re) ordenamento territorial; propõe ações para gestão de espaços turísticos; reflete sobre as possibilidades e os limites de sustentabilidade da atividade (e de sua prática social) através do planejamento do espaço turístico.

O banco de dados organizado para essa aproximação conta com a contribuição especial de Rejoswiski (1992). Em sua tese de doutorado, defendida na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP, essa turismóloga faz um inventário da produção acadêmica brasileira de dissertações e teses em todas as áreas científicas na interceção com o turismo, incluindo a Geografia. Assim sendo, o levantamento do período 1975-1992 está realizado. Passível de acontecer em pesquisas com essa finalidade, ao rastrear o período encontramos uma dissertação não mencionada, e a inserimos nesse conjunto²⁴. No entanto, estamos cientes de que nosso levantamento não terá resgatado as pesquisas acadêmicas em sua totalidade.

²⁴ Trata-se da dissertação de mestrado de MADRUGA, Antonio Moacyr. *Litoralização: da fantasia e liberdade à modernidade autofágica*. Defendida na FFLCH/DG-USP, em 1992, sob a orientação da Profa.Dra. Ana Maria Marques Camargo Marangoni.

Para os dados do período 1993-2005 nos referenciamos nas seguintes fontes: o banco de dissertações e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), bibliotecas acadêmicas e contatos pela Web com os Departamentos de Geografia da “Geography Departments Worldwide”²⁵.

Enfim, trata-se de um volume significativo de dissertações (132) e teses (30, incluindo uma de Livre Docência), em um universo de 94 orientadores que atuam em 22 instituições de pós-graduação em Geografia no país, perfazendo o período 1975-2005, como se apresentam a seguir:

1975

1. SILVA, Armando Corrêa da. “O litoral norte do estado de São Paulo – Formação de região periférica”. Tese de doutorado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 1975, 251 p.

Orientador: Prof. Dr. Dirceu Lino de Mattos

Palavras-chave: espaço e turismo, formação de região periférica, Brasil, São Paulo, litoral norte.

Resumo: Análise das condições desiguais e contraditórias de formação do espaço na região do litoral norte do estado de São Paulo como parte do processo geral de organização do espaço. Identifica como causas das contradições, de um lado, as condições geográficas e econômicas herdadas e, de outro lado, a forma como o espaço vem sendo organizado na perspectiva do futuro. Estas condições geram desigualdade e descontinuidade, que se refletem em todos os setores, inclusive no turismo. Oferece subsídios ao planejamento turístico.

-Referencial Crítico

1976

2. ASSIS, Kleber Moisés Borges de. “O turismo interno no Brasil”. Tese de livre-docência. Porto Alegre. IGC-UFRS. 1976.

Palavras-chave: teoria do turismo, turismo interno, Brasil

Resumo: A partir da conceituação e da história da evolução do turismo, discute as perspectivas do turismo receptivo doméstico e internacional no Brasil. Analisa o turismo interno no Brasil sob os aspectos de: população, transportes, meios de alojamento, centros de turismo, movimento na temporada e concentração no Sudeste e Sul. Discute os efeitos positivos e negativos do turismo e conclui sobre o significado do turismo interno no Brasil. Contribui para a teoria do turismo.

-Referencial Clássico

²⁵ Disponível em <http://www.univ.cc/geolinks/simple.php>. Acesso: 20 dez. 2004.

1979

3. SEABRA, Odette Carvalho de Lima. “A muralha que cerca o mar. Uma modalidade de uso do solo urbano”. Dissertação de mestrado. São Paulo, FFLCH/DG-USP.1979, 91p.

Orientador: Profa.Dra. Léa Goldenstein

Palavras-chave: espaço e turismo, especulação imobiliária, segunda residência, Brasil, São Paulo, Santos, orla marítima

Resumo: Reflexão acerca do fenômeno da segunda residência, seus efeitos sobre as modificações do espaço e conseqüências sociais. Aborda, ainda, a questão do significado ideológico da segunda residência e suas conseqüências na imobilização do capital.

- Referencial Crítico

4. TULIK, Olga. “Praia do Góis e Prainha Branca: Núcleos de periferia urbana na Baixada Santista”. Dissertação de mestrado. São Paulo, FFLCH/DG-USP.1979, 282p.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Rocha Penteado

Palavras-chave: espaço e turismo, núcleos de periferia urbana/ Brasil, São Paulo

Resumo: Pesquisa de campo em dois núcleos populacionais – Praia do Góis e Prainha Branca – situadas no município do Guarujá, na ilha de Santo Amaro, em zonas de periferia urbana. Partindo dos fatores geográficos que atuam e ainda interferem na ocupação do espaço e nas atividades de seus habitantes, analisa a inter-relação entre o homem e o meio, caracteriza os núcleos, define o grau de isolamento em que vivem e analisa as mudanças que vêm operando na própria organização do espaço local pelo turismo. Contribui com subsídios ao planejamento turístico.

- Referencial Crítico

5. BARBIERI, Evandro Biassi. “O fator climático nos sistemas territoriais de recreação – Uma análise subsidiária ao planejamento da faixa litorânea do Estado do Rio de Janeiro”. Tese de doutorado. São Paulo. FFLCH/DG-USP.1979, 187p.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto Figueiredo Monteiro

Palavras-chave: turismo litorâneo, calendário climático-turístico, Brasil, Rio de Janeiro, Cabo Frio a Parati, Costa Verde e Costa do Sol

Resumo: Análise climatológica aplicável ao turismo/lazer com base na geografia da recreação. Análise qualitativa dos atributos climáticos por meio de seu ritmo habitual e tipos de tempo, em consonância com atividades recreacionais litorâneas, com o intuito de estabelecer indicador climático de condições atmosféricas compatíveis com a prática do turismo/lazer, na faixa litorânea do Rio de Janeiro que se estende de Cabo Frio a Parati (Costa do Sol e Costa Verde). Contribui com subsídios ao planejamento turístico.

-Referencial Clássico

1980

6. BUSS, Maria Dolores. "Classificação ambiental do sul catarinense para fins turísticos". Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro. IGC-UFRJ. 1980, 218p.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Xavier da Silva

Palavras-chave: Turismo e meio ambiente, potencial turístico natural, infra-estrutura, Brasil, Santa Catarina.

Resumo: Classifica e analisa a região do sul catarinense para fins turísticos em nove diferentes ambientes. Conclui que a área estudada, embora com um potencial turístico natural de relevante importância, carece, com poucas exceções, de infraestrutura básica que permita o aproveitamento generalizado desses ambientes. Contribui para o avanço científico em função da sistematização e classificação das áreas observadas, cujos resultados podem ser aplicados no planejamento turístico.

- Referencial Crítico

1985

7. RODRIGUES, Adyr Aparecida Balastri. "Águas de São Pedro. Estância paulista - Uma contribuição à geografia da recreação". Tese de doutorado. São Paulo, FFLCH/DG-USP. 1985,291p.

Orientador: Prof. Dr. Mário De Biasi

Palavras-chave: Geografia do turismo, geografia da recreação, estância termal, Águas de São Pedro, São Paulo, Brasil

Resumo: Estudo de um espaço de recreação no Brasil: Águas de São Pedro (SP). Aborda a geografia da recreação na literatura nacional e internacional. Analisa a apropriação, a aparência e o ritmo do espaço urbano. Caracteriza a população fixa e a flutuante, e as relações entre ambas na estância Águas de São Pedro. Discute a intervenção do governo na estância nos níveis estadual e municipal. Conclui que as duas populações consideram restritos os equipamentos de lazer, com poucas opções de lazer ativo; situa como problema crucial da estância o conflito entre a atuação pública municipal; e ressalta a importância, para estudos de planejamento urbano na área, da dependência entre Águas de São Pedro e São Pedro.

- Referencial Crítico

1992

8. FALCÃO, José Augusto Guedes. "Mecanismos de circulação e transferência de valor: o caso do turismo internacional no Rio de Janeiro – RJ". Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro. IGC-UFRJ, 1992. 239p.

Orientador: Profa.Dra. Leila Christina Duarte Dias

Palavras-chave: turismo e economia, circulação e transferência de renda, Brasil, Rio de Janeiro.

Resumo: Análise crítica dos processos e formas de integração econômica de lugares e regiões desigualmente desenvolvidas, decorrentes do atual estágio de desenvolvimento do capitalismo no país e da economia mundial. Toma por base dados da cidade do Rio de Janeiro obtidos por meio de questionários e entrevistas

realizadas com profissionais de agências de viagens, operadoras de receptivo internacional e do Banco Central nos setores de informática, câmbio e balanço de pagamentos. Contribui para o entendimento da economia do turismo mundial.

- Referencial Crítico

9. MADRUGA, Antonio Moacyr. “Litoralização: da fantasia de liberdade a modernidade autofágica”. Dissertação de mestrado. São Paulo, FFLCH/DG-USP. 1992. 160p.

Orientadora: Profa.Dra. Ana Maria Marques Camargo Marangoni

Palavras-chave: Turismo, lazer, cultura, impactos, Brasil. Litoral paraibano.

Resumo: A partir da compreensão de que são dialéticas as relações estabelecidas entre sociedade e natureza, analisa o processo de litoralização (industrialização, urbanização e turismo), vivido pelo litoral brasileiro, em particular o paraibano, repensando o próprio conceito de litoral. Esta litoralização movida pela busca de liberdade através do lazer, proporciona a transformação deste território do vazio em um território litoralizado, povoado e consumido. A intensidade desta ocupação reforça uma perspectiva conservadora no processo de modernização, acarretando igualmente riscos permanentes que levam a autofagia do espaço litorâneo.

- Referencial Crítico

10. SILVEIRA, Marcos Aurélio Tarlombani da. “Turismo & natureza: serra do Mar no Paraná”. Dissertação de mestrado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 1992.255p.

Orientadora: Profa.Dra. Adyr Aparecida Balastri Rodrigues

Palavras-chave: Turismo, meio ambiente, impacto ambiental, serra do Mar, PR.

Resumo: A partir do referencial teórico do processo histórico de evolução da sociedade industrial, analisa os impactos sobre o meio ambiente causados pelo desenvolvimento desequilibrado do turismo na região da serra do mar (Paraná). Mediante estudo exploratório da região, da situação atual e de antecedentes, realizado em fontes documentais e em dados empíricos levantados por meio de depoimentos e entrevistas, retrata a situação e analisa as relações sociais, os conflitos desenvolvimento versus natureza e os desequilíbrios ecológicos e sociais.

- Referencial Socioambiental

1993

11- CALVENTE, Maria Del Carmen Matilde Huertas. “No território do azul-marinho: a busca do espaço caiçara”. Dissertação de mestrado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 1993. 173p.

Orientadora: Profa.Dra. Adyr Aparecida Balastri Rodrigues

Palavras-chave: Cultura, turismo, impactos, São Paulo, Ilha Bela

Resumo: Observa que ainda existe uma forte presença da população nativa, que possui uma clara consciência territorial, enfrentando hoje extrema dificuldade para sobreviver no seu território. Na relação entre natureza e sobrevivência, tendo como fonte as entrevistas realizadas e pesquisas bibliográficas, discute o processo histórico que diferenciam os caiçaras, a necessidade de entender a cultura como

processo dinâmico, a territorialidade, a pesca artesanal, a problemática ambientalista e os porquês, além do impacto do turismo na comunidade.

- Referencial Crítico-Cultural-Socioambiental

12- GARMS, Armando. Pantanal: o mito e a realidade – Uma contribuição à Geografia. Tese de doutorado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 1993. 363p.

Orientador: Prof. Dr. Mário De Biasi

Palavras-chave: Turismo, impactos ambientais, Pantanal Sul Mato-Grossense

Resumo: Estudo do fenômeno turístico no âmbito da geografia, analisando, concomitantemente, o lazer como mercadoria, produto da sociedade de consumo. Contempla o conhecimento geográfico da região, a análise da paisagem, ou seja, da expressão concreta do espaço pantaneiro e dos elementos de natureza turística que o compõe. Procura verificar como a realidade deste espaço ocorre em nível das aparências criadas pelo mito, e, como ocorre o real, que não é vendido/comercializado pelo turismo, mas que assim se apresenta para atender a outros setores a economia.

- Referencial Crítico-Humanista

1994

13- MIDAGLIA, Carmen Lúcia Vergueiro. “Turismo e meio-ambiente no litoral paulista.” Dissertação de mestrado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 1994.189p.

Orientadora: Profa.Dra. Adyr Aparecida Balastri Rodrigues

Palavras-chave: Meio ambiente urbano, turismo, lazer, litoral paulista, Brasil

Resumo: Procura focar um dos efeitos conseqüentes da ocupação urbana e da expansão imobiliária do litoral paulista, através de um parâmetro biologicamente mensurável, baseado no número de coliformes fecais por 100ml de água, que permite então qualificar a balneabilidade das praias paulistas através de suas condições sanitárias para banho e lazer. Tem como objetivo principal colocar a questão: - como está se comportando a qualidade das águas costeiras que banham as praias paulistas e os municípios que mais sofreram com a presença de banhistas.

- Referencial Crítico

1995

14- CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. “Turismo e impacto em ambientes costeiros: projeto Parque das Dunas. Via Costeira, Natal”. Dissertação de mestrado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 1995. 174p.

Orientadora: Prof.Dr. Eduardo Abdo Yásigi

Palavras-chave: Turismo, impactos, poder público, planejamento turístico, RN- Brasil

Resumo: Discute os megaprojetos turísticos, adotados por sete dos nove estados nordestinos, tendo como principais características uma forte concentração espacial, além de ter o poder público, a nível estadual, como o principal empreendedor. Avalia

os impactos sobre os meios natural e sócio-cultural, para fornecer subsídios ao planejamento do turismo no país. Tem como estudo de caso, o projeto Parque das Dunas, via costeira, Natal, representativo desse universo.

- Referencial Crítico-Socioambiental

15- SILVESTRE, Vanderléia. “Enfoque geográfico de um espaço turístico: um olhar sobre São Lourenço (MG)”. Dissertação de mestrado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 1995. 230p.

Orientadora: Profa.Dra.Adyr Aparecida Ballastreri Rodrigues

Palavras-chave: Turismo, imagem, percepção, marketing turístico, São Lourenço-MG

Resumo: Estudo da imagem turística de São Lourenço, baseado na percepção espacial dos turistas e moradores da estância em que analisa como as relações sociais entre os sujeitos que vivenciam este espaço exerce influência na organização da atividade turística e na criação de sua paisagem.

- Referencial Crítico-Humanista

1996

16- MARANHÃO, Vinicius de Albuquerque. Pantanal Mato-Grossense: da caça e pesca ao ecoturismo. Análise do desenvolvimento turístico. Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado. IGC-UFRJ, 1996. 136p

Orientadora: Profa.Dra. Leila Christina Duarte Dias

Palavras-chave: Turismo, ecoturismo, Pantanal Mato-grossense, produção do espaço turístico

Resumo: A abordagem geográfica do turismo contempla o desenvolvimento turístico nos pantanais mato-grossenses, desde a caça e pesca ao ecoturismo. As análises realizadas estão fundamentadas, de um lado, na prática profissional e de outro, na literatura teórica e empírica relativa ao turismo.

- Referencial Crítico

1998

17- CORIOLANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. O Turismo Litorâneo Cearense: do local ao global. As comunidades de Fleicheiras e Guajiru-Trairi-CE. Fortaleza. Dissertação de Mestrado. DG-UEC, 1998. 187p.

Orientador: Prof.Dr. Luiz Cruz Lima

Palavras-chave: ecoturismo, turismo com base local, turismo sustentável, litoral do Ceará

Resumo: O presente trabalho apresenta uma análise do turismo litorâneo cearense, na perspectiva do pensamento geográfico, privilegiando o local/lugar e a cultura no desenvolvimento desta atividade. Estuda o turismo destacando duas comunidades receptoras: Flecheiras e Guajiru no município de Trairi-Ceará-Brasil.

- Referencial Crítico-Cultural

18- DIAS, Jailton. “As potencialidades paisagísticas de uma região cárstica: o exemplo de Bonito”. Dissertação de mestrado. Presidente Prudente. Departamento de Geografia – UNESP-PP, 1998.

Orientador: Prof.Dr. Messias Modesto dos Passos

Palavras-chave: turismo, paisagem, unidades básicas, Bonito-MS.

Resumo: Define as unidades básicas da paisagem da região de Bonito-MS, contribuindo para uma melhor ordenação e exploração do espaço turístico regional.

- Referencial Crítico

19- PORTUGUEZ, Anderson Pereira. “Turismo e desenvolvimento socioespacial: reflexões sobre a experiência do agroturismo no estado do Espírito Santo”. Dissertação de mestrado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 1998. 169 p.

Orientadora: Profa.Dra. Adyr Aparecida Balastrieri Rodrigues

Palavras-chave: Agroturismo, desenvolvimento socioespacial, ES- Brasil

Resumo: Esta pesquisa procura resgatar a idéia de "desenvolvimento socioespacial", para avaliar as reais possibilidades de o agroturismo trazer, para os municípios envolvidos, os resultados práticos previstos na Proposta Piloto do governo do estado.

- Referencial Crítico

20- SANTANA, Paola Verri de. “Ecoturismo: uma indústria sem chaminé”. Dissertação de mestrado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 1998. 209 p.

Orientadora: Profa.Dra. Ana Fani Alessandri Carlos

Palavras-chave: Ecologia, turismo, ecoturismo.

Resumo: Análise crítica no discurso ecológico disseminado pela iniciativa do setor industrial que, passando a usar a qualificação de produtos verdes, contribui para o acúmulo de riqueza. O ecoturismo surge neste horizonte como mais uma atividade econômica de valorização da natureza, uma prática a ser escolhida e incorporada ao cotidiano daqueles que vivem em centros urbanos.

- Referencial Crítico

21- SEABRA, Giovanni de Farias. “Do garimpo aos ecos do turismo: o Parque Nacional da Chapada Diamantina”. Tese de doutorado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 1998. 230p.

Orientador: Prof.Dr. Jurandy Luciano Sanches Ross

Palavras-chave: Geografia Física do Brasil, Geografia do Turismo, ecologia

Resumo: Desenvolve e aplica uma metodologia de planejamento ambiental em unidades de conservação, baseada no diagnóstico e zoneamento ambiental. O diagnóstico ambiental possibilita identificar, caracterizar e delimitar as unidades ambientais naturais e as unidades ambientais sócio-econômicas. A integração desses dois enfoques permite definir o zoneamento ambiental do Parque Nacional da Chapada Diamantina. As zonas de uso identificadas servem como suporte à definição das diretrizes gerais de uso dos recursos naturais.

- Referencial Crítico

1999

22- BRENHA, José Carlos. “Diagnóstico ambiental e potencial turístico na região da Mata Atlântica: o exemplo do município de Santo Antonio do Pinhal, SP”. Tese de doutorado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 1999. 245 p

Orientadora: Profa.Dra. Magda Adelaide Lombardo Frauhauf

Palavras-chave: Turismo ambiental de base local, desenvolvimento sustentável, análise ambiental, Santo Antônio do Pinhal-SP

Resumo: Analisa fatores ecológicos, sociais, econômicos e políticos, determinantes do processo singular de regeneração da Mata Atlântica, que abrange uma área de 66,60 km², no Município de Santo Antônio do Pinhal-SP, em contraposição à crescente degradação que ela vem sofrendo nos últimos anos. Constata que o referido município representa um modelo de turismo ambiental de base local e respeita o desenvolvimento sustentável.

- Referencial Crítico-Socioambiental

23- CASELLA, Luana Lacaze de Camargo. “Diagnóstico ambiental do Município de Bombinhas, SC”. Dissertação de mestrado. São Paulo. FFLCH/DG-USP.1999. 140p.

Orientadora: Profa.Dra. Magda Adelaide Lombardo Frauhauf

Palavras-chave: turismo, gerenciamento costeiro, SIG, planejamento ambiental, Bombinhas-SC

Resumo: A diversidade paisagística tem propiciado a Bombinhas, desenvolver um turismo baseado em seus atributos e recursos naturais. O turismo é a principal atividade geradora de recursos para o município. Para que esse turismo se desenvolva, respeitando e conservando os atributos ambientais e culturais de Bombinhas, garantindo ainda, a melhoria da qualidade de vida da população local, faz-se necessário conhecer e entender a dinâmica ambiental do município, objetivo do presente trabalho.

- Referencial Pragmático

24- CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. “Políticas de turismo e (re)ordenamento de territórios no litoral do Nordeste do Brasil”. Tese de doutorado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 1999. 203 p.

Orientador: Prof.Dr. Eduardo Abdo Yásigi

Palavras-chave: Turismo, Geografia do Turismo, (re)ordenamento do território, análise espacial, Região Nordeste, Brasil

Resumo: Apreende, a partir de uma análise espacial, possibilidades e limites dos processos de (re)ordenamento de territórios movidos pelo turismo, tomando-se por base políticas públicas para o setor. A Região Nordeste está para esta análise como um estudo de caso, a partir da qual busca identificar generalidades desses processos.

- Referencial Crítico

25- FAUSTINO, Ricardo Fernandes. "Uso do solo e degradação ambiental na Baixada Santista (SP): o caso de São Vicente". Dissertação de mestrado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 1999. 106 p

Orientador: Prof. Dr. Marcello Martinelli

Palavras-chave: Ecologia, degradação ambiental, turismo, São Vicente-SP

Resumo: Analisa o quadro natural para o turismo e o uso sustentável do manguezal no município de São Vicente-SP. Verifica que a degradação é tanto ambiental quanto social e que grande parcela de sua população vive em condições precárias e insalubres. Propõe para São Vicente um gerenciamento ambiental e social, com vistas à modificação do quadro atual de degradação socioambiental. Oferece subsídios ao planejamento.

- Referencial Crítico-Socioambiental

26- FERNANDES, José Irani de Souza. Os impactos ambientais da atividade turística no Pantanal Sul-Matogrossense. Dissertação de mestrado. Presidente Prudente. DG-UNESP-PP. 1999. 200p.

Orientador: Prof. Dr. Armando Garms

Palavras-chave: impactos socioambientais, turismo, Pantanal

Resumo: Busca compreender as grandes concentrações de estabelecimentos turísticos na região de Albuquerque, e como a organização e funcionamento desses estabelecimentos estariam afetando a comunidade local e o ambiente pantaneiro, especialmente no tocante à oferta de empregos diretos e indiretos, e nos impactos provenientes das condições instaladas de infra-estrutura de saneamento básico.

- Referencial Crítico-Socioambiental

27- GIACOMOZZI JUNIOR, Gilio. Do anseio de realização econômica às contradições do turismo em Corupá-SC. Dissertação de Mestrado. Florianópolis. CFCH/DG-UFSC, 1999.

Orientador: Prof. Dr. Roland Luiz Pizzolatti

Palavras-chave: espaço, turismo, reordenamento territorial, Corupá-SC

Resumo: O trabalho tem como foco o (re)ordenamento territorial de Corupá-SC a partir do incremento ao turismo local. Analisa suas contradições e aponta para a importância do planejamento territorial da atividade.

- Referencial Crítico

28- GUEDES, Hermínia Silva. Paisagens de serranias, Araucárias e águas minerais: Um estudo da Bacia hidrográfica do Passa Quatro – MG. Dissertação de mestrado. São Paulo. FFLCH/DG-USP, 1999. 165p.

Orientador: Prof. Dr. José Bueno Conti

Palavras-chave: meio ambiente, paisagem, águas termais, turismo, Passa Quatro-MG

Resumo: Estudo das paisagens da Bacia Hidrográfica de Passa Quatro, a partir da evolução do conceito de paisagem e sua metodologia nas diferentes escolas do pensamento geográfico. Discute as implicações da atividade turística no meio ambiente e as possibilidades de desenvolvimento sustentável para o turismo local.

- Referencial Crítico

29 - GRANEMANN, Gladis Lúcia Madalozzo. Sustentabilidade Turística: Estudo da capacidade de carga de áreas turísticas. Estudo de caso do Porto da Barra – Ilha de Santa Catarina. Dissertação de mestrado. Florianópolis. CFCH/DG-UFSC, 1999.

Orientador: Dr. Augusto César Zeferino

Palavras-chave: turismo, capacidade de carga, sustentabilidade turística.

Resumo: Levantamento da capacidade de carga de áreas turísticas aplicando a metodologia de Avaliação Multidimensional, com vistas a alcançar a sustentabilidade da exploração turística.

- Referencial Pragmático

30- MARQUES, Mara Lucia. Análise espacial da estrutura urbana da cidade litorânea de ITANHAEM (SP). Dissertação de mestrado. Rio Claro. IGCEX-Unesp/ Rio Claro, 1999. 100p.

Orientadora: Profa.Dra. Celina Foresti

Palavras-chave: Estrutura urbana litorânea, uso do solo, degradação ambiental, turismo, Itanháem-SP

Resumo: A área urbana de Itanhaém-SP é analisada com o propósito de identificar o Desenho Urbano e as Classes de Uso do Solo para a determinação da forma de desenvolvimento e da estrutura urbana, a fim de estabelecer o Modelo Urbano de acordo com a distribuição e o valor do uso do solo. O mar é considerado centro de referência quando ambientes urbanos litorâneos são analisados, em virtude de sua função turística como principal fonte de recursos econômicos do município.

- Referencial Crítico

31- NOGUEIRA, Carmen Regina Dorneles. “Turismo no Mercosul: circuito internacional das missões jesuíticas”. Dissertação de mestrado.São Paulo.FFLCH/DG-USP. 1999.145 p.

Orientadora: Profa.Dra. Adyr Aparecida Ballastreri Rodrigues

Palavras-chave: Turismo, integração regional, MERCOSUL, fronteira

Resumo: O processo de integração regional desencadeado a partir da implantação do MERCOSUL tem buscado, no turismo, uma alavanca para o seu desenvolvimento. É o caso da "Região das Missões Jesuítico-Guarani", o produto turístico mais significativo do MERCOSUL com vistas ao desenvolvimento e a integração regional. No entanto, a implantação do circuito não satisfaz as expectativas da comunidade regional, pois as ações conjuntas são dificultadas pelos entraves burocráticos conseqüentes das mudanças de jurisdição, leis e costumes, próprios das áreas fronteiriças.

- Referencial Crítico

32- OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. Um templo para a cidade-mãe: a construção mítica.Tese de doutorado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 1999. 145 p

Orientadora: Profa.Dra. Adyr Aparecida Balastreri Rodrigues

Palavras-chave: Turismo religioso, produção do espaço, metrópole.

Resumo: o trabalho fornece referenciais ao estudo sistemático de uma espacialidade simbólica – Aparecida – cidade santuário, estância turística e “capital mariana do Brasil”. Em um primeiro momento, resgata-se elementos factuais e

simbólicos que alicerçam a expressão monumental deste espaço sagrado. Posteriormente, destaca-se o papel da construção da nova basílica no contexto do desenvolvimento brasileiro e, por fim, levanta-se indagações diante do conjunto da monumentalidade (atividades eclesiais, romarias, sistemas de comunicação, congregações religiosas, rede comercial e hoteleira, etc) interpretando-a como exemplo de “metropolização do sagrado” e meio ao dinamismo capitalista (profano) da megalópole em que ela se situa.

- Referencial Crítico-Cultural

33- PIRES, Paulo dos Santos. “Ecoturismo: uma abordagem histórica e conceitual na perspectiva ambientalista”. Tese de doutorado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 1999. 218 p.

Orientadora: Profa. Dra. Adyr Aparecida Balastri Rodrigues

Palavras-chave: Ecoturismo, Turismo de massa, Ecologia, sustentabilidade.

Resumo: Este estudo é resultado do interesse científico em conhecer, entender e analisar a abrangência e a dimensão do Ecoturismo na atualidade. O ponto de partida é a identificação de fatos contemporâneos da história do turismo, mais precisamente da emergência e hegemonia do turismo de massa e o desdobrar de seus impactos negativos. Uma outra vertente revelada é a do cenário ambientalista contemporâneo em que emergiram os movimentos ecológicos e seus novos paradigmas, dos quais o turismo na natureza em pleno crescimento, passou a receber influência assumindo uma nova dimensão ecológica e conservacionista, bem como o mérito do atual "discurso ecoturístico da sustentabilidade"

- Referencial Crítico

2000

34- ANJOS, João Lourenço dos. “Turismo rural: fazenda e pousada. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte. IGC-UFMG. 2000.”

Orientador: Prof. Dr. Allaoua Saadi

Palavras-chave: Turismo rural, potencial geoecológico dos ambientes cársticos, preservação do patrimônio histórico-cultural e ambiental, análise ambiental, Alto São Francisco-MG

Resumo: O trabalho analisa a possibilidade de aproveitamento das propriedades rurais construídas do século XVIII ao século XX nos municípios de Arcos, Dorasópolis e Pains (MG), situados no Alto São Francisco, para o desenvolvimento do turismo rural, baseado na exploração do potencial geoecológico dos ambientes cársticos.

- Referencial Crítico-Cultural

35- BUITONI, Marísia Margarida Santiago, “Treze Tílias (Dreizehnlinden) meu Brasil é você!": o processo de reinvenção do Tirol no Contestado-SC.” Tese de doutorado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 2000. 2 v.

Orientador: Francisco Capuano Scarlato

Palavras-chave: turismo, Mercosul, Treze Tílias, Oeste catarinense

Resumo: Discute o processo de reinvenção do Tirol que vem ocorrendo em Treze Tílias, município localizado no Vale do Rio do Peixe-SC, que vem vivendo uma gradativa expansão do turismo, com vistas a participar de maneira mais organizada de atividades culturais e comerciais voltadas ao Mercosul.

- Referencial Crítico-Cultural

36-CALHEIROS. Silvana Quintella Cavalcanti. "Turismo Versus Agricultura no Litoral Meridional Alagoano". Tese de doutorado. Rio de Janeiro. IGC-UFRJ. 2000. 2v. 269p.

Orientador: Prof.Dr.Jorge Xavier da Silva

Palavras-chave: Turismo, impactos espaciais, organização territorial, geoprocessamento, Brasil, Alagoas

Resumo: Procura investigar a influência da expansão do turismo na organização territorial do litoral meridional do estado de Alagoas considerando as alterações e relações espaciais produzidas sobre uma estrutura ambiental e sócio-econômica dominada tradicionalmente pela agricultura da cana-de-açúcar e do coco. A abordagem teórica-conceitual circunscrita a esta investigação está estruturada no tripé geografia, análise ambiental e geoprocessamento, pela vinculação existente entre a pesquisa ambiental, os sistemas geográficos de informação (SIG) e os princípios científicos que norteiam a ciência geográfica. Oferece subsídios ao planejamento.

- Referencial Crítico-Pragmático

37- CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessoa. "Turismo Eco-rural na bacia do rio Araguari-MG: uma proposta para gestão ambiental". Dissertação de mestrado. Presidente Prudente. DG/UNESP-PP. 2000. 171p.

Orientador: Prof.Dr. Armando Garms

Palavras-chave: turismo eco-rural, sustentabilidade, planejamento e gestão ambiental

Resumo: Levantamento das cachoeiras de parte do Rio Araguari-MG, abrangendo os municípios de Uberlândia, Araguari, Indianópolis e Nova Ponte, e indicar meios para uma gestão ambiental fundamentada no Turismo Eco-rural.

- Referencial Crítico

38- FALCÃO SOBRINHO, José. Paisagens Litorâneas: Praia do Icaraí, Caucaia/CE. Dissertação de mestrado. Uberlândia. Instituto de Geografia. IG-UFU, 2000. 125p.

Orientadora: Profa. Dra. Lezir Montes Ferreira

Palavras-chave: Turismo, litoral cearense, paisagem, impactos

Resumo: Análise da paisagem do litoral de Icaraí, localizada no município de Caucaia/Ce. O trabalho enfoca também questões ligadas ao turismo e à especulação imobiliária que exerce influencia de forma ativa na dinâmica da paisagem natural e cultural, bem como impactos ambientais decorrentes do uso e ocupação do solo.

- Referencial Crítico-Cultural

39- FRATUCCI, Aguinaldo César. “O Ordenamento Territorial da Atividade Turística no Estado do Rio de Janeiro: Processos de Inserção dos Lugares Turísticos nas Redes de Turismo”. Dissertação de mestrado. Niterói. IGC-UFF. 2000.

Orientador: Prof.Dr. Rogério Haesbaert da Costa

Palavras-chave: Turismo; Estado do Rio de Janeiro; rede; território-rede.

Resumo: Busca compreender o ordenamento territorial da atividade turística no Estado do Rio de Janeiro e o processo de inserção dos lugares turísticos no território-rede do turismo estadual. O estudo contempla uma revisão teórica sobre o fenômeno turístico seguida por uma recuperação do processo de formação do território do turismo no Estado do Rio de Janeiro, dentro de um recorte temporal de trinta anos (1970-99).

- Referencial Crítico

40- GALLO JUNIOR, Humberto. “Análise da percepção ambiental de turistas e residentes, como subsídio ao planejamento e manejo do Parque Estadual de Campos do Jordão (SP)”. Dissertação de mestrado. São Paulo.FFLCH/DG-USP.2000.195 p.

Orientador: Prof. Dr. Felisberto Cavalheiro

Palavras-chave: Parques e jardins, ecologia humana, turismo, impactos, Campos do Jordão-SP

Resumo: Oferece subsídios para o planejamento do Programa de Uso Público do Parque Estadual de Campos do Jordão, tendo como base a análise de suas características geográficas e do perfil e percepção do público visitante. Visa efetuar uma análise comparativa da percepção de residentes e turistas em relação a diversos aspectos envolvendo a conservação da natureza, e os problemas sociais e ambientais do município de Campos do Jordão (SP).

- Referencial Crítico-Humanista-Socioambiental

41- LEONY, Ângela. Turismo em área periférica protegida: O caso de Lençóis e arredores, Chapada Diamantina. Dissertação de mestrado. Salvador. IGC-UFBA, 2000. 165p.

Orientador: Prof.Dr.Sylvio Carlos Bandeira de Mello e Silva

Palavras-chave: Geografia do Turismo, percepção da paisagem, área protegida, Chapada Diamantina, ecoturismo, Lençóis- BA

Resumo: Estuda os elementos sócio-econômicos e ambientais de uma região turística, periférica e protegida, localizada no estado da Bahia: a cidade de Lençóis e arredores, na Chapada Diamantina.

- Referencial Crítico-Humanista

42- MACHADO, Ewerton Vieira. “Florianópolis: um lugar em tempo de globalização”. Tese de doutorado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 2000. 272 p.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Adélia Aparecida de Souza

Palavras-chave: Geografia urbana, Desenvolvimento regional, Florianópolis, Turismo, globalização, formação sócio-espacial, meio técnico-científico informacional/

Resumo: Analisa, em conjunto, o significado do atual momento da mundialização globalizante no contexto de Florianópolis. Analisa as dimensões da contemporaneidade florianopolitana, em suas várias "geografias superpostas". Procura identificar a dinâmica do lugar-região e sua inserção no mundo atual, hoje vinculada predominantemente às atividades de turismo, e às atividades de base tecnológica, particularmente relacionadas com o meio informacional e/ou dele decorrente.

Referencial Crítico

43- MAGALHÃES, Cláudia Freitas. "Organização do espaço turístico de municípios mineiros: uma proposta metodológica". Dissertação de mestrado. Belo Horizonte. IGC-UFMG. 2000.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Roberto Moreira Ribeiro

Palavras-chave: Turismo sustentável, planejamento sustentável, espaço municipal, organização do espaço, Minas Gerais.

Resumo: Propõe o aprimoramento da metodologia "Diagnóstico e Diretrizes Turísticas de Municípios Mineiros", com o objetivo de contribuir para o planejamento sustentável da atividade turística no Estado de Minas Gerais.

Referencial Crítico

44 - MORETTI, Edvaldo César. Pantanal, paraíso visível e real oculto – o espaço local e global. Tese de doutorado. Rio Claro. Instituto de Geociências e Ciências Exatas/Universidade Estadual Paulista, Rio Claro. 2000, 192p.

Orientadora: Profa. Dra. Arlete Moysés Rodrigues.

Palavras-chave: produção do espaço turístico, trabalho social, impactos.

Resumo: Análise da produção do espaço social do Pantanal - MS em sua inserção no sistema global, suas transformações recentes, inclusão no mundo do trabalho local, no que diz respeito à questão da produção e do consumo do espaço através do entendimento das mudanças em seu ideário sobre o ambiente natural. Ao considerar a complexidade das transformações, visualiza o lugar em suas diferentes faces: aquele que é transformado em símbolo para ser vendido e, aquele construído pela sociedade local através de sua história, o real. Observa que o mundo real é ocultado, sendo mercantilizado de forma espetacularizada os elementos e fenômenos naturais e culturais que compõem a paisagem pantaneira, mesmo que estes existam apenas simbolicamente.

- Referencial Crítico-Humanista-Socioambiental

45- MOURA, Antônio Márcio Ferreira de. "Serra do Cipó (MG): ecoturismo e impactos socioambientais." Dissertação de mestrado. Belo Horizonte. IGC-UFMG. 2000. 183p.

Orientador: Prof. Dr. Allaoua Saadi

Palavras-chave: ecoturismo, sustentabilidade, impactos socioespaciais, segmentação do turismo, Serra do Cipó-MG, patrimônio natural, educação ambiental, cartografia turística

Resumo: Avalia a inserção da atividade turística na Serra do Cipó a partir de um diagnóstico dos impactos socioambientais do segmento denominado ecoturismo. Os

resultados, por um lado reforçam o caráter espontâneo, não-científico e pouco profissional do desenvolvimento da atividade turística no Brasil, mas também retrata aspectos positivos como o reconhecimento e a conscientização, por parte dos envolvidos, da necessidade de planejamento e pesquisa para a sua sustentabilidade.

- Referencial Crítico-Socioambiental

46- RAMALHO, Roberta de Sousa. “Análise ambiental do potencial turístico da Vertente Sul do Maciço do Gericinó-Medanha - zona oeste do município do Rio de Janeiro”. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro. **IGC-UFRJ**. 2000.

Orientadora: Profa. Dra. Josilda Rodrigues da Silva de Moura

Palavras-chave: análise ambiental, turismo, Maciço Gericinó-Medanha-RJ

Resumo: O presente trabalho é uma caracterização do potencial turístico da vertente Sul do maciço do Gericinó-Medanha, visando propor, ao mesmo tempo, a revitalização econômica e a conservação do patrimônio ambiental da área. Do ponto de vista sócio-econômico destacam-se as necessidades de investimentos nos sistemas de infra-estrutura, educação e recuperação de áreas degradadas.

- Referencial Crítico

47- ROSA, Maria Cristina. Conservação da natureza, políticas públicas e (re)ordenamento do espaço: contribuição ao estudo das políticas ambientais no Paraná. Tese de doutorado. São Paulo, FFLCH/DG-USP, 2000. 328p

Orientador: Prof.Dr. Antonio Carlos Robert Moraes

Palavras-chave: turismo, questão ambiental, políticas públicas, (re)ordenamento do espaço, Brasil, Paraná

Resumo: Trata das políticas públicas, em especial das políticas ambientais. Tem como objetivo central a análise do processo de formulação e implementação das políticas ambientais no Brasil, bem como o poder público estadual implementou sua política ambiental, no caso do Paraná, a partir das normas estabelecidas pela União. Constata que o poder público federal e estadual não só delimitam o uso como retiram do circuito produtivo tradicional parte do território a ser mantido como fundo territorial intacto para novos projetos que envolvem tecnologia avançada, ou como reserva de valor para uso futuro, entre outros, para a expansão do setor do turismo.

- Referencial Crítico

48- SIMÃO, Maria Cristina Rocha Simão. Preservação do patrimônio cultural em núcleos urbanos: do conflito à solução. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte. IGC-UFMG, 2000.

Orientador: Prof. Dr. Aílton Mota de Carvalho

Palavras-chave: Gestão e planejamento urbano, política de proteção do patrimônio cultural nacional, turismo sustentável, preservação do patrimônio cultural, qualidade de vida.

Resumo: Reflexão teórica acerca da preservação das pequenas e médias cidades possuidoras de patrimônio cultural edificado a partir de uma gestão urbana que as potencialize através da busca de atividades econômicas adequadas, incluindo o turismo.

- Referencial Crítico-Cultural

49- VIEIRA, Maria Elia dos Santos. "Turismo, produção do espaço e desenvolvimento local no litoral oeste cearense: o caso de Cumbuco (município de Caucaia)". Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro. **IGC-UFRJ**, 2000.

Orientador: Prof.Dr. Marcelo José Lopes de Souza

Palavras-chave: turismo, produção do espaço, Cumbuco-CE

Resumo: O trabalho analisa as principais conseqüências provenientes da atividade turística na colônia de pescadores Z-7, do Cumbuco, localizada no município de Caucaia na região metropolitana de Fortaleza, considerando os aspectos e as formas da dinâmica da produção pesqueira e dos novos agentes sociais que entraram em cena, entre eles, a construção do porto de Pecém, no município de São Gonçalo do Amarante.

- Referencial Crítico

2001

50- AMARAL, Dulce Vidigal do. A percepção das populações tradicionais sobre as relações que envolvem o ecoturismo na Chapada dos Veadeiros: o município de Alto de Paraíso de Goiás. Dissertação de Mestrado. Brasília. DG-UNB, 2001.

Orientadora: Prof. Dra. Marília Luíza Peluso

Palavras-chave: percepção, população, ecoturismo, territorialidades, Alto de Paraíso de Goiás-GO

Resumo: Busca identificar a percepção que as populações do município de Alto Paraíso de Goiás demonstram ter sobre as relações que envolvem o ecoturismo na região, nas décadas de 80 e 90, sobretudo quanto à definição de novas territorialidades. Procura verificar, ademais, em que medida as mudanças ocorridas nos espaços afetam a convivência das pessoas do lugar e são por elas percebidas.

- Referencial Crítico-Humanista

51- ANDRADE, Jorge Luís de. "Turismo e reestruturação espacial: o exemplo da região de Valença". Dissertação de mestrado. Salvador. IGC-UFBA, 2001. 160p.

Orientador: Prof.Dr. Sylvio Carlos Bandeira de Mello e Silva

Palavras-chave: Valença, turismo, espaço geográfico, reestruturação espacial

Resumo: Analisa as transformações produzidas pelo turismo na região em torno de Valença, no litoral sul da Bahia, compreendendo os municípios de Valença, Cairu, Taperóia, Nilo Peçanha, Ituberá, Igrapiúna e Camamu, quando da implantação do programa de desenvolvimento turístico do estado da Bahia - PRODETUR/BA.

- Referencial Crítico

52- AZEVEDO, Ursula Ruchkys de. Atrativos turísticos naturais em regiões cársticas - análise de proteção ambiental carste de Lagoa Santa. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte. PUC-Minas, 2001.

Orientador: Prof.Dr. Heinz Charles Kohler

Palavras-chave: turismo, análise espacial, SIG, APA Carste Lagoa Santa-MG.

Resumo: Utiliza ferramentas de Sistemas de Informação Geográfica (SIG) para o levantamento da potencialidade para o ecoturismo na APA Carste de Lagoa Santa, que além das feições exocársticas e endocársticas de sua geomorfologia conta com remanescentes de uma ocupação histórica (bandeirantes), pré-histórica (Homem de Lagoa Santa) e paleontológica (mega fauna extinta). Propõe estratégias para o desenvolvimento de um turismo sustentável na APA Carste de Lagoa Santa.

- Referencial Pragmático

53- CALVENTE, Maria Del Carmen Matilde Huertas. "Turismo e excursionismo: o qualificativo rural - um estudo das experiências e potencialidades no norte velho do Paraná". Tese de doutorado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 2001. 263 p.

Orientadora: Adyr Aparecida Balastrieri Rodrigues

Palavras-chave: Turismo Rural, Paraná, segmentação turística, potencialidade, impactos //estudo de caso

Resumo: Este estudo enfoca a diversificação contemporânea do turismo, na perspectiva da Geografia, tendo o turismo rural como tema central e como sub-temas a sua potencialidade, regulamentação, impactos e perspectivas. O trabalho de investigação empírica aborda o desenvolvimento embrionário do turismo nas áreas rurais do Norte Velho do Paraná, Brasil.

- Referencial Crítico

54- CÂMARA, Maurício Ruiz. Turismo no litoral de Santa Catarina: tensões, conflitos e reorganização espacial. Dissertação de Mestrado. Florianópolis. CFCH/DG-UFSC, 2001.

Orientador: Prof. Dr. Augusto César Zeferino

Palavras-chave: turismo, impactos ambientais, reorganização espacial, litoral-SC

Resumo: O trabalho busca caracterizar os impactos da atividade do turismo na reorganização espacial do litoral catarinense e entender as tensões e conflitos gerados por esta atividade.

- Referencial Crítico

55- FERNANDES, Cláudio Tadeu Cardoso. "O Lago da Serra da Mesa como indutor da potencialidade do turismo em Colinas do Sul (GO)". Brasília. Dissertação de mestrado. DG-UNB. 2001. 185p.

Orientadora: Profa.Dra. Marília Steinberger

Palavras-chave: Turismo, desenvolvimento sustentável, planejamento participativo, Lago de Serra da Mesa, Colinas do Sul- GO

Resumo: O estudo proposto tem como foco o uso do lago da Hidrelétrica Serra da Mesa, no rio Araguari, em Goiás, pela atividade turística, numa abrangência de nove municípios do norte do nordeste goiano, entre eles, o de Colinas do Sul. A região é conhecida como "o corredor da miséria", devido a sua não-integração ao dinamismo econômico de outras regiões do estado.

- Referencial Crítico

56- GÜTTLER, Maria Aparecida Castro César. Comunicação turística de Florianópolis. Dissertação de Mestrado. Florianópolis. CFCH/DG-UFSC, 2001.

Orientador: Prof. Ms. SC. Ivo Sostisso.

Palavras-chave: marketing turístico, planejamento turístico, impactos ambientais, Florianópolis-SC

Resumo: O trabalho faz uma crítica ao marketing turístico veiculado em Florianópolis, e ao planejamento ambiental que desconsidera a complexidade do planejamento turístico, e de seus impactos ambientais.

- Referencial Crítico-Socioambiental

57- MARIANI, Milton Augusto Pasquotto. "Geografia e turismo no paraíso das águas: o caso de Bonito". Tese de doutorado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 2001. 265 p.

Orientadora: Amália Inês Geraiges de Lemos

Palavras-chave: turismo, meio ambiente, políticas públicas, território, Bonito-MS

Resumo: O trabalho tem por finalidade analisar a atividade turística como produto da sociedade de consumo e a questão ambiental, as políticas públicas e as ações da iniciativa privada que incidem sobre o território de Bonito-MS.

- Referencial Crítico-Socioambiental

58 - ROCHA, Luciana Sandrini. Florianópolis: desenvolvimento turístico e produção sócio-espacial. Dissertação de mestrado. Florianópolis. CFCH/DG-UFSC, 2001.

Orientador: Prof. M.SC Luis Fugazzola Pimenta

Palavras-chave: turismo, lazer, produção do espaço, Florianópolis-SC.

Resumo: O trabalho trata da produção de espaços turísticos de Florianópolis do ponto de vista de um fenômeno social. A partir do planejamento do uso e ocupação do solo dos balneários propõe uma tipologia (balneários típicos, bairros de segunda residência e os equipamentos turísticos de médio e grande porte que seguem a tendência internacional) e discute as implicações dos impactos socioambientais e culturais de cada uma delas.

- Referencial Crítico

59- RODRIGUES, Wagneide. A busca do paraíso. Dissertação de mestrado. Goiânia. DG-UFG, 2001. 114p

Orientadora: Profa. Dra. Maria Geralda de Almeida

Palavras-chave: Turismo, análise ambiental, capacidade de carga, reorganização socioespacial, sustentabilidade, Alto Paraíso de Goiás.

Resumo: A pesquisa tem como objetivo a análise das mudanças sócio-econômicas e espaciais promovidas pela atividade turística em Alto Paraíso de Goiás e as contradições na realização da atividade, que se desenvolve na lógica da produção capitalista, afetando a sustentabilidade ambiental e social.

- Referencial Crítico-Socioambiental

60- SANTOS, Lída Maria dos. "O meio natural e o ecoturismo em Belo Horizonte". Dissertação de mestrado. Belo Horizonte. IGC-UFMG. 2001.

Orientador: Prof. Dr. Allaoua Saadi

Palavras-chave: Ecoturismo pedagógico, preservação ambiental, plano de gestão, Belo Horizonte

Resumo: Registrar a situação atual das áreas naturais existentes em Belo Horizonte. Ressaltar sua importância, no contexto global, a necessidade de sua preservação. Para esse objetivo preservacionista a pesquisa aponta o caminho do ecoturismo pedagógico e apresenta uma sugestão de um plano de gestão ecoturística para Belo Horizonte, baseado nos dados levantados pela pesquisa.

- Referencial Crítico

61- SILVA, Jorge José Araújo da. “Diretrizes para uso dos manguezais do Arquipélago do Pina - Recife: uma análise crítica”. Dissertação de mestrado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 2001. 138 p.

Orientadora: Profa. Dra. Adyr Aparecida Balastrieri Rodrigues

Palavras-chave: espaço turístico, degradação ambiental, globalização, Recife

Resumo: Analisa a ocupação da zona sul da cidade de Recife no contexto da degradação do ecossistema dos manguezais do “Pina” pelos projetos turísticos elaborados nos moldes da globalização: os mega-empresários existentes na organização turística da cidade e os espaços vazios, ora tidos como unidades de conservação, e que são abertos à especulação imobiliária.

- Referencial Crítico-Socioambiental

62- SILVA, Og da Silva e. “O turismo na praia do Sono, município de Paraty-RJ”. Dissertação de mestrado. Presidente Prudente. DG-UNESP/PP. 2001.

Orientador: Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito

Palavras-chave: turismo, caiçara, Praia do Sono, Paraty-RJ

Resumo: Analisa o desenvolvimento da atividade turística e suas implicações numa comunidade caiçara (Praia do Sono, Paraty-RJ). É feito um estudo da origem dessa população como ela era, como ela está na presença do turismo e a perspectiva de futuro que tem seus moradores.

- Referencial Crítico-Cultural

63- SILVA, Wanderlei Sérgio da. “Identificação de unidades ambientais no Município de Atibaia – SP”. Dissertação de mestrado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 2001.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Sammarco Rosa

Palavras-chave: Turismo, planejamento ambiental, Município de Atibaia-SP

Resumo: Apresenta uma caracterização ambiental do Município de Atibaia-SP, elaborado segundo critérios e procedimentos voltados à aplicação no planejamento ambiental do município.

- Referencial Crítico

64- WEISSBACH, Paulo Ricardo Machado. Possibilidades de aproveitamento turístico da área rural de Cruz Alta-RS. Dissertação. Rio Claro. Rio Claro. IGCE/Unesp/Rio Claro. 2001. 203p.

Orientador: Prof. Dr. Manuel Rolando Berríos Godoy

Palavras-chave: turismo rural, diagnóstico e potencial turístico, turismo regional.

Resumo: Análise dos fatores favoráveis à implantação do turismo rural no município de Cruz Alta-RS. Aborda aspectos pertinentes à caracterização da área, à infraestrutura existente, aos recursos turísticos, à avaliação das potencialidades e às proposições para implementação do turismo rural dentro de uma visão de integração regional.

- Referencial Crítico

65- UBIRAJARA Carlos Roberto Cruz. Região de Garanhuns: dinâmica sócio-espacial e a difusão da função turística. Dissertação de Mestrado. Recife. DG-UFPE, 2001. 214p.

Orientador: Prof.Dr. Nilson Cortez Crocia de Barros

Palavras-chave: paisagens agropastoris, área ecológica, turismo, Garanhuns-PE

Resumo: Analisa as transformações sócio-espaciais na região de Garanhuns decorrentes de interesses econômicos e políticos viabilizados pela implementação da interiorização do fluxo turístico no território de Pernambuco, buscando identificar os efeitos das atividades turísticas sobre a realidade regional e as paisagens geográficas.

- Referencial Crítico

2002

66- BANDEIRA, Ariadna da Silva. “A política do turismo na Bahia e a reprodução do espaço litorâneo - o exemplo de Itacaré”. Dissertação de mestrado. Salvador. IGC-UFBA. 2002.

Orientadora: Profa. Dra. Creuza Santos Lage

Palavras-chave: turismo, políticas públicas, Itacaré-BA

Resumo: Analisa as estratégias da política governamental para a atividade do turismo no Estado da Bahia e suas repercussões sócio-ambientais, no município de Itacaré, localizado na zona turística da Costa do Cacau. Oferece subsídios ao planejamento.

- Referencial Crítico

67- BATISTA, Ondimar. Visões de Pirenópolis: O Lugar e os Moradores Face ao Turismo. Dissertação de mestrado. Goiânia. DG-UFG, 2002. 175p.

Orientadora: Profa.Dra. Maria Geralda de Almeida

Palavras-chave: Turismo, lugar, patrimônio, Pirenópolis - GO.

Resumo: O fio condutor para a compreensão dos elos entre a atividade turística e as categorias geográficas paisagem, lugar e território é o município de Pirenópolis, em Goiás. Busca trazer à tona as possíveis alterações no lugar do pirenopolino, a partir das novas territorialidades aí expressas pelo turismo.

- Referencial Crítico-Humanístico

68- BOERNGEN, Ronaldo. "Teorias, mapas e viagens: a geografia nos cursos superiores de turismo". Dissertação de mestrado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 2002. 111p.

Orientadora: Profa.Dra.Nídia Nacib Pontuschka

Palavras-chave: Ensino de turismo, cartografia, análise geográfica do fenômeno do turismo.

Resumo: O ensino da geografia nos cursos superiores de turismo existentes no Brasil no ano de 2002. Por ater-se mais nas exigências docentes do ensino de Geografia do que na análise geográfica do fenômeno turismo, insere-se no âmbito dos estudos pedagógicos universitários e não no do turismo enquanto atividade econômico-espacial.

- Referencial Crítico

69- BRITO, Rafael Ferreira. "Turismo e Misticismo em Brasília". Brasília. Dissertação de mestrado. Brasília. DG-UNB. 2002.

Orientadora: Profa. Dra. Marília Steinberger

Palavras-chave: Turismo, dimensão espacial, misticismo, Brasília-DF.

Resumo: Investigar aspectos verificados através das imagens de Brasília, que possam contribuir para o incremento do turismo local. Com base nos dados levantados, conclui que o misticismo é uma dimensão da imagem de Brasília, pouco relevante no contexto do turismo local, sendo muito mais um "produto turístico" a ser explorado do que uma realidade.

- Referencial Crítico-Humanista

70- COSTA, Vivian Castilho da. "Análise do potencial turístico das RA'S de Campo Grande e Guaratiba-RJ". Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro. IGC-UFRJ. 2002. 188p.

Orientadora: Profa. Dra. Josilda Rodrigues da Silva de Moura

Palavras-chave: Geografia do Turismo, município do Rio de Janeiro, regiões administrativas, Campo Grande, Guaratiba, Índice de Qualidade Urbana (IQU), potencial turístico, planejamento participativo

Resumo: Avalia o desenvolvimento e o potencial das atividades turísticas nas duas Regiões Administrativas (RAs) da Zona Oeste do Município do Rio de Janeiro: a RA de Campo Grande e a RA de Guaratiba. Propõe diretrizes gerais para sua implementação, de forma compatível com o desenvolvimento sustentável da região.

- Referencial Crítico

71- DALL'ACQUA, Clarisse Torrnes Borges. Das cadeias produtivas à definição dos espaços: geo-econômico, global e local. Três abordagens que integram competitividade e desenvolvimento. Dissertação de mestrado. São Paulo, FFLCH/DG-USP. 2002, 115p.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Augusto de Queiroz Ablas

Palavras-chave: desenvolvimento local, competitividade, cadeias produtivas, turismo, reestruturação produtiva.

Resumo: Propõe uma revisão de velhos e novos conceitos da análise regional, que ajuda a transpor a distância entre as políticas elaboradas para promover

competitividade e as políticas para lidar com as questões locais e o desenvolvimento territorial. As análises empíricas de planejamento público em diferentes escalas geográficas contam com "os eixos nacionais de integração e desenvolvimento", "o cliente de Turismo do Estado do Amazonas" e a câmara regional do Grande ABC".

- Referencial Crítico

72- FURLAN Adriana Aparecida. As comunidades caiçaras na Ilha do Cardoso. Uma leitura geográfica da paisagem. Dissertação de mestrado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 2002. 166p.

Orientador: Prof. Dr. Gil Sodero de Toledo

Palavras-chave: Paisagem, cultura caiçara, ilha do Cardoso, parque estadual, turismo.

Resumo: Estudo comparativo das similaridades e diferenças da paisagem cultural das comunidades caiçaras (Pontal de Leste, Enseada da Baleia, Vila Rápida, Marujá, Foles, Camboriú e Itacuruçá) localizadas na ilha do Cardoso (Cananéia), no litoral sul do Estado de São Paulo, transformada no Parque Estadual da Ilha do Cardoso em 1962. A pesquisa de campo está calcada na verificação das diferentes atividades econômicas desenvolvidas pelos moradores, da organização sócio-política, das transformações culturais introjetadas por diferentes fatores de influência externos nos últimos 50 anos.

- Referencial Crítico-Cultural

73- JESUS, Mauro Oliveira de. Turismo no Espaço Rural no Município de Aquidauana-MS. Dissertação de mestrado. Aquidauana. UFMS/DG- Campus de Aquidauana. 2002.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Frederico C. da Costa

Palavras-chave: turismo, espaço rural, Aquidauana-MS.

Resumo: Busca mostrar a região de Aquidauana como um potencial na modalidade de turismo rural. A partir daí, a identificação das áreas que se propõem a realizar esse tipo de turismo, os impactos socioambientais advindos da atividade, o fluxo dos turistas e sua procedência e a valorização da paisagem. São formuladas recomendações consubstanciadas em diretrizes e ações destinadas a reverter ou minimizar as situações desfavoráveis à sustentabilidade local.

- Referencial Crítico

74- KRAHL, Mara Flora Lottici. Turismo Rural: Conceituação e Características Básicas. Dissertação de mestrado. Brasília. DG-UNB, 2002. 152p.

Orientadora: Profa. Dra Marília Steinberger

Palavras-chave: Turismo, Meio Rural, Ruralidade

Resumo: A partir de uma abordagem geográfica, procura compreender as várias motivações que levam ao deslocamento temporário das pessoas urbanas para o meio rural no País para realizar a prática turística chamada Turismo Rural. Focaliza a ruralidade como um valor, que se manifesta pelos elementos que compõem a paisagem rural, dotando-a de qualidade.

- Referencial Crítico-Humanista

75- LIMA, Maria Lúcia Ferreira da Costa. “Eco(turismo) em áreas protegidas : um olhar sobre Fernando de Noronha”. Tese de doutorado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 2002. 287 p.

Orientadora: Profa. Dra Adyr Aparecida Balastrieri Rodrigues

Palavras-chave: Ecoturismo, impactos socioambientais, proteção ambiental, Arquipélago de Fernando de Noronha-PE

Resumo: Este estudo se insere no debate sobre a tendência de crescimento do ecoturismo no mundo e seus impactos sobre a visitação e o manejo de unidades de conservação, bem como sobre as localidades nas quais se desenvolve. Tem como estudo de caso o Arquipélago de Fernando de Noronha, situado no Oceano Atlântico, na região Nordeste do Brasil. Oferece subsídios ao planejamento.

- Referencial Crítico-Socioambiental

76- MACHADO, Marcello de Barros Tomé. “A modernidade no Rio de Janeiro: construção de um cenário para o turismo”. Dissertação de mestrado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 2002. 204 p.

Orientadora: Profa. Dra. Adyr Aparecida Balastrieri Rodrigues

Palavras-chave: Turismo, produção do espaço, Rio de Janeiro-RJ.

Resumo: Destaca as transformações que modernizaram o Rio de Janeiro, possibilitando a formação do cenário para o surgimento do turismo moderno, tornando a cidade um importante centro turístico da modernidade, cuja beleza a fez merecer o título de Cidade Maravilhosa.

- Referencial Crítico-Cultural

77- MARTINS, Regina Andréa. “O desenvolvimento local: políticas públicas e ação do turismo no povoado de Lapinha, município de Santana do Riacho (MG).” Dissertação de mestrado. Belo Horizonte. IGC-UFMG. 2002.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Roberto Moreira Ribeiro:

Palavras-chave: Turismo de base local, atrativo turístico, políticas públicas, Lapinha-Serra do Cipó, organização do espaço.

Resumo: O turismo de base local no contexto do povoado de Lapinha, na serra do Cipó-MG. Políticas públicas eficazes e envolvimento efetivo de todos os atores diretamente vinculados à atividade turística apresentam-se como fatores essenciais para o desenvolvimento ordenado e equilibrado desse tipo de turismo, abrindo os caminhos para a construção de um verdadeiro desenvolvimento social.

- Referencial Crítico

78- MORETTI, Silvana Aparecida Lucato. “Atividade Turística e Transformações Territoriais no Município de Jardim-MS”. Dissertação de mestrado. Dourados. UFMS /DG Campus de Dourados. 2002.

Orientadora: Profa. Dra. Ângela Maria Zanon

Palavras-chave: turismo, impactos ambientais, reorganização espacial, Jardim-MS

Resumo: Análise da produção e do consumo do território do município de Jardim-MS, através da inserção do turismo e do processo de desterritorialização e reterritorialização resultante dessa atividade. Ganha visibilidade no espaço turístico em construção a perda do sentido de território para parcelas da sociedade, com o

processo de decisão mudando do eixo local para o global e com as necessidades do outro (turista) sendo supervalorizadas em relação às necessidades da sociedade local.

- Referencial Crítico

79- MUSSATO, Andréa Aparecida. “O turismo na região de Visconde de Mauá: impactos sobre o meio ambiente”. Dissertação de mestrado. São Paulo. FFLCH/DG-USP.2002.136 p.

Orientador: Prof.Dr. Mário De Biasi

Palavras-chave: Turismo, impactos socioambientais, Meio ambiente, Visconde de Mauá-RJ.

Resumo: Avalia os impactos do turismo, principalmente os negativos, sobre os principais vilarejos que compõem a Região de Visconde de Mauá, localizada a sudoeste dos Estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais e a leste do Estado de São Paulo a partir do olhar da população residente, comerciantes, turistas e pela análise crítica do olhar do turista-geógrafo.

- Referencial Crítico

80- OLIVEIRA, Alexandre Magno de A preservação ambiental e a urbanização na Serra do Cipó. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte, IGC-UFMG. 2002. 164p.

Orientador: Profa. Dra.Heloisa Soares de Moura Costa

Palavras-chave: Preservação ambiental, urbanização, turismo, impactos socioambientais, Serra do Cipó-MG

Resumo: Procura enriquecer a discussão no tocante ao fenômeno da urbanização e sua relação com a gestão ambiental nas áreas protegidas. Em Santana do Riacho, no distrito de Cardeal Mota-MG, encontram-se essas evidências empíricas nas "áreas protegidas" da Serra do Cipó: a Área de Proteção Ambiental Morro da Pedreira e o Parque Nacional da Serra do Cipó. Busca em linhas gerais explicar criticamente de que forma a urbanização ocorre no entorno das "áreas protegidas" da Serra do Cipó e como são incorporados (ou não) os discursos ambientais, legitimamente aceitos pelo senso comum. Oferece subsídios ao planejamento.

- Referencial Crítico-Socioambiental

81- OLIVEIRA, Leonardo Carneiro de. “A rede de empreendimentos turísticos e sistema de informação: contexto e desafio em Paraty-RJ”. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro. IGC-UFRJ. 2002.

Orientadora: Profa. Dra. Josilda Rodrigues da Silva de Moura

Palavras-chave: turismo, sistema de informação, Paraty-RJ.

Resumo: O trabalho parte de uma análise histórica, ambiental e cultural do município de Paraty, tendo como objetivo apresentar as atratividades locais para a atividade do turismo. A partir de uma análise da atividade do turismo, propõe a morfologia das redes geográficas.

- Referencial Crítico-Pragmático-Cultural

82- OLIVEIRA, Marco Aurélio Alves de. "Cartografia e turismo: o mapa na expressão do espaço turístico". Dissertação de mestrado. São Paulo. FFLCH/ DG-USP. 2002.157p.

Orientadora: Profa.Dra.Regina Araújo de Almeida

Palavras-chave: Cartografia, turismo, mapas turísticos.

Resumo: O trabalho de pesquisa Cartografia e Turismo se articula em meio às pertinências das estruturas das imagens cartográficas, discutindo as bases teóricas de linguagem e comunicação do mapa, assim como seu papel na composição de identidades espaciais, destinado a representação. Por outro lado, o mapa é abordado como um reflexo de imposições e processos que comandam as contextualizações e significações da esfera do turismo.

- Referencial Crítico-Humanista

83- PERETTI, Gláucia Aparecida Rosa Cintra. "Proposta de conscientização turística na E.E. 18 de junho de Pres. Epitácio-SP: uma experiência de como trabalhar ao tema turismo nas escolas de ensino fundamental". Dissertação de mestrado. Presidente Prudente. DG/UNESP-PP. 2002. 121p.

Orientador: Prof.Dr. Armando Garms

Palavras-chave: turismo, meio ambiente, geografia, conscientização

Resumo: Propõe, desenvolve e avalia a formação de uma conscientização turística nas escolas públicas de ensino fundamental, discutindo como o tema turismo pode ser abordado pela geografia e demais disciplinas, num trabalho interdisciplinar. Propõe, desenvolve e avalia práticas de educação ambiental para a formação da consciência crítica em relação ao meio ambiente e ao turismo.

- Referencial Crítico

84- RAMOS, Marcelo Viana. "Impactos sócio-ambientais do turismo: a produção do espaço urbano em Porto Seguro." Dissertação de mestrado. Belo Horizonte. IGC-UFMG. 2002.

Orientadora: Profa.Dra.Heloisa Soares de Moura Costa

Palavras-chave: Turismo de massa, urbanização turística, produção do espaço urbano, impactos sócio-ambientais, segregação sócio-espacial, análise espacial, sustentabilidade urbana, Porto Seguro-BA.

Resumo: Esta pesquisa apresenta uma abordagem sobre a produção do espaço urbano na cidade de Porto Seguro tendo como conceito fundante a "urbanização turística" associada à dependência econômica exercida por esta atividade. Oferece subsídios ao planejamento ao destacar a importância da localização litorânea e do turismo de massa no contexto da produção do espaço, seus impactos sócio-ambientais, a ação dos agentes sociais e a forma como cada um deles atua no processo de apropriação e estruturação das diferentes áreas da cidade.

- Referencial Crítico-Socioambiental

85- RIBAS, Rodrigo. "Turismo e desenvolvimento: análise da relação turismo e desenvolvimento em Minas Gerais". Dissertação de mestrado. Belo Horizonte. IGC-UFMG. 2002.

Orientador: Prof.Dr.Ralfo Edmundo da Silva Matos

Palavras-chave: Turismo, impacto socioambiental, desenvolvimento sustentável, Minas Gerais.

Resumo: Analisa com base estatística a possibilidade de algum tipo de relação entre turismo e desenvolvimento nos municípios de Minas Gerais, divididos em duas classes, Turísticos e Não-Turísticos, de acordo com Deliberação Normativa da Embratur. Utilizando a estatística de Student, chega à conclusão que essa relação existe, mas não se pode determinar se ela é causal.

- Referencial Crítico-Pragmático

86- SARAIVA, Maria Lianeide Souto Araújo. Faces dos Novos Usos do Território Litorâneo: lazer e turismo em Praia das Fontes e Prainha do Canto Verde. Dissertação de mestrado. Fortaleza. DG-UEC. 2002.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Cruz Lima

Palavras-chave: lazer, turismo, espaço, território, poder público, planejamento.

Resumo: O trabalho trata do processo de uso e ocupação do território litorâneo de Beberibe-CE, com ênfase para as práticas sociais, lazer e turismo. Um recorte temporal mais amplo conduz à década de setenta do século passado, marco da chegada dos primeiros veranistas. Um segundo recorte temporal centra as atenções nos últimos doze anos, considerando a intensificação das intervenções do poder público na ordenação do espaço estudado.

- Referencial Crítico

87- SILVA, Maria da Glória Soares. O ecoturismo no espaço rural de Bonito - Pernambuco. Dissertação de mestrado, Aracaju. DG-UFS, 2002,164p.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Augusta Mundim Vargas

Palavras-chave: ecoturismo, organização do espaço rural, políticas públicas, Brejo-PE.

Resumo: Identifica as mudanças ocorridas no espaço rural de Bonito-PE em decorrência do ecoturismo, enfocando o uso das cachoeiras como objeto de consumo turístico. Apresenta um inventário das potencialidades do ecoturismo analisando as condições de acesso e a utilização dos equipamentos turísticos (transportes, via de acesso e outros), o perfil dos turistas, a recepção da população local e os incentivos das políticas municipal e estadual.

- Referencial Crítico

88- SILVA, Paulo Sérgio da. "Bases geomorfológicas para o levantamento do potencial turístico do município de Gouveia (MG) serra do Espinhaço. Estudo de caso". Dissertação de mestrado. Belo Horizonte. IGC-UFMG. 2002.

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Helena Ribeiro Rocha Augustin

Palavras-chave: potencial turístico, análise ambiental, Gouveia-MG.

Resumo: O presente trabalho busca levantar o potencial turístico do município de Gouveia-MG com base na exploração racional dos recursos naturais disponíveis. Para isso, utilizou-se uma base do mapeamento de domínios geomorfológicos, onde se localiza o potencial turístico natural, além da caracterização da infra-estrutura local e, por meio de uma amostragem por questionários, foi revelada a "percepção" que a comunidade tem a respeito dessa atividade.

- Referencial Crítico-Humanista

89- SILVEIRA, Marcos Aurélio Tarlombani da. “Turismo, políticas de ordenamento territorial e desenvolvimento: um foco no Estado do Paraná no Contexto Regional”. Tese de doutorado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 2002. 277 p.

Orientadora: Profa. Dra. Adyr Aparecida Balastrieri Rodrigues

Palavras-chave: Turismo, (re)ordenamento do território, Brasil, Paraná

Resumo: Procura apontar as estratégias de desenvolvimento do turismo no Brasil, focando o Estado do Paraná. Identifica as ações que visam promover a expansão territorial do turismo nas escalas nacional e regional, centrando o foco de análise nas políticas de planejamento territorial que orientam o desenvolvimento da atividade turística no país, e em particular no estado.

- Referencial Crítico

90- SIQUEIRA, Maria Eliza de Sales Amaral. “A proposta e a prática da questão ambiental: uma análise da coerência em relação ao turismo em Bertioga”. Dissertação de mestrado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 2002. 185 p.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Abdo Yásigi

Palavras-chave: turismo, meio ambiente, desenvolvimento sustentável, Bertioga-SP.

Resumo: Estudo da coerência entre as propostas e práticas envolvendo o turismo e a questão ambiental no litoral do Estado de São Paulo, enfocando principalmente a última década. Bertioga é o estudo de caso, município localizado na Baixada Santista. A pesquisa revela a existência de contradições entre a proposta e a prática, subsidiando a hipótese da necessidade de inter-relacionamento entre turismo e território.

- Referencial Crítico

91- SOUZA, Edson Belo Clemente. “Estado: Produção da região do lago de Itaipu – Turismo e crise energética”. Tese de doutorado. Presidente Pudente. DG/UNESP-PP. 2002.

Orientadora: Profa. Dra. Arlete Moisés Rodrigues

Palavras-chave: Turismo, políticas públicas, Itaipu, Costa Leste, PR.

Resumo: As políticas do estado brasileiro da década de 1970, controlada pelo poder militar, determinaram construir a maior hidroelétrica do mundo - Itaipu Binacional – com a justificativa de suprir a demanda por energia face ao período de modernização do parque industrial brasileiro. A imbricada relação entre formação do lagoa de Itaipu, turismo e crise energética permeia a discussão do *cluster* turístico da Costa Leste.

- Referencial Crítico

92- SOUZA, Luciana Cristina Teixeira de. “Morro de São Paulo / Cairu-Bahia: uma decodificação da paisagem através dos diferentes olhares dos agentes socioespaciais do lugar.” Dissertação de mestrado. Salvador. IGC-UFBA. 2002. 167p.

Orientador: Prof. Dr. Ângelo Szaniecki Perret Serpa

Palavras-chave: turismo, percepção espacial, território, espaço vivido, Morro de São Paulo-BA.

Resumo: Analisa em que nível se dá a apreensão da comunidade do povoado de Morro de São Paulo em relação aos impactos ou transformações observadas no local a partir da inserção do turismo no lugar. Constata que se torna necessário reavaliar o modelo de desenvolvimento turístico implantado e refletir sobre uma outra racionalidade baseada nos princípios de desenvolvimento humano, levando em conta não só a percepção e os anseios da população local, como também a sua conseqüente participação nas tomadas de decisões. Oferece subsídios ao planejamento.

- Referencial Crítico-Humanista

93- TELES, Margarete Araújo. “Análise do Potencial turístico do município de Campo Magro-PR: Áreas de Proteção Ambiental e zona rural.” Dissertação de mestrado. Curitiba. DG-UFPR, 2002. 112p.

Orientadora: Profa.Dra. Ana Maria Muratori

Palavras-chave: Turismo, sustentabilidade. Áreas Naturais, PR.

Resumo: O objetivo principal desta pesquisa centra-se numa análise crítica do potencial turístico do município de Campo Magro e sua viabilização, apontando medidas para o desenvolvimento de atividades turísticas ambientalmente corretas. Analisa os atrativos naturais e culturais, equipamentos e a sua infra-estrutura básica, tendo em vista suas potencialidades para o desenvolvimento do turismo, bem como verifica projetos e propostas de exploração turística no território e nas áreas de proteção ambiental e o envolvimento da comunidade, tendo em vista o desenvolvimento sustentável do turismo.

- Referencial Crítico

94- VEIGA, Tereza Cristina. “Um estudo de geoplanejamento em Macaé-RJ. Contribuições do geoprocessamento como ferramenta à decisão na definição de áreas potencialmente viáveis ao desenvolvimento de atividades turísticas.” Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, IGC-UFRJ, 2002.

Orientador: Prof.Dr. Jorge Soares Marques

Palavras-chave: geoplanejamento, geoprocessamento, planejamento do turismo.

Resumo: Investiga os recursos e limitações de um determinado território, utilizando técnicas de geoprocessamento, com o objetivo de definir áreas potencialmente viáveis ao desenvolvimento de atividades turísticas. A área escolhida para a investigação abrange o município de Macaé - RJ e seu entorno.

- Referencial Pragmático

2003

95- ÁLVARES, Karla Valladares. “O Eixo Turístico Mariana - Santa Bárbara: Paisagens e Lugares Turísticos.” Dissertação de mestrado. Belo Horizonte. PUC-Minas, 2003. 220p.

Orientador(es): Prof. Dr. Altino Barbosa Caldeira; Prof. Dr. Oswaldo Bueno Amorim Filho

Palavras-chave: Geografia do Turismo, Turismo, Quadrilátero Ferrífero (MG)//estudo de caso

Resumo: Investiga o potencial do eixo turístico Mariana - Santa Bárbara, situado na Região Central do Estado de Minas Gerais. Considerando a importância da paisagem como lugar turístico, analisa-a nos seus aspectos urbano, cultural e ambiental, a partir dos quais traça um panorama da situação atual do turismo na região.

- Referencial Humanista-Cultural

96- BARBOSA, Carla Cristina. "A feira, a cidade e o turismo: conceito, definições e relações com o lazer e a cultura em Montes Claros". Dissertação de mestrado. Uberlândia. IG-UFU. 2003.

Orientador: Prof. Dr. Rosselvelt José Santos

Palavras-chave: turismo, lazer, espaço, cultura, Montes Claros-MG

Resumo: Analisa a feira, a cidade e o turismo buscando conceitos, definições e relações entre o lazer e a cultura em Montes Claros-MG. O turismo, apropriando-se das tradições culturais da região, pode se tornar uma alternativa que possibilita a melhoria da qualidade de vida dos artesãos, da população envolvida e, principalmente, ao divulgar ao mundo a "simplicidade", as tradições, o folclore e a cultura do sertão mineiro e da sua gente.

- Referencial Crítico-Cultural

97- BARRETO, Helen Nébias. "Recursos hídricos, turismo e meio ambiente: estudo comparativo de casos no estado de Minas Gerais." Dissertação de mestrado. Belo Horizonte. IGC-UFMG. 2003.

Orientador: Roberto Célio Valadão

Palavras-chave: Turismo, impactos, gestão de recursos hídricos, balneário, MG, preservação ambiental, recreação.

Resumo: Reflexão sobre a problemática atual da água em termos de sua gestão, identificando os possíveis impactos, interesses e valores conflitantes referentes ao seu uso para fins de balneabilidade. Foram delimitadas três áreas de pesquisa: a bacia do Ribeirão Casa Branca, no município de Brumadinho; a bacia do Córrego do Pântano, no município de Lagoa da Prata; e a bacia do Córrego Lapinha, em Santana do Riacho.

- Referencial Crítico-Socioambiental

98- BERTIN, Marta. "O Turismo em Foz do Iguaçu na Visão dos Estudantes: Um Estudo de Percepção Ambiental." Dissertação de mestrado. Curitiba. DG-UFPR, 2003. 160p.

Orientadora: Profa. Dra. Salete Kozel Teixeira

Palavras-chave: Turismo, Adolescentes, percepção ambiental.

Resumo: Analisa e busca compreender como o turismo tem interferido na mente dos adolescentes que vivem em Foz do Iguaçu, por meio da percepção e representação de estudantes do ensino fundamental da rede pública e particular. Analisa como

essa prática social - o turismo -, com sua capacidade de transformação dos lugares, exerce influência na relação do homem com o seu ambiente, ou seja, seu mundo vivido por meio das representações simbólicas - os mapas mentais.

- Referencial Humanista

99- BORIN, Paula. “Divisão Interurbana do trabalho e uso do território nos municípios de Águas de Lindóia (SP), Lindóia (SP), Socorro (SP) e Monte Sião(MG).” Dissertação de mestrado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 2003. 165p.

Orientadora: Maria Adélia Aparecida de Souza

Palavras-chave: Uso do território, turismo, águas termais, meio técnico-científico-informacional, SP/ MG.

Resumo: Analisa o conteúdo e funcionamento da divisão interurbana do trabalho da região compreendida pelas cidades de Serra Negra (SP), Águas de Lindóia (SP), Lindóia (SP), Socorro (SP) e Monte Sião (MG), com ênfase em suas especializações territoriais produtivas: turismo, águas minerais engarrafadas e malhas de tricô.

- Referencial Crítico

100- FIORI, Sérgio Ricardo. “Mapas Turísticos: o desafio do uso da arte na era digital”. Dissertação de mestrado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 2003. 204 p.

Orientadora: Profa. Dra. Regina Araújo de Almeida

Palavras-chave: Turismo, cartografia, mapas turísticos.

Resumo: Discute a confecção e análise das representações gráficas em mapas turísticos, questionando ao mesmo tempo os níveis de abstração e as imagens mentais das paisagens. Questiona o tipo de material utilizado para confeccionar os mapas, ou seja, a escolha entre o formato analógico ou digital, discutindo e comparando as diferentes técnicas.

- Referencial Crítico-Humanista

101- GONTIJO, Bernardo Machado. “A ilusão do ecoturismo na serra do Cipó/MG: o caso de Lapinha”. Tese de doutorado. Brasília. DG-UNB. 2003.

Orientadora: Prof. Dr. Othon Henry Leonardos

Palavras-chave: Ecoturismo, sustentabilidade serra do Cipó, Lapinha-MG,

Resumo: Analisa a sustentabilidade do turismo que vem se desenvolvendo em Lapinha, bem como sua relação com os problemas socioambientais da serra do Cipó sob uma perspectiva hologramática. Procura identificar o maior número possível de elementos/dimensões de análise associados ao conhecimento da rede de interações que lá acontecem; traçar algumas ações possíveis e/ou desejáveis para Lapinha e, por inferência direta, para a Serra do Cipó: a criação de um Parque Natural Regional como um caminho possível de promoção sustentável do turismo na região.

- Referencial Crítico-Humanista-Socioambiental

102- LEÃO, Maria Imaculada Carvalho. “Estrada Real: acesso do antigo para o contemporâneo – trecho entre Ouro Preto e Ouro Branco.” Dissertação de mestrado. Belo Horizonte. IGC-UFMG. 2003.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Roberto Moreira Ribeiro

Palavras-chave: Turismo, Estrada Real, Minas Gerais, atrativos turísticos, patrimônio histórico-cultural e ambiental// estudo de caso.

Resumo: Dentro das mudanças em curso no panorama econômico procuram-se novas opções de emprego e renda. Nesse sentido, lugares como o trecho da Estrada Real, entre Ouro Preto e Ouro Branco, podem encontrar sua inserção no mercado, através de seus atrativos turísticos. Este trabalho procura traçar um panorama das questões históricas que envolvem esses lugares e o seu contexto socioambiental.

- Referencial Crítico-Cultural

103- LEDA, Renato Leone Miranda. “Políticas públicas e territorialização do desenvolvimento turístico da Bahia: o caso da Chapada Diamantina.” Tese de doutorado. Rio de Janeiro. IGC-UFRJ. 2003.

Orientadora: Profa. Dra. Iná Elias de Castro

Palavras - chave: Chapada de Diamantina, turismo, políticas públicas.

Resumo: Procura analisar as políticas governamentais aplicadas ao desenvolvimento do turismo na Bahia, nos anos 1990, focalizando-as especificamente sob o prisma das estratégias de territorialização. A investigação fundamenta-se num arcabouço conceitual cujo ponto de partida é o caráter político e geográfico do desenvolvimento turístico.

- Referencial Crítico

104- LUIZ, Adilson Nalin. “Diagnóstico turístico da estrada do Cardoso no município de Bela Vista do Paraíso-PR utilizando o geoprocessamento”. Dissertação de mestrado. Presidente Prudente. DG/UNESP-PP. 2003.

Orientador: Prof.Dr. Armando Garms

Palavras-chave: diagnóstico turístico, geoprocessamento, Bela Vista do Paraíso-PR

- Referencial Pragmático

105- OLIVEIRA, Heloísa Helena Rôvo de. “A urbanização do turismo rural no Distrito Federal.” Dissertação de Mestrado. Brasília DG-UNB, 2003.

Orientadora: Profa. Dra. Marília Steinberger

Palavras-chave: Turismo rural, urbano, adaptação, ruralidade, Distrito Federal.

Resumo: Pesquisa exploratória sobre as práticas denominadas de turismo rural desenvolvidas em propriedades que oferecem hospedagem no Distrito Federal. O estudo foi norteado pela idéia de que os empreendimentos de turismo rural atendem as necessidades de lazer dos moradores urbanos e, em função disto, são feitas diversas adaptações na paisagem rural, que a descaracteriza enquanto atividade, impactando-a.

- Referencial Crítico

106- OURIQUES, Helton Ricardo. “A produção do turismo: fetichismo e dependência”. Tese de doutorado. Presidente Prudente. DG/UNESP-PP. 2003. 237p.

Orientadora: Profa. Dra. Arlete Moyses Rodrigues

Palavras-chave: turismo, fetichismo, dependência, Brasil

Resumo: Análise crítica sobre as concepções teóricas dos pesquisadores brasileiros que têm estudado o tema do turismo nos últimos anos e discute criticamente o fenômeno turístico no capitalismo contemporâneo. Em síntese, a tese argumenta que a produção do turismo está baseada no fetichismo e na dependência.

- Referencial Crítico

107- PAES, Maria Luiza Nogueira. “Paisagem emoldurada: do Éden imaginado à razão do mercado – estudo comparativo entre os Parques Nacionais do Vulcão Poás, na Costa Rica, e do Iguaçu, no Brasil”. Tese de doutorado. Brasília. DG-UNB. 2003.

Orientador: Prof. Dr. Paul Elliott Little

Palavras-chave: paisagem, parque nacional, turismo na natureza, Costa Rica e Brasil.

Resumo: Esta tese trata da construção da paisagem definida em diferentes momentos históricos como objeto da interpretação de uns, da contemplação de outros e, também, como objeto de consumo, deslocando-se o foco da atenção da natureza conservada para o comércio turístico da paisagem.

- Referencial Crítico-Humanista-Cultural

108- PINZAN, Edson José. “A potencialidade da atividade turística para o desenvolvimento regional”. Dissertação de mestrado. São Paulo.FFLCH/DG-USP. 2003.125p.

Orientadora: Luiz Augusto de Queiroz Ablas

Palavras-chave: turismo regional, baixada santista, desenvolvimento regional.

Resumo: Verifica como a atividade turística é, potencialmente, indutora do desenvolvimento de uma região. A análise toma como objeto de estudo a Região Metropolitana da Baixada Santista a partir de um conjunto de indicadores sócio-econômicos que possibilita o entendimento de como a atividade turística contribui para o desenvolvimento da região estudada.

- Referencial Crítico

109- SCALEANTE, Jose Antonio Basso. “Avaliação do impacto de atividades turísticas em cavernas.” Dissertação de mestrado. Campinas. IGC-UNICAMP. 2003

Orientador: Prof. Dr. Hildebrando Hermann

Palavras-chave: Ecoturismo, grutas, cavernas, capacidade de carga.

Resumo: Análise de vários aspectos de cavernas em rocha calcária que são significativos para sua preservação quando exploradas por atividades turísticas. Oferece subsídios para determinar a capacidade de carga de uma gruta através de alterações nas medidas de temperatura e umidade relativa do ar, ocasionadas pela presença humana, de modo a determinar o número máximo de pessoas que pode transitar ou permanecer em um determinado espaço - o interior de uma caverna -

sem provocar danos irreversíveis ao ambiente. O monitoramento constante com os equipamentos também gera informações relevantes sobre a necessidade de ações restritivas imediatas.

- Referencial Socioambiental

110- SILVA, Anaildes Tatiane Pinho da. “A Produção do Espaço Turístico da Bahia de Todos os Santos e Entorno”. Dissertação de mestrado. Salvador. IGC-UFBA. 2003.

Orientador: Prof. Luis Augusto de Queiroz Ablas.

Palavras-chave: turismo regional, configuração espacial, políticas públicas, sustentabilidade.

Resumo: Este estudo trata da configuração territorial do espaço turístico da Baía de Todos os Santos e entorno, (BTSe), a partir da análise dos fixos e fluxos produzidos ou consumidos pelo turismo. A análise observa a configuração territorial em duas dimensões: a produzida por planos e projetos turísticos do poder público e a do espaço do empírico produzido pelos profissionais do turismo. A pesquisa observa que a proposta anunciada é sempre a de contribuir para a integração dos municípios, reforçando a economia local e a identidade existente nas cidades do Recôncavo, para promoção de um turismo responsável e sustentável. Entretanto, esta integração não é observada na configuração existente, inexistindo cuidados quanto as possibilidades de complementaridades entre seus sub-espços e suas diversas atividades. Mostra assim ambíguo e contraditório e atende a interesses individualizados de seus municípios e agentes

- Referencial Crítico

111- SILVA, Arlete Mendes da. “Uma Análise do Turismo Rural na Região Metropolitana de Goiânia: caracterização e possibilidades.” Dissertação de mestrado. Goiânia. DG-UFG, 2003.

Orientadora: Profa.Dra. Maria Geralda de Almeida

Palavras-chave: Turismo rural, espaço, paisagem, lugar, região metropolitana de Goiânia.

Resumo: O trabalho, fundamentado na abordagem Cultural e Humanista da Geografia é uma discussão teórico-metodológica da prática turística em espaço rural na região metropolitana de Goiânia. Identifica uma tipologia para atividades turísticas, territorialidades e ocorrências de turismo rural em GAH, que são: o turismo eco-rural, em espaço rural e o agroturismo.

- Referencial Cultural-Humanista

112- SILVA, Clarinda Aparecida da. “Paisagem Campo de Visibilidade e de Significação Sociocultural: Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e Vila de São Jorge.” Dissertação de mestrado. Goiânia. DG-UFG, 2003. 176p.

Orientadora: Profa.Dra. Maria lêda de Almeida Burjack

Palavras-chave: Turismo, percepção, paisagem, Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e a Vila de São Jorge-GO.

Resumo: Este estudo, baseado principalmente na abordagem humanista da Geografia, procura compreender as diversas experiências entre distintos grupos

socioculturais e a paisagem do PN da Chapada dos Veadeiros e a Vila de São Jorge. O foco da pesquisa centra-se em duas formas de ver e perceber a paisagem: a dos "de dentro" - moradores nativos e migrantes - e a dos "de fora" - turistas.

- Referencial Cultural-Humanista

113- SILVA, Joilson Cruz da. "Ecoturismo e Sustentabilidade: Uma perspectiva de desenvolvimento local na região da baía de Camamu". Dissertação de mestrado. Salvador. IGC-UFBA. 2003.

Orientador: Prof.Dr. Sylvio Carlos Bandeira de Mello e Silva

Palavras-chave: ecoturismo, sustentabilidade, desenvolvimento regional, baía de Camamu-Ba.

Resumo: Analisa o turismo ecológico nos municípios de Camamu, Igrapiúna, Ituberá e Maraú - situados no entorno da baía de Camamu - como uma alternativa para o desenvolvimento integrado da região, com vistas ao desenvolvimento alicerçado em uma sustentabilidade econômica, cultural e sócio-ambiental.

- Referencial Crítico

2004

114- ANDRADE, Delma Santos de. "Dinâmica simbólica e turismo. Bezerros/PE." Dissertação de mestrado. Brasília. DG-UNB. 2004.

Orientadora: Profa. Dra. Eurípedes da Cunha Dias

Palavras-chave: turismo doméstico, dinamismo simbólico, Folia do Papangu, Bezerros-PE.

Resumo: Este trabalho mostra como em Bezerros-PE, a cultura local, em parceria com o Estado, apropria-se dos recursos do Programa Nacional de Municipalização do Turismo – PNMT para o desenvolvimento do turismo doméstico, e dinamiza-os à luz do seu universo simbólico, tornando-se sujeito ativo e protagonista da política de turismo. Os ritos tradicionais que circulam nos cenários turísticos ao se movimentarem provocam mudanças, sem que, no entanto, percam elementos do simbolismo tradicional.

- Referencial Crítico-Humanista-Cultural

115- ANDRADE. Elenilda Silva Barros de. "Fazenda Nova natureza e meio ambiente: um olhar refazendo a paisagem." Dissertação de mestrado. Recife. DG-UFPE. 2004

Orientadoras: Profa. Dra.Edvânia Torres Aguiar Gomes; Profa. Dra.Tânia Bacelar de Araújo

Palavras-chave: Fazenda Nova, paisagem, políticas públicas e turismo.

Resumo: Investiga as causas do declínio do turismo em Nova Jerusalém através das experiências do "mundo vivido" pela população local. A relação paisagem-turismo perpassa a idéia de paisagem como "imagem" e permeia questões geográficas, culturais, psicológicas e mercadológicas, próprias de cada época. Vincula-se, diretamente, ao setor público por meio de políticas públicas afins que

organizam e implementam o turismo e o setor privado, por meio de parcerias (público-privadas).

- Referencial Crítico-Humanista

116- BATARCE, Ana Paula Archanjo. “Unidades de Conservação e Produção do Espaço. O Parque Nacional da Serra da Bodoquena.” Dissertação de mestrado. Dourados. - UFMS/ DG - Campus de Dourados. 2004.

Orientador: Prof. Dr. Edvaldo Cesar Moretti

Palavras-chave: turismo, Unidade de Conservação da Natureza, produção do espaço, Serra do Bodoquena-MS.

Resumo: Análise da produção do espaço relacionada com os possíveis impactos da atividade turística no PN da Serra do Bodoquena – MS. No processo de valorização do espaço destacam-se, de um lado, a mercantilização dos elementos da natureza de forma espetacularizada, para que a mesma possa entrar no contexto da economia global; e, de outro lado, o cotidiano da sociedade local que vive sua história real.

- Referencial Crítico-Socioambiental

117- BENEVIDES, Ireleno Porto. “Práticas e territorialidades turísticas e planejamento governamental do turismo no Ceará”. Tese de doutorado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 2004.306 p.

Orientadora: Profa.Dra. Ana Fani Alessandri Carlos

Palavras-chave: Planejamento turístico, territorialidade, políticas públicas, Brasil, Ceará.

Resumo: O objetivo central é apreender, a partir de uma análise sociogeográfica do turismo, alcances e limites do processo de construção de territorialidades turísticas no Ceará, voltado para abrigar a expansão territorial e a diversificação das modalidades de práticas turísticas, com vistas a sua interiorização. Esta análise foi precedida por uma visão geral de como estas práticas e territorialidades se apresentam na contemporaneidade e teoricamente contextualizada pelas múltiplas dimensões do planejamento do turismo no Estado (Programa de Ação para o Desenvolvimento do Turismo no Ceará (PRODETUR-CE) e da estratégia territorial da Secretaria Estadual de Turismo do Ceará (SETUR-CE). A compreensão dos limites e alcances decorreu de uma análise crítica sobre o discurso e a prática desse planejamento, a partir da qual se buscou identificar sua natureza geral em regiões em que o turismo é tomado como fator de desenvolvimento.

- Referencial Crítico

118- BOMSUCCESSO, Frederico Naasson Soares. “Produção e Consumo do Turismo em Salvador: Uma Análise de Sustentabilidade Turística.” Dissertação de mestrado. Salvador. IGC-UFBA, 2004.

Orientador: Prof.Dr. Sylvio Carlos Bandeira de Melo e Silva

Palavras-chave: produção e consumo do turismo, sustentabilidade, Salvador-BA.

Resumo: Analisa a produção e o consumo do espaço turístico de Salvador, e a caracterização da sua sustentabilidade, com base nas infra-estruturas, nos atrativos, nas facilidades e nas acessibilidades.

- Referencial Crítico

119- CASELLA, Luana Lacaze de Camargo. "Turismo sustentável: realidade possível – o caso do município de Bertioga." Tese de doutorado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 2004. 221p.

Orientadora: Magda Adelaide Lombardo Fruehauf

Palavras-chave: Turismo sustentável, Planejamento turístico, desenvolvimento turístico, Bertioga-SP.

Resumo: Procura entender se o turismo sustentável pode tornar-se uma realidade em qualquer localidade turística que se proponha a alcançá-lo, ou se será um privilégio de elites sociais que custeiam a organização e/ou criação de espaços turísticos escolhidos, os não-lugares. O núcleo urbano central e a Riviera de São Lourenço, ambos no município Bertioga, litoral de São Paulo foram escolhidos como estudo de caso.

- Referencial Crítico

120- CHAGAS, Norma Tereza Salomão de Castro. "Turismo de Negócios e Eventos: Um estudo sobre a realidade de Uberlândia". Dissertação de mestrado. Uberlândia. IG-UFU. 2004.

Orientador: Prof. Dr. David George Francis

Palavras-chave: Uberlândia-MG, turismo de eventos e negócios, infra-estrutura turística

Resumo: Busca conhecer o tipo de turismo que é praticado em Uberlândia e sua influência na vida da cidade. Apresenta um diagnóstico atual do turismo de negócios e eventos em Uberlândia e algumas sugestões para seu desenvolvimento. Como aplicação prática, constrói uma *home page* sobre Uberlândia e o turismo de eventos e negócios.

- Referencial Crítico

121- CORIOLANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. "Turismo, territórios e sujeitos nos discursos e práticas políticas." Tese de doutorado. Aracaju. DG- UFS. 2004

Orientador: Prof. Dr. Sylvio Carlos Bandeira de Melo e Silva

Palavras-chave: turismo comunitário, políticas públicas, espaço regional, Ceará.

Resumo: Busca analisar o turismo contemporâneo, tendo como pressupostos sujeitos, territórios e políticas e toma como espaço de análise o estado do Ceará. Examina as relações socioeconômicas e as políticas produtoras de territorialidades, vinculando-se à área da organização e dinâmica dos espaços regionais. Os objetos de análise foram os discursos e as práticas políticas dos governos, empresários e comunidades ou núcleos receptores de turismo. Adota a metodologia etnográfica que, associada às técnicas da análise do discurso, permite identificar os significados e sentidos dados aos fatos e fenômenos turísticos. Aponta o turismo comunitário como indício de novas formas e adaptações do turismo, como atividade capitalista, voltado mais ao homem do que ao capital e, sobretudo, demonstra que um outro turismo é possível.

- Referencial Crítico

122 - DAHLEM, Roseli Bernardete. "O turismo e a produção do espaço na Costa Oeste Paranaense". Maringá. Dissertação de mestrado. Maringá-PR. DG-UEM. 2004.

Orientador: Prof. Dr. Dalton Áureo Moro

Palavras-chave: Itaipu Binacional, Parque Nacional do Iguaçu, políticas públicas, turismo, Programa Costa Oeste.

Resumo: A configuração espacial da região Costa Oeste paranaense foi alterada após o alagamento de 1350km² de terras agricultáveis do lado brasileiro devido a instalação da Usina Hidrelétrica de Itaipu, onde os municípios passaram a ter como um de seus limites a beira de um lago artificial, que passou a ser visto como uma potencialidade turística a ser explorada, levando à construção de diversos terminais turísticos. Este trabalho discute as ações e investimentos turísticos empreendidos pelo Programa Costa Oeste.

- Referencial Crítico

123- DOMINGOS, Mônica de Castro. "O turismo como agente (re)organizador do uso do espaço rural: o caso de Carrancas (MG)". Dissertação de mestrado. Belo Horizonte. IGC-UFMG. 2004. p

Orientador: Marcos Roberto Moreira Ribeiro

Palavras-chave: Turistificação dos espaços rurais, pluriatividade, atrativos turísticos, (re)ordenamento espacial, impactos socioespaciais, patrimônios naturais e histórico-culturais, políticas públicas.

Resumo: Parte do pressuposto de que a turistificação dos espaços rurais acarreta mudanças físicas, sociais, econômicas, culturais e políticas, seja negativa ou positivamente. A superação dos problemas e a maximização dos efeitos positivos dependem da capacidade técnica e financeira dos investidores, da manutenção dos patrimônios naturais e histórico-culturais, de políticas públicas eficazes e participativas, da elaboração de uma legislação turística municipal, da inserção de produtores e trabalhadores locais, da divulgação da destinação turística e da existência ou da capacitação de mão-de-obra.

- Referencial Crítico-Cultural

124- FELIPE, Clenilda Evangelista. "O lago azul e as cores do turismo em Três Ranchos-MG no período de 1980 a 2004". Dissertação de mestrado. Uberlândia. IG-UFU. 2004.

Orientador: Prof.Dr.Rosselvelt José Santos

Palavras-chave: Balneário, mercantilização, turismo, lazer, paisagem.

Resumo: Análise da organização do espaço pela atividade turística no município de Três Ranchos-GO, a partir dos anos de 1980 do século passado. A territorialização pelo turismo reforça o processo de mercantilização da paisagem e a diferenciação social do espaço, seguindo a lógica da especulação imobiliária com a mercantilização dos recursos naturais presentes no entorno do lago.

- Referencial Crítico-Socioambiental

125- FONSECA, Maria Aparecida Pontes da. "Políticas públicas, espaço e turismo. Uma análise sobre a incidência espacial do 'Programa de Desenvolvimento do

Turismo no Rio Grande do Norte'." Tese de doutorado. Rio de Janeiro. IGC- UFRJ. 2004. 235p.

Orientadora: Profa.Dra. Júlia Adão Bernardes

Palavras-chave: Políticas públicas, turismo, diferenciação espacial, competitividade, PRODETUR/RN.

Resumo: Investiga a incidência espacial da política pública de turismo implementada no Rio Grande do Norte - PRODETUR/RN. Analisa como a competitividade gerada pela implantação desse Programa acentuou as diferenciações espaciais entre os municípios participantes e desencadeou uma nova organização do espaço litorâneo potiguar. Procura mostrar que a competitividade é um importante fator de diferenciação espacial, uma vez que, no paradigma da globalização, cada vez mais a competitividade se baseia na diferença, na busca pelas vantagens competitivas.

- Referencial Crítico

126 - GALVÃO, Jucilene. "O processo de planejamento do turismo de natureza: reflexões sobre a construção da política municipal de desenvolvimento sustentável do turismo de Brotas." Dissertação de mestrado. Rio Claro. IGCEX-Unesp/ Rio Claro. 2004. 107p.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Braga

Palavras-chave: geografia econômica, recreação, turismo

Resumo: Reflexão sobre o processo de elaboração e a constituição da Política Municipal de Desenvolvimento do Turismo Sustentável de Brotas (PMTS), com destaque para o planejamento do turismo de natureza voltado para a aventura. Destaca a importância do mesmo como forma de direcionamento para o desenvolvimento de uma atividade econômica em constante expansão e de significativos impactos positivos e negativos para a sociedade como um todo. O principal foco do estudo é o processo de elaboração da PMTS, gerador de discussão crítica sobre esse processo e avaliação de sua construção como forma de verificar acertos e erros. Acredita poder traçar a partir daí o melhor caminho para o planejamento de um município turístico.

- Referencial Crítico

127- JESUS, Djanires Lageano de. "A Transformação da Reserva Indígena de Dourados-MS em territórios turístico: valorização sócio-econômica e cultural". Dissertação de mestrado. Dourados. UFMS/DG - Campus de Dourados 2004.

Orientador: Prof. Dr. Edvaldo César Moretti,

Palavras-chave: turismo, território, reserva indígena, Dourados-MS.

Resumo: Estudo sobre as diversas tentativas ao longo da existência da Reserva Indígena de Dourados - RID - de promover o "desenvolvimento", com vistas à melhoria das condições de vida dos povos indígenas: Guarani - Kayowá e Ñandeva e Aruak – Terena e dos impactos socioambientais resultantes dessas tentativas. Mais recentemente, o turismo vem sendo organizado pelo poder público local sob o ideário do *desenvolvimento sustentável* que, no entanto, tem gerado conflitos por compreensões equivocadas daquela realidade.

- Referencial Crítico-Socioambiental

128- LOMBA, Gilson Kleber. “Desvendando o Invisível: O Mundo do Trabalho na Atividade Turística em Bonito-MS”. Dissertação de mestrado. Dourados. UFMS/ DG-Campus de Dourados. 2004.

Orientador: Prof. Dr. Edvaldo César Moretti,

Palavras-chave: turismo, trabalho, Bonito-MS.

Resumo: O trabalho aborda o processo de transformação das relações de trabalho no município de Bonito a partir da inserção da atividade turística. Apesar de ser considerada uma atividade "moderna", o turismo, atrelado às regras de reprodução do capital, submete as pessoas à precarização das relações de trabalho.

- Referencial Crítico

129- LÜDKE, Leoni. “Análise da governança em atividades de turismo rural no Distrito Federal: Um estudo de caso”. Brasília. Dissertação de mestrado. Brasília. DG-UNB. 2004.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Resende Junqueira.

Palavras-chave: Nova economia institucional; Economia dos custos de transação; Governança; Turismo rural.

Resumo: Identificar e analisar a eficácia dos modos de governança existentes em quatro diferentes propriedades que oferecem atividades de turismo rural no Distrito Federal, utilizando-se como aparato teórico a Nova Economia Institucional (NEI) e a Economia dos Custos de Transação (ECT). Fazem parte da pesquisa as propriedades Chácara Buriti Alegre, Granja Nova Cambuci / Restaurante Panorâmico Trem da Serra, Solar da Águia e Rancho Canabrava.

- Referencial Crítico

130- MACEDO, Douglas. “Turismo Eco-rural em compartimentos de paisagens na Bacia de Rio Claro-MG”. Dissertação de mestrado. Uberlândia. IG-UFU. 2004.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Giacomini Ribeiro

Palavras-chave: paisagem, turismo eco-rural, planejamento e gestão, sustentabilidade

Resumo: Identificar e avaliar o potencial turístico dos compartimentos de paisagens da Bacia do Rio Claro-MG, bem como a elaboração de propostas para a gestão ambiental baseada no desenvolvimento do turismo eco-rural. Os resultados demonstram a necessidade de um planejamento e gestão turística sustentável para as áreas do cerrado mineiro com potencial turístico.

- Referencial Crítico

131- MACHADO, Patrícia de Sá. “Paisagens do Vale do Jequitinhonha e suas possibilidades de aproveitamento turístico.” Dissertação de mestrado. Belo Horizonte. IGC-UFMG. 2004.

Orientador: Prof. Dr. Allaoua Saadi

Palavras-chave: Turismo, paisagem, percepção espacial, Vale do Jequitinhonha-MG.

Resumo: A partir de uma concepção ampliada de paisagem, considerada como uma porção do espaço constituída por valores internos, não perceptíveis apenas pela visão e por métodos mensuráveis, mas também por processos subjetivos e

simbólicos, interpreta paisagens do Vale do Jequitinhonha. As descrições são conduzidas de modo a valorizar características da paisagem do Vale do Jequitinhonha que suscitasse imagens potencialmente atrativas para o turismo e que recusasse a univocidade imposta pelo que é considerado mito da pobreza do Vale do Jequitinhonha.

- Referencial Crítico-Humanista

132- MASCARO, Sofia de Amorim. “Evolução espaço-temporal do uso e cobertura do solo nas estâncias turísticas de Avaré e Paranapanema, no reservatório de Jurumirim (SP).” Dissertação de mestrado. Rio Claro IGCEX, Unesp/Rio Claro. 2004, 174 p.

Orientador: Prof. Dr. Marcos César Ferreira

Palavras-chave: turismo, planejamento ambiental, sensoriamento remoto em SIG,

Resumo: Mapear e estudar a evolução espaço-temporal do uso e cobertura do solo na área de influência do reservatório de Jurumirim-SP, utilizando dados de sensoriamento remoto e processamento digital em SIG. Alguns dos algoritmos da classificação digital supervisionada são testados e comparados para determinar a classificação que produz os mapeamentos mais exatos. Os resultados indicam que o principal uso do solo na área desde 1972 é a pastagem; o reflorestamento e o turismo são atividades em crescimento enquanto o cerrado está diminuiu em 2003. Os algoritmos máxima verossimilhança e mínima distância são os melhores classificadores quanto a exatidão global e para a categoria cerrado. A implementação de dados de sensoriamento remoto em SIG é uma metodologia muito eficiente para o planejamento ambiental.

- Referencial Pragmático

133 - MENA, Fábio Eduardo de Souza. “Clima e turismo no município de Botucatu-SP.” Dissertação de mestrado. Rio Claro. IGCEX-Unesp/ Rio Claro. 2004. 172p.

Orientadora: Profa.Dra. Maria Juraci Zani dos Santos

Palavras-chave: climatologia, diagnóstico do potencial turístico, sustentabilidade

Resumo: Análise das características climáticas de Botucatu, com base nos dados dos parâmetros meteorológicos: temperatura e precipitação pluviométrica cedidos pela Estação Meteorológica da UNESP – Campus de Lageado. Analisa o Plano Diretor de Turismo para o Município de Botucatu (2001), apresenta os recursos naturais, os patrimoniais, os históricos-arquitetônicos e os recursos públicos, em conjunto com os recursos climáticos favoráveis para o turismo sustentável na região.

- Referencial Crítico-Cultural

134- MENDES, César Miranda. “O turismo e a produção do espaço na costa oeste paranaense.” Maringá. Dissertação de Mestrado. DG-UEM.2004

Orientador: Prof. Dr.Dalton Áureo Moro

Palavras-chave: Itaipu Binacional. Parque Nacional do Iguaçu, políticas públicas, turismo.

- Referencial Crítico

135- MENEZES, Luis Carlos de. "Uso sustentável da Serra de Itabaiana: preservação ou ecoturismo". Aracaju. Dissertação de Mestrado. DG-UFS. 2004.

Orientadora: Profa.Dra. Maria Augusta Mundim Vargas

Palavras-chave: ecoturismo, sustentabilidade, serra de Itabaiana, SE.

Resumo: Consiste na verificação das potencialidades e perspectivas da prática da atividade ecoturística na Serra de Itabaiana. Considera as dimensões institucional, legal, econômica, ecológica e cultural de sua sustentabilidade. A análise retrospectiva do processo demonstra carência de envolvimento e compromisso, em vários níveis, dos atores sociais e institucionais envolvidos com a preservação do patrimônio natural e cultural que se constitui a Serra de Itabaiana.

- Referencial Crítico-Cultural

136- PINHEIRO, Evandro da Silva. "Percepção ambiental e a atividade turística no Parque Estadual do Guartelá -Tibagi - PR. Curitiba." Dissertação de mestrado. DG-UFPR. 2004

Orientador: Prof. Dr.Marcos Aurélio Tarlombani da Silveira

Palavras-chave: percepção ambiental, interação, conduta, ambiente, turismo.

Resumo: Fundamentada em bases teórico-metodológicas no campo de estudo da percepção geográfica, identifica, analisa, compreende e demonstra como a percepção dos visitantes na área do Parque Estadual do Guartelá revela os processos subjetivos que perpassam a interação homem/ambiente. Trata dos resultados como instrumentos nos planejamentos voltados a práticas do turismo em áreas naturais e propõe estratégias e ações voltadas à promoção de envolvimento desses visitantes através de procedimentos adequados na recepção e orientação.

- Referencial Humanista- Socioambiental

137- RIZZI, Patrícia Elizabeth da Veiga. "Geografia dos fluxos turísticos: uma análise regional a partir da interação, da acessibilidade e dos fluxos atuais. Estudo de caso: Vale do Jequitinhonha". Dissertação de mestrado. Belo Horizonte. IGC-UFMG. 2004. p

Orientador: Prof. Dr. Allaoua Saadi

Palavras-chave: Geografia dos Fluxos Turísticos, Vale do Jequitinhonha-MG, Pólos emissores e os pólos receptores

Resumo: A perspectiva da Geografia dos Fluxos Turísticos, a partir da interação e da acessibilidade, promete contribuir para o planejamento e implementação do turismo. A presente pesquisa define os pólos emissores e os pólos receptores de possíveis fluxos turísticos que se pretende implementar no Vale do Jequitinhonha. De uma maneira geral, as rodovias da área estudada são bastante variadas e, em curto e médio prazo, são as diferentes opções de trajetos para os turistas oriundos de Belo Horizonte, Brasília e Montes Claros, Cuiabá e Campo Grande.

- Referencial Crítico

138- ROSA, Rosilene de Oliveira. "Patrimônio natural e cultural, atividade turística e políticas públicas para o Desenvolvimento Local Sustentável em Aquidauana-MS." Dissertação de mestrado. Aquidauana. DG-UFMS, Campus de Aquidauana. 2004.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Jóia

Palavras-Chave: patrimônio, turismo, políticas públicas, desenvolvimento local sustentável

Resumo: Analisa o patrimônio natural e cultural de Aquidauana e suas potencialidades para o planejamento turístico e propõe diretrizes para o desenvolvimento da atividade turística dentro da perspectiva do planejamento estratégico e participativo para o desenvolvimento sustentável, com base local e regional.

- Referencial Cultural

139- SOUSA, Reginaldo. "Turismo e desenvolvimento regional: realidade e perspectivas do litoral nordeste de Sergipe." Dissertação de mestrado. Aracaju. DG-UFS, 2004.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Lúcia Alves França

Palavras-chave: turismo, desenvolvimento regional.

- Referencial Crítico

140- VIEIRA, Daniela de Deus "Paisagem: organização territorial e desenvolvimento turístico em Itabirito (MG)". Dissertação de mestrado. Belo Horizonte. IGC-UFMG. 2004.

Orientador: Prof. Dr. Allaoua Saadi

Palavras-chave: Turismo, organização territorial, potencial turístico, Itabirito-MG.

Resumo: Contribui para o desenvolvimento turístico no município de Itabirito-MG. Visa maximizar os resultados obtidos com a atividade turística, tendo em vista o rico potencial natural e cultural do município, ainda pouco explorado.

- Referencial Crítico

141- XAVIER, Gleice Aparecida. "Um estudo do turismo sustentável em São Roque de Minas, portal do PN Canastra". Dissertação de mestrado. Uberlândia. IG-UFU. 2004.

Orientadora: Profa. Dra. Suely Regina Del Grossi

Palavras-chave: turismo sustentável, ecoturismo, comunidade local, percepção ambiental, Parque Nacional da Serra da Canastra.

Resumo: Procura compreender quais fatores intervêm no processo de sustentabilidade turística, bem como na influência sobre a população local do município de São Roque de Minas, situado na Serra da Canastra, de onde se vislumbra as nascentes do rio São Francisco.

- Referencial Crítico-Humanista

2005

142- ABREU, Fabiana Lima. “Praia do Morro Branco: Conflitos de Uso e a Busca da Sustentabilidade.” Dissertação de mestrado. Fortaleza. DG-UEC. 2005.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Perdigão Vasconcelos

Palavras-chave: território, desenvolvimento sustentado, turismo, impactos socioambientais, gestão integrada.

Resumo: Analisa os impactos sócio-ambientais decorrentes da complexa e conflituosa relação entre o homem e a natureza quanto à posse do território, especulação imobiliária, grilagem, processo de deslitoralização, desterritorialização e reterritorialização da população existentes no município de Morro Branco-CE. Discute a proposta pela Gestão Integrada da Zona Costeira, que se configura como um caminho em direção ao desenvolvimento sustentável.

- Referencial Crítico-Socioambiental

143- AGUIAR, Paulo Henrique. “Representação da Natureza, Transformações Espaciais e Turismo em Brotas/SP”. Dissertação de mestrado. Campinas. IGC-UNICAMP. 2005.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Vitte.

Palavras-chave: ecoturismo, percepção ambiental, impactos socioespaciais, Brotas-SP.

Resumo: Busca compreender as transformações espaciais decorrentes da apropriação do espaço de Brotas-SP pela atividade turística. Conclui que tal apropriação nos espaços naturais da zona rural denota uma valorização determinada por uma nova lógica de uso – o ecoturismo, distinta de seu desenvolvimento histórico. Conclui também que apropriação e valorização do espaço da cidade apresentam um caráter seletivo ao abrigar os serviços turísticos, determinando uma nova história para o município.

- Referencial Crítico-Humanista-Socioambiental

144- ALBUQUERQUE, Maria Flávia Coelho. “Zona Costeira do Pecém: de Colônia de Pescador à Região Portuária.” Dissertação de mestrado. Fortaleza. DG-UEC. 2005.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Perdigão Vasconcelos

Palavras-chave: território, turismo, impactos, políticas públicas, sustentabilidade.

Resumo: Estudo sobre os diferentes usos e ocupação do espaço costeiro do Pecém. Identifica conflitos, impactos socioambientais e transformações decorrentes da implantação do turismo pelo PRODETUR e instalações do Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP), sem a participação da população local. Para se chegar a um desenvolvimento sustentável da zona costeira do Pecém é preciso a realização de uma gestão integrada dessa área e a execução de políticas públicas preocupadas com o bem-estar da população. Oferece subsídios ao planejamento.

- Referencial Crítico-Socioambiental

145- ALMEIDA, Fabiana Andrade Bernardes. “A produção do espaço pelo turismo: a paisagem e os conflitos de gestão em Maria da Fé-MG.” Dissertação de mestrado. Belo Horizonte. IGC-UFMG, 2005.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Roberto Moreira Ribeiro

Palavras-chave: produção do espaço, turismo, paisagem, conflitos. Maria da Fé-MG
Resumo: Oferece subsídios para o planejamento, ao busca compreender o alcance do turismo na formação de um espaço mais equilibrado do ponto de vista social e ambiental tendo como estudo de caso Maria da Fé-MG. O estudo da paisagem é adotado a partir de uma abordagem fenomenológica como método para a compreensão do espaço vivido. O esforço da pesquisa resulta no entendimento da natureza do espaço e do fenômeno do turismo enquanto meio de produção e prática social.

- Referencial Crítico-Humanista-Socioambiental

146- BORGES, Olinda Mendes. “Caldas Novas (GO): turismo e fragmentação sócio-espacial.” Dissertação de mestrado. Uberlândia. IG-UFU, 2005.

Orientadora: Profa.Dra. Beatriz Ribeiro Soares

Palavras-chave: turismo, fragmentação.

- Referencial Crítico

147- CARVALHO, Mafra Merys Ribeiro Paz de. “Análise do arranjo produtivo do turismo na região dos lagos – Paulo Afonso-BA.” Dissertação de mestrado. Aracaju. DG-UFS, 2005.

Orientador: Prof. Dr. Sylvio Carlos Bandeira de Melo e Silva.

Palavras-chave: turismo, espaço geográfico, aglomerado, *cluster*, arranjo produtivo

Resumo: Contribui com o discurso sobre organização de *cluster* (Porter,1999) de turismo e arranjo produtivo local sob a perspectiva da teoria da Localização, com abordagem territorial. Demonstra os estágios de desenvolvimento do *cluster* de turismo de Paulo Afonso, a descrição dos elos que compõem sua cadeia produtiva e o seu desenho espacial. O referencial teórico fundamenta-se na teoria da complexidade de Morin, no sistema de turismo desenvolvido por Beni (1998) e em Santos.

- Referencial Crítico

148- CIFELLI, Gabrielle. “Turismo, Patrimônio e Novas Territorialidades em Ouro Preto-MG” . Dissertação de mestrado. Campinas. IGC-UNICAMP. 2005.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Tereza Duarte Paes Luchiar

Palavras-chave: turismo, patrimônio, territorialidade, Ouro Preto-MG.

Resumo: A subordinação da cultura aos ditames do mercado altera os usos e sentidos do patrimônio cultural ao ser transformado em mercadoria destinada à fruição das massas. Tal processo tem suscitado uma série de alterações de ordem material e simbólica de certas porções do território por meio da refuncionalização turística do patrimônio cultural e da conformação de novas territorialidades nas áreas centrais urbanas mais densamente apropriadas pelo turismo.

- Referencial Crítico-Cultural

149- FURTADO, Edna Maria. “A onda do turismo na cidade do sol: a reconfiguração urbana de Natal. Natal.” Tese de doutorado. Natal. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA-UFRN. 2005. 300p.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria do Livramento Miranda Clementino

Palavras-chave: políticas públicas, turismo, espaço urbano, reconfiguração espacial, bairros de status, Natal (RN)

Resumo: “Leitura” espacial da cidade de Natal e sua reconfiguração a partir da intensificação da atividade turística e da expansão do setor de serviços, transitando, principalmente, pela geografia, pelas ciências sociais e pela economia, em uma abordagem matricial que desconhece as limitações tradicionais da ciência e reconhece a complexidade que envolve o mundo atual. Analisa as imbricações socioeconômicas que remodelam os espaços sob a égide da nova economia do setor de serviços capitaneada pelo turismo em um intenso processo de reconfiguração da cidade. Essas mudanças se devem, de um lado, às relações público-privado, via políticas públicas, que resulta na formação dos novos espaços; e, de outro, à remodelação de áreas antigas da cidade que, no conjunto, contribuem para que a atividade turística dela se apropriasse. Esta fragmentação no tecido urbano de Natal se expressa por indicadores de natureza social e econômica e, paisagisticamente, pelas formas modernas na ocupação do espaço da cidade pelas elites locais e pelo setor de serviços, que evidenciam os seus bairros de status, bem como seleciona aquelas áreas com maior capacidade de resposta ao capital.

- Referencial Crítico

150- LACERDA, Mariana de Oliveira. “Paisagem e potencial turístico no vale do Jequitinhonha – Minas Gerais.” Dissertação de mestrado. Belo Horizonte. IGC-UFMG. 2005

Orientador: Prof. Dr. Allaoua Saadi

Palavras-chave: paisagem, potencial turístico, Vale do Jequitinhonha-MG.

Resumo: O turismo proporciona a manifestação e o encontro dos olhares forasteiros com o olhar regional. A paisagem através de sua dimensão simbólica e estética faz a mediação. Pela observação criteriosa da paisagem tem-se os recursos necessários para um programa de interpretação ambiental com vistas a aumentar o nível de consciência do visitante e torná-lo estimulado e capaz de atribuir maior nível de respeito aos lugares visitados.

- Referencial Crítico-Humanista

151- MELLO, Paulo Egídio Costa. “Agricultura familiar e turismo rural: o assentamento Cana Brava (Unai-MG).” Dissertação de mestrado. Uberlândia. IG-UFU. 2005.

Orientador: Prof. Dr. David Georges Francis

Palavras-chave: turismo rural, agricultura familiar, Unai-MG

Resumo: Aprofundamento das questões relacionadas a agricultura familiar e o conhecimento acerca dos agricultores familiares assentados na região de Unai-MG, no Projeto de Assentamento Cana Brava. A análise dos dados socioeconômicos e ambientais revelaram áreas degradadas, baixa produtividade e poucas variedades de espécies cultivadas destinadas ao auto-consumo, fatores que não auxiliam um bom desempenho econômico. É proposto o turismo rural como atividade acessória e que possibilitará às famílias a sustentabilidade permanente.

- Referencial Crítico-Socioambiental

152- MOURA, Geraldo José Calmon de. “Da praia ao morro: peculiaridades no processo de segregação sócio-territorial em Ilha Bela - SP.” Dissertação de mestrado. Campinas. IGC-UNICAMP. 2005.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Tereza Duarte Paes Luchiari.

Palavras-chave: turismo, segregação sócio-territorial, Ilha Bela-SP.

Resumo: Busca as formas em que se apresenta a segregação sócio-territorial no município de Ilha Bela-SP e suas particularidades enquanto município costeiro paulista. A segregação sócio-territorial é abordada a partir da análise de três eixos: a evolução dos parâmetros referente à qualidade de vida e seus impactos no processo de inclusão/exclusão no município; a influencia da componente territorial no processo de exclusão e de como a legislação influenciou nesse processo.

- Referencial Crítico-Socioambiental

153- PAIXÃO, Roberto Ortiz. “Globalização, turismo de fronteira, identidade e planejamento da região internacional de Corumbá.” Tese de doutorado. São Paulo. FFLCH/DG-USP. 2005.174p.

Orientador: Prof.Dr.Eduardo Abdo Yásigi

Palavras-chave: região turístico-fronteiriça, global X regional, planejamento regional do turístico.

Resumo: Contribuição teórico-metodológica aos estudos sobre o planejamento regional do turismo em áreas de fronteira, tendo como foco central da pesquisa a Região de Corumbá/MS, na fronteira do Brasil com a Bolívia. A abordagem do objeto de estudo no campo teórico-metodológico parte de uma conjuntura global para o plano regional. A hipótese validada pela pesquisa é de que os problemas existentes no setor turístico de Corumbá passam pela construção de uma Região Internacional de Planejamento envolvendo Ladário, Puerto Quijarro e Puerto Suarez. São apresentadas algumas diretrizes para essa construção.

- Referencial Crítico

154- PAULO, Renata Ferreira Calado de. “O Turismo e a dinâmica intra-urbana em Caldas Novas-GO: uma análise de expansão e (re)estruturação do complexo hoteleiro.” Dissertação de mestrado. Uberlândia. IG-UFU, 2005.

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Ribeiro Soares

Palavras-chave: turismo, verticalização, segmentação espacial, Caldas Novas

Resumo: Este trabalho tem com objetivo analisar a dinâmica intra-urbana de Caldas Novas, ocasionada pela ampliação e reestruturação do complexo hoteleiro, ocorrido principalmente no final da década de 1990. Analisamos o processo de verticalização de reprodução do solo urbano e a construção de espaços heterogêneos artificializados que descaracterizam os ambientes urbanos da cidade.

- Referencial Crítico

155- POLERO, Álvaro Castroman. “Desenvolvimento regional e produção espacial turística: Punta del Diablo-Uruguai e Serra da Capivara-Brasil.” Tese de doutorado. São Paulo. FFLCH-USP, 2005. 293 p.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Abdo Yásigi.

Palavras-chave: desenvolvimento turístico, turismo regional, Brasil, Uruguai.

Resumo: A investigação objetiva analisar a produção espacial do turismo dentro da complexidade regional, sob a perspectiva geográfica dos multicritérios. Identifica problemáticas, dinâmicas e tipologias da configuração regional, bem como as oportunidades e as ameaças da produção espacial turística, relacionadas à multifuncionalidade regional.

- Referencial Crítico

156- PONTES, Èrica Silva. “Análise da Paisagem: Instrumentos para o Turismo Comunitário na Prainha do Canto Verde-CE.” Dissertação de mestrado. Fortaleza. DG-UEC. 2005.

Orientador: Prof. Dr. Edson Vicente da Silva

Palavras-chave: Paisagem, Turismo e Turismo Comunitário.

Resumo: Elaboração de proposta de desenvolvimento do turismo comunitário. Parte da identificação, mapeamento, compartimentação e análise do litoral da Prainha do Canto Verde - CE em feições paisagísticas (faixa de praia, pós-praia, campos de dunas, depressões interdunares, planície flúvio-lagunar do córrego do Sal e afloramentos de dunas antigas e da Formação Barreiras). Realiza diagnóstico integrado da paisagem, apresenta potencialidades, limitações e impactos ambientais. Contempla a análise da vulnerabilidade/fragilidade das paisagens e sugere formas de uso e ocupação.

- Referencial Crítico-Socioambiental

157- RODRIGUES, Cristina Bittar. “Um território de uso turístico: o caso de Poços de Caldas-MG.” Dissertação de mestrado. Campinas. IGC-UNICAMP. 2005.

Orientadora: Profa. Dra. Arlêude Bortolozzi

Palavras-chave: turismo, território, Poços de Caldas-MG

Resumo: Busca conhecer os efeitos do turismo no município de Poços de Caldas através da compreensão dos moradores do centro da cidade considerado um território de uso turístico. O confronto entre a opinião dos moradores e a dinâmica sócio-espacial do turismo, mostra que Poços de Caldas passa por um período de estagnação turística devida a má qualidade nos serviços turísticos oferecidos.

- Referencial Crítico-humanista

158- SANTOS, Genicilma Saturnino dos. “Litoral Sul: turismo como estratégia de desenvolvimento regional.” Dissertação de mestrado. Aracaju. DG-UFS, 2005.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Lúcia Alves França

Palavras-chave: turismo, desenvolvimento regional, litoral.

Resumo: Análise da importância do turismo como alternativa de desenvolvimento regional, considerando as possibilidades e os limites do litoral Sul de Sergipe uma vez que o turismo é um grande transformador de paisagens.

- Referencial Crítico

159- SOTRATTI, Marcelo Antonio. “Pelos ladeiras do Pelô: a requalificação urbana como afirmação de um produto turístico”. Dissertação de mestrado. Campinas. IGC-UNICAMP. 2005.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Tereza Duarte Paes Luchiari

Palavras-chave: turismo, urbanismo, produto turístico, Pelourinho, Salvador-BA.

Resumo: A presente pesquisa aborda os efeitos da requalificação urbana em antigas áreas dotadas de patrimônio cultural. Através de uma discussão teórica, demonstramos a associação dessa estratégia com os interesses de grupos econômicos e sociais ligados às escalas local e global. A paisagem urbana também é analisada através de sua materialidade simbólica, expressando os processos sociais e históricos das localidades. Resulta daí que a requalificação urbana acaba espetacularizando o patrimônio cultural e transformando-o num cenário para o turismo e o consumo.

- Referencial Crítico

160- SOUZA, Antônio Aparecido de. “Os Negócios do turismo de Ribeirão Preto: Reflexões sobre a produção de cartas temáticas turísticas com o uso do Software ArcView.” Dissertação de mestrado. Uberlândia. IG-UFU. 2005.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Luis Silva Brito

Palavras-chave: turismo, geoprocessamento, assimetria social, cartas temáticas. Ribeirão Preto-SP// estudo de caso.

Resumo: Busca entender a dinâmica espacial dos elementos relacionados à atividade turística no âmbito do município de Ribeirão Preto, a partir da análise de material cartográfico produzido com ferramentas de geoprocessamento. Os produtos cartográficos resultantes são objetos de análise. É possível refletir sobre as formas espaciais e os fluxos resultantes da atividade turística junto de seus desdobramentos socioespaciais. Conclui que há uma distribuição heterogênea das formas ligadas de algum modo aos aspectos turísticos.

- Referencial Pragmático

161- TEIXEIRA, Kátia Simone Santiago. “O reflexo do turismo na dinâmica do lugar: um estudo em localidades turísticas do Rio Grande do Norte.” Dissertação de mestrado. Natal. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. CCHLA-UFRN. 2005. 152p.

Orientador: Prof.Dr.Mauro Lemuel Alexandre

Palavras-chave: turismo, cultura, dinâmica territorial, lugar

Resumo: Busca conhecer as influências e transformações culturais observadas a partir da inserção da atividade turística. Oferece subsídios para o planejamento ao avaliar as transformações sócio-espaciais provocadas pela atividade turística que repercutem na dinâmica do lugar. Usa o método fenomenológico. São constatadas várias interferências da atividade turística na dinâmica dos territórios pesquisados, entre elas, incorporação de elementos alheios ao lugar, à cultura local e um processo de esquecimento das tradições, da História e das manifestações culturais do lugar. Pode-se inferir que as influências e impactos provocados pelo turismo nos lugares pesquisados são moldados por alguns fatores: a cultura do lugar, a identidade cultural e territorial, o modo de inserção da atividade turística e o planejamento turístico desenvolvido ou a falta dele.

- Referencial Crítico-Cultural

162- TOLEDO Pedro Eduardo Ribeiro de. “Cidade para todos X Cidade para poucos – turismo, segregação urbana e empreendimento imobiliário: um estudo de Jurerê internacional em Florianópolis.” Dissertação de mestrado. Uberlândia. IG-UFU. 2005

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Ribeiro Soares

Palavras-chave: turismo, mercado imobiliário, segregação sócio-espacial – Florianópolis-SC.

Resumo: Busca compreender a organização espacial do empreendimento *Jurerê Internacional*, planejado e desenvolvido pelo Grupo Habitasul com sede na cidade de Porto Alegre, enquanto espaço criado sob a lógica da dinâmica do turismo e do mercado imobiliário, em Florianópolis, nas últimas duas décadas e seus reflexos sociais para a cidade.

- Referencial Crítico

Tendo como referência categorias geográficas, conceitos multidisciplinares, métodos e abordagens geográficas enunciadas nos resumos coletados, tecemos os primeiros fios de “aproximação a uma epistemologia da produção acadêmica brasileira nas abordagens geográficas do turismo”, que nomeia esta parte III.

No item 1, ao apresentar a produção da vanguarda brasileira nas abordagens geográficas do turismo no período de 1975-1993, adotamos o seguinte procedimento metodológico: analisamos a produção dessa primeira geração de geógrafos-pesquisadores, suas contribuições em nível teórico-prático e colocamos em questão o porquê do interesse tardio do geógrafo brasileiro pela pesquisa da dimensão geográfica do turismo.

No item 2, analisamos a produção acadêmica em trinta anos de crescente e diversificada exercitação teórico-prático, ao abarcar o período 1975-2005. Nele, revelamos dados sobre esses pesquisadores no que diz respeito à resposta de questões relativas a quem são eles, quem os orienta, que

abordagens teórico-metodológicas referenciam suas pesquisas. Novas tematizações são formuladas e discutidas.

No item 3, enfeixamos essa produção acadêmica a partir de uma aproximação de olhares epistêmicos de geógrafos brasileiros em suas contribuições e tendências. Identificamos ainda categorias e aportes geográficos cujos fios tecem as complexas e ricas abordagens geográficas do turismo construídas por geógrafos-pesquisadores, também ao longo dos últimos trinta anos de pesquisa acadêmica (1975-2005).

1 - PRIMÓRDIOS DA PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA NAS ABORDAGENS GEOGRÁFICAS DO TURISMO: CONTRIBUIÇÕES E TENDÊNCIAS

Para efeito de análise consideramos, num primeiro momento, o período investigado por Rejowski quando da publicação de sua tese de doutorado²⁶. Essa autora analisa a produção acadêmica levada a efeito por geógrafos-pesquisadores de três instituições públicas, a saber: Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (cinco dissertações e quatro teses); Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro (duas dissertações) e Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (tese de livre-docência). Esses dados se apresentam conforme TAB. 1 e GRAF.1 a seguir.

²⁶ REJOWSKI, Mirian. "Turismo e pesquisa acadêmica: Pensamento internacional X situação brasileira". 2.ed. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

TABELA 1
DISSERTAÇÕES E TESES NAS ABORDAGENS GEOGRÁFICAS DO TURISMO
(1975-1993)

Tabela 1				
QUADRO SÍNTESE DE DISSERTAÇÕES E TESES				
NAS ABORDAGENS GEOGRÁFICAS DO TURISMO (1975-1993)				
	INSTITUIÇÕES	DISSERTAÇÕES	TESES	TOTAL
1	FFLCH-DG-USP	5	4	9
2	IGC-UFRJ	2		2
3	IGC-UFRGS		1	1
	TOTAL GERAL	7	5	12

Fonte: REJOWISKI, Mirian (1993)

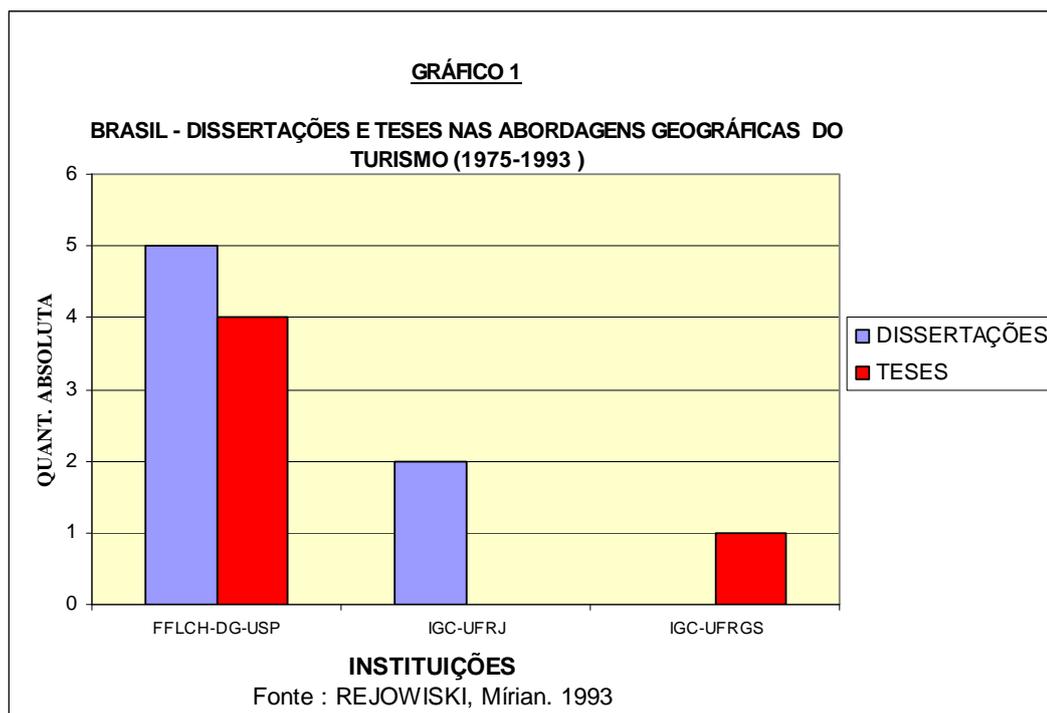


GRÁFICO 1: Brasil - Dissertações e teses (1975-1993)

Em que pese a incipiente produção desse período, uma vez que é restrita a doze trabalhos acadêmicos num tempo de dezessete anos, os dados coletados por Rejowski (1998) denotam enorme relevância no âmbito da Geografia. Trata-se da “primeira geração” de pesquisadores e suas produções registram o embrião da preocupação epistêmica dos primeiros geógrafos brasileiros para com a complexa e rica conexão entre geografia, turismo, ambiente, cultura e recreação: Silva (1975); Assis (1976); Seabra (1979); Tulik (1979); Barbieri (1979); Buss (1980); Rodrigues (1985); Falcão (1992); Madruga (1992); Silveira (1992); Calvente (1993) e Garms (1993).

Essas dissertações e teses deixam a descoberto as primeiras preocupações teóricas e empíricas desses geógrafos vanguardistas e uma enorme riqueza de enfoques e abordagens que a complexidade do fenômeno enseja. Passaremos a analisá-las, uma a uma, de um total de doze, a saber: uma tese de livre docência, quatro teses de doutorado e sete dissertações de mestrado.

Silva (1975), em sua tese de doutorado intitulada “O litoral norte do estado de São Paulo: formação de região periférica” usa enfoque genético e funcional para tecer uma análise crítica acerca da produção do espaço que, com suas desigualdades e contradições, é parte de um processo geral de organização. O autor tece suas análises na perspectiva da historicidade da produção social do espaço, ao avaliar as contradições sociais e econômicas herdadas do passado e prognosticar o futuro.

Assis (1976), em sua tese de Livre Docência, intitulada “O turismo interno no Brasil”, parte da conceituação e da história da evolução do turismo e centra sua abordagem na estrutura espacial e na perspectiva do turismo interno e receptivo no Brasil. Nesse movimento, o autor toma como fio condutor de sua análise os impactos da atividade turística, sua sazonalidade, os transportes,

os meios de alojamento e os centros turísticos ao tomar como foco o Sudeste e o Sul do Brasil.

Seabra (1979), em sua dissertação de mestrado intitulada “A muralha que cerca o mar: uma modalidade de uso do solo urbano”, analisa o fenômeno da segunda residência. A autora faz uma análise geográfica morfológica ao tratar das transformações socioespaciais provocadas por esse fenômeno e enuncia sua complexidade ao entender o espaço em dupla dimensão - a estrutural (imobilização do capital) e a psicológico-social - ao identificar o significado ideológico da segunda residência. Assim sendo, do ponto de vista epistemológico, a autora complexifica sua análise ao tecer idéias relacionadas à questão do valor do uso do solo urbano com uma abordagem em nível simbólico das representações ideológicas que envolvem o fenômeno da segunda residência.

Tulik (1979), em sua dissertação de mestrado intitulada “Praia do Góis e Prainha Branca: núcleos de periferia urbana na Baixada Santista”, apresenta, de forma inovadora, o resultado empírico de uma pesquisa em que tematiza, na perspectiva da análise geográfica morfogenética, os impactos do turismo sobre a organização do espaço de duas localidades praiieras e os fatores geográficos que interferem na ocupação do espaço e nas atividades de seus habitantes.

Barbieri (1979) em sua tese de doutorado intitulada “O fator climático nos sistemas territoriais de recreação – Uma análise subsidiária ao planejamento da faixa litorânea do Estado do Rio de Janeiro”, assim explicita a finalidade de seu trabalho: contribuição ao planejamento do espaço turístico sob a ótica da geografia pragmática. Essa tese se destaca das outras produções dessa fase por seu enfoque teórico pluriparadigmático, ou seja, naturalista e determinista. Esse enfoque, ao mesmo tempo, é moderno e pragmático, ao organizar um calendário climático-turístico para as atividades de recreação

que se estendem na faixa litorânea do estado do Rio de Janeiro, de Cabo Frio a Paraty (RJ) com o objetivo de nortear ações para o planejamento regional do turismo.

Buss (1980), em sua dissertação de mestrado intitulada “Classificação ambiental do sul catarinense para fins turísticos” usa de uma abordagem geográfica funcionalista para classificar ambientes com potencial turístico. Ao tomar a infra-estrutura básica de cada ambiente como referência para alcançar seus propósitos, a autora propõe uma tipologia norteadora que contribui para o planejamento do espaço turístico.

Rodrigues (1985), em sua tese de doutorado sob o título “Águas de São Pedro. Estância paulista - Uma contribuição à geografia da recreação”, tece, numa perspectiva histórica, a evolução dos fatores geográficos que possibilitam o turismo, tanto como prática social, quanto como atividade de serviços, ao mesmo tempo em que enfatiza a questão da recreação. Dentre as mais relevantes contribuições de sua tese destacamos o levantamento do estado da arte dos estudos geográficos sobre a recreação e o turismo. Esse levantamento diz respeito aos referenciais teórico-metodológicos usados nas análises espaciais do fenômeno turístico e da recreação, sob a ótica dos pesquisadores franceses, italianos, anglo-saxões, americanos, canadenses e russos. Uma outra contribuição da autora, que se tornará tendência no pensamento teórico-prático da segunda geração de pesquisadores, é trazer para o centro da discussão a questão das políticas públicas em nível estadual e municipal no (re)ordenamento territorial do espaço do turismo e recreação.

Sete anos se passaram para agregar aos estudos turísticos brasileiros a contribuição de Falcão (1992), com sua dissertação de mestrado sob o título “Mecanismos de circulação e transferência de valor: o caso do turismo internacional no Rio de Janeiro – RJ”. Essa contribuição tem dois marcos. O

primeiro é a inserção da abordagem crítica da geografia na “análise dos processos e formas de integração econômica de lugares e regiões desigualmente desenvolvidas, decorrentes do atual estágio de desenvolvimento capitalista e da economia mundial”. O segundo marco é a inserção da metodologia qualitativa em um trabalho científico sobre a abordagem geográfica do turismo na perspectiva do entendimento da economia do turismo mundial.

“Litoralização: da fantasia de liberdade à modernidade autofágica”, é o título da dissertação de mestrado de Madruga, também datada de 1992. O autor introduz uma abordagem crítica com enfoque morfológico, acerca das relações dialéticas entre sociedade e natureza na fachada atlântica (estudo de caso) e o litoral paraibano em seu processo de litoralização pela industrialização, urbanização e turismo, que o transforma de território vazio em território litoralizado, povoado e consumido.

Silveira (1992), em sua dissertação de mestrado intitulada “Turismo & natureza: serra do Mar no Paraná”, faz uma análise geográfica empírica, numa abordagem genético-morfológica ao tomar como referencial teórico o processo histórico de evolução da sociedade industrial. O autor analisa os impactos sobre o meio ambiente causados pelo desenvolvimento desequilibrado do turismo na região da serra do mar (Paraná) e toma como objeto de conhecimento os conflitos desenvolvimento versus natureza e os desequilíbrios ecológicos e sociais decorrentes dessa relação.

“No território do azul-marinho: a busca do espaço caiçara” é o título da dissertação de mestrado de Calvente (1993), que inova o conjunto de produções científicas brasileiras ao trazer a questão cultural e a identidade territorial caiçara para o foco da análise do espaço turístico. Ao tecer uma análise cultural do fenômeno, a autora combina uma abordagem

socioambiental e crítica para decifrar as transformações impactantes do turismo sobre territórios e comunidades caiçaras.

Garms (1993) em sua tese de doutorado intitulada “Pantanal: o mito e a realidade – Uma contribuição à Geografia” tece uma abordagem pluriparadigmática ao tomar o espaço pantaneiro em duas dimensões. A funcional em termos da estrutura dos elementos paisagísticos de natureza turística que o compõe. E a dimensão social e crítica, como mercadoria a ser consumida pela prática de lazer. O autor analisa o espaço pantaneiro, tanto sob a ótica do mito paradisíaco vendido/comercializado via marketing turístico, como da realidade que se apresenta para atender a outros setores econômicos.

Aqui concluímos a apresentação e a análise das contribuições teóricas da primeira geração de geógrafos brasileiros atentos à compreensão das implicações espaciais do turismo, da segunda residência e da recreação em nosso país.

Nesse contexto, um fato relevante ainda deve ser tematizado: a preocupação epistêmica tardia do geógrafo brasileiro em relação aos centros acadêmicos europeus, como França e Espanha, que iniciaram seus estudos teóricos a partir das décadas de 50 e 60 respectivamente. Como afirma Lazzarotti (1998) a expressão “geografia do turismo” teria nascido na França com G.Chabot que, em sua obra *La vie urbaine*, publicada em 1957, dedicou um dos capítulos - *L'Évasion urbaine* - à reflexão teórica sobre turismo e lazer²⁷, (*apud* RODRIGUES, 1998, p.80)

²⁷ A introdução da expressão “Geografia do Turismo” (*Fremdenverkehrsgeographie*) na bibliografia especializada também é atribuída a STRADNER, em obra datada de 1905, segundo LUIS GÓMEZ (1988, p.84), como informamos anteriormente.

Outro marco histórico é considerado por Vera (1997, p.28) e Rodrigues (1998, p.81). Trata-se da criação, em 1972, do Grupo de Trabalho de Geografia do Turismo, Ócio e Recreação dentro da própria União Geográfica Internacional (UGI). O reconhecimento da relevância do tema pela UGI culminou em 1980, quando passou de Grupo, à Comissão de Geografia do Turismo, Ócio e Recreação e, na atualidade, a **Comissão de Geografia do Turismo, Recreação e Mudança Global**. Os professores designados pela UGI se constituíram numa equipe multinacional e, entre as tarefas que lhes foram atribuídas, deveriam traçar as diretrizes, os objetivos gerais e específicos, bem como a forma de operacionalizar e regular o turismo e a recreação em um “mundo sem fronteiras”, conforme enunciado a seguir:

**“GRUPOS DE ESTUDIOS DE LA UNIÓN GEOGRÁFICA INTERNACIONAL
GE5. GEOGRAFÍA, TURISMO, RECREACIÓN Y CAMBIO GLOBAL**

Objetivos generales

- 1- Implementar los propósitos de la UGI definidos en sus estatutos, a fin de promover la geografía del turismo y la recreación alrededor del mundo.
- 2- Desarrollar una cultura de investigación internacional a fin de explorar y desarrollar la Geografía del Turismo, la Recreación y el Cambio Global.
- 3- Promover relaciones de trabajo cercanas con organizaciones internacionales, nacionales y regionales que comparten intereses similares relacionados con la Geografía del Turismo, la Recreación y el Cambio Global, y trabajar con comunidades afectadas por dicho cambio.
- 4- Promover la geografía del turismo y la recreación en la educación y la investigación hacia quienes desarrollan políticas relacionadas con el turismo y la recreación; a la industria del turismo y la recreación, y a la comunidad en general.
- 5- El objetivo general del GE es el desarrollo y la aplicación de un programa de investigación comparable a nivel internacional sobre las relaciones entre el turismo, la recreación y el cambio global.

Objetivos específicos

- 1- Comunicar el papel del turismo y la recreación como uno de los principales factores que tienen influencia y se ven afectados por el cambio global.
- 2- Lograr un mayor desarrollo del concepto de sustentabilidad aplicado al “turismo” y la “recreación” con respecto al concepto de cambio global.
- 3- Comunicar la importancia de comprender una amplia gama de procesos que afectan las relaciones entre el turismo, la recreación y el cambio global, incluyendo al ambiente natural y a los procesos políticos y socioeconómicos.
- 4- Promover investigación que incorpore las nociones de la interrelación de estructuras y procesos en el turismo y la recreación, a través de una variedad de escalas interrelacionadas, tanto espaciales – internacionales, nacionales, regionales, locales e individuales – como temporales – de corto y largo plazo (inter e intra generacionales).
- 5- Comunicar los resultados de la investigación a través de los miembros del GE hacia los diferentes foros - académico, industrial y político - a fin de influir sobre el desarrollo de políticas de una manera efectiva y apropiada.
- 6- Estos objetivos deben perseguirse mientras exista el GE a través de un conjunto de ‘tareas’ de investigación definidas mediante la discusión con los miembros, y que fueron modificadas apropiadamente durante las reuniones de Cheju y otras posteriores. Los miembros del GE adoptarán funciones de liderazgo para las diferentes tareas.
- 7- Interpretar el significado del término “sustentabilidad” en el contexto del turismo, la recreación y el cambio global.

Operación y regulación del turismo y la recreación en un “mundo sin fronteras”.

- 1- Relación del turismo y la recreación con problemas de convergencia espacio-temporal.
- 2- El turismo y la recreación en la interacción entre los sistemas natural, urbano y rural.
- 3- La interrelación del turismo y la recreación con el lugar, la identidad y la ciudadanía en el contexto del cambio global.
- 4 - Dinámica y capacidad de las comunidades e instituciones a fin de contribuir y responder efectivamente al cambio global.
- 5 - Contribución a los programas de investigación relevantes a nivel internacional asociados con los objetivos y propósitos del GS.
- 6 - El tema integrador de todas las tareas es “Turismo y Recreación en el Contexto del Cambio Global”.

Disponível em: <http://divcom.otago.ac.nz/tourism/> Acesso em 20/02/04.

Enquanto as décadas de 1970 e 1980 marcam, no Brasil, as primeiras reflexões e teorizações acadêmicas pelo olhar do geógrafo pesquisador em turismo, os centros acadêmicos europeus vivem o auge dessas tematizações em teses e trabalhos empíricos. Questionamos o desinteresse ou alheamento do geógrafo brasileiro pela pesquisa desse tema que, no entanto, provocava tamanho interesse nos centros acadêmicos europeus e, posteriormente, estendeu-se pelos departamentos de Geografia dos Estados Unidos, Canadá, Nova Zelândia e Austrália.

Rodrigues, na fala que segue, nos oferece uma pista para o entendimento desse fato:

“A forma equivocada de entender o turismo como um tema supérfluo para abordagens geográficas é muito presente ainda no seio da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), que manifesta acentuada preferência pelos assuntos comprometidos com a militância política [...] Há uma tendência manifesta de ignorar nos congressos da AGB eixos temáticos que contemplam o fenômeno do turismo, mesmo percebendo-se que o interesse por este tema é crescente.” (2001, p.96)

A resistência da AGB com relação à abordagem geográfica do turismo é um fato. Devem existir, no entanto, outras razões capazes de clarificar nossa tematização, qual seja, o interesse tardio do geógrafo brasileiro pela pesquisa da dimensão geográfica do turismo. Uma dessas razões poderia ser a historicidade do peso do turismo como prática social e atividade econômica na vida nacional que, por sua vez, relaciona-se às políticas nacionais e setoriais. Por considerá-las uma vertente promissora de análise da questão tematizada, vamos pontuar a sua evolução.

Sabe-se que o turismo, como qualquer outra atividade produtiva, envolve políticas nacionais e setoriais de gestão territorial, aqui entendida como em

Custódio (2005), em suas três dimensões: ordenamento, que implica na formalização de processos jurídicos e legais sob a forma de decretos, leis, convênios nas diferentes esferas do poder público; planejamento, que é uma atividade tanto técnica quanto política, uma vez que envolve tomada de decisões; e administração que envolve gerenciamento em curto prazo das ações e problemas cotidianos.

Seguindo a pista da historicidade, vale indagar: as diretrizes políticas nacionais e setoriais de gestão territorial do turismo brasileiro levadas a efeito ao longo do século XX ofereceriam elementos para entender o caráter retardatário do interesse epistêmico do geógrafo brasileiro pelo espaço do turismo nacional? Posto de outra forma, mas na mesma direção: em que a historicidade das políticas nacionais e setoriais de gestão territorial do turismo nacional pode contribuir para o entendimento do interesse retardatário do geógrafo brasileiro pelo conhecimento da dimensão geográfica do turismo que passou a ser produzido ao longo do século XX?

Para fundamentar a questão tematizada, tomaremos como referência norteadora da análise a classificação da história das políticas nacionais do turismo brasileiro proposta por Cruz (1999), uma das autoras que compõem o universo do banco de dados dessa pesquisa. Em sua tese de doutorado intitulada “Políticas de turismo e (re) ordenamento de territórios no litoral do Nordeste do Brasil”, essa autora propõe que a história das políticas nacionais do turismo brasileiro seja dividida em três períodos, a saber:

- O primeiro período seria a “pré-história” jurídico-institucional e se estende até 1966. Caracteriza-se pela emissão de “diplomas legais desconexos e restritos a aspectos parciais da atividade”, como regular as agências de viagens. Faz parte desse período o primeiro documento referente à atividade, o Decreto-lei 406 de 4 de maio de 1938.

- O segundo período tem como marco o Decreto-lei 55 de 18 de novembro de 1966 que define a primeira Política Nacional de Turismo e cria os organismos oficiais para a sua implementação: o Conselho Nacional de Turismo (CONTur) e a Empresa Brasileira de Turismo (Embratur). Esse período finaliza com a revogação daquele Decreto-lei 55 e a reestruturação da Embratur, em 1991.

- O terceiro período, que começa a partir de 1991 e segue até aquele momento em que Cruz defende sua tese (1999). Segundo a autora, muitas mudanças ocorreram nesse período com a reestruturação da Embratur, que passou a ter como finalidade “formular, coordenar, executar e fazer executar a Política Nacional de Turismo – PNT”, conforme a Lei 8.181 de 28 de março de 1991.

Grandes mudanças em nível de (re) ordenamento territorial do turismo são atribuídas à Política Nacional do Turismo implantada no período 1995-2002 cuja macroestratégia se definiu pela implantação de infra-estrutura básica e turística de acordo com as atratividades regionais, com vistas à diversificação do produto turístico.

O turismo brasileiro alçou a mais um período (o quarto) de sua história no período 2003-2006. Criou-se o Ministério do Turismo e reestruturou-se uma vez mais a Embratur, cuja finalidade agora é de promover, divulgar e apoiar a comercialização de produtos, serviços e destinos turísticos do país no exterior. Coloca-se em ação um novo Plano Nacional de Turismo (2002-2007) baseado na “força das parcerias” e na “gestão descentralizada” cujo alvo passa, em 2006, por um processo de regionalização²⁸.

²⁸ A nova política de regionalização do turismo nacional fundamenta-se na criação de 87 roteiros turísticos envolvendo um total de 474 municípios, numa média de três roteiros por estado da federação. Espera-se com isso a obtenção de padrão de

Os dados coletados e analisados indicam uma estreita relação entre o despertar do interesse do geógrafo-pesquisador pela dimensão geográfica do turismo e o período denominado por Cruz (1999) como o “terceiro da história das políticas públicas nacionais de turismo do país”.

Posto isso, vamos aos fatos comprobatórios. Nos dois primeiros períodos, as políticas públicas de turismo não só se mostram ineficazes para alavancar a atividade no país, como têm pouco significado para o geógrafo pesquisador nas primeiras produções acadêmicas. De 18 delas relativas ao período 1975 à 1992, somente três fazem referência às políticas setoriais do turismo, quais sejam, Assis (1976), Rodrigues, (1985) e Falcão (1992).

A linha demarcatória do interesse epistêmico do geógrafo brasileiro pela pesquisa acadêmica da dimensão geográfica do turismo é o ano de 1999. Dissertações e teses foram iniciadas no terceiro período da história das políticas nacionais de turismo do país, alcançando seu auge no período compreendido entre 1995 e 2002, com continuidade no tempo. Comprovam essa assertiva, as 32 produções que têm seu foco na abordagem das políticas públicas desse período: Portuguez (1998), Cruz (1995;1999), Calheiros (2000), Magalhães (2000), Rosa (2000), Simão (2000), Andrade (2001), Mariani (2001), Bandeira (2002), Dall'acqua (2002), Martins (2002), Saraiva (2002), Silva (2002), Silveira (2002), Souza (2002), Leda (2003), Silva (2003), Andrade (2004), Benevides (2004), Coriolano (2004), Dahlem (2004), Domingos (2004), Fonseca (2004), Galvão (2004), Jesus (2004), Lüdke (2004), Mendes (2004), Menezes (2004), Rosa (2004), Albuquerque (2005), Furtado (2005).

Becker (1999) assim apresenta o cenário histórico de mudanças nas políticas nacionais de turismo com suas implicações territoriais nesse novo contexto:

qualidade internacional acerca da importância do turismo regionalizado e do processo de roteirização turística (Ministério do Turismo, out. 2006).

“[...] estão se valorizando novos elementos dentro da costa brasileira, novos lugares, novas parcelas da zona costeira, particularmente o Nordeste brasileiro, e a parte sul da costa brasileira, Santa Catarina. E mais pontualmente, com uma intensidade muito menor, o Ecoturismo no Centro-Oeste e na região Norte. [...] o turismo se transformou num dos mais importantes vetores da ocupação litorânea no Brasil hoje, e temos visto isso com uma multiplicação de complexos imobiliários, de balneários e marinas. (1999, p.186)

O geógrafo-pesquisador brasileiro despertado e engajado na pesquisa da dimensão geográfica do turismo aguça seu olhar epistêmico sobre esses territórios em mutação, e deles extrai os elementos para a produção do conhecimento brasileiro na abordagem geográfica do turismo.

2- ABORDAGENS GEOGRÁFICAS DO TURISMO NA PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA (1975-2005)

O acervo documental levantado (1975-2005) se constitui de 162 produções acadêmicas, a saber: 29 teses de doutorado, uma tese de Livre Docência e 132 dissertações de mestrado. Trata-se de vinte e dois programas de pós-graduação em Geografia do país, exceto o IGC-UFRGS, onde foi defendida a tese de Livre Docência. A síntese desse acervo documental é a matriz da qual são feitas análises das produções levantadas.

O trabalho acadêmico de orientação é desenvolvido por 92 doutores e 2 mestres. Três dos 94 orientadores atuam em duas universidades: Prof. Dr. Sylvio Carlos Bandeira de Melo e Silva (UFBA e UFS), Prof. Dr. Luiz Augusto de Queiroz Ablas (USP e UFBA) e Profa. Dra. Arlete Moisés Rodrigues (Unesp/campus de Rio Claro, e Unesp/campus de Presidente Prudente).

A tese de Livre Docência defendida em 1976 pelo Prof. Dr. Kleber Moisés Borges de Assis, do IGC/UFRGS, é considerada no universo de nossa análise no segmento que é pertinente aos objetivos da pesquisa, qual seja: no cômputo geral das produções acadêmicas.

Esses dados se apresentam conforme TAB. 2 e GRÁF. 2 apresentadas a seguir.

TABELA 2				
PRODUÇÃO ACADÊMICA POR INSTITUIÇÃO (1975-2005)				
SEQ	INSTITUIÇÕES	DISSERTAÇÕES	TESES	TOTAL
1	FFLCH-DG-USP	27	20	47
2	IGC/UFGM	18		18
3	DG-UFU	11		11
4	IGC/UFRJ	8	3	11
5	DG-UnB	8	1	9
6	IGC-UFBA	7		7
7	UNESP/PP	6	2	8
8	IGC-UNICAMP	6		6
9	DG-UFS	5	1	6
20	UNESP/RC	5	1	6
10	DG-UEC	5		5
11	CFCH/DG-UFSC	5		5
12	DG-UFMS (Dourados)	4		4
13	DG-UFG	4		4
14	DP-UFPR	3		3
15	DG-UFMS (Aquidauana)	2		2
16	DG-UEM	2		2
17	PUC-Minas	2		2
18	DG-UFPE	2		2
19	CCHLA-UFRN	1	1	2
21	IGC-UFF	1		1
22	IGC-UFRGS		1	1
	TOTAL GERAL	132	30	162

Fonte: CASTRO, Nair A Ribeiro de

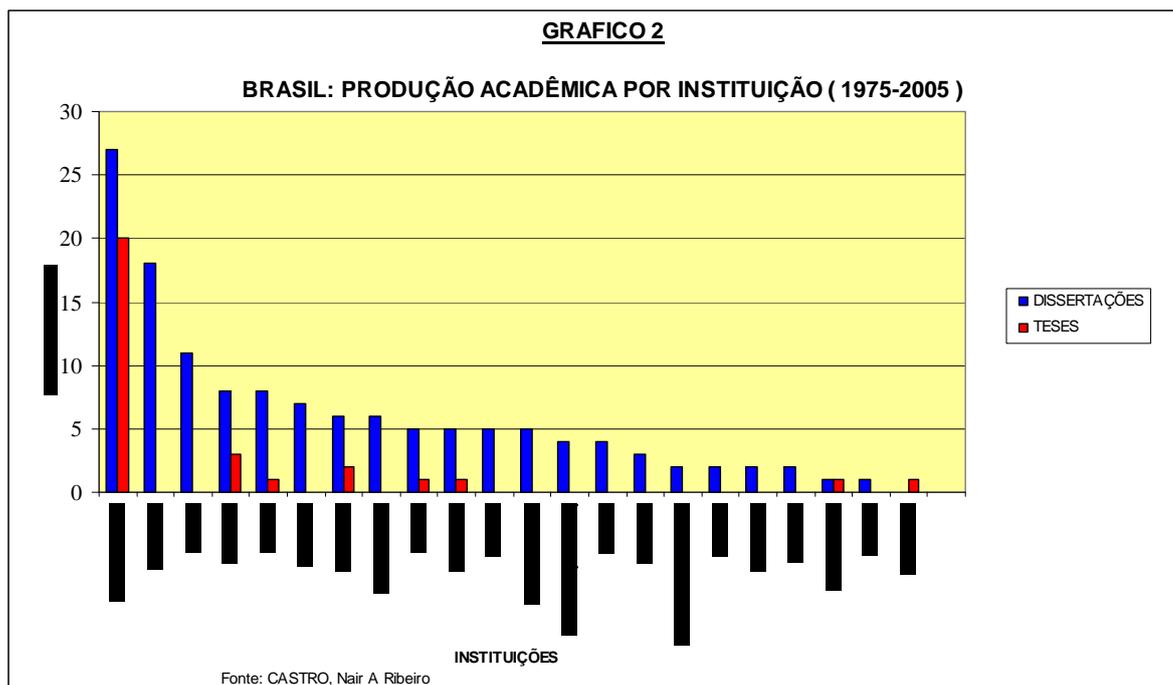


Gráfico 2 – Brasil: Produção acadêmica por instituição (1975-2005)
Fonte: Castro (2006)

Outros três esclarecimentos se fazem necessários antes de passarmos às análises dos dados. O primeiro trata da forma como computamos a origem das produções da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul e da Universidade Estadual Paulista. Foram considerados, em separado, os dois programas de pós-graduação vinculados à UFMS, ou seja, o campus de Aquidauana e o campus de Dourados, embora a partir de 2005 o último tenha sido transformado em instituição autônoma: a Universidade Federal da Grande Dourados. Demos o mesmo tratamento às produções da Universidade Estadual Paulista, ou seja, consideramos em separado as produções da Unesp/Rio Claro e da Unesp/Presidente Prudente. O segundo esclarecimento é o caráter público das instituições que formam o universo dessa pesquisa, à exceção da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E o terceiro é a acolhida por parte de alguns Programas de Pós-

Graduação em Geografia de alunos oriundos de outras áreas de formação, tais como, arquitetura, urbanismo e engenharia florestal.

Posto isso, passaremos a análise dos dados relativos à produção acadêmica. O procedimento metodológico adotado é o de entrecruzamento de informações que obedece ao seguinte critério:

- Produção acadêmica: dados de referência (1975-2005);
- Produção acadêmica por instituição (1975-2005), conforme TAB. 2 e GRÁF. 2;
- Trabalho acadêmico: orientadores por instituição, conforme TAB. 12;
- Produção acadêmica por instituição e por ano, conforme TAB. 13;
- Número de orientadores por instituição, conforme TAB. 14;
- Trabalho acadêmico de orientação: produção por orientador (a), conforme TAB. 15.

A tessitura entrecruzada das análises dos dados cotejados nas Tabelas permite um matiz que se entremeia com as reflexões das tematizações levantadas, dada à complexidade da abordagem. O resultado se apresenta a seguir.

O ponto de partida é a análise da produção acadêmica por instituição e por ano (TAB. 13) por julgarmos importante identificar algumas das nuances, relacionadas à tematização levantada no item anterior.

TABELA 13**PRODUÇÃO ACADÊMICA POR INSTITUIÇÃO E POR ANO**

INSTITUIÇÕES	1975	1976	1979	1980	1985	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	TOTAL
USP	1		3		1	2	2	1	2			3	8	4	4	9	3	2	2	47
UFMG														4	1	5	2	4	2	18
UFRJ				1		1				1				3		3	1	1		11
UFU														1		1	4	5		11
UNB															2	2	3	2		9
UNESP/PP													1	1	1	2	2			8
UNESP/RC													1	1	1			3		6
UFBA														1	1	2	2	1		7
UNICAMP/IGC																	1		5	6
UFMS																2		4		6
UFS																1		3	2	6
UEC												1				1			3	5
UFSC													2		3					5
UFG															1	1	2			4
UFPR																1	1	1		3
PUC-Minas																	1	1		2
UEM																		2		2
UFPE														1				1		2
UFRN																			2	2
UFF														1						1
UFRGS		1																		1
TOTAL	1	1	3	1	1	3	2	1	2	1	1	5	12	16	15	29	19	28	21	162

Fonte: CASTRO, Nair A Ribeiro de

Com o olhar atento na trajetória da produção acadêmica indicada na TAB. 13 é possível demarcar o ano de 1999 como um divisor de águas²⁹. A partir desta data a produção acadêmica ganhou fôlego no tempo e a participação de novas instituições a cada ano, avolumou consideravelmente a quantidade de produções (138 produções em sete anos, numa média de 19,7 produções/ano). Certamente, estamos tratando dos efeitos socioespaciais das políticas nacionais do turismo que compõem o terceiro período de sua história (CRUZ, 1999) e que passaram a ser objeto de pesquisa acadêmica.

²⁹ Até então apenas duas universidades brasileiras ofereciam o programa de pós-graduação *strictum senso* em geografia: a Universidade de São Paulo e a Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Ao considerar o período de 1975-1998, os dados indicam 23 produções em vinte e três anos, que à primeira vista, indica a média de uma produção/ano. No entanto, o dado bruto “1975-1998”, oculta o caráter intermitente da produção, pois em 13 anos (1977, 1978, 1981, 1982, 1983, 1984, 1986, 1987, 1988, 1989, 1990, 1991 e 1997) nossa pesquisa não registrou uma produção sequer. O fato é que a tendência à intermitência e à oscilação na produção identificada por Rejowski (1998) no período 1975-1993 se manteve inalterada por mais cinco anos.

Nesse ponto abrimos parênteses para dar destaque à pertinência da tematização que formulamos anteriormente: que fato(s) da realidade sócio-político-econômica nacional, faz(em) de 1999 um marco determinante do interesse epistêmico do geógrafo brasileiro em relação à análise de um fenômeno que, na verdade, há muito se fazia presente na construção de espacialidades e territorialidades nos espaços urbanos e litorâneos do nosso país?

Continuemos a análise da produção acadêmica cotejada na TAB. 13. Deles depreendemos que as 22 instituições de pós-graduação do universo dessa pesquisa têm uma participação desigual, tanto por instituição, quanto ao longo do tempo considerado (1975 -2005).

A análise da trajetória anterior a 1999 nos permite considerar a USP e a UFRJ como instituições precursoras da produção do conhecimento na abordagem geográfica do turismo. Desde o início, a USP parece ter demonstrado maior engajamento, como indicam suas 15 produções contra três da UFRJ. A inserção da Universidade Estadual do Ceará (UEC) (1998) parece anunciar os novos rumos da produção do conhecimento das abordagens geográficas do turismo nos anos pós-1999.

A trajetória pós-1999 identifica dois notáveis picos de produção alcançados nos anos de 2002 (29 produções/ano) e 2004 (28 produções/ano).

As razões parecem se explicar de modo distinto. No pico do ano de 2002, a produção se relaciona mais ao peso da participação da USP (nove produções) e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com cinco produções que juntas responderam por 48,27% da produção total, do que pela inserção de novas instituições (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS; Universidade Federal de Sergipe – UFS; Universidade Federal do Paraná - UFPR), embora isso não seja, de modo algum, um dado de somenos importância. No pico de 2004, porém, a inserção cumulativa de novas instituições é um dado concreto, mesmo porque a participação da USP (2 produções) pode ser considerada pouco expressiva. Observa-se o arrefecimento da produção da USP nos anos 2003, 2004 e 2005.

Analisados em seu conjunto, os anos 1999-2005 são marcados pela inserção de novas instituições que somam 200 produções: Universidade Estadual Paulista, campus de Rio Claro -; Universidade Estadual Paulista, campus de Presidente Prudente - Unesp/PP; Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC; Universidade Federal da Bahia – UFBA; UFMG; Universidade Federal de Uberlândia – UFU; Universidade Federal Fluminense – UFF; Universidade de Brasília – UNB; Universidade Federal de Goiás – UFG; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Puc-Minas; Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; UFPR; UFS; UFMS; Universidade Estadual de Campinas – Unicamp; Universidade Estadual de Maringá - UEM e Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN.

Enfeixando a análise dessa trajetória, observamos a partir de 1999 um crescimento exponencial no número de produções, em comparação aos anos anteriores.

No computo geral, a análise dos dados da TAB. 15 evidencia uma configuração de tendências para a tessitura de um prognóstico sobre a produção acadêmica dessas instituições.

TABELA 15			
TRABALHO ACADÊMICO DE ORIENTAÇÃO: PRODUÇÃO POR ORIENTADOR(A)			
CLASSIFICAÇÃO	ORIENTADOR(A)	TOTAL	INSTITUIÇÃO
1	Profa.Dra.Adyr A Ballastreri Rodrigues	13	USP
2	Prof.Dr.Allaoua Saadi	7	UFMG
3	Prof.Dr.Sílvio C. Bandeira de Melo e Silva	6	UFBA/UFS
4	Prof.Dr. Marcos Roberto Moreira Ribeiro	5	UFMG
	Prof.Dr.Eduardo Abdo Yásigi	5	USP
5	Profa.Dra.Marília Steinberger	4	UNB
	Prof.Dr. Armando Garms	4	UNESP/PP
	Prof.Dr.Mário De Biasi	3	USP
	Profa.Dra.Magda a L Frauhauf	3	USP
6	Profa.Dra.Maria Tereza D.Paes Luchiar	3	UNICAMP
	Profa.Dra.Beatriz Ribeiro Soares	3	UFU
	Profa.Dra.Josilda R.da S.Moura	3	UFRJ
	Prof.Dr.Edvaldo César Moretti	3	UFMS(Campus Dourados)
	Profa.Dra.Maria Geralda de Almeida	3	UFG
	Prof.Dr. Luis Augusto de Queiroz Ablas	3	UFBA/USP
	Profa. Dra.Arlete Moisés Rodrigues	3	Unesp/PP e Unesp/RC
7	Profa. Dra.Ana Fani Alessandri Carlos	2	USP
	Profa. Dra.Maria Adélia A de Souza	2	USP
	Profa. Dra.Regina Araujo de Almeida	2	USP
	Prof. Dr. Rosselvelt José Santos	2	UFU
	Prof. Dr.David George Francis	2	UFU
	Prof. Dr.Augusto César Zeferino	2	UFSC
	Profa. Dra.Maria Augusta M. Vargas	2	UFS
	Profa. Dra. Vera Lúcia Alves França	2	UFS
	Prof. Dr.Jorge Xavier da Silva	2	UFRJ
	Profa. Dra.Leila Christina Duarte dias	2	UFRJ
	Profa. Dra.Heloisa Soares de M. da Costa	2	UFMG
	Prof.Dr.Dalton Áureo Moro	2	UEM
	Prof. Dr.Luiz Cruz Lima	2	UEC
	Prof.Dr.Fábio Perdigão Vasconcelos	2	UEC

CLASSIFICAÇÃO	ORIENTADOR(A)	TOTAL	INSTITUIÇÃO
8	Prof. Dr. Antonio Carlos R. de Moraes	1	USP
	Prof. Dr. Carlos Augusto F. Monteiro	1	USP
	Prof. Dr. Francisco Capuano Scarlato	1	USP
	Prof. Dr. Jurandy Luciano Sanches Ross	1	USP
	Prof. Dr. Dirceu Lino de Mattos	1	USP
	Profa. Dra. Amália Inês G. de Lemos	1	USP
	Prof. Dr. Antonio Rocha Penteado	1	USP
	Prof. Dr. Felisberto Cavalheiro	1	USP
	Prof. Dr. Flávio Sammarco Rosa	1	USP
	Prof. Dr. Gil Sodero de Toledo	1	USP
	Prof. Dr. José Bueno Conti	1	USP
	Prof. Dr. Marcello Martinelli	1	USP
	Profa. Dra. Léa Goldenstein	1	USP
	Profa. Dra. Ana Maria M. C. Marangoni	1	USP
	Profa. Dra. Nidia Nacib Pontuschka	1	USP
	Prof. Dr. Hildebrando Hermann	1	IGC-Unicamp
	Prof. Dr. Antonio Carlos Vitte	1	IGC-Unicamp
	Profa. Dra. Arleude Bortolozzi	1	IGC-Unicamp
	Profa. Dra. Celina Foresti	1	Unesp/RC
	Prof. Dr. Manuel Rolando Verríos Godoy	1	Unesp/RC
	Prof. Dr. Roberto Braga	1	Unesp/RC
	Prof. Dr. Marcos César Ferreira	1	Unesp/RC
	Profa. Dra. Maria Juraci Zani dos Santos	1	Unesp/RC
	Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito	1	Unesp/PP
	Prof. Dr. Messias Modesto dos Passos	1	Unesp/PP
	Prof. Dr. Othon Henry Leonardos	1	UNB
	Prof. Dr. Paul Elliot Little	1	UNB
	Profa. Dra. Eurípedes da Cunha Dias	1	UNB
	Profa. Dra. Marília Luiza Peluso	1	UNB
	Profa. Dra. Ana Maria Resende Junqueira	1	UNB
	Prof. Dr. Antônio Giacomini Ribeiro	1	UFU
	Prof. Dr. Jorge Luis Silva Brito	1	UFU
	Profa. Dra. Lezir Montes Ferreira	1	UFU
	Profa. Dra. Suely Regina Del Grossi	1	UFU
	Prof. Dr. Roland Luiz Pizzolatti	1	UFSC
	Prof. Ms. SC. Ivo Sostisso	1	UFSC
	Prof. Ms. SC. Luis Fugazzola Pimenta	1	UFSC
	Profa. Dra. Maria do L. M. Clementino	1	UFRN
	Prof. Dr. Mauro Lemuel Alexandre	1	UFRN
	Profa. Dra. Iná Elias de Castro	1	UFRJ
	Profa. Dra. Júlia Adão Bernardes	1	UFRJ
	Prof. Dr. Jorge Soares Marques	1	UFRJ
	Prof. Dr. Marcelo Lopes de Souza	1	UFRJ
	Prof. Dr. Marcos A Tarlomobani Silveira	1	UFPR
	Profa. Dra. Ana Maria Muratori	1	UFPR
	Profa. Dra. Salete Kozel teixeira	1	UFPR
	Prof. Dr. Carlos Frederico C. da Costa	1	UFMS Aquidauana
	Prof. Dr. Paulo Roberto Jóia	1	UFMS Aquidauana
	Profa. Dra. Ângela Maria Zanon	1	UFMS Dourados
	Prof. Dr. Nilson Cortez Crocia de Barros	1	UFPE
	Dras. Edvânia T. A. Gomes/Tânia B Araujo	1	UFPE
	Prof. Dr. Ailton Mota de Carvalho	1	UFMG
Prof. Dr. Ralfo Edmundo da Silva Matos	1	UFMG	
Prof. Dr. Roberto Célio Valadão	1	UFMG	
Profa. Dra. Cristina Helena R. R. Augustin	1	UFMG	
Profa. Dra. Maria Iêda de A. Burjack	1	UFG	
Prof. Dr. Rogério Haesbaert da Costa	1	UFF	
Prof. Dr. Ângelo Szaniecki Perret Serpa	1	UFBA	
Profa. Dra. Creuza Santos Lage	1	UFBA	
Prof. Dr. Edson Vicente da Silva	1	UEC	
Prof. Dr. Heins Charles Kohler	1	PUCMinas	
Drs. Altino B. Caldeira/Oswaldo Bueno A.F.	1	PUCMinas	

Fonte: CASTRO, Nair A Ribeiro de

Por exemplo: algumas são mais engajadas, como a UFMG e UFU. Há aquelas que ganham ritmo no tempo, como a Unesp/PP, Unesp/RC, UFS, UNB, Unicamp, UFBA, UFPR, UEC, UFMS. Notamos ainda instituições cujas contribuições não mantiveram continuidade no tempo, como UFF, PUC-Minas e UFSC. Enfim, são grupos de instituições que se distinguem. Por isso mesmo vale a pena classificá-los e aprofundar a análise das tendências enunciadas.

Por ora, não será levada em conta a liderança incontestável da USP, nem tampouco a participação da UFRJ, que serão analisadas separadamente. Contudo, não é por essas universidades que iniciaremos nossa análise. As tendências mais notadas quanto ao vigor produtivo se encontram nos grupos pós-99, que passaremos a analisar.

O primeiro grupo constitui-se de duas instituições mineiras: UFMG e UFU. São as que demonstram maior produtividade num curto espaço de tempo, haja vista que a inserção de ambas se deu em 2000. São 18 e 11 dissertações de mestrado, respectivamente, o que equivale no cômputo geral a 11,8% da produção. Em 2005 a UFU assumiu a liderança da produção junto com o IGC-UNICAMP, com cinco produções cada.

O segundo grupo reúne oito instituições que também demonstram tendência ao vigor da produção acadêmica na zona de interseção da Geografia com o Turismo. São elas: UNB, UNESP/PP, UFBA, IGC-Unicamp, UNESP/RC, UFMS, UFS e UEC. Ao todo, perfazem 53 produções (sendo cinco teses de doutorado), ou seja, 32,9% do total.

O terceiro grupo se constitui de cinco instituições: UFG, UFPR, UEM, UFRN e UFPE. Esse grupo se diferencia do anterior pela inserção recente de duas instituições (UEM-2004; UFRN-2005) e por seu volume de produção: 13, perfazendo 8% do total.

No quarto grupo constituído da UFF, UFSC e PUC-Minas, as instituições têm em comum uma tendência à intermitência na participação, de modo especial a UFF, com apenas uma produção em 2000.

A posição da UFRJ no universo dessa pesquisa é destacada, uma vez que sua participação remonta a 1980. Ao longo desses trinta anos tem demonstrado um comportamento produtivo, embora oscilante no tempo. No período anterior a 1999 foram computadas três produções. No pós-1999 houve incremento significativo de oito produções, mostrando uma tendência à continuidade temporal.

Entretanto, desse universo de dados, chama-nos a atenção o volume de teses e dissertações defendidas no Departamento de Geografia da FFLCH-USP, no confronto com as demais instituições: são 27 dissertações (21,9%) e 20 teses (66,06% do total).

Esse dado impõe o seguinte questionamento: a que fatores podemos atribuir a existência de um nicho tão produtivo de pesquisa na interseção da Geografia com o Turismo na instituição em questão?

Um fator interveniente para esse dado poderia ser atribuído à sinergia ali presente na interação entre pós-graduandos e professores-orientadores com aguçada curiosidade intelectual acerca da dimensão geográfica do turismo. Esse fato pode também ser explicado pela criação de uma sólida base territorial para sediar a realização de eventos científicos que marcaram a história da produção desse conhecimento no país, dentre os quais destacamos dois deles. O Seminário Internacional “Sol e Território” em 1995 reuniu uma plêiade de pesquisadores latino-americanos e europeus. Desse evento foram gerados três livros, todos eles publicados pela Editora Hucitec: “Turismo e Geografia. Reflexões teóricas e enfoques regionais”, organizado por Adyr A Balastrieri Rodrigues; “Turismo: impactos socioambientais”, organizado por Amália Inês G. de Lemos; e “Turismo: espaço, paisagem e

cultura”, organizado por Eduardo Abdo Yásigi, Ana Fani Alessandri Carlos e Rita de Cássia Ariza da Cruz. O segundo evento a ser destacado é o I Encontro Nacional de Turismo com Base Local, em 1997. Os trabalhos apresentados nesse evento foram organizados em três livros, publicados também pela Editora Hucitec: “Turismo e ambiente: reflexões e propostas”; “Turismo e desenvolvimento local”; “Turismo. Modernidade. Globalização.” Todos eles organizados pela Profa. Dra. Adyr A. Balastri Rodrigues.

Essas publicações se tornaram referência em praticamente toda a produção acadêmica brasileira posterior, exatamente por conterem o estado da arte da abordagem geográfica do turismo no final dos anos 90.

Ainda há que considerar a posição precursora do Departamento de Geografia da FFLCH da USP na inserção da disciplina optativa “Geografia do Turismo” no currículo da graduação em Geografia, a partir do ano de 1989, tendo como primeira docente a Profa. Dra. Adyr Balasteri Rodrigues. Com essa iniciativa, tem motivado o estudo desse fenômeno na elaboração de monografias de final de curso de graduação e, posteriormente, em projetos de pesquisa a serem desenvolvidos em cursos de pós-graduação. (RODRIGUES, 2001, p.95)

Visto por outro ângulo, os dados apresentados nas TAB. 12 e 14 nas páginas a seguir, deixam à mostra a inegável contribuição dos professores orientadores da USP (23,4% do total) na formação brasileira de novos mestres e doutores. Muitos deles, em suas instituições de trabalho, vêm desempenhando a função de pesquisadores e difusores da inquietação epistemológica para com a dimensão geográfica do fenômeno turístico, além de formadores de novas gerações de geógrafos-pesquisadores sobre a abordagem desse tema.

TABELA 12**TRABALHO ACADÊMICO: ORIENTADORES POR INSTITUIÇÃO**

INSTITUIÇÃO	ORIENTADOR (A)	DISSERTAÇÃO	TESE	TOTAL
USP	Profa. Dra.Adyr Aparecida Balastrieri Rodrigues	8	5	13
USP	Prof. Dr.Eduardo Abdo Yásigi	2	3	5
USP	Prof. Dr.Mário De Biasi	1	2	3
USP	Profa. Dra.Magda Adelaide Lombardo Frauhauf	1	2	3
USP	Profa. Dra.Ana Fani Alessandri Carlos	1	1	2
USP	Profa. Dra.Maria Adélia Aparecida de Souza	1	1	2
USP	Prof. Dr.Antonio Carlos Robert de Moraes		1	1
USP	Prof. Dr.Carlos Augusto Figueiredo Monteiro		1	1
USP	Prof. Dr.Francisco Capuano Scarlato		1	1
USP	Prof. Dr.Jurandyr Luciano Sanches Ross		1	1
USP	Prof.Dr.Dirceu Lino de Mattos		1	1
USP	Profa. Dra.Amália Inês Geraiges de Lemos		1	1
USP	Profa. Dra.Regina Araujo de Almeida	2		2
USP	Prof. Dr.Antonio Rocha Penteado	1		1
USP	Prof. Dr.Felisberto Cavalheiro	1		1
USP	Prof. Dr.Flávio Sammarco Rosa	1		1
USP	Prof. Dr.Gil Soderro de Toledo	1		1
USP	Prof. Dr.José Bueno Conti	1		1
USP	Prof. Dr.Marcello Martinelli	1		1
USP	Prof. Dr.Luiz Augusto de Queiroz Ablas	2		2
USP	Profa. Dra. Léa Goldenstein	1		1
USP	Profa. Dra.Ana Maria M. Carmargo Marangoni	1		1
USP	Profa. Dra.Nídia Nacib Pontuschka	1		1
IGC- Unicamp	Profa.Dra.Maria Tereza Duarte Paes Luchiari	3		3
IGC- Unicamp	Prof. Dr.Hildebrando Hermann	1		1
IGC- Unicamp	Prof.Dr.Antonio Carlos Vitte	1		1
IGC- Unicamp	Profa.Dra.Arleude Bortolozzi	1		1
UNESP/RC	Profa.Dra.Arlete Moisés Rodrigues		1	1
UNESP/RC	Profa. Dra.Celina Foresti	1		1
UNESP/RC	Prof.Dr. Manuel Rolando Berríos Godoy	1		1
UNESP/RC	Prof. Dr. Roberto Braga	1		1
UNESP/RC	Prof. Dr. Marcos César Ferreira	1		1
UNESP/RC	Profa.Dra. Maria Juraci Zani dos Santos	1		1
UNESP/PP	Profa. Dra.Arlete Moisés Rodrigues		2	2
UNESP/PP	Prof. Dr.Armando Garms	4		4
UNESP/PP	Prof. Dr.Eliseu Savério Sposito	1		1
UNESP/PP	Prof. Dr.Messias Modesto dos Passos	1		1

Continuação TAB. 12

INSTITUIÇÃO	ORIENTADOR (A)	DISSERTAÇÃO	TESE	TOTAL
UNB	Prof. Dr.Othon Henry Leonardos		1	1
UNB	Profa. Dra.Marília Steinberger	4		4
UNB	Prof. Dr.Paul Elliot Little	1		1
UNB	Profa. Dra.Eurípedes da Cunha Dias	1		1
UNB	Profa. Dra.Marília Luiza Peluso	1		1
UNB	Profa.Dra.Ana Maria Resende Junqueira	1		1
UFU	Profa.Dra.Beatriz Ribeiro Soares	3		3
UFU	Prof. Dr. Rosselvelt José Santos	2		2
UFU	Prof. Dr.David George Francis	2		2
UFU	Prof.Dr.Antônio Giacomini Ribeiro	1		1
UFU	Prof.Dr.Jorge Luis Silva Brito	1		1
UFU	Profa. Dra.Lezir Montes Ferreira	1		1
UFU	Profa.Dra.Suely Regina Del Grossi	1		1
UFSC	Prof. Dr.Augusto César Zeferino	2		2
UFSC	Prof. Dr.Roland Luiz Pizzolatti	1		1
UFSC	Prof. Ms.SC. Ivo Sostisso	1		1
UFSC	Prof. Ms.SC. Luis Fugazzola Pimenta	1		1
UFS	Profa. Dra.Maria Augusta Mundim Vargas	2		2
UFS	Profa. Dra. Vera Lúcia Alves França	2		2
UFS	Prof.Dr.Sylvio Carlos Bandeira de Melo e Silva	1	1	2
UFRN	Profa.Dra. Maria do Livramento M.Clementino		1	1
UFRN	Prof.Dr.Mauro Lemuel Alexandre	1		1
UFRJ	Prof. Dr.Jorge Xavier da Silva	1	1	2
UFRJ	Profa. Dra.Iná Elias de Castro		1	1
UFRJ	Profa.Dra.Júlia Adão Bernardes		1	1
UFRJ	Profa. Dra. Josilda Rodrigues da Silva de Moura	3		3
UFRJ	Profa. Dra.Leila Christina Duarte dias	2		2
UFRJ	Prof. Dr.Jorge Soares Marques	1		1
UFRJ	Prof. Dr.Marcelo Lopes de Souza	1		1
UFPR	Prof.Dr.Marcos Aurélio Tarlomobani da Silveira	1		1
UFPR	Profa. Dra.Ana Maria Muratori	1		1
UFPR	Profa. Dra.Salete Kozel teixeira	1		1
UFPE	Prof. Dr.Nilson Cortez Crocia de Barros	1		1
UFPE	Profas.Dras.Edvânia T.A.Gomes/Tânia B Araujo	1		1
UFMS- Dourados	Prof. Dr.Edvaldo César Moretti	3		3
UFMS- Dourados	Profa. Dra.Ângela Maria Zanon	1		1
UFMS-Aquid.	Prof.Dr. Carlos Federico C. da Costa	1		1
UFMS-Aquid.	Prof.Dr.Paulo Roberto Jóia	1		1

Continuação TAB. 12

INSTITUIÇÃO	ORIENTADOR (A)	DISSERTAÇÃO	TESE TOTAL
UFMG	Prof. Dr.Allaoua Saadi	7	7
UFMG	Prof. Dr.Marcos Roberto Moreira Ribeiro	5	5
UFMG	Profa. Dra.Heloisa Soares de Moura Costa	2	2
UFMG	Prof. Dr.Ailton Mota de Carvalho	1	1
UFMG	Prof. Dr.Ralfo Edmundo da Silva Matos	1	1
UFMG	Prof. Dr.Roberto Célio Valadão	1	1
UFMG	Profa. Dra.Cristina Helena R. Rocha Augustin	1	1
UFG	Profa. Dra.Maria Geralda de Almeida	3	3
UFG	Profa. Dra.Maria Iêda de Almeida Burjack	1	1
UFF	Prof. Dr.Rogério Haesbaert da Costa	1	1
UFBA	Prof. Dr.Sylvio C. Bandeira de Mello e Silva	4	4
UFBA	Prof. Dr.Luiz Augusto de Queiroz Ablas	1	1
UFBA	Prof. Dr.Ângelo Szaniecki Perret Serpa	1	1
UFBA	Profa. Dra.Creuzza Santos Lage	1	1
UEM	Prof.Dr.Dalton Áureo Moro	2	2
UEC	Prof. Dr.Luiz Cruz Lima	2	2
UEC	Prof.Dr.Fábio Perdigão Vasconcelos	2	2
UEC	Prof.Dr.Edson Vicente da Silva	1	1
PUC-Minas	Prof. Dr.Heins Charles Kohler	1	1
PUC-Minas	Profs.Drs.Altino B.Caldeira/Oswaldo Bueno A.Filho	1	1
TOTAL	93*	132	29 161

Observação* O Prof.Dr.Sylvio C.Bandeira de Melo e Silva realizou trabalho de orientação na UFBA e UFS.
O Prof.Dr.Luiz Augusto de Queiroz Ablas realizou trabalho de orientação na USP e UFBA.
A profa.Dra. Arlete Moisés Rodrigues realizou trabalho de orientação na Unesp/RC e Unesp/PP.
PUC-Minas e UFPE duas produções contam com 2 orientadores cada.

Fonte : CASTRO, Nair Aparecida Ribeiro de

TABELA 14**NÚMERO DE ORIENTADORES POR INSTITUIÇÃO**

INSTITUIÇÕES	Nº DE ORIENTADORES	PRODUÇÃO
USP	23	47
UFMG	7	18
UFU	7	11
UFRJ	7	11
UNB	6	9
IGC-Unicamp	4	6
UFBA	4	7
UFMS - Aquidauana	2	2
UFMS - Dourados	2	4
UFSC	4	5
UNESP/PP	4	8
UNESP/RC	6	6
PUC-Minas	3	2
UEC	3	5
UFPE	3	2
UFPR	3	3
UFG	2	4
UFRN	2	2
UFS	3	6
UEM	1	2
UFF	1	1
TOTAL	94*	161

Fonte: CASTRO, Nair A Ribeiro de

*Observação: os professores abaixo relacionados orientam trabalhos em mais de uma instituição:

O Prof.Dr.Sylvio C.Bandeira de Melo e Silva realiza trabalho de orientação na UFBA e UFS.

O Prof.Dr.Luiz Augusto de Queiroz Ablas realiza trabalho de orientação na USP e UFBA.

A Profa.Dra. Arlete Moisés Rodrigues realizou trabalho de orientação na Unesp/RC e Unesp/PP.

Quanto ao trabalho acadêmico dos professores, as análises dos dados das TAB. 12, 14 e 15 revelam um universo de 94 orientadores, assim distribuídos por instituição: USP (23); UFMG (7); UFU (7); UFRJ (7); UnB (6); IGC-Unicamp (4); UFMS-Campus de Aquidauna (2); UFMS–Campus de Dourados (2); UFSC (4), UFBA (4), Unesp/PP (4) Unesp/RC (6); UFPR (3), UFPE (3); PUC-Minas (3), UEC (3); UFS (3); UFRN (2), UFG (2), UEM (1), UFF (1).

Esta análise distingue o Departamento de Geografia da USP como centro de referência da produção de conhecimento na abordagem geográfica do turismo no país. É o que revela o volume de produção de dissertações e teses defendidas (47) e o número de doutores envolvidos no trabalho acadêmico de orientação (23). Ainda encontramos um grupo significativo de oito professores-doutores que se destacam pelo número de orientações realizadas: Profa. Dra. Adyr A Balastrieri Rodrigues (13), Prof.Dr. Eduardo Abdo Yásigi (5), Prof.Dr. Mário de Biasi (3), Profa.Dra. Magda A L. Frauhauf (3), Prof.Dr. Luis Augusto de Queiroz Ablas (2), Profa.Dra. Ana Fani Alessandri Carlos (2), Profa. Maria Adélia A de Souza (2), Profa.Dra. Regina Araújo de Almeida (2).

Haveria nas demais instituições pesquisadas, nichos em formação de produção de conhecimento na abordagem geográfica do turismo? Em caso afirmativo, que professores têm se destacado na tarefa acadêmica de orientação dessas produções? O que revelam as análises entrecruzadas dos dados das TAB. 12, 13, 14 e 15? É sobre essas questões que nos ocupamos a seguir.

O número de professores envolvidos no trabalho acadêmico de orientação na abordagem geográfica do turismo nas demais instituições pesquisadas parece revelar a formação de novos nichos de pesquisa dessa temática. O nicho de pesquisa de maior visibilidade está sediado no IGC-UFMG, com três orientadores em destaque: Prof. Dr. Alaoua Saadi (7), Prof. Dr. Marcos Roberto Moreira Ribeiro (5) e Profa. Dra. Heloisa Helena Soares de M. da Costa (2). Dois outros nichos se configuram no IGC-UFRJ e no IG-UFU. No primeiro se destacam a Profa. Dra. Josilda Rodrigues da Silva de Moura (3), a Profa. Dra. Leila Christina Duarte Dias (2) e o Prof. Dr. Jorge Xavier da Silva (2). No segundo destacam: a Profa.Dra. Beatriz Ribeiro Soares (3), a Prof.Dr.David George Francis (2) e o Prof. Dr. Rosselvelt José Santos (2).

Há nichos de pesquisa que parecem revelar uma dinâmica especial devido ao intercâmbio de orientadores entre *campi* de uma mesma instituição, como é o caso da Profa. Dra. Arlete Moisés Rodrigues que atua na Unesp - *campus* de Rio Claro e *campus* de Presidente Prudente; e entre instituições diferentes, como o Prof. Dr. Luis Augusto de Queiroz Ablas, que atua no DG-USP e no IGC-UFBA e o Prof. Dr. Sylvio Carlos Bandeira de Melo e Silva cujo trabalho acadêmico de orientação se realiza no IGC-UFBA e DG-UFS. Consideramos a atuação desse último tão relevante quanto dos professores Alaoua Saadi e Marcos Roberto Moreira Ribeiro (UFMG) por se tratar de seis produções orientadas num curto espaço de tempo.

A UNESP/PP e a UNB indicam dois nichos que se destacam pelo volume da produção e pela liderança de alguns de seus professores orientadores: o Prof. Dr. Armando Garms e Profa. Dra. Arlete Moisés Rodrigues, na Unesp/PP; e a Profa. Dra. Leila Steinberger, na UNB.

Há nichos que consideramos em estado embrionário dado o tempo recente de inserção, conforme mostra o Anexo 6. De modo geral, contam com um, no máximo dois professores que se destacam pelo volume de produções sob sua orientação, como é o caso da Unicamp, com a Profa. Dra. Maria Tereza Duarte Paes Luchiarri (3); UFMS – *campus* de Dourados, com o Prof. Dr. Edvaldo César Moretti (3); UFG, com a Profa. Dra. Maria Geralda de Almeida (3); UFS, com a Profa. Dra. Maria Augusta Mundim Vargas (2) e Profa. Dra. Vera Lúcia Alves França (2); e a UEC, com o Prof. Dr. Luiz Cruz Lima (2) e o Prof. Dr. Fábio Perdigão Vasconcelos (2).

Há ainda aquelas instituições cujos dados não nos permitem fazer prognósticos, como é o caso da UFPR, UFRN, UEM, UFSC e UFPE, PUC-Minas. Das instituições cotejadas na pesquisa somente a UFF não parece indicar um nicho de produção latente, pois contribuiu com uma única produção datada de 2001.

Os dados analisados nesta pesquisa revelam que o trabalho acadêmico de orientação na abordagem geográfica do turismo, perfaz um universo de 94 professores-orientadores para 161 produções, numa média de 1,7 para cada um deles. No entanto, há um fato aqui evidente. Esses dados demonstram uma distribuição desigual da tarefa de orientação.

De acordo com a TAB. 15, dos 94 orientadores, 64 deles se ocupam da orientação de um único trabalho, o que corresponde a 39,5% da produção total. Consideramos este um dado relevante. Se dividirmos as 97 orientações restantes entre os demais professores-orientadores (30), o resultado é de 3,2 produções por orientador. Este dado também oculta a realidade. Pois que três professores-orientadores abarcam 26 das 97 orientações restantes: Profa. Dra. Adyr A Balastrieri Rodrigues, USP, com 13 orientações: Prof. Dr. Alaoua Saadi, UFMG com 7 orientações e o Prof. Dr. Sylvio Carlos Bandeira de Melo e Silva, UFBA, com 6 orientações. Somente esses abarcam 26,8% da orientação e, no cômputo geral, isso equivale a 16,1%.

Nesse contexto, vale tematizar: o fato da existência de um número relativamente grande de docentes cujo trabalho acadêmico se restringe à orientação de apenas uma única produção na abordagem geográfica do turismo, traria que implicações em nível da produção desse conhecimento? Trata-se de uma tematização genérica em que não se leva em conta alguns fatos intervenientes. Pode ser a primeira orientação em programa de pós-graduação ou o professor-orientador se dedica a outros eixos temáticos de pesquisa.

A tematização é clara. Traz implicações em nível da produção desse conhecimento o fato de existir um número relevante de professores orientadores de uma única produção na abordagem geográfica do turismo? Para tecer a resposta a essa tematização entendemos que melhor seria

colher a opinião de alguns dos orientadores do universo dessa pesquisa³⁰. Assim procedemos.

Segundo o Prof. Dr. Oswaldo Bueno Amorim Filho, da PUC-Minas, que se inscreve no grupo tematizado,

“[...] o fato da maioria dos professores-orientadores, na área de interseção geografia/turismo, orientar, em média, apenas uma tese ou dissertação sobre o tema não tem implicações maiores para a produção do conhecimento ligado a essa área de nossa pesquisa. O que parece acontecer é que, com exceção de um número de pesquisadores que não é grande (entre os quais se encontra a Prof^a. Adyr B. Rodrigues), a grande maioria dos professores-orientadores não tem na “geografia do turismo” sua prioridade maior de pesquisa. Isto, sim, tem implicações para a evolução dessa linha de pesquisa no Brasil.” (BUENO, 2006)

A Profa. Dra. Iná Elias de Castro, do IGC-UFRJ, que também se inscreve no grupo tematizado, contribui com a seguinte orientação:

“É necessário refletir sobre a “especialização”, ou seja, professores que elegem o turismo como eixo central de seus trabalhos; e reflexões nas situações em que o turismo aparece como uma questão importante dentro de outros eixos como: políticas públicas, planejamento, desenvolvimento, geografia cultural, impactos ambientais etc. As abordagens são complementares e só enriquecem o tema, que tem múltiplas implicações nas condições de complexidade das sociedades contemporâneas. Particularmente acredito que a abertura do tema é até necessária para “arejá-lo”, uma vez que as ciências sociais exigem uma certa horizontalidade para melhor fundamentar suas discussões. Acredito que “a existência de um número relativamente grande de docentes cujo trabalho acadêmico se restringe à orientação de uma dissertação ou tese” deve ser enquadrado no segundo grupo que mencionei, ou também naqueles que ainda se iniciam numa especialização.” (CASTRO, 2006)

³⁰ As opiniões dos Professores Dr. Oswaldo Bueno Amorim Filho, Dr. Alaoua Saadi e da Professora Dra. Iná Elias de Castro foram obtidas por meio eletrônico “por não se dispor de nenhuma outra fonte para abordar o tema em discussão”, como afiança o Manual de Elaboração de Referências Bibliográficas. São Paulo: Atlas, 2001, p.106.

O Prof. Dr. Allaoua Saadi, do IGC-UFMG, que tem sete produções sob a sua orientação, afirma:

“[...] não vejo nenhum tipo de problema, pois é até salutar que um orientador apresente um leque "relativamente" largo de atuação, a interdisciplinaridade recomenda.” (SAADI, 2006)

A fala dos três professores revela elementos importantes que sinalizam para mais algumas tendências na produção brasileira da abordagem geográfica do turismo. Assim sendo, podemos depreender que:

- no Brasil, parece ser reconhecida a existência de professores-doutores que elegem “o turismo como eixo central de seus trabalhos e reflexões”, tal qual ocorre em nível internacional³¹;

- a valorização da interdisciplinaridade entre Geografia e Turismo, evocadas por Castro e Saadi, pode explicar o elevado número de professores que aparecem em nossa pesquisa como orientadores de uma única produção. Ao afirmar que podem existir “situações em que o turismo aparece como uma questão importante dentro de outros eixos como: políticas públicas, planejamento, desenvolvimento, geografia cultural, impactos ambientais etc.”, Castro revela, embora de forma implícita, a tessitura complexa que parece estar incorporada na urdidura do conhecimento brasileiro na dimensão geográfica do turismo. Essa complexidade é reconhecidamente comprovada

³¹ Na França, se destacam como geógrafos especialistas na abordagem geográfica do turismo o Prof. Dr. Georges Cazes e o Prof. Dr. Remy Knafou; na Espanha, o Prof. Dr. Manuel Valenzuela Rubio, o Prof. Dr. Javier Callizo Soneiro, o Prof. Dr. Alberto Luiz Gómez; na Nova Zelândia, o Prof. Dr. Douglas Pearce; no Canadá, o Prof. Dr. Richard W. Butler; em Portugal, a Profa. Dra. Carminda Cavaco; no México o Prof. Dr. D. Hernaux Nicolás, somente para para citar alguns deles. No Brasil já é reconhecida como especialista nessa abordagem a Profa. Dra. Adyr A Balastreri Rodrigues.

na análise dos resumos ou até mesmo colocada de forma explícita por seus autores (CARVALHO, 2005).

Com a elucidação da tematização formulada chegamos ao limiar de uma constatação para iniciarmos as reflexões do item 5.4. O conhecimento brasileiro produzido na área de interseção da Geografia com o Turismo está sendo urdido em duas instâncias da pesquisa acadêmica: a primeira sinaliza para orientandos que, junto com seus professores-orientadores, demonstram uma preocupação epistêmica com a abordagem geográfica do turismo. Numa segunda instância, a dimensão geográfica do turismo surge como um viés de importância relevante para o trato de eixos temáticos relacionados às “políticas públicas, planejamento, desenvolvimento, geografia cultural, impactos ambientais etc”. (CASTRO, 2006)

3- OLHARES EPISTÊMICOS DE GEÓGRAFOS BRASILEIROS: CONTRIBUIÇÕES E TENDÊNCIAS

É recente o interesse epistêmico do geógrafo brasileiro em pesquisar a área de interseção da geografia com o turismo. Esse é o primeiro aspecto que consideramos na tarefa de análise e sistematização do conhecimento produzido em dissertações e teses ao longo de trinta anos (1975-2005). O segundo é a tarefa de juntar os fios e tecer o mosaico dessas contribuições e, a partir daí, sinalizarmos tendências e acrescentarmos sugestões teórico-metodológicas para encaminhamento de novas pesquisas.

Para a análise crítica dessas contribuições adotamos o seguinte procedimento: reconhecimento do arcabouço teórico que sustenta essas produções, identificação e análise de conceitos e temas que dão sustentação

teórica à produção desse conhecimento e a sistematização das abordagens geográficas do turismo que conformam a produção acadêmica do conhecimento brasileiro nessa área em um dado momento.

Esse procedimento metodológico desafiante é destacado nos subitens que seguem.

• Arcabouço teórico da produção brasileira na abordagem geográfica do turismo

Duas teses do nosso banco de dados analisam, embora com critério diferenciado, o arcabouço teórico que informa obras produzidas na abordagem geográfica do turismo. Por esta razão as contribuições desses autores se revestem de importância para o encaminhamento de nossa análise.

Na perspectiva cronológica, a primeira tese, sob o título “Águas de São Pedro – estância paulista. Uma contribuição à Geografia da Recreação”, é de autoria de Adyr Aparecida Balastrieri Rodrigues, defendida em 1985, no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. As partes dessa tese que tomaremos como referência se encontram nos itens “1.1 – O enfoque da recreação na bibliografia geográfica” e “1.2 – A Geografia da Recreação no Brasil”, p. 11-28.

No item 1.1, a autora realiza uma análise do estado da arte da produção do conhecimento da Geografia do Turismo, Ócio e Recreação. Essa análise revela o horizonte pluriparadigmático de abordagens que caracterizam o pensamento geográfico a partir da segunda metade do século XX. Esse procedimento pluriparadigmático se refere tanto aos pesquisadores dos países de economia liberal da Europa Ocidental (franceses, portugueses,

italianos e espanhóis), incluindo os pesquisadores de países anglo-saxões, quanto aos pesquisadores dos países do bloco socialista europeu.

A facilidade lingüística de acesso aos dados permite que a autora discorra, com riqueza de detalhes, acerca do ordenamento territorial do turismo nos países citados. Na França, por exemplo, a partir da década de 60, surgem trabalhos na linha da Geografia Pragmática cuja função é fornecer subsídios em nível de inventários de base a serem usados nas ações do Estado planejador. Este seria o responsável, junto com poderosas companhias de economia mista, pela reorganização do espaço regional tendo em vista seu planejamento turístico. O resultado da parceria entre o Estado planejador e as empresas privadas será o mote dos estudos críticos, sob a ótica economicista, que surgem a partir da década de 1970. Tais estudos criticam o jogo de interesses entre Estado e empresas privadas para a instalação da infra-estrutura turística. Criticam também o capital externo aplicado no contexto regional com os lucros auferidos indo para fora do contexto onde são gerados e os efeitos socioespaciais negativos do uso do território turístico distribuído com a comunidade.

Além da abordagem pragmática e crítica, há os estudos com abordagem clássica, com foco também no aspecto econômico. Esses, segundo a autora “se caracterizam por abordagens descritivas, predominando os estudos regionais, em detrimento do enfoque sistemático. Salvo exceções, observa-se nesses trabalhos a supremacia do estudo funcional do espaço sobre o tratamento da sociedade, importante componente desse espaço.” (p.12)

Assim como os europeus de países de economia liberal, os pesquisadores anglo-saxões desenvolvem seus estudos na abordagem pragmática. Nas obras em que teve acesso, Rodrigues depreende que os estudos denotam pouco interesse no trato político e social dos espaços de lazer. São eles, sobretudo, estudos que envolvem técnicas matemáticas de análise e

recursos de informática na construção de modelos, cujo foco é a estrutura espacial da recreação (relação entre pólos emissores e receptores, distribuição geográfica, dinamismo de regiões turísticas).

No entanto, um fato que distingue os pesquisadores anglo-saxões dos demais geógrafos-pesquisadores europeus, segundo Rodrigues, é a transposição de conhecimentos da Psicologia da Percepção e da Psicologia do Comportamento para os estudos de prognósticos que informam a ação do planejamento turístico. Esses conhecimentos incorporados pela Geografia da Percepção buscam compreender a “forma pela qual o homem percebe e reage frente às condições e aos elementos do meio circundante e como esse mecanismo se reflete na sua interação espacial” (p.18).

Neste sentido, os dados levantados por essa autora coincidem com as conclusões a que chegamos ao analisar os textos de geógrafos espanhóis, que informam a produção da parte II, dessa tese.

Segundo Rodrigues, os países europeus do então bloco socialista, sobretudo a URSS, ao considerar o lazer como direito social, combinam numa totalidade os sistemas de recreação, transportes e produção. O resultado é a produção de estudos interdisciplinares que combinam técnicas da geografia clássica com a análise quantitativa, baseados na teoria geral dos sistemas, bem como na investigação através de modelos. A finalidade é informar a planificação do fenômeno turístico.

A guisa de síntese, a autora em questão conclui que, independente da posição política capitalista ou socialista do país, o fenômeno turístico é estudado nos anos 60 e 70 sob a ótica economicista, e a partir dela “se justificavam as pesquisas interdisciplinares visando o planejamento das regiões turísticas” (p.28).

Em relação ao item “1.2 – *A Geografia da Recreação no Brasil*”, Rodrigues avisa, de antemão, que não pretende esgotar o assunto. Assim procede ao identificar as primeiras contribuições brasileiras ao estudo do fenômeno turístico e seus respectivos autores, bem como reconhece nesses escritos sua “vinculação à evolução teórico-metodológica pela qual vem passando a Geografia no pós-guerra, refletindo tendências da Geografia Clássica, passando pela chamada Nova Geografia [...] chegando ao enfoque do fenômeno recreação-turismo sob a ótica da chamada Geografia Nova.” (p.28)

A segunda tese referenciada é de Ouriques, sob o título “A produção do turismo: fetichismo e dependência”, defendida na Universidade Estadual Paulista, *campus* de Presidente Prudente, em 2003. O autor dedica o Capítulo 3 (p. 94-124), intitulado “Produção científica em turismo: síntese crítica”, ao levantamento das principais tendências teóricas a partir da análise de obras de autores brasileiros, geógrafos e turismólogos.

O critério escolhido por Ouriques para proceder à análise das obras selecionadas³² é “o modo como os autores estudados abordam: a) o

³² LAGE, Beatriz e MILONE, Paulo. *Introdução ao estudo do turismo* (1991); LEMOS, Leandro de. *Turismo, que negócio é esse?* (1999); BENI, Mário Carlos. *Análise estrutural do turismo* (2000); PETROCCHI, Mário. *Turismo, planejamento e gestão* (2000); CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. (Org) *Turismo Urbano* (2000); CORIOLANO, Luzia Neide M.T. *Do local ao global: o turismo no litoral cearense*. (1998); PORTUGUEZ, Anderson P. *Agroturismo e desenvolvimento regional* (1999); RUSCHMANN, Doris. *Turismo e planejamento sustentável* (1997); LIMA, Luiz Cruz. “O planejamento regional” (1999); BARRETO, Marguerita. *Ciências sociais aplicadas ao turismo* (2000); CRUZ, Rita de Cássia A. “Políticas de turismo e construção do espaço litorâneo no Nordeste do Brasil” (1999) e “O planejamento governamental e a política pública de turismo: o que são para que servem” (2002); RODRIGUES, Adyr B. *Turismo e Espaço* (2001); YÁSIGI, Eduardo. *Turismo, uma esperança condicional* (1999); MOESCH, Marutschka. *O saber-fazer turístico: possibilidades e limites de superação* (2001); TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. *A sociedade industrial e o profissional em turismo* (1998); RODRIGUES, Arlete Moisés. “Turismo e o mito da sustentabilidade*” (2000a) e “Desenvolvimento sustentável e atividade turística” (2000b); LUCHIARI, Maria Tereza. “Urbanização turística: um novo nexos entre o lugar e o mundo” (2000a) e “Turismo natureza e

trabalho; b) a natureza; c) o capital; d) o Estado.” Em decorrência, ele identifica “a existência de quatro linhas de interpretação e análise do turismo”:

1- concepção economicista neoclássica de cunho predominantemente liberal;
2- desenvolvimento planejado (através do Estado) que inclui a “questão ecológica”.

3- concepção pós-moderna de crítica ao “turismo em massa e pelo elogio à diferenciação e/ou segmentação do mercado turístico, com ênfase na cultura, patrimônio histórico e natural e incorpora premissas modernistas das concepções anteriores”;

4- enfoque crítico com ênfase nos “aspectos do consumo e produção destrutivos da atividade turística”. (p.96)

O nosso procedimento de análise dos dados que informam o arcabouço teórico da produção acadêmica brasileira na abordagem geográfica do turismo, nos exige rigor. Isso nos obriga ao levantamento de duas questões em nível teórico-metodológico em relação ao Capítulo 3 do trabalho de Ouriques.

A primeira questão repousa no fato de o autor usar igual critério de análise de produção científica para dois universos acadêmicos distintos: geógrafos e turismólogos³³. Não se questiona aqui se turismo é ou não ciência. A questão de fundo é a natureza do conhecimento sobre o turismo, cujo enfoque tem suas peculiaridades para geógrafos e turismólogos. Enquanto a pesquisa

cultura caiçara: um novo colonialismo” (2000b) e MORETTI, Edvaldo César. Pantanal, paraíso visível e real oculto: o espaço local e global (2000).

³³ Não se deve aqui fazer uma leitura da tese defendida por OURIQUES sob a ótica da tese defendida por REJOWSKI (1993), conforme capítulo III desta tese. Segundo essa autora trata-se de um estudo exploratório, de recuperação da memória do conhecimento científico em turismo produzido no Brasil. Os objetivos e encaminhamentos são, portanto, distintos.

geográfica básica e aplicada se relaciona à dimensão socioespacial do turismo, os estudos e pesquisas no âmbito do turismo se referem ao “fazer-saber” turístico, expressão essa tomada de empréstimo à turismóloga brasileira Moesch (2001).

A segunda questão em nível teórico-metodológico, decorrente da primeira, é o fato de o autor tomar a “abordagem crítica”, sob a ótica do processo construtivo da Ciência Geográfica, como procedimento de análise de obras de autoria de turismólogos. Mesmo considerada a ressalva colocada pelo autor, de que “toda tentativa de classificação tem algum grau de indeterminação, e mesmo muitas vezes de arbitrariedade” (p.96) é controverso que esperasse encontrar nas obras dos turismólogos por ele analisadas alguns dos pressupostos que direcionam a visão crítica do geógrafo, que é questionar “[...] o caráter intrinsecamente benéfico do desenvolvimento turístico, discutindo as transformações que ocorrem na (re)produção da vida das comunidades receptoras e as condições de trabalho nas atividades turísticas [...]” (OURIQUES, 2003, p.116)

Entendemos também como contraditório que o autor conduza suas reflexões de orientação política, referindo-se “ao comprometimento com os problemas das populações trabalhadoras” (p.124), quando o enfoque é condizente, menos com o campo de atuação do turismólogo que do geógrafo.

Em síntese, os autores referenciados – Rodrigues e Ouriques – têm objetivos distintos ao abordarem o tema turismo nos capítulos analisados. Enquanto Rodrigues analisa o estado da arte da Geografia do Turismo e Recreação na busca de identificar a abordagem geográfica que referencia as produções de geógrafos, Ouriques propõe critério político-ideológico e econômico para a análise de textos de geógrafos e turismólogos.

Impossibilitada de acessar na sua totalidade, os 162 textos do universo da nossa pesquisa, para proceder à análise das produções, adotamos como

critério para reconhecimento do seu arcabouço teórico palavras-chave e procedimentos teórico-metodológicos anunciados nos resumos como a matéria-prima informativa.

Na TAB. 3 apresentamos o arcabouço teórico que resultou da análise das produções de dissertações e teses do nosso banco de dados.

TABELA 3

Brasil: arcabouço teórico da produção de dissertações e teses na abordagem geográfica do turismo (1975-2005)

Abordagem geográfica	Produções	%
Crítica	79	48,8
Crítica-Socioambiental	24	14,8
Crítica-Cultural	16	9,9
Crítica-Humanista	15	9,3
Crítica-Humanista-Socioambiental	05	3,1
Crítica-Cultural-Socioambiental	01	0,6
Crítica-Pragmática	02	1,2
Crítica-Humanista-Cultural	02	1,2
Crítica-Pragmática-Cultural	01	0,6
Pragmática	07	4,3
Socioambiental	02	1,2
Cultural	01	0,6
Cultural-Humanista	02	1,2
Humanista	01	0,6
Humanista-Socioambiental	01	0,6
Humanista-Cultural	01	0,6
Clássica	02	1,2
Total	162	100

Fonte: Castro (2006)

O primeiro aspecto observado é o alinhamento da pesquisa com o arcabouço teórico-crítico. São 79 produções, 48,8% do total, numa única orientação paradigmática.

O segundo aspecto é a tendência ao caráter plural que parece assumir a abordagem Crítica na produção acadêmica brasileira de interseção da Geografia com o Turismo. Esse fato se expressa na complexa tessitura que combina os fios Crítico-Socioambiental (14,8%); Crítico-Cultural (9,9%); Crítico-Humanista (9,3%); Crítico-Humanista-Socioambiental (3,1%); Crítico-Pragmática (1,2); Crítico-Cultural-Socioambiental (0,6%); Crítico-Pragmático-Cultural (0,6%); Crítico-Humanista-Cultural (1,2%). Somados, correspondem a 66 produções, ou seja, 40,7% do total.

A tendência a essa abordagem pluriparadigmática já fora reconhecida em 1985 na tese de Rodrigues e se confirma ao longo dos 20 anos que a sucederam.

Esse tratamento pluriparadigmático reconhecido nas produções mencionadas possibilita o enriquecimento de apreensão da totalidade espacial do turismo, postura que encontra respaldo teórico no pensamento de Souza Santos (1989; 1999; 2000), filósofo português da pós-modernidade. Em conformidade com suas idéias há uma tendência de o norte teórico transitar por linhas distintas e princípios conflitantes, superando a idéia de um único método, além da superação da “incômoda dicotomia da geografia, enquanto ciência da natureza e da sociedade”, como afirma Rodrigues (1998b, p.88)

Dada a relevância da abordagem pluriparadigmática nas produções de dissertações e teses do universo dessa pesquisa, passamos a analisar a sua perspectiva temporal e a instituição em que esse enfoque é inaugurado.

A abordagem de caráter pluriparadigmático nesta pesquisa parece ter se iniciado em 1993 no DG/USP, com a dissertação de mestrado de Calvente (1993), sob a orientação da Profa. Dra. Adyr A. Balastrieri Rodrigues. Intitulada “No território do azul-marinho: a busca do espaço caiçara”. A produção é referenciada na abordagem Crítico-Cultural-Socioambiental ao tratar a questão da identidade sob a perspectiva da “consciência territorial” de uma comunidade caiçara do litoral paulista. Ao se valer de entrevistas e pesquisa bibliográfica, a autora analisa a relação natureza e sobrevivência, discute o processo histórico que diferencia os caiçaras, a necessidade de entender a cultura como processo dinâmico, a territorialidade, a pesca artesanal, as origens da problemática ambientalista e o impacto do turismo na comunidade.

A combinação dos paradigmas Crítico-Humanista é identificada pela primeira vez nesta pesquisa na tese de doutorado de Garms (1993), intitulada “Pantanal: o mito e a realidade – Uma contribuição à Geografia” defendida no DG/USP. Sob a orientação do Prof. Dr. Mário De Biasi, o autor analisa o lazer como mercadoria e produto da sociedade de consumo. Verifica como a realidade ocorre naquele espaço em nível das aparências: de um lado, a criação do mito; de outro, o real que não é vendido/ comercializado pelo turismo, mas que assim se apresenta para atender a outros setores da economia. A idéia de imagem - sua produção, promoção e comercialização – é necessária à identificação de um espaço turístico. Como afirma Vera

“O espacio turístico es para el turista un concepto de territorio transmitido a través de una idea. De ahí que pueda hablar-se incluso de un doble espacio del turismo, el espacio real y el espacio imaginário, y que pueda discutirse la importancia, en definitiva, de la representación del espacio sobre la base de su capacidad por ocultar factores esenciales de la identidad local [...]” (1997, p.232)

Na abordagem Crítico-Pragmática é relevante a contribuição de Calheiros (2000) em sua tese de doutorado defendida no IGC-UFRJ, sob a orientação

do Prof.Dr.Jorge Xavier da Silva. Intitulada “Turismo Versus Agricultura no Litoral Meridional Alagoano”, a autora investiga a influência da expansão do turismo na organização territorial do litoral meridional do estado de Alagoas. Considera também as alterações e relações espaciais produzidas sobre uma estrutura ambiental e sócio-econômica dominada tradicionalmente pela agricultura da cana-de-açúcar e do coco. Para o tratamento dos dados, a autora também lança mão de técnicas de tratamento computacional de informações geográficas (geoprocessamento e SIG).

Uma dissertação que se destaca entre as demais pela complexa teia paradigmática urdida com os aportes teórico-metodológicos das abordagens Crítica, Pragmática e Cultural é defendida no IGC-UFRJ, por Oliveira (2002). Sob o título “A rede de empreendimentos turísticos e sistema de informação: contexto e desafio em Paraty-RJ” e orientação da Profa. Dra. Josilda Rodrigues da Silva de Moura, o autor faz uma análise histórica, ambiental e cultural do município de Paraty. Utiliza técnicas de tratamento computacional de informações geográficas (geoprocessamento e sistema geográfico de informação - SIG) para representar as atratividades turísticas locais e propor a morfologia das redes geográficas.

Chama-nos a atenção, nas produções de Calheiros e Oliveira, a aplicação dos sistemas de informação geográfica (SIG) como recurso instrumental na análise territorial, ambiental e na planificação de um espaço turístico. Sua vantagem de uso é a possibilidade da abordagem a partir do ponto de vista geográfico: o mapeamento dos produtos turísticos e o ordenamento territorial na perspectiva da morfologia de redes. E a partir do Sistema de Informação Geográfica amplia-se a possibilidade do uso de sistemas de informação para a planificação (MIS) e dentro deles, os, suportes lógicos (DDS) para a tomada de decisões (VERA, 1997).

O terceiro aspecto que chama atenção na análise dos dados é o caráter emergente da abordagem Socioambiental, lançada há vinte anos (MENDONÇA, 2004, p.133). Nessa perspectiva paradigmática, a leitura do espaço geográfico é feita sob diferentes matizes filosóficos (CAPRA, 1987; MORIN e KERN, 1995; LEFF, 2001), e assim encaminhada por Monteiro (1984):

“Que os geógrafos dedicados aos aspectos naturais não deixem de considerar o homem no centro deste jogo de relações, e que aqueles dedicados às desigualdades sociais não as vissem fora dos lugares seriam meros pontos superficiais de uma convergência que pode ser, como tem sido, desatada a qualquer momento. O verdadeiro fio condutor de uma estratégia capaz de promover a unicidade do conhecimento geográfico advirá de um pacto mais profundo que só pode emanar de uma concepção filosófica propícia.” (apud MENDONÇA, 2004, p.133)

Mendonça (2004) coloca os limites teórico-metodológicos na abordagem Socioambiental ao esclarecer que nem tudo que é geográfico é ambiental, e nem tudo que é produzido na geografia física deve receber a denominação de ambiental. Desse modo, as produções de dissertações e teses em nossa pesquisa têm seu arcabouço teórico-metodológico reconhecido como Socioambiental quando

“[...] emana de problemáticas em que situações conflituosas, decorrentes da interação entre sociedade e natureza, explicitem degradação de uma ou de ambas. A diversidade das problemáticas é que vai demandar um enfoque mais centrado na dimensão natural ou mais na dimensão social, atentando sempre para o fato de que a meta principal de tais estudos e ações vai na direção da busca de soluções do problema, e que este deverá ser abordado a partir da interação entre estas duas componentes da realidade.” (2004, p.134)

No universo de nossa pesquisa, o DG/USP é o precursor da análise espacial do turismo na abordagem Socioambiental. Trata-se da dissertação de mestrado de Silveira (1992), intitulada “Turismo & natureza: serra do Mar no Paraná”. Sob a orientação da Profa.Dra. Adyr A. Balastrieri Rodrigues, o autor faz um estudo exploratório da região, da situação atual e de antecedentes históricos, analisa as relações sociais, os conflitos resultantes do desenvolvimento versus natureza e os desequilíbrios ecológicos e sociais.

Embora o paradigma Crítico e suas interfaces mencionadas perfaçam 145 produções, ou seja, 89,5% do total, não podemos deixar de dar relevo as contribuições do paradigma Pragmático (4,3%), Cultural e sua interface com a Humanista (1,8%) e a Humanista com sua interface com os paradigmas Socioambiental e Cultural (1,8%). Trata-se, sobretudo, de uma tendência que se fortalece a partir dos últimos seis anos, principalmente se levarmos em conta o significativo número de produções dos paradigmas Cultural e Humanista na interface com a Geografia Crítica.

- **Base conceitual e temática de sustentação da produção brasileira da abordagem geográfica do turismo**

A partir de palavras-chave e do resumo de 162 dissertações e teses levantamos um elenco de 49 verbetes que constituem a base conceitual e temática das produções. Em ordem alfabética, esses verbetes se apresentam como disposto no QUADRO 4.

QUADRO 4

DISSERTAÇÕES E TESES : BASE CONCEITUAL E TEMAS					
1	Aplica-se ao Planejamento	18	Marketing Turístico	35	Sustentabilidade
2	Capacidade de Carga	19	(Novas) Territorialidades	36	Teoria do Espaço Turístico
3	Cartografia	20	Núcleo de Periferia Urbana	37	Território
4	Cultura	21	Paisagem	38	Território-Rede
5	Ecologia	22	Patrimônio	39	Trabalho
6	Economia	23	Planejamento	40	Turismo em Área Protegida
7	Ecoturismo	24	Políticas Públicas	41	Turismo com Base Local
8	Educação	25	Potencial / Diagnóstico	42	Turismo e Desenvolvimento
9	Espacialidade	26	Processo Histórico	43	Turismo de Litoral
10	Especulação Imobiliária	27	Produção do Espaço	44	Turismo de Massa
11	Estâncias Termais	28	Recreação / Lazer	45	Turismo e Meio Ambiente
12	Formação de Região Periférica	29	Relação Sociedade / Natureza	46	Turismo Regional
13	Gestão	30	(Re) Ordenamento Territorial	47	Turismo Rural
14	Globalização	31	Representações Simbólicas	48	Urbanização Turística
15	Impactos	32	Segregação Espacial	49	Zoneamento (Turístico)
16	Infra-estrutura Turística	33	Segunda Residência		
17	Lugar	34	Sociedade de Consumo		

Fonte: Castro (2006)

Consideramos a matriz com 162 objetos ou casos (as produções) e 49 variáveis ou características (os verbetes) para procedermos a uma classificação hierárquica através da medida de semelhança ou similaridade multidimensional entre todos os pares de objetos ou casos. Para alcançarmos nosso objetivo, utilizamos uma técnica estatística conhecida como Análise Grupal³⁴ com a aplicação do método de Ward, no qual se procura unir os objetos entre os quais a distância é mínima.

Como resultado, identificamos cinco grupos aos quais denominamos de A, B, C, D e E. Esses agrupamentos estão apresentados no *dendograma*³⁵ mostrado no GRÁF. AG-1 e na TAB. AG-1, a seguir:

³⁴ *Cluster Analysis*

³⁵ O uso da palavra dendograma ou dendrograma - *Dendro (dedo) + grama (de diagrama, que significa desenho)* - tem a ver com a configuração do resultado dos agrupamentos na Análise Grupal, semelhantes aos galhos de árvore.

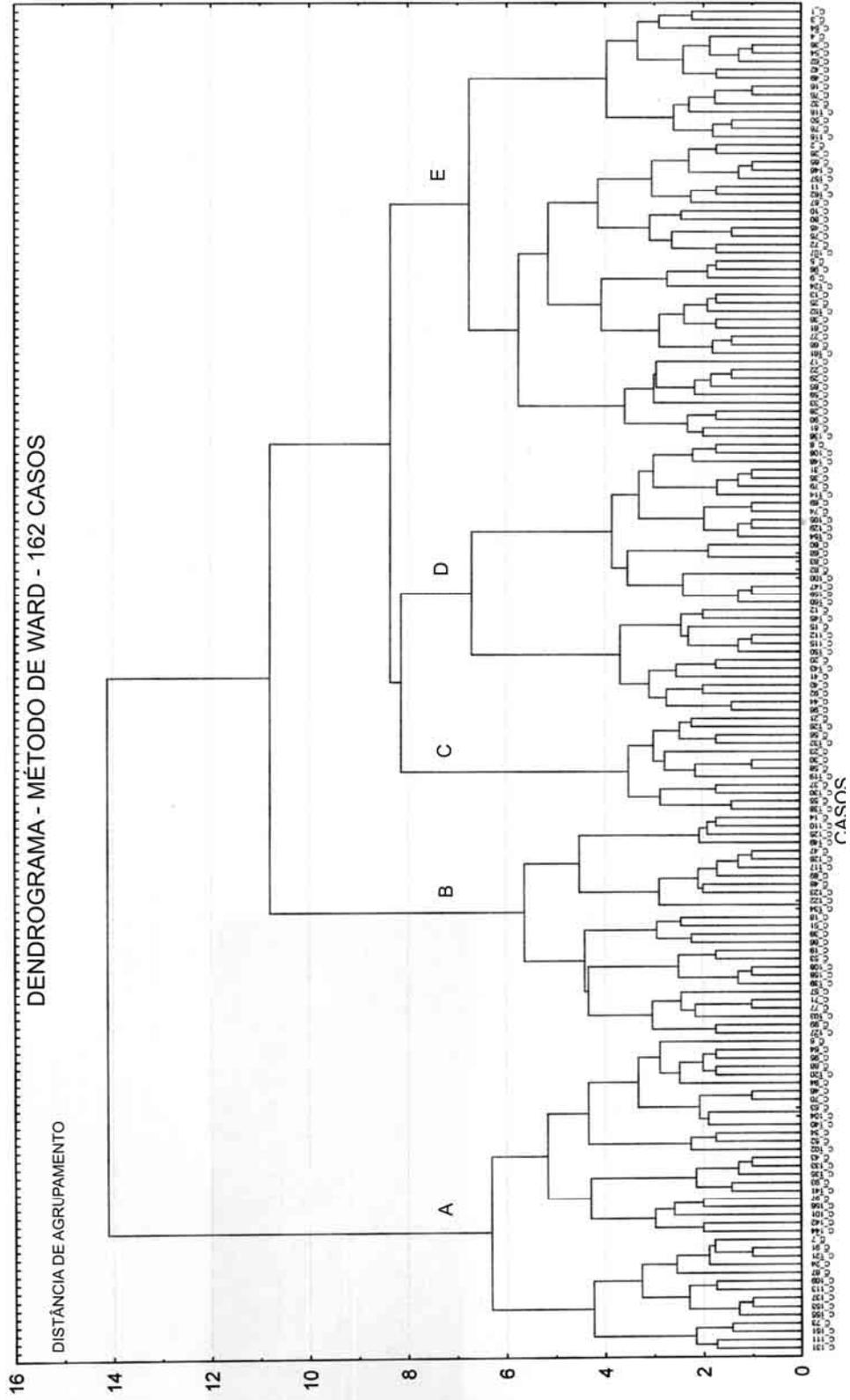


TABELA AG - 1										
DADOS BÁSICOS DE ORGANIZAÇÃO DOS GRUPOS										
	A	B	C	D	E	A	B	C	D	E
Dissert	31	19	10	29	43	81,6	70,4	83,3	87,9	82,7
Teses	7	8	2	4	9	18,4	29,6	16,7	12,1	17,3
TurMeioAmb	1	1	1	0	9	2,6	3,7	8,3	0,0	17,3
Planej	2	3	12	0	0	5,3	11,1	100,0	0,0	0,0
SegunResid	0	0	0	0	1	0,0	0,0	0,0	0,0	1,9
RelacaoSeN	0	0	0	0	3	0,0	0,0	0,0	0,0	5,8
NuclPerUrb	0	0	0	0	1	0,0	0,0	0,0	0,0	1,9
ProdEspaco	4	3	1	3	20	10,5	11,1	8,3	9,1	38,5
Reorden	1	7	0	0	1	2,6	25,9	0,0	0,0	1,9
Espacialid	0	4	0	4	3	0,0	14,8	0,0	12,1	5,8
Ecoturismo	5	0	3	4	6	13,2	0,0	25,0	12,1	11,5
TurBaseLocal	1	2	1	0	3	2,6	7,4	8,3	0,0	5,8
TurAreaProt	4	2	1	2	6	10,5	7,4	8,3	6,1	11,5
Sustent	10	1	4	0	11	26,3	3,7	33,3	0,0	21,2
Paisagem	5	1	1	7	6	13,2	3,7	8,3	21,2	11,5
Lugar	1	0	0	1	3	2,6	0,0	0,0	3,0	5,8
RecrLazer	2	1	1	1	4	5,3	3,7	8,3	3,0	7,7
TurDesenv	2	11	0	1	2	5,3	40,7	0,0	3,0	3,8
Impactos	6	2	1	9	32	15,8	7,4	8,3	27,3	61,5
Segregacao	0	0	0	0	2	0,0	0,0	0,0	0,0	3,8
Territorio	4	7	0	1	5	10,5	25,9	0,0	3,0	9,6
Marketing	0	0	1	1	0	0,0	0,0	8,3	3,0	0,0
Políticas	7	19	0	2	3	18,4	70,4	0,0	6,1	5,8
Cultura	3	0	0	0	8	7,9	0,0	0,0	0,0	15,4
PotencDiag	22	1	2	1	1	57,9	3,7	16,7	3,0	1,9
Ecologia	0	0	2	2	2	0,0	0,0	16,7	6,1	3,8
Gestao	4	1	3	1	0	10,5	3,7	25,0	3,0	0,0
FormRegPer	1	0	1	0	1	2,6	0,0	8,3	0,0	1,9
Patrimonio	2	2	0	1	1	5,3	7,4	0,0	3,0	1,9
Especmob	0	0	0	0	4	0,0	0,0	0,0	0,0	7,7
InfraEstrTur	8	1	0	2	2	21,1	3,7	0,0	6,1	3,8
SocConsumo	0	1	0	2	3	0,0	3,7	0,0	6,1	5,8
TurLitoral	1	5	4	0	19	2,6	18,5	33,3	0,0	36,5
TurRural	7	2	2	3	0	18,4	7,4	16,7	9,1	0,0
TeoriaTur	2	1	1	2	2	5,3	3,7	8,3	6,1	3,8
Economia	1	0	0	2	0	2,6	0,0	0,0	6,1	0,0
Globalizacao	0	1	0	0	3	0,0	3,7	0,0	0,0	5,8
NovasTerrit	2	2	0	1	6	5,3	7,4	0,0	3,0	11,5
CapCarga	1	0	0	0	2	2,6	0,0	0,0	0,0	3,8
Cartografia	0	0	0	3	1	0,0	0,0	0,0	9,1	1,9
TurMassa	0	0	0	0	2	0,0	0,0	0,0	0,0	3,8
TurRegional	11	12	2	6	1	28,9	44,4	16,7	18,2	1,9
RepresSimb	3	0	0	17	4	7,9	0,0	0,0	51,5	7,7
TerritRede	0	1	0	0	0	0,0	3,7	0,0	0,0	0,0
Educacao	0	0	0	5	1	0,0	0,0	0,0	15,2	1,9
Zoneamento	1	1	3	0	1	2,6	3,7	25,0	0,0	1,9
Trabalho	0	2	0	1	0	0,0	7,4	0,0	3,0	0,0
ProcesHist	0	2	1	0	2	0,0	7,4	8,3	0,0	3,8
AplicaPlanej	33	3	0	4	11	86,8	11,1	0,0	12,1	21,2
EstanciasTerm	1	1	0	1	2	2,6	3,7	0,0	3,0	3,8
UrbanizTurist	0	0	0	0	2	0,0	0,0	0,0	0,0	3,8
TOTALTRAB	38	27	12	33	52	23,5	16,7	7,4	20,4	32,1

Os dados sistematizados constituem a base conceitual e temática, conforme TAB. 4.

TABELA 4

Base conceitual e temática: identificação e quantificação

Grupo	Dissertações	%	Teses	%
A	31	81,5	7	18,4
B	19	70,4	8	29,6
C	10	83,3	2	16,7
D	29	87,9	4	12,1
E	43	82,7	9	17,3

Fonte: Castro (2006)

Na TAB. 4 verificamos que, com exceção do Grupo B, a proporção de dissertações em relação às teses é da ordem de 84% para 16%. No Grupo B essa proporção se diferencia: é da ordem de 70% para 30%. Evidenciamos que há uma maior quantidade relativa de teses no Grupo B, fato atribuído por nós à base conceitual de suas produções.

A análise da frequência dos verbetes gerou os dados da TAB. AG-2 onde são apresentados na ordem decrescente nas 162 produções consideradas.

TABELA AG-2
| VERBETES EM ORDEM DE FREQUÊNCIA

	A	B	C	D	E	Total	Freq. %
Dissert	31	19	10	29	43	132	81,5
Teses	7	8	2	4	9	30	18,5
AplicaPlanej	33	3	0	4	11	51	31,5
Impactos	6	2	1	9	32	50	30,9
TurRegional	11	12	2	6	1	32	19,8
ProdEspaco	4	3	1	3	20	31	19,1
Políticas	7	19	0	2	3	31	19,1
TurLitoral	1	5	4	0	19	29	17,9
PotencDiag	22	1	2	1	1	27	16,7
Sustent	10	1	4	0	11	26	16,0
RepresSimb	3	0	0	17	4	24	14,8
Paisagem	5	1	1	7	6	20	12,3
Ecoturismo	5	0	3	4	6	18	11,1
Planej	2	3	12	0	0	17	10,5
Territorio	4	7	0	1	5	17	10,5
TurDesenv	2	11	0	1	2	16	9,9
TurAreaProt	4	2	1	2	6	15	9,3
TurRural	7	2	2	3	0	14	8,6
InfraEstrTur	8	1	0	2	2	13	8,0
TurMeioAmb	1	1	1	0	9	12	7,4
Espacialid	0	4	0	4	3	11	6,8
Cultura	3	0	0	0	8	11	6,8
NovasTerrit	2	2	0	1	6	11	6,8
Reorden	1	7	0	0	1	9	5,6
RecrLazer	2	1	1	1	4	9	5,6
Gestao	4	1	3	1	0	9	5,6
TeoriaTur	2	1	1	2	2	8	4,9
TurBaseLocal	1	2	1	0	3	7	4,3
Ecologia	0	0	2	2	2	6	3,7
Patrimonio	2	2	0	1	1	6	3,7
SocConsumo	0	1	0	2	3	6	3,7
Educacao	0	0	0	5	1	6	3,7
Zoneamento	1	1	3	0	1	6	3,7
Lugar	1	0	0	1	3	5	3,1
ProcesHist	0	2	1	0	2	5	3,1
EstanciasTerm	1	1	0	1	2	5	3,1
EspecImob	0	0	0	0	4	4	2,5
Globalizacao	0	1	0	0	3	4	2,5
Cartografia	0	0	0	3	1	4	2,5
RelacaoSeN	0	0	0	0	3	3	1,9
FormRegPer	1	0	1	0	1	3	1,9
Economia	1	0	0	2	0	3	1,9
CapCarga	1	0	0	0	2	3	1,9
Trabalho	0	2	0	1	0	3	1,9
Segregacao	0	0	0	0	2	2	1,2
Marketing	0	0	1	1	0	2	1,2
TurMassa	0	0	0	0	2	2	1,2
UrbanizTurist	0	0	0	0	2	2	1,2
SegunResid	0	0	0	0	1	1	0,6
NuclPerUrb	0	0	0	0	1	1	0,6
TerritRede	0	1	0	0	0	1	0,6
TOTAL TRAB	38	27	12	33	52	162	100,0

Submetemos a TAB. AG-2 ao critério de separação dos verbetes cuja frequência é superior a 10% em cada grupo. O resultado se configura conforme a TAB. AG-3.

TABELA AG - 3									
ORDENAMENTO DOS GRUPOS SEGUNDO A BASE CONCEITUAL									
	A		B		C		D		E
AplicaPlanej	86,8	Políticas	70,4	Planej	100,0	RepresSimb	51,5	Impactos	61,5
PotencDiag	57,9	TurRegional	44,4	Sustent	33,3	Impactos	27,3	ProdEspaco	38,5
TurRegional	28,9	TurDesenv	40,7	TurLitoral	33,3	Paisagem	21,2	TurLitoral	36,5
Sustent	26,3	Reorden	25,9	Ecoturismo	25,0	TurRegional	18,2	Sustent	21,2
InfraEstrTur	21,1	Territorio	25,9	Gestao	25,0	Educacao	15,2	AplicaPlanej	21,2
Políticas	18,4	TurLitoral	18,5	Zoneamento	25,0	Espacialide	12,1	TurMeioAmb	17,3
TurRural	18,4	Espacialid	14,8	PotencDiag	16,7	Ecoturismo	12,1	Cultura	15,4
Impactos	15,8	Planej	11,1	Ecologia	16,7	AplicaPlanej	12,1	Ecoturismo	11,5
Ecoturismo	13,2	ProdEspaco	11,1	TurRural	16,7			TurAreaProt	11,5
Paisagem	13,2	AplicaPlanej	11,1	TurRegional	16,7			Paisagem	11,5
								NovasTerrit	11,5

A TAB. AG-3 é a mais importante base de referência para as análises que são realizadas a partir deste momento. Com a clareza que se faz necessária, os dados nela expressos (verbetes e frequência) permitem identificar a base conceitual e os temas relativos a cada um dos grupos considerados. Os verbetes cuja frequência é superior a 20% passam a ser considerados na análise como **conceitos estruturantes**. Os verbetes que se referem à modalidade de turismo são considerados temas em qualquer frequência. São esses conceitos que, na perspectiva da sinalização de tendências, indicam a base da sustentação teórica em que se edifica a produção do conhecimento brasileiro na área de interceção entre a Geografia e o Turismo.

Passaremos agora à análise da TAB. AG-4

TABELA AG - 4											
RELAÇÃO ENTRE INSTITUIÇÕES E PRODUÇÃO DOS GRUPOS											
	A	B	C	D	E	TOTAL	A	B	C	D	E
PUCMG	2					2	100,0				
UEC	3	1			1	5	60,0	20,0			20,0
UEM		2				2		100,0			
UFBA	1	2		2	2	7	14,3	28,6		28,6	28,6
UFF		1				1		100,0			
UFG	1			1	2	4	25,0			25,0	50,0
UFMG	8	3		3	4	18	44,4	16,7		16,7	22,2
UFMS	1	2	1		2	6	16,7	33,3	16,7		33,3
UFPE				1	1	2				50,0	50,0
UFPR	1			1	1	3	33,3			33,3	33,3
UFRGS					1	1					100,0
UFRJ	4	2		1	4	11	36,4	18,2		9,1	36,4
UFRN		1			1	2		50,0			50,0
UFS	3	2		1		6	50,0	33,3		16,7	
UFSC			2		3	5			40,0		60,0
UFU	3		1	2	5	11	27,3		9,1	18,2	45,5
UNB	1		1	5	2	9	11,1		11,1	55,6	22,2
UNESPPP	2	1	1	2	2	8	25,0	12,5	12,5	25,0	25,0
UNESPRC	2		3	1		6	33,3		50,0	16,7	
UNICAMP	1			3	2	6	16,7			50,0	33,3
USP	5	10	3	10	19	47	10,6	21,3	6,4	21,3	40,4
TOTAL	38	27	12	33	52	162	23,5	16,7	7,4	20,4	32,1

A TAB. AG-4 possibilita uma análise relacional entre as instituições da pesquisa e os grupos. Sua relevância reside no fato de informar as tendências da pesquisa acadêmica na abordagem geográfica do turismo em seus nichos de produção, motivo pelo qual decidimos matizar os fios das duas TAB. AG-3 e AG-4.

TABELA 5
Grupo A

Base Conceitual e Temas	%	Conceitos Estruturantes	Temas
*Aplicação ao planejamento	86,8	<ul style="list-style-type: none"> • Potencial/Diagnóstico • Turismo Regional • Sustentabilidade • Infra-estrutura Turística 	Turismo Rural Ecoturismo
Potencial/Diagnóstico	57,9		
Turismo Regional	28,9		
Sustentabilidade	26,3		
Infra-estrutura Turística	21,1		
Políticas Públicas	18,4		
Turismo Rural	18,4		
Impactos	15,8		
Ecoturismo	13,2		
Paisagem	13,2		

Fonte: Castro (2006)

A análise dos dados do TAB. 5 - Grupo A - nos permite assegurar que suas produções têm a finalidade de oferecer subsídios ao planejamento do espaço turístico. Esses subsídios se dão em níveis diversos, tais como: diagnóstico da infra-estrutura necessária à atividade turística ou referentes à sua pré-existência no território; levantamento do potencial/diagnóstico da atratividade das paisagens, com ênfase no turismo rural e ecoturismo, na perspectiva do contexto regional. O conceito “políticas públicas”, embora não seja um conceito estruturante para o Grupo A, é comumente relacionado às diretrizes e estratégias de orientação dessa atividade e de sua sustentabilidade. Este, sim, é um conceito estruturante. Acha-se relacionada à análise de impactos da atividade turística, ou seja, se refere às estratégias que são (ou deveriam

ser) usadas para minimizar os efeitos desfavoráveis e maximizar os favoráveis.

Neste Grupo destacam-se as produções da PUC-Minas (100%); UEC (60% do total); UFS (50,0% do total); UFMG (44,4% do total); UFRJ (36,4% do total); UNESP/RC (33,3% do total); UFPR (33,3% do total); UFU (27,3% do total); UNESP/PP (25,0% do total) e UFG (25% do total). Num segundo plano, destacam-se: UFMS (16,7% do total); UNICAMP (16,7% do total); UFBA (14,3% do total); UNB (11,1% do total) e USP (10,6% do total).

TABELA 6

Grupo B³⁷

Base Conceitual e Temas	%	Conceitos Estruturantes	Temas
Políticas	70,4	•Políticas	Turismo de Litoral
Turismo Regional	44,4	•Turismo Regional	
Turismo e Desenvolvimento	40,7	•Turismo e Desenvolvimento	
(Re)Ordenamento territorial	25,9	•(Re)Ordenamento Territorial	
Território	25,9	•Território	
Turismo de Litoral	18,5		
Espacialidade	14,8		
Planejamento	11,1		
Produção do Espaço	11,1		
*Aplicação ao Planejamento	11,1		

Fonte: Castro (2006)

Os cinco conceitos estruturantes deste Grupo B visam, em última instância, ao planejamento do espaço turístico e/ou à crítica desse planejamento no país. O foco é dado às Políticas de Turismo, em dimensão multiescalar. Nesse sentido, o grupo inclui de modo especial as produções cujo fio

³⁷ No Grupo B a proporção de teses em relação às dissertações é da ordem de 70% para 30% (Figura 21)

condutor da investigação se refere às políticas relacionadas à Produção do Espaço Turístico do Litoral, na perspectiva do contexto regional.

De modo geral, essas produções expressam um conteúdo relacionado:

- Às análises problematizadoras acerca das possibilidades e limites dessa atividade como vetor de desenvolvimento;
- Ao (re)ordenamento territorial com vistas ao desenvolvimento/expansão territorial do turismo em escala nacional/regional/local, com foco nas políticas de planejamento; e
- Às novas espacialidades e territorialidades que se instalam nos territórios turísticos, ao envolver, tanto as novas estruturas espaciais de equipamentos diversos quanto às relações conflituosas geradas no processo de produção do espaço, no que diz respeito à desterritorialização/reterritorialização, especulação imobiliária, segregação, reservas de valor no uso do solo.

Há, neste Grupo B, a maior proporção de teses de doutorado e as instituições que oferecem cursos de doutoramento: USP, UFRJ, UNESP/PP, UFS, UFRN.

Há, também, uma coerência entre as teses e os conceitos estruturadores desse Grupo: Políticas Públicas, Turismo Regional, Turismo e Desenvolvimento, (Re) Ordenamento Territorial e Território.

As instituições que se destacam no Grupo B, junto das já citadas são as seguintes: UFF (100%); UEM (100%); UFRN (50% do total); UFS (33,3% do total); UFMS (33,3% do total); UFBA (28% do total); USP (21,3% do total); UEC (20% do total). Num segundo plano, destacam-se: UFRJ (18,2% do total); UFMG (16,7% do total) e UNESP/PP (12,5% do total).

Este Grupo B se destaca dos demais por conter o maior número de conceitos estruturantes (4).

TABELA 7
Grupo C

Base Conceitual e Temas	%	Conceitos Estruturantes	Temas
Planejamento	100,0	<ul style="list-style-type: none"> • Planejamento • Sustentabilidade • Gestão • Zoneamento 	Turismo de Litoral Ecoturismo
Sustentabilidade	33,3		
Turismo de Litoral	33,3		
Ecoturismo	25,0		
Gestão	25,0		
Zoneamento	25,0		
Potencial/Diagnóstico	16,7		
Ecologia	16,7		
Turismo Rural	16,7		
Turismo Regional	16,7		

Fonte: Castro (2006)

Todas as produções do Grupo C estão focadas na atividade de Planejamento do território turístico. Este é o conceito estruturante por excelência desse Grupo, razão pela qual traz para o centro dessas produções conceitos também estruturadores da atividade de planejamento, ou seja, gestão e zoneamento com vistas à sustentabilidade. O planejamento quer seja no segmento Rural, Litorâneo ou no Ecoturismo, implica no levantamento do Potencial/Diagnóstico das atratividades. A abordagem tem seu foco no contexto regional.

É o grupo que apresenta menor participação de instituições, embora duas delas - UNESP (50% do total) e UFSC (40% do total) – apresentem um percentual significativo de participação.

As demais partícipes deste grupo apresentam números pouco relevantes: UFMG (16,7% do total); UFU (9,1% do total); UNB (11,1% do total); UNESP/PP (12,5% do total) e USP (6,4% do total).

TABELA 8
Grupo D

Base Conceitual e Temas	%	Conceitos Estruturantes	Temas
Representações simbólicas	51,5	<ul style="list-style-type: none"> • Representações simbólicas • Impactos • Paisagem 	Ecoturismo Educação
Impactos	27,3		
Paisagem	21,2		
Turismo Regional	18,2		
Educação	15,2		
Espacialidade	12,1		
Ecoturismo	12,1		
*Aplicação ao planejamento	12,1		

Fonte: Castro (2006)

As produções que compõem o Grupo D se destacam das demais pelo menos sob três aspectos. O primeiro, por conter como conceitos estruturantes aqueles que dão sustentação às produções cujo arcabouço teórico-metodológico se relaciona ao paradigma Humanista. O segundo aspecto se refere à preocupação com a dimensão educativa dos usuários dos espaços ecoturísticos. E, por último, é o grupo que, junto com o Grupo E, se destaca em relação aos demais por conter o menor número de conceitos estruturantes (representações simbólicas, impactos e paisagem).

O conceito estruturante Representações Simbólicas aparece como eixo de investigação em mais de 50% do total das produções do Grupo. Esse conceito se relaciona às imagens, aos mitos, aos mapas mentais, às experiências do mundo vivido. As representações são colhidas de moradores

e turistas por meio de entrevistas. Ganham também relevância questões relativas aos impactos provocados pela atividade turística e a apreciação da paisagem. Desses dados coletados 12,1% têm como finalidade oferecer subsídios ao planejamento turístico.

Os dados da TAB. AG-4 deixam em evidência três instituições cuja produção se destaca nesse grupo: UNB (55,6% do total); UFPE (50% do total) e UNICAMP (50% do total). Em primeiro plano aparecem: UNB (55,6% do total); UFPE (50% do total) e UNICAMP (50% do total). Em segundo plano se destacam: UFPR (33,3 % do total); UFBA (28,6%); UFG (25% do total); UNESP/PP (25% do total); USP (21,3 % do total). Num terceiro plano, destacam-se: UFU (18,2 % do total) UNESP/RC (16,7% do total), UFMG (16,7% do total) e UFRJ (9,1% do total).

TABELA 9
Grupo E

Base Conceitual e Temas	%	Conceitos Estruturantes	Temas
Impactos	61,5	<ul style="list-style-type: none"> • Impactos • Produção do Espaço • Sustentabilidade 	Turismo de Litoral Ecoturismo Turismo em Área Protegida
Produção do Espaço	38,5		
Turismo de Litoral	36,5		
Sustentabilidade	21,2		
*Aplicação ao planejamento	21,2		
Turismo e Meio Ambiente	17,3		
Cultura	15,4		
Ecoturismo	11,5		
Turismo em Área Protegida	11,5		
Paisagem	11,5		
(Novas) territorialidades	11,5		

Fonte: Castro (2006)

O **Grupo E** se distingue dos demais por conter 11 verbetes em sua base conceitual e temas, o maior número encontrado. O foco das produções

apresenta-se com enorme nitidez: 61,5% das produções têm como fio condutor os Impactos decorrentes da atividade turística. Esses impactos apresentam também clareza com relação aos segmentos do turismo, ou seja, se referem ao Turismo de Litoral, ao Ecoturismo e ao Turismo em Áreas Protegidas, o que não é significativo nos demais grupos. Tais impactos incidem na Paisagem e na Cultura. Em algumas produções esses Impactos resultam na construção de Novas Territorialidades, denotando as relações de poder que envolve a Produção do Espaço Turístico. Há também uma estreita relação entre a Sustentabilidade da atividade e a aplicação dos dados obtidos como subsídios ao Planejamento.

Os dados da TAB. AG-4 permitem concluir que o Grupo E se assemelha ao Grupo A no número de instituições partícipes (15). São representativos os dados da UFSC (60% do total); UFG (50% do total); UFPE (50% do total); UFRN (50% do total); UFU (45,5 % do total) e USP (40,4% do total). Num segundo plano situam-se: UFRJ (36,4% do total); UFMS (33,3% do total); UNICAMP (33,3% do total); UFBA (28,6% do total); UNESP/PP (25,0% do total); UFMG (22,2% do total); UNB (22,2% do total) e UFC (20,0% do total).

Duas conclusões podem ser ainda formuladas com relação à TAB. AG-4.

A primeira refere-se às instituições que participam com um total igual ou superior a nove produções (USP, UFMG, UFU, UFRJ e UNB). O resultado é o seguinte:

- a USP e a UFU apresentam mais de 40% das suas produções classificadas no Grupo E;
- a UFMG tem 44% de suas produções classificadas no Grupo A;
- a UFRJ apresenta uma distribuição equitativa entre os grupos A e E;
- e a UNB tem mais de 50% de suas produções no Grupo D.

A segunda conclusão considera as instituições que têm suas produções distribuídas entre os cinco grupos. Destacam-se a USP e a UNESP/PP.

- **Tendências que conformam a produção acadêmica do conhecimento brasileiro na abordagem geográfica do turismo**

Nossa tarefa ao longo desta parte tem sido rastrear, captar, reunir, problematizar, analisar, sinalizar tendências e entrever conclusões com a finalidade de conhecer os olhares epistêmicos de geógrafos brasileiros na área de interseção da Geografia com o Turismo. Este é o momento de enfeixar a aproximação desse conhecimento geográfico sobre o polêmico objeto multirreferencial - o turismo.

Reconhecemos os limites de nosso próprio olhar para essa tarefa, mesmo que ele esteja preñado de renovação forjada nas viagens de descobrimentos que a empreitada do conhecer nos colocou, parafraseando Marcel Proust. Ao longo da “aventura viajeira” pelo conhecimento do conhecimento brasileiro da abordagem geográfica do turismo, vislumbramos tendências que unem e diferenciam, o que complexifica o conhecimento produzido por esses geógrafos pesquisadores.

O que poderá imprimir unidade ao conteúdo das produções é a tendência à pluralidade de enfoques: crítico, humanista, cultural, pragmático, clássico e, de modo reconhecidamente inovador, o enfoque Socioambiental. Consideramos, no entanto, que essas características não estão totalmente definidas, como alerta Mendonça (2004, p.141).

Do ponto de vista paradigmático, o que distingue o conhecimento produzido é o peso exercido pela abordagem crítica (79 produções – 48,8% do total).

Contudo, a partir dos últimos anos do período considerado, observamos uma tendência por enfoques plurais, tais como: Crítica-Cultural; Crítica-Humanista; Crítica-Pragmática; Crítica-Socioambiental; Crítica-Humanista-Cultural; Crítica-Humanista-Socioambiental; Crítica-Cultural-Socioambiental; Cultural; Humanista; Humanista-Socioambiental, Humanista-Cultural. Essa tendência à pluralidade paradigmática evidencia o trânsito interativo por pressupostos filosóficos algumas vezes conflitantes e contraditórios, tais como o marxismo, a fenomenologia e o neopositivismo. São sinalizações para caminhos da pós-modernidade, já anunciados por RODRIGUES (1998b).

Embora se verifique um alçar vôo (preliminar) de análises transdisciplinares³⁸ em Falcão, 1992; Güttler, 2001; Dall'acqua, 2002; e Lüdke, 2004, ainda falta colocar à prova a ousadia em nível de flexibilização das fronteiras geográficas relacionada às contribuições das demais ciências humanas que só têm a enriquecer as abordagens geográficas do turismo (BARBAZA, 1988; HIERNAUX, 1999). Este é um dos desafios apresentados aos geógrafos pesquisadores para futuras produções.

Feita a análise das tendências paradigmáticas passamos às contribuições no que se refere aos resultados da análise sobre temas e conceitos. Esses resultados edificam a produção desse conhecimento, ao mesmo tempo em que revelam a dimensão geográfica da produção do espaço turístico e, de modo pouco enfatizado, as práticas sociais do turista.

³⁸ Segundo Zabala (2002, p.33) “A transdisciplinaridade é o grau máximo de relações entre disciplinas, de modo que chega a ser uma integração global dentro de um sistema totalizador. Esse sistema facilita uma unidade interpretativa com o objetivo de constituir uma ciência que explique a realidade sem fragmentações. Atualmente, trata-se mais de um desejo do que de uma realidade.”

A dimensão geográfica do fenômeno turístico é revelada na profusão de temas que puxam o fio condutor das dissertações e teses do universo dessa pesquisa. São eles: Produção do Espaço Turístico, Turismo de Litoral; Ecoturismo; Turismo Rural; Turismo Eco-rural; Turismo em Áreas Protegidas; Turismo de Natureza; Turismo de Negócios e Eventos; Turismo Termal; Turismo e Desenvolvimento (com Base Local; Regional); Turismo Sustentável; Turismo e Meio Ambiente; Turismo de Fronteira; Sistemas Territoriais de Recreação e Lazer; Políticas de Turismo; Cartografia Turística; Comunicação Turística (Marketing); Educação e Turismo; Mundo do Trabalho no Turismo; Governança em Atividades Turísticas; Clima e Turismo; Geografia dos Fluxos Turísticos; Patrimônio Natural e Cultural e o Turismo.

A base conceitual do arcabouço desse conhecimento revela importantes contribuições para se adentrar na complexidade que o amolda. Em sua totalidade ela nos parece indivisível, uma vez que todos os conceitos contribuem no processo de edificação desse conhecimento. Porém, dada a frequência com que constituem o conhecimento produzido, alguns se comportam como pilares, razão pela qual nós os denominamos conceitos estruturantes. De modo geral, trata-se de um universo conceitual diverso e geograficamente ressignificado na trama epistêmica construída por seus autores.

Posto isso, por uma questão didática, e em resposta ao desafio educativo colocado, julgamos necessário ordenar a base conceitual com alguns critérios, como apresentado a seguir.

1- Conceitos que imprimem identidade ao pensamento geográfico:

Produção do espaço, território, territorialidade, espacialidade, paisagem, lugar, região, relação sociedade/natureza, fronteira.

2- Conceitos que evidenciam tendência pluriparadigmática do pensamento geográfico atual:

ordenamento territorial, zoneamento, gestão ambiental, planejamento espacial, globalização, território-rede, sociedade de consumo, trabalho, especulação imobiliária, segregação espacial, políticas públicas.

3- Conceitos em processo de construção no estudo da área de interceção da Geografia com o Turismo:

impactos socioambientais, núcleo de periferia urbana, infra-estrutura turística, turismo com base local, urbanização turística, segunda residência, espacialidade diferencial, (re)qualificação espacial, lugares turistificados, territórios turistificados.

4- Conceitos resultantes de invasões e migrações interdisciplinares:

impactos socioambientais, impactos espaciais, políticas públicas de turismo, sustentabilidade, cultura, patrimônio, ecologia, recreação, lazer, turismo de massa, marketing turístico, capacidade de carga, representações simbólicas, potencial-diagnóstico das atratividades, processo histórico, economia do turismo, não-lugar.

Como dissemos anteriormente, alguns desses conceitos, por força de sua incidência no universo teórico das produções, são reconhecidos nesta tese como estruturantes do conhecimento brasileiro da abordagem geográfica do turismo. Em ordem decrescente, e com a frequência de, no mínimo, 10 ocorrências, são eles: Impactos (30,9%); Produção do Espaço Turístico (19,8%); Políticas de Turismo (19,1%); Potencial/Diagnóstico (16,7%); Sustentabilidade (16,0%); Representações Simbólicas (14,8%); Paisagem (12,3%); Território (10,5%) e Planejamento (10,5%). Esses conceitos dão sustentação teórica às produções ordenadas em cada um dos cinco grupos já contextualizados.

Ao concluirmos este subitem da parte III, em que buscamos uma aproximação de “Olhares epistêmicos de geógrafos brasileiros na área de interseção entre a geografia e o turismo” vamos agregar às tendências apresentadas nossa contribuição ao conhecimento desse conhecimento.

Essa nossa contribuição será dada pela análise do contexto com que o conceito estruturante “Impactos” é abordado no universo das produções de que trata a presente pesquisa. Por que Impactos? Duas razões, a seguir apresentadas, justificam sua escolha.

Contexto 1 - Os impactos do turismo sobre o meio ambiente, a economia, a sociedade e a cultura dos territórios visitados despertam e aguçam atenção epistêmica de geógrafos desde J.G.Kohl (1841). Passados 164 anos continua o geógrafo com foco nos efeitos do turismo. Os estudos realizados por R.W. Butler (1980), Hunter e Green (1995) sobre gestão ambiental em ambientes frágeis são mostras de tentativas de redução desses impactos, para os quais eles apontam quatro medidas: mudar o tipo de turismo, limitar o número de visitantes ao determinar a capacidade de carga ou de acolhida, adequar os recursos à pressão da demanda e promover a educação ambiental a longo prazo, apontando dessa forma para a mudança de atitude do turista (*apud* VERA, 1997).

A questão do controle da qualidade ambiental é complexa, contraditória, joga com os interesses da economia de mercado, isto é, depende da mudança de atitude dos operadores turísticos que têm em suas mãos o controle de todo o processo (áreas de emissão, transportes e destino) além da participação efetiva da comunidade anfitriã. Os dados dessa pesquisa parecem comprovar que os impactos decorrentes da atividade turística é o mais importante conceito estruturante das produções de dissertações e teses. Ele é abordado em 47 produções que correspondem a 29% do total. É o fio norteador das

pesquisas do Grupo E, além de se fazer presente nos demais grupos e ocupar posição destacada nos Grupos D e A.

Contexto 2 - Paraphrasing Milton Santos, nada no território se oculta por ser ele um livro aberto à leitura da sociedade. Os impactos provocados pelo turismo na esfera da atividade produtiva e pelo turista na esfera do lazer ganham enorme visibilidade territorial. Com seus efeitos positivos ou favoráveis e efeitos negativos ou desfavoráveis, os impactos socioambientais e culturais se encontram no cerne da produção do espaço turístico. Os estudos e pesquisas sobre eles constituem dados imprescindíveis ao planejamento e à gestão dos espaços turísticos. Mas, para uma eficaz contribuição, é necessário ir além da constatação e da denúncia.

Já foi dito que o turismo, como qualquer outra atividade produtiva, é regido por políticas nacionais e setoriais de gestão territorial, que se sustentam em três bases: ordenamento, planejamento e gerenciamento. A primeira base e a última são instâncias afetas ao poder público e público-privado, respectivamente. O planejamento, atividade técnica e também política por envolver tomada de decisão, é um promissor campo da pesquisa acadêmica, além de mercado de trabalho para o geógrafo. Certamente que a equipe responsável pelo planejamento dos espaços turísticos é interdisciplinar, mas o trato espacial/sociambiental dos impactos ambientais é de responsabilidade do geógrafo. Este é o nosso pressuposto.

Se o pressuposto apresentado implica no comprometimento político da pesquisa acadêmica na interseção Geografia/Turismo com a realidade nacional, nossa contribuição guarda em sua essência um enfoque problematizador. Questionamos se as produções que têm seu foco nos impactos gerados pelo turismo vão além da constatação e da denúncia e,

assim, contribuem com sugestões e ações para o planejamento e gestão dessa atividade.

Como parte do procedimento metodológico da análise dessa questão, propomos três passos. O primeiro trata do universo paradigmático no qual ancora a abordagem do conceito de impacto, conforme TAB. 10.

TABELA 10

Impactos: referencial paradigmático/freqüência

Referencial paradigmático	Quant.	%
critico	12	25,5
crítico-socioambiental	14	29,8
critico-humanista	5	10,6
crítico-humanista-cultural	1	2,1
crítico-humanista-socioambiental	4	8,5
critico-cultural	4	8,5
crítico-cultural-socioambiental	1	2,1
critico-pragmático	2	4,3
cultural-humanista-socioambiental	1	2,1
socioambiental	1	2,1
humanista	1	2,1
clássico	1	2,1
total	47	100,0

Fonte: Castro (2006)

Em que pesem os 25,5% das produções no paradigma Crítico, o predomínio é da interface entre este e os demais paradigmas, na rica pluralidade de abordagens. O fio transversalizado pela abordagem socioambiental apresenta-se como tendência marcante. A ocorrência de duas produções na abordagem Crítico-Pragmática evidencia a exigência de alto nível técnico para a identificação e análise dos impactos. Modernamente pode-se contar com o geoprocessamento e outros métodos avançados, como o SIG, o MIS,

os DDS, já mencionados. Esses dados, embora relevantes, não nos permitem ainda concluir sobre o pressuposto norteador dessa análise.

O segundo passo trata de identificar os demais conceitos que dão suporte à abordagem dos impactos do turismo. Eles se apresentam na TAB.11.

TABELA 11
Impactos: análise contextual

IMPACTOS : ANÁLISE CONTEXTUAL					
Conceitos	Quant.	%	Conceitos	Quant.	%
Produção do Espaço	16	34,0	(Re)Ordenamento Territorial	2	4,0
Aplicação ao Planejamento (*)	18	38,0	Lugar	2	4,0
Representações Simb	9	19,0	Especulação Imobiliária	2	4,0
Sustentabilidade	8	17,0	Infra-Estrutura Turística	2	4,0
Territorio	8	17,0	Globalizacao	2	4,0
Paisagem	7	14,0	Turismo de Massa	2	4,0
Políticas	6	12,0	Educacao	2	4,0
(Novas)Territorialidades	6	12,0	Urbanização Turística	2	4,0
Turismo e Desenvolvimento	5	10,0	Planejamento	1	2,0
Potencial/Diagnóstico	5	10,0	Núcleo de Periferia Urbana	1	2,0
Turismo Regional	5	10,0	Segregacao espacial	1	2,0
Espacialidade	4	8,5	Marketing Turístico	1	2,0
Gestao	5	10,0	Formação de Região Periférica	1	2,0
Relação Sociedade/Natureza	3	6,0	Patrimonio	1	2,0
Recreação/Lazer	3	6,0	Economia	1	2,0
Cultura	3	6,0	Capacidade de Carga	1	2,0
Ecologia	3	6,0	Trabalho	1	2,0

Observações : - Total de produções com o conceito estruturador Impactos : 47
- (*) Refere-se à finalidade da produção

Fonte: Castro (2006)

A análise conceitual propiciada pela TAB. 11 nos permite interpretar que a finalidade dada à pesquisa sobre os impactos do turismo se refere ao verbete “Aplicação ao planejamento” (11 produções ou 38% do total). Esse dado é

relevante e nos dá pistas do vínculo entre constatação e análise de impactos da atividade e o necessário encaminhamento de sugestões de intervenção nessa realidade. Essa descoberta fortalece o pressuposto do compromisso do geógrafo, qual seja ir além da constatação e da denúncia, quer como profissional técnico ou como educador.

Os dados também revelam uma baixa frequência da abordagem de impactos em relação aos conceitos Planejamento (uma única produção ou 2,0%) e Gestão (cinco produções ou 10,0%). Esse dado nos permite reconhecer que os impactos do turismo, comumente usado por geógrafos como argumento crítico contra essa prática social e produtiva, apresenta uma contribuição irrelevante sob a forma de ações e sugestões para o planejamento/gestão dos espaços turísticos.

Outro dado extraído da TAB. 11, relativo ao nosso pressuposto é o conceito Capacidade de Carga, diretamente relacionado ao controle de impactos negativos do turismo. No entanto, a frequência de 2,0% que indica uma única produção deixa à mostra atenção irrelevante dada ao controle do problema.

Somados os dados é possível afirmar que nosso pressuposto é alcançado em 51% das produções. No entanto, 49% delas parecem indicar finalidades que não têm muito a contribuir para o atual estágio de desenvolvimento do turismo em nosso país.

No momento de enfeixar esta parte damos voz aos professores Dr. Oswaldo Bueno Amorim Filho e Dra. Adyr A Balastri Rodrigues a guisa de um desafio de professores-orientadores para os demais professores-orientadores que atuam na área de interseção da Geografia com o Turismo.

Para Amorim,

“O que parece acontecer é que, com exceção de um número de pesquisadores que não é grande (entre os quais se encontra a Prof^a. Adyr B. Rodrigues), a grande maioria dos professores-orientadores não tem na “geografia do turismo” sua prioridade maior de pesquisa. Isto, sim, tem implicações para a evolução dessa linha de pesquisa no Brasil.” (2006)

Para Rodrigues³⁹,

“O referencial conceitual, que é muito particular para cada professor, e a diversificação de abordagens deve-se às muitas linhas teórico-metodológicas que enriquecem a Geografia. Por isso, creio, parece faltar o diálogo entre os colegas.” (2006)

Um dos desafios que tem sido colocado aos geógrafos-educadores envolvidos na transposição didática da abordagem geográfica do turismo, relaciona-se à definição de uma base conceitual que dê conteúdo/forma a esse conhecimento. A base conceitual das produções dessas dissertações e teses pode oferecer pistas promissoras para se pensar um currículo na abordagem geográfica do turismo, tanto na formação básica, quanto na formação do geógrafo dos cursos de graduação em Geografia.

Esse é o fio condutor da parte VI.

³⁹ A opinião da Professora Dra. Adyr A Balastrei Rodrigues foram obtidas por meio eletrônico “por não se dispor de nenhuma outra fonte para abordar o tema em discussão”, como afiança o Manual de Elaboração de Referências Bibliográficas. São Paulo: Atlas, 2001, p.106.

IV - INSERÇÃO DA ABORDAGEM GEOGRÁFICA DO TURISMO NO CURRÍCULO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA: POSSIBILIDADES E PERSPECTIVAS

“O geógrafo pode e deve trabalhar em turismo, pois a atividade tem a ver com a produção do espaço num momento específico do desenvolvimento da sociedade global. É bom que ele apenas não contemple, mas também aja, proponha. Parece que sempre acabam caindo na tarefa mais difundida – a de guia. Tudo bem. Mas ele deveria participar do planejamento e montagem da estrutura de guias para empresas e entidades. Seria bom que não ficasse apenas na tarefa de fazer mapinhas. Sua atuação deverá ser mais abrangente, vendo como se coloca tal turismo em tal lugar e depois, sim, também participar da produção de guias, mapas, roteiros etc. adequados para um turismo consciente.”

Marcello Martinelli⁴⁰

Os fios que se entrelaçam e se entretecem na área de interseção da Geografia com o Turismo podem e devem ser tecidos na perspectiva da formação humana. Desse esforço educativo podem resultar consciências em processo para o exercício respeitoso do uso e consumo de espaços turísticos.

Educação é um dos temas que compõem a produção do conhecimento brasileiro na abordagem geográfica do turismo no universo da nossa pesquisa. Da educação nos caminhos formadores do turismo trataremos no item 1.

⁴⁰ Texto da entrevista concedida aos alunos da disciplina “Geografia do Turismo” no ano letivo de 2002, DG/USP, a propósito do perfil profissional de um geógrafo do turismo.

A formação do geógrafo ocupa parte central na complexidade dos fios desse bordado. Sua discussão é realizada no item 2. Tem por contexto, o relato de nossa experiência com alunos de graduação em Geografia no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, em 2002.

O item 3 contém o desafio aos professores que atuam nos cursos de formação do geógrafo, qual seja a construção de um programa na área de interseção da Geografia com o Turismo. Que contribuições análises de programas multinacionais podem oferecer à construção dos cotidianos educativos da formação do geógrafo brasileiro? Essa questão problematizadora conduz o eixo da discussão.

1- A EDUCAÇÃO NA CAMINHADA FORMADORA DO TURISMO

O acervo da produção brasileira na abordagem geográfica do turismo referente ao período de 1975-2005 e organizado por esta pesquisadora contém cinco dissertações de mestrado na interseção Geografia/Turismo/Educação. Cotejadas no universo de 162 produções, correspondem a 3% do total. O dado não causa estranhamento uma vez que a educação, em qualquer dos seus segmentos, não é atendida por políticas que façam dela uma prioridade nacional. A constatação, portanto, provoca angústia e constrangimento.

Teceremos uma caracterização geral antes de procedermos à apresentação de cada uma dessas cinco produções, em sua singularidade.

- O universo conceitual de palavras-chave deixa em evidência o potencial temático do ecoturismo como tema formador de uma consciência ambiental e, concomitantemente, turística. Estabelece uma relação entre os estudos realizados e o uso prático dos

resultados, como instrumento a ser considerado nos planejamentos voltados às práticas do turismo em áreas naturais.

- Está presente a sugestão de abordagem interdisciplinar que envolve a questão ambiental e o turismo com vistas à formação de uma consciência crítica nos alunos da escola básica.
- A relação entre geografia/turismo/educação é revelada de modo promissor na perspectiva do exercício do protagonismo juvenil de intervenção na realidade. Os autores oferecem duas pistas para se alcançar esse objetivo. Uma através da elaboração de plano de gestão. A outra pelo uso de estratégias de envolvimento de visitantes através de procedimentos adequados na recepção e orientação nos espaços dedicados ao turismo e ao lazer.

Procedemos agora à apresentação de cada uma dessas produções em sua singularidade.

Ao contextualizar a inserção da educação no universo dessa pesquisa, verificamos que a preocupação do geógrafo com essa temática inicia-se em 2001. Trata-se da produção de Lídia Maria dos Santos, “O meio natural e o ecoturismo em Belo Horizonte”, defendida no IGC-UFMG, sob a orientação do Prof. Dr. Allaoua Saadi.

As palavras-chave que constituem seu universo conceitual dão idéia da complexa teia de abordagem tecida pela autora: ecoturismo pedagógico, preservação ambiental, plano de gestão.

No contexto de uma abordagem crítica, a autora faz um diagnóstico do atual estado de preservação das áreas naturais existentes em Belo Horizonte. Para alcançar esse objetivo, a pesquisa aponta o caminho do ecoturismo

pedagógico e apresenta como sugestão um plano de gestão ecoturística para Belo Horizonte, baseado nos dados levantados pela pesquisa.

Na seqüência cronológica apresentamos a proposta de Ronaldo Boerngen, “Teorias, mapas e viagens: a geografia nos cursos superiores de turismo”, defendida no DG/USP, em 2002, sob a orientação Profa. Dra. Nídia Nacib Pontuschka.

Valendo-se do referencial crítico, seu universo conceitual relaciona-se à análise geográfica do fenômeno turístico nos cursos superiores de turismo existentes no Brasil no ano de 2002. Por ater-se nas exigências docentes do ensino de Geografia do que na análise geográfica do fenômeno turismo, sua produção insere-se no âmbito dos estudos pedagógicos universitários e não no do turismo enquanto prática social e/ou atividade econômico-espacial.

A dissertação de mestrado de Gláucia Aparecida Rosa Cintra Peretti, “Proposta de conscientização turística na E.E. ‘Dezoito de Junho’”, de Pres. Epitácio-SP: uma experiência de como trabalhar o tema turismo nas escolas de ensino fundamental” é defendida na Unesp, campus de Presidente Prudente, também no ano de 2002. Seu orientador é o Prof. Dr. Armando Garms.

Com as palavras-chave turismo, meio ambiente, geografia e conscientização, a autora propõe, desenvolve e avalia a formação de uma conscientização turística nas escolas públicas de ensino fundamental. Valendo-se de referencial crítico, faz duas proposições: a discussão de como o tema turismo pode ser abordado pela geografia e demais disciplinas, num trabalho interdisciplinar; e o desenvolvimento e avaliação de práticas de educação ambiental para a formação da consciência crítica em relação ao meio ambiente e ao turismo.

Na esteira cronológica, em 2003 temos a defesa de Marta Bertin, “O Turismo em Foz do Iguaçu na Visão dos Estudantes: Um Estudo de Percepção Ambiental” no DG/UFPR, sob a orientação da Profa. Dra. Salete Kozel Teixeira.

Com as palavras-chave turismo, adolescentes, percepção ambiental e valendo-se do referencial Humanista, a autora analisa e busca compreender como o turismo tem interferido na mente dos adolescentes que vivem em Foz do Iguaçu. Usa como estratégia a percepção e a representação de estudantes do ensino fundamental da rede pública e particular. Analisa como essa prática social e atividade econômico-espacial, com sua capacidade de transformação dos lugares, exerce influência na relação do homem com o seu ambiente, ou seja, seu mundo vivido por meio das representações simbólicas - os mapas mentais.

Por fim, temos a defesa de autoria de Evandro da Silva Pinheiro, “Percepção ambiental e atividade turística no Parque Estadual do Guartelá -Tibagi - PR. Curitiba”. Defendida no DG/UFPR, 2004, tem como orientador o Prof. Dr. Marcos Aurélio Tarlombani da Silveira.

As palavras-chave de sua produção - percepção ambiental, interação, conduta, ambiente, turismo - deixam em evidência o referencial Humanista-Socioambiental. O autor identifica, analisa, compreende e demonstra como a percepção dos visitantes na área do Parque Estadual do Guartelá revela os processos subjetivos que perpassam a interação homem/ambiente. Trata dos resultados como instrumento nos planejamentos voltados a práticas do turismo em áreas naturais e propõe estratégias e ações voltadas à promoção de envolvimento desses visitantes através de procedimentos adequados na recepção e orientação.

Após examinar a singularidade de cada produção, enfeixamos nossa análise, ao concluir que na junção das três abordagens geográficas usadas por seus autores em uma dimensão interdisciplinar do conhecimento se encontram pistas promissoras para a construção pedagógica do tema, quais sejam: práticas educativas que tenham como finalidade conhecer o mundo vivido do aluno, através das representações simbólicas e dos processos subjetivos que perpassam sua interação com os espaços turísticos. Ao redescobrir sua cidade, nas características do seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), na origem de seus problemas socioambientais, o aluno passa a valorizá-la e a propor soluções para os problemas levantados.

Construir cotidianos pedagógicos sob a ótica da cidadania ganha maior relevância quando a finalidade do ensino e aprendizagem mostra-se comprometida com o protagonismo⁴¹ juvenil. É desse modo que podemos colocar em ação, como preconiza Paulo Freire em sua obra, a dimensão política do ato educativo. O aluno-protagonista é aquele que atende aos objetivos de uma prática cidadã, pensando globalmente (o planeta) e agindo localmente, ao propor ações de intervenção na realidade socioespacial com vistas à resolução de problemas de sua casa, de sua escola, de sua comunidade, de sua região.

Entendemos que o ensino da geografia escolar pode e deve abrir muitas possibilidades de leituras multiescalares em dimensão socioespacial, sociocultural, sociopolítica e socioambiental, tecidas na forma complexa de conceber a alfabetização e o letramento. Pode e deve ter como meta a construção de habilidades e competências que dêem vez e voz à construção

⁴¹ Do grego *protagonistés*: “o primeiro ator do drama grego”; “pessoa que desempenha ou ocupa o primeiro lugar num acontecimento.” Dicionário Aurélio século XXI .

de um modo geográfico de pensar, com autoria. Para isso, o cotidiano educativo deve apresentar-se desafiante ao educando. O desafio estará sempre presente e será sempre instigante se o ensino rotinizar uma postura indagativa, ao estabelecer relações entre o que o professor, os livros, os vídeos falam e discutem, com o cotidiano que o aluno vive e vê na TV, por exemplo. Essa postura indagativa perpassa o território, a sociedade da vivência do aluno e a percepção mais ampla acerca da realidade política, social, cultural, econômica, turística e ambiental em dimensão multiescalar. Pode se tornar num constante desafio instigar o aluno a ver significado no uso das representações cartográficas para mapear, localizar, descrever, analisar, explicar, comparar com o ato de posicionar-se e propor intervenção na realidade, de acordo com os parâmetros que têm referenciado a construção de sociedades sustentáveis.

Como outros estudiosos do turismo, dentre eles, E.W.Butler (1991); Vera (1997); Martinelli e Ribeiro (1997); Portuguez (1997); Lombardo e Andriolo (1997); Faustino e Azevedo (1997), Almeida (2000) e Rodrigues (2001) entendemos que a educação para o turismo é necessária no contexto da formação humanista, ou seja, em que as ações educativas são intencionalmente planejadas para que a escola cumpra sua função formadora. Nesse sentido, os conteúdos escolares devem somar às transversalizações da educação ambiental, abordagens sobre turismo e patrimônio. Devem ser problematizadas as culturas pautadas no consumismo e no desperdício dos recursos materiais e naturais e empreendidos esforços tendo como meta a construção de valores e vivências de uma postura turística ecologizada. Queremos dizer com isso, que uma educação turística não pode estar desvinculada da análise e da crítica dos conflitos e contradições socioambientais contemporâneos e de outras questões que perpassam, hoje, a escolarização da sociedade.

2 - RELATO DE EXPERIÊNCIA NA GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Em cumprimento ao Estágio Supervisionado em Docência do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino – PAE/CAPES, participamos do desenvolvimento curricular da disciplina optativa “Geografia do Turismo”, no curso de graduação em Geografia no DG/USP, em 2002, sob a orientação da Profa. Dra. Regina Araújo de Almeida.

De princípio, nos chamou atenção o fato de uma disciplina optativa, como é o caso da Geografia do Turismo, ser oferecida para duas turmas (vespertino e noturno), com 25 vagas cada uma e, mesmo assim, não atender à demanda. Esse fato comprova a relevância que o graduando confere a essa disciplina na sua formação acadêmica.

Inicialmente, é preciso deixar a descoberto o significado de currículo que imprimimos à nossa prática educativa, uma vez que ele pode englobar várias acepções. Buscamos em Sacristán (1998) sua forma de entendimento uma vez que esse estudioso espanhol vê o currículo no movimento da construção cultural: professores e alunos como sujeitos dos cotidianos educativos.

Para esse autor, "o currículo é uma práxis antes que um objeto estático emanado de um modelo coerente de pensar a educação ou as aprendizagens". E nos esclarece que

“(...) É uma prática na qual se estabelece um diálogo, por assim dizer, entre agentes sociais, elementos técnicos, alunos que reagem frente a ele, professores que o modelam, etc (...) É o contexto da prática, ao mesmo tempo em que é contextualizado por ela (...) As funções que o currículo cumpre são realizadas através de seus conteúdos, de seu formato e das práticas que cria em torno de si. Tudo isso se produz ao mesmo tempo: conteúdos (culturais ou intelectuais e formativos), códigos pedagógicos e ações práticas através dos quais se expressam e modelam conteúdos e formas”. (SACRISTÁN, 1998, p.49)

Como Sacristán, entendemos que o currículo, com tudo o que implica quanto a seus conteúdos e formas de desenvolvê-los, é um ponto central de referência na melhora da qualidade de ensino, na mudança das condições da prática, no aperfeiçoamento dos professores, na renovação da instituição escolar em geral e nos projetos de inovação dos centros escolares.

O princípio educativo para a organização do currículo, no contexto da experiência educativa vivenciada, está fundamentado na valorização, pelo resgate e acolhimento, dos saberes e práticas socioespaciais e socioculturais do aluno na área de interceção da Geografia com o Turismo e sobre o espaço turístico. Esse pressuposto muda o fulcro das relações pedagógicas entre professor/aluno e entre aluno/aluno, que passam à condição de parceiros, co-autores e sujeitos ativos da produção do conhecimento a ser elaborado nos cotidianos pedagógicos do curso (GARCÍA, 1983; SANTOS, 1985; CASTRO, 1992).

O entendimento da condição de professor/aluno como *sujeitos* do processo do ensino e aprendizagem é bem mais complexa do que possa parecer à primeira vista. Nestes termos, a condição de ser sujeito não é uma questão de ser somente ator. É tornar-se autor e, qual tal, pessoa capaz de cognição, escolha e decisão (MORIN, 2000).

Os procedimentos metodológicos usados com base no pressuposto apontado se revestiram de cuidados especiais dada à mudança de concepção do ato educativo. Essa mudança começou pelo programa do curso, cuja elaboração continua imprescindível como um dos indicadores do conteúdo básico a ser desenvolvido (o professor é sempre o timoneiro do processo), uma vez que pode ser flexibilizado por contar com a intervenção dos parceiros do processo educativo. O Programa do Curso assim se apresenta:

“GEOGRAFIA DO TURISMO FLG 564
Departamento de Geografia – FFLCH – USP
Primeiro semestre de 2002 - Diurno e Noturno

Professora responsável: Dra.Regina Araujo de Almeida
 Professora assistente: Nair Aparecida Ribeiro de Castro

I – OBJETIVOS DO CURSO

- Apresentar o Turismo e suas relações com a Geografia
- Compreender o fenômeno turístico no contexto da globalização
- Discutir Turismo e desenvolvimento sustentável, nas escalas local e nacional
- Analisar a organização dos espaços turísticos e as políticas públicas do Turismo no Brasil
- Introduzir a cartografia aplicada ao Turismo

II - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Geografia e Turismo

Fundamentos teóricos e conceitos

Tipologia do turismo

O turismo como fenômeno social e econômico

Políticas públicas e os projetos turísticos: o papel da Embratur e de outras iniciativas

2. O Espaço Turístico

Paisagem como recurso turístico

Planejamento turístico e avaliação de impactos ambientais

Inventário do espaço turístico – identificação dos recursos

3. Turismo, Ambiente, Lazer e Desenvolvimento Sustentável

Ecossistemas e paisagens do Brasil

As bases para o turismo sustentável

Ecoturismo – modalidades e potencial para o turismo de base local

4. Cartografia Aplicada ao Turismo

A linguagem gráfica no turismo

Uso de novas tecnologias–sensoriamento remoto, geoprocessamento, GPS

As imagens nas mídias impressas e digitais (livros e revistas, CD-ROMs, Internet, redes)

O espaço virtual no lazer e no turismo – o papel da Internet

5. Atividades: projetos, visitas, vivências práticas e trabalhos de campo.

6. Estudos de caso no território brasileiro

7. Outros temas

III - METODOLOGIA E AVALIAÇÃO

O curso será desenvolvido através de aulas teóricas, trabalhos práticos individuais e em grupo, leitura e discussão de textos, relatórios de trabalho de campo e projeto semestral. A avaliação será realizada através de prova escrita, seminário, exercícios, relatórios e trabalho final (trilhas de pesquisa).

IV – BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BURNE, Stella M. Arnaiz et al. *Desarrollo sustentable y turismo*. México: Universidade de Guadalajara, 2001.

CORIOLOANO, Luiza Neide M. T. (Org.) *Turismo com Ética*. Fortaleza: UEC, 1998.

CORRÊA, Tupã Gomes. (Org.) *Turismo e Lazer*. São Paulo: Edicon, 1996.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. *Política de turismo e território*. São Paulo: Contexto, 2000.
 _____ *Introdução à Geografia do Turismo*. São Paulo: Roca, 2001.

LAFARGUE, Paul. *O direito à preguiça*. São Paulo: Hucitec/Unesp, 2000.

LIMA, Luiz Cruz (Org.). *Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico*. Fortaleza: UEC, 1998.

MORANDI, Sônia; GIL, Izabel Castanha. *Espaço e turismo*. São Paulo: Copidart/ CEETEPS, 1999.

PADILLA, Óscar de la Torre. *El turismo*. Fenómeno social. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. *Agroturismo e Desenvolvimento Regional*. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____ *Consumo e Espaço*. Turismo, lazer e outros temas. São Paulo: Roca, 2001.

RODRIGUES, Adyr Balastri. *Turismo e Espaço*. Rumo a um conhecimento transdisciplinar. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____ (Org.) *Turismo e ambiente*. Reflexões e Propostas. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____ (Org.) *Turismo e Desenvolvimento Local*. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____ (Org.) *Turismo e Geografia*. Reflexões Teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____ (Org.) *Turismo, Modernidade, globalização*. São Paulo: Hucitec, 1997.

RUSCHMANN, Doris. *Turismo e Planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente*. Campinas: SP, Papirus, 1997.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil*. Território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TRIGO, Luiz Gonzaga G. (Org.) *Turismo: como aprender, como ensinar*. São Paulo: SENAC, 2001.

VASCONCELOS, Fábio Perdigão (Org.) *Turismo e meio ambiente*. Fortaleza: UEC, 1998.

YÁZIGI, Eduardo. *A alma do lugar*. São Paulo: Contexto, 2001.

_____ (Org.) *Turismo e Paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002.

_____ et al. *Turismo*. Espaço, Paisagem e Cultura. São Paulo: Hucitec, 1999.

ESPAÇO E GEOGRAFIA. Espaço, Turismo e Desenvolvimento. Departamento de Geografia e do Programa de Pós-graduação em Geografia. Brasília: Instituto de Ciências Humanas. Ano 3. n. 1, 1999.

V - TEXTOS

BENI, Mário Carlos. *As três sustentabilidades do Turismo*. IV Encontro Nacional de Turismo com Base Local. Joinville-SC; 15 a 18/11/2000.

_____. *Política e estratégia de desenvolvimento regional*. Planejamento integrado do turismo. In: RODRÍGUES, Adyr B. (Org.) Turismo e Desenvolvimento Local. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 87-98.

_____. *A política do turismo*. In :TRIGO, Luiz Gonzaga G. Turismo: como aprender, como ensinar. São Paulo: Senac: Vol.1, 2001: p. 177-202.

CONTI, José Bueno. *A natureza nos caminhos do turismo*. In: RODRÍGUES, Adyr B. (Org.) Turismo e ambiente. Reflexões e Propostas. São Paulo: Hucitec, 1997.

HIERNAUX, Daniel Nicolás. *Elementos para un análisis sociogeográfico del turismo*. In: RODRÍGUEZ, Adyr B. (Org.) Turismo e Geografia. Reflexões teóricas e enfoques regionais. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 39-54.

KNAFOU, Remy. *Turismo e Território. Para um enfoque científico do turismo*. In: RODRÍGUEZ, Adyr B. (Org.) Turismo e Geografia. Reflexões teóricas e enfoques regionais. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 62-74.

LOZATO-GIOTART, J.-P. *Les impératives climatiques*. In: _____ Geographie du Tourisme. 4a.ed. Paris: Masson, 1993. cap.3, p. 39-46.

MACEDO, Sílvio Soares. *Paisagem, turismo e litoral*. In: Yazigi Eduardo. Turismo e Paisagem. São Paulo: Contexto: 2002, p.181-214.

PIRES, Paulo dos Santos. *Interfaces ambientais do turismo*. In: TRIGO, Luiz Gonzaga G. Turismo: como aprender, como ensinar. São Paulo: Senac, 2001: p.229-257. Vol.1.

PORTUGUEZ, Anderson. *Prazer e contradição*. Aspectos da construção segregadora dos territórios de Lazer. In: Consumo e Espaço. Turismo, lazer e outros temas. São Paulo: Roca, 2001: p. 31-8.

RODRIGUES, Adyr B. *Geografia do Turismo: novos desafios*. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. Turismo: como aprender, como ensinar. São Paulo: Senac: 2001: p.87-122. Vol.1.

RODRIGUES, Arlete Moysés. *Desenvolvimento sustentável e atividade turística*. In: RODRIGUES Adyr B. (Org.) Turismo e Desenvolvimento Local. São Paulo: Hucitec, 1997: p. 42-54.

SILVEIRA Marcos Aurélio T. da. *Planejamento territorial e dinâmica local: bases para o turismo sustentável*. In: RODRIGUES, Adyr B. (Org.) Turismo e Desenvolvimento Local. São Paulo: Hucitec: 1997, p. 87-98.

CALLIZO, Javier Soneiro. *Los factores de la actividad turística: El clima*. In: _____ Aproximación a la Geografía del Turismo. Madri: Síntesis, 1991. cap.3. p. 66-81.

VI – CRONOGRAMA

MÊS	DIA	ASSUNTO/ATIVIDADES
Março	01	Apresentação do curso
	08	Geografia e turismo: conceitos, campo e tipologia
	15	<u>Texto 1</u> : Geografia e Turismo Discussão em grupos e elaboração de relatório Organização dos grupos de pesquisa
	22	<u>Texto 2</u> : Turismo no Brasil e no mundo: cenários atuais e perspectivas futuras Políticas públicas e os projetos turísticos O papel da Embratur e de outras iniciativas O Programa Nacional de Municipalização de Turismo – PNMT
	29	Semana Santa
Abril	05	Turismo, Lazer, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável
	12	Espaço turístico – a paisagem como recurso Discussão em grupos e elaboração de relatório
	19	Ecosistemas e paisagens do Brasil <u>Texto 2</u> - Ecoturismo
	26	Planejamento turístico – exemplos em municípios e estados
Maio	03	Inventário e identificação dos recursos
	10	<u>Texto 3</u> - Clima e turismo Discussão em grupos e elaboração de relatório
	17	Linguagem gráfica, cartografia e turismo Exposição de mapas turísticos, folhetos e guias
	24	Trabalho de Campo - Parque da Cantareira
	31	Finalização dos projetos semestrais
Junho	07	Trabalho de Campo Embu das Artes/parques urbanos
	14	Uso de novas tecnologias: sensoriamento remoto, GPS As imagens na mídia – impressa e digital: livros, CDs, internet
	21	Apresentação dos trabalhos semestrais
	28	Entrega dos resultados e avaliação do curso

A avaliação do processo educativo teve como referência sua dimensão formativa. Isso significa, conforme Zabala (1998), que nos valem de várias estratégias de acompanhamento do processo das aprendizagens, desde o ponto de partida – avaliação inicial com caráter diagnóstico -, passando pela avaliação reguladora que comportou desafios adequados e ajudas mais pertinentes às necessidades do aluno, até a avaliação final ou integradora.

Nesse contexto, o instrumento de avaliação teve um duplo caráter diagnóstico. O primeiro, com a finalidade de conhecer as motivações que orientaram os alunos de graduação em Geografia do DG/USP a se matricularem na disciplina optativa Geografia do Turismo. O segundo instrumento, referente ao conhecimento da bagagem de saberes, fazeres e à curiosidade epistêmica da turma em relação à temática do curso.

O instrumento cognitivo dessa atividade foi ancorado no pensamento de Morin (2000), quando sugere o encorajar e o instigar da aptidão interrogativa, da arte da discussão e da argumentação, da dúvida e do espírito problematizador. Cada aluno apresentou sua bagagem de saberes e fazeres sob a forma de duas questões problematizadoras referentes ao espaço turístico e/ou à área de interceção entre a Geografia e o Turismo. A elaboração foi individual e em sala de aula. Composto esse documento avaliativo foi solicitado o registro de endereço (e-mail e telefone), para que todos pudessem se comunicar sempre que necessário.

A seguir, as questões problematizadoras foram dadas a conhecer através de apresentação, compartilhamento e discussão. O momento se revestiu de importância, pois foi quando todos se conheceram como colegas e, sobretudo, conheceram o seu universo de idéias e de práticas profissionais. Havia alunos com experiências de guia de turismo, de gerência em agência de viagens e turismo da rede Carrefour, e até mesmo um sócio-proprietário de pousada para ecoturistas. Esses foram os parceiros na construção de

uma aventura pelo conhecimento na área de interceção da Geografia com o Turismo.

As questões problematizadoras, com base na bagagem de conhecimentos da turma, receberam tratamento esmerado de categorização em seu universo conceitual e temático. Em seguida foram integradas num contexto global. Como esclarece Morin:

A organização dos conhecimentos [...] comporta operações de ligação (conjunção, inclusão, implicação) e de separação (diferenciação, oposição, seleção, exclusão). O processo é circular, passando da separação à ligação, da ligação à separação e, além disso, da análise à síntese, da síntese à análise. Ou seja, o conhecimento comporta, ao mesmo tempo, separação e ligação, análise e síntese. [...] A partir daí, o desenvolvimento da aptidão para contextualizar e globalizar os saberes torna-se um imperativo da educação. (2000, p.24)

Depois da análise e síntese desses conceitos e temas, foram feitos os ajustes necessários à sua incorporação aos roteiros de atividades que conformam os cotidianos educativos. Assim, a partir desses novos dados, foram construídos os marcos conceituais explicativos que garantem a compreensão, a ampliação e o aprofundamento desses saberes e fazeres sobre a realidade socioespacial que têm o espaço turístico como fio condutor. O resultado dessa etapa está disponível no texto que segue.

**“GEOGRAFIA DO TURISMO FLG 564
Departamento de Geografia – FFLCH – USP
Primeiro semestre de 2002 – Diurno e Noturno**

Professora responsável: Dra.Regina Araujo de Almeida
Professora assistente: Nair Aparecida Ribeiro de Castro

**CATEGORIZAÇÃO DAS PERGUNTAS FEITAS À GEOGRAFIA EM SUA INTERFACE
COM O TURISMO - MANHÃ**

“Grupo 1 - Desenvolvimento Sustentável e Turismo

- Relação entre o desenvolvimento sustentável e o Turismo (Gilberto J.B. Filho)
- Existe turismo sustentável? (Andréia A dos Santos)
- Como as vantagens e investimentos trazidos pelo turismo podem se estender a uma parcela maior da população contribuindo para minimizar diferenças sociais e dando à população em geral uma alternativa viável e sustentável de desenvolvimento? (Carolina T.Paiva)
- Como a geografia pode atuar na construção de um turismo menos agressivo? (Marisa F. da Rocha)
- Como apresentar os valores locais e aspectos históricos de locais realmente simples e interessantes, diante dessa realidade capitalista e homogeneizadora? (Gustavo G. Alcoforado)
- Como planejar para ter um turismo auto-sustentável? (Fernando Fabiano G. de Lima)-Como pode ser relacionada a geografia com o desenvolvimento sustentável? (Natacha G.Rodrigo)
- Como o turismo pode ser o meio de desenvolvimento em áreas de mananciais? (Gleice D. de Souza)
- Quais as melhores metodologias a ser empregada para um turismo com menor impacto? (Mainara da Rocha Karniol)
- Até que ponto o desenvolvimento sustentável é viável em um local de economia baseada no turismo? (Fernanda Senda)

Grupo 2 - Impactos do Turismo

- É possível fazer turismo e prejudicar o lugar visitado? (Renata N. Kinjo)
- Qual a relação entre o grau de poluição nas zonas costeiras e a população flutuante nestas regiões? (Mainara da Rocha Karniol)
- Até que ponto o interesse em explorar turisticamente uma região pode interferir em seu crescimento urbano e populacional? (Fernanda C.P dos Santos)
- Há realmente alternativas às atividades predatórias realizadas pelo turismo, até mesmo ao ecoturismo, a venda da paisagem... Parques estaduais e nacionais cobrando entrada e restringindo a população segregada? O que um geógrafo pode fazer para essas questões serem revistas? (Erenay Martins Maciel)
- O que está sendo feito para diminuir o impacto do turismo em áreas de proteção ambiental? (Gustavo Leonardi Garcia)
- Qual pode ser uma das análises da Geografia do Turismo em relação ao impacto do turismo em uma determinada região? (Juliano T F Silva)

Grupo 3 - O papel do Geógrafo do Turismo

- Quais são as perspectivas para o Geógrafo do Turismo?(Claudinei Lopes Santana)
- Qual o seu campo de trabalho? (Alexandre Enéias Gobbis)
- Quais são as possibilidades no ramo da Geografia do Turismo? (Nicholas Burman)
- Como o geógrafo pode contribuir para o planejamento turístico? (Andréia A dos Santos)
- O geógrafo deve participar e atuar nos projetos de desenvolvimento turístico ou apenas analisar, refletir e correr atrás dos fatos para discuti-los? - Será que falta coragem e vontade do geógrafo de “aparecer” como estudioso e empreendedor do turismo no Brasil? (Bernardo Z.G.Ribeiro)
- Que bases o turismo pode fornecer para a geografia no intuito de enriquecer o campo de trabalho? (Marisa F. da Rocha)
- Pode-se dizer que o Geógrafo do Turismo possui maior capacidade de planejamento do que o próprio profissional formado em turismo? (Fabiano D.Guedes)
- Qual o mercado de trabalho, qual é o papel do geógrafo e quais as empresas contratam geógrafos com especialização em turismo? (Fernando Fabiano G. de Lima)
- Quais são as tarefas dos geógrafos em relação ao turismo? (Govinda Terra)
- Quais as atribuições profissionais indicadas a um geógrafo na área de turismo sem que o mesmo tenha que atuar diretamente na área? Seria apenas trabalhar com confecção de guias, mapas e roteiros turísticos? (Luiz B.Freire)

Grupo 4 - Diagnóstico do potencial turístico

- Estrada de Ferro Sorocaba: potencialidade turística? (Claudinei Lopes Santana)
- Quais os critérios para tornar uma região turística? (Andréia A dos Santos)
- Em cidades desenvolvidas economicamente através de indústrias quais seriam os fatores atrativos para o turismo? (Roberta V.S. Souza)

Grupo 5 - Contribuições da Geografia para a análise do fenômeno turístico

- Que critérios a Geografia do Turismo utiliza para analisar os reais benefícios do turismo em uma região? (Fabiano D.Guedes)-
- Qual a função da geografia ante o problema da degradação ambiental causada pelo turismo? Como é possível a intertextualidade entre Geografia e outras ciências no campo do Turismo? (Aranda Calió dos Reys)
- Como se dá de forma prática a interface entre a Geografia e o turismo?Como a geografia pode contribuir para a elaboração de um plano turístico? (Daniel B. Rodrigues)
- Dentro das relações sociais quais as manifestações do turismo que caracterizam o espaço? (Ricardo Pereira da Silva)-

Qual é a importância da Geografia para o Turismo? Como explorar o espaço turístico do ponto de vista da Geografia? (Bárbara Pinheiro)

-Como a Geografia pode contribuir para o turismo como atividade educativa, socializante e econômica? (Alexandre Enéias Gobbis)

-Qual a contribuição da Geografia do Turismo na Educação Ambiental? (Juliano T. F. Da Silva)

-O que o turismo e a geografia do turismo têm a oferecer para a sociedade em termos de Educação Ambiental? (André M. T. Mariano)

Grupo 6 - Turismo e mercado

-A que ponto a exploração turística atinge o Brasil? (Renata N. Kinjo)

-Existe algum projeto turístico consciente de exploração da Amazônia? Se existir, há possibilidade de prejudicar o meio ambiente local? (Rodolfo P. das Chagas)

-Uma cidade que recebe turistas em um pequeno período do ano pode ser considerada turística? (Gustavo Leonardi Garcia)

-De que maneira eu, como guia turístico, posso educar crianças, jovens e adultos a conhecer e respeitar a natureza durante as visitas ecológicas e também no dia a dia? Existe uma corrente metodológica neste sentido? (André M. T. Mariano)

Grupo 7- O que é turismo?

-O que é turismo tanto em aspectos epistemológicos quanto ontológicos? (Ricardo Pereira da Silva)

-Até que ponto a mídia pode incentivar o turismo em uma determinada região (ex: Porto de Galinhas, Costa do Sauípe)? (Fernanda C.P dos Santos)

-Qual é a relação entre globalização e turismo (Natacha G.Rodrigo)

Grupo 8 - A produção do espaço pelo turismo

-De que forma o turismo constrói o espaço? (Carolina T Paiva)

-Como o planejamento pode organizar a ocupação do espaço turístico? (Fernanda Senda)

-Como o espaço físico condiciona um determinado tipo de ocupação e uma vocação turística de um local? (Camila G.Rosatti)

Grupo 9 - Turismo e novas tecnologias

-Como os meios digitais podem cooperar no desenvolvimento do turismo? (Gleice D. de Souza)

Grupo 10 - Cartografia do Turismo

-Qual é a relação entre a Geografia X Cartografia do Turismo (Gilberto J.B.Filho)

Grupo 11 - Turismo e políticas públicas

Quais são as políticas públicas para ampliação do turismo no Brasil e exemplos de outros países? (Emerson E.Caporta)

Grupo 12 - O ensino acadêmico da Geografia do Turismo

-Qual importância que a sociedade dá aos estudos realizados pela Geografia do Turismo? No Brasil, quantas universidades incluem em seus currículos a disciplina Geografia do Turismo? Existe uma formação em nível de Mestrado e Doutorado? (Shirley Roberta Antonio)

**CATEGORIZAÇÃO DAS PERGUNTAS FEITAS À GEOGRAFIA EM SUA INTERFACE
COM O TURISMO - NOITE**

Grupo 1- O turismo e o olhar do geógrafo sobre esse fenômeno

-Podemos estabelecer uma relação direta entre a Geografia Física, a preservação ambiental e o turismo ecológico. No entanto, como podemos relacionar de forma clara a geografia humana e o turismo em geral? (Hilton da Costa Cesário) –

-Podemos afirmar que a principal relação entre a Geografia e o Turismo encontra-se no turismo ecológico? (Hilton da Costa Cesário)

-Que instrumentos teóricos e práticos têm a Geografia para a análise e compreensão do fenômeno turístico? (Lorenzo Giuliano Bagini)

-Como fazer uma Geografia social do turismo? (Lorenzo Giuliano Bagini)

-Até que ponto podemos associar o turismo à exclusão social? (Lorenzo G. Bagini)

-Como podemos relacionar o Turismo com a Geografia? (Mário Izumi Saito)

-Como o turismo influi na formação e no cotidiano (principalmente em um território) de uma determinada sociedade? Como inserir esta sociedade dentro da História deste “Território Turístico”, e como fazer desta história, uma história onde esta sociedade se reconheça. (Simone C. de Lira)

Grupo 2 - Avaliação turística

-Como podemos avaliar ao turismo histórico em uma cidade como São Paulo? (Mário Izumi Saito)

- Como a geografia de um lugar pode ser aproveitada pelo turismo (Evandne José da Silva)
- Como, através da Geografia, implementar um planejamento turístico numa área ainda não explora turisticamente? (Flávia Aurélio Garcia)
- Como elaborar um projeto turístico? (Kiyoko Agelune Miyahira)

Grupo 3 – O papel do geógrafo

- Até que ponto o geógrafo pode/deve incentivar o turismo ecológico, limitando-se à exploração e a conservação do ambiente? (Cláudio Aparecido Miranda)
- Em que aspectos, dimensões e onde o geógrafo pode trabalhar com o turismo? O geógrafo é requisitado ou importante nesse tipo de atividade? (Ricardo S. Nader)
- Em quais campos do turismo o geógrafo tem maior abertura para atuar? (Isabel Cristina C. González)
- Quais instrumentos o geógrafo precisa ter para atuar no campo do turismo? (Isabel Cristina C. González)
- Qual a aplicação prática da teoria geográfica no mercado do turismo?(Rodrigo José C. Loretti)
- Qual é a influência da geografia no turismo atualmente e quais as propostas? (Rodrigo José C. Loretti)

Grupo 4 - Institucionalização do Turismo

- As Instituições públicas responsáveis pelo turismo no Brasil e a estrutura administrativa dos órgãos que cuidam da preservação no Brasil (Adriano Nogueira Zerbini)
- Como o planejamento parte integrante da geografia, lida com a questão do turismo? Existe um planejamento "oficial" do turismo? (Marília Araújo Roggero)

Grupo 5 – Geografia, Turismo e sustentabilidade

- Quais as contribuições das reuniões ecológicas mundiais em relação à atividade turística? Quais são cumpridas e por quais países? Quais não aceitam? Como são implementadas e representadas as propostas definitivas? Por quais órgãos? (Sílvia Mara Rejani Leal)
- O turismo é uma ciência interdisciplinar? Qual seu objeto de estudo?(Gilberto Gentil Júnior)
- A geografia do turismo se prende principalmente à prática do turismo ou ao lugar turístico? (Evandne José da Silva)
- O turismo segrega o espaço? (Marília Araújo Rogero)
- Como trabalhar com os impactos causados pelo turismo?(Flávia Aurélio Garcia)

-Como quantificar e amenizar o impacto causado pela atividade turística nas comunidades nativas de tal região? Quais os cuidados que devem ser tomados ao estimular o turismo ecológico, para que este não cause danos ao ecossistema? (Kiyoko Agelune Miyahira)

-Até que ponto o desenvolvimento sustentável se aplica ao turismo? É possível acreditar em um verdadeiro turismo ecológico? (Mayra Barbosa Pereira)

-Como os recursos gerados pelo turismo podem ser revertidos às populações locais? Como criar uma atividade turística sem modificar o lugar de exploração? (João Carlos P.S. Corrêa)

Grupo 6 - Turismo no Brasil: estudos de casos

-Como os índios consideram e qual a abertura deles em relação ao turismo? -Como se situa o turismo na Amazônia, por exemplo: “uma região de conflitos”? (Sílvia M. R. Leal)

-Onde se encontram as publicações de compilação estatística sobre a atividade de turismo no Brasil? Quais são? (Gustavo L.G. Nobre)

-Por que o Brasil, sendo um país tão diversificado (culturalmente, climaticamente, etc) está tão aquém no turismo em relação aos países desenvolvidos? Será só pela questão do subdesenvolvimento? (Encarnação A F. Barreto)

Grupo 7 - Segmentação do Turismo

-Existem (quantos, quais são) empresas/corporações que promovem turismo de negócios e, ao mesmo tempo, encontram-se no como (são proprietários de hotéis, agências, empresas de transportes, etc)? (Gustavo L.G. Nobre)

-Quais são atualmente, os principais nichos de mercado para o turismo? Onde o turismo tem sido mais lucrativo? (Encarnação A F. Barreto)

Grupo 8 - Impactos do turismo

-Como regular a voracidade com que o turismo demanda a vida local? O turismo sexual sendo maquiado como um turismo que gera divisas e desenvolvimento, sendo que na verdade, ele se torna um problema social. (Paulo A de Almeida Pinto).

-Sendo o espaço categoria de análise da geografia, como o turismo se relaciona com esse espaço? (Márcio G. de Oliveira)”

Ao confrontar os dados do Programa do Curso com as questões problematizadoras apresentadas pelos alunos das duas turmas observamos que alguns temas são recorrentes. Isso já estava previsto, ou seja, algumas

das questões problematizadoras apresentadas pela turma já tinham sua abordagem garantida nos temas e na estrutura conceitual do programa do curso. O que fazer com as demais “interrogações cognitivas” (MORIN, 2000, p.116) tornou-se uma questão a ser discutida com a turma. Da discussão concluímos que seu tratamento seria dado na atividade nomeada “trilhas de pesquisa”. A construção de cada trilha se deu ao longo do curso, sob a nossa orientação, com avaliação integradora, processual e apresentação prevista no encerramento das atividades do curso.

Naquele momento, não atinamos para a relevância que essa atividade assumiria no construto da produção do conhecimento durante o curso. As trilhas de pesquisa estimularam a produção de conhecimentos sobre o ecoturismo, guias de turismo, agência de viagens e turismo por contar com alunos que, profissionalmente, já atuavam no ramo.

A trilha que se apresentou como a mais promissora, por sua natureza desafiante, contextualizadora⁴² e globalizadora⁴³ se referiu ao papel/perfil/função do que se convencionou denominar “geógrafo do turismo”⁴⁴. A equipe

⁴² A expressão contextualizadora é aqui usada sob a ótica da complexidade (MORIN, 2000) para significar as condições históricas, culturais e sociais que emergem do conjunto de “indagações cognitivas” que compõem essa trilha de pesquisa.

⁴³ O enfoque globalizador, segundo Zabala (2000, p.161) envolve “uma situação próxima à realidade do aluno, que seja interessante para ele e lhe proponha questões às quais precisa dar resposta”. Ora, a questão posta pela trilha implica na busca de resposta para uma questão real e que diz respeito a todos, qual seja, a ampliação da visão de um futuro profissional.

⁴⁴ No exame de qualificação, fomos interpeladas pela Profa. Dra. Rita de Cássia Ariza da Cruz: “Seria o curso de graduação em Geografia a instância formadora do ‘geógrafo do turismo’?” Diante da complexidade que envolve a produção do espaço turístico, fomos convencidas de que se trata de uma especialização e, como tal, sua instância formadora seria a Pós-Graduação. Na graduação, a abordagem geográfica do turismo teria a finalidade de provocar indagações cognitivas de adentramento à base conceitual que estrutura os espaços turísticos.

responsável por ela, além da pesquisa de gabinete, organizou um instrumento de coleta de dados através de entrevistas on-line, com geógrafos de destaque no mundo acadêmico brasileiro. Coincidentemente, esses geógrafos (CRUZ, PORTUGUEZ e MARTINELLI) compõem o universo da pesquisa de que trata a parte 3, desta tese.

Duas palestras foram propostas e realizadas com o objetivo de clarear ainda mais a estrutura conceitual em construção, além de oportunizar a discussão com especialistas na produção desse conhecimento acerca de questões pertinentes ao desenvolvimento das atividades. Os palestrantes convidados foram a profa. Dra. Rita de Cássia Ariza Cruz (Unibero) que apresentou o tema “Abordagem Geográfica do Turismo” e o Prof. Dr. José Bueno Conti (USP), que discorreu sobre “Ecoturismo, Paisagem e Geografia”.

Na sala de aula, a cada dia, aumentava a participação da turma na realização das atividades programadas, seja agregando saberes e fazeres às reflexões em curso, seja acolhendo sugestões de interferência no conteúdo-forma em processo.

A integração das duas turmas foi facilitada na medida em que foi possível, tanto flexibilizar o trânsito dos alunos entre os turnos, temporariamente ou de modo definitivo, quanto mesclar a composição dos grupos em trilhas de pesquisa e, sobretudo, nas atividades de campo realizadas.

Entre as atividades de campo o destaque, pela variedade e riqueza das atividades envolvidas, foi o destino turístico do Parque Nacional do Iguaçu, no estado do Paraná. O desafio foi contextualizar e globalizar o conhecimento em processo no curso com situações simuladas em campo.

Convidados a participar da organização das estratégias, os alunos demonstraram criatividade nas proposições, entre elas:

- A simulação da atividade profissional de guia de turismo tendo os colegas, organizados em grupo, como protagonistas. Cada grupo de alunos seria responsável pela produção do folder contendo as informações turísticas de cada uma das paradas previstas ao longo do percurso, de São Paulo à Foz do Iguaçu, via Curitiba. No local, os demais colegas simulariam o papel de turistas curiosos.
- A organização de um questionário destinado aos turistas reais presentes no PN Iguaçu, com envolvimento de todos os colegas nas entrevistas.

No retorno, cada grupo fez o devido tratamento das informações coletadas sob a forma de relatório, apresentou para discussão e procedeu à avaliação das atividades realizadas.

O currículo do curso, em construção, com seu programa, roteiros de aulas, atividades em sala, trabalhos de campo, práticas socioespaciais dos alunos, textos complementares e os endereços de e-mail foram disponibilizados em página eletrônica⁴⁵ criada durante o processo. Sua criação teve como finalidade o compartilhamento dessa experiência com outros professores que ministravam essa disciplina naquela época, bem como possibilitar, aos alunos, o acompanhamento do cotidiano do curso. Posteriormente o site foi desativado.

Como soe acontecer nas instituições públicas de ensino superior do país, entraram em greve alunos, professores e funcionários dos departamentos que compõem a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP,

⁴⁵ www.geoturusp.hpg.com.br

entre eles o de Geografia, no período que se estende de meados de maio a meados de agosto de 2002.

No retorno às aulas após a greve, as turmas se apresentaram desmotivadas frente aos insuficientes resultados alcançados na negociação. O tempo restante foi usado para finalização e apresentação das trilhas de pesquisa, complementação da estrutura conceitual e avaliação do curso.

Dados importantes ficaram registrados a partir da experiência relatada, além do interesse dos graduandos em cursar a disciplina Geografia do Turismo e da demanda ter sido maior do que a oferta de vagas:

- Índice insignificante de evasão;
- Envolvimento de todos no processo construtivo do conhecimento;
- Nitidez para a descoberta e os contornos de um nicho de mercado profissional dos mais promissores para a ação do geógrafo, nas questões problematizadoras que deram forma/conteúdo à trilha da pesquisa “Geógrafo do Turismo: que profissional é esse?”

A experiência vivenciada foi compartilhada com os professores e alunos presentes no grupo de trabalho de educação do VI Encontro Nacional de Turismo com Base Local, Campo Grande - MS, em outubro de 2002.

A avaliação final, integradora, foi a elaboração de um texto auto-avaliativo do curso. Frente ao significado dos dados apresentados, a Profa. Dra. Regina Araújo de Almeida encaminhou à instância competente a solicitação de aumento da carga horária semanal destinada à disciplina, de quatro para oito aulas semanais.

Esperamos que o relato dessa experiência possa contribuir para o somatório de definições pelas quais passam os cursos de graduação em Geografia.

3 – OS CURRÍCULOS NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Os dados relativos à parte 3 desta tese comprovam que 21 instituições de ensino superior que oferecem o curso de pós-graduação *strictum sensu* em Geografia têm contribuído com um volume de 162 produções na abordagem geográfica do turismo. Mais que isso, passados 30 anos, desde a primeira tese defendida, podemos nos referir a um conhecimento brasileiro na área de interseção da Geografia com o Turismo.

Diante desse cenário torna-se pertinente colocar a seguinte indagação: É relevante a inserção de uma abordagem geográfica do turismo na grade curricular dos cursos de graduação em Geografia?

A UGI considera que sim. Tanto que, há mais de 30 anos, institucionalizou a Geografia do Turismo, Ócio e Recreação como disciplina autônoma no âmbito dos estudos e pesquisas geográficas. Portanto, há uma clara sinalização para sua inserção nos cursos de formação de geógrafos.

Professores do universo de nossa pesquisa concordam com a relevância da inserção da disciplina “Geografia do Turismo” no currículo dos cursos de graduação em Geografia.

Essa concordância está explicitada em alguns pronunciamentos. Ouçamos suas vozes:

“A Geografia do Turismo é uma disciplina fundamental para a formação do geógrafo e do bacharel em turismo, bem como para oferecer subsídios na área do planejamento territorial e da análise espacial do fenômeno do turismo através das pesquisas e estudos que se realizam sob o foco da mesma”.

Prof. Dr. Marcus Aurélio Tarlombani da Silveira, docente da cadeira de Geografia do Turismo, DG-UFPR desde 1990.

“A Geografia tem muito a contribuir para os estudos sobre turismo e é por este caminho - o turismo como um campo de investigação dos geógrafos - que se tem enriquecido o campo de trabalho desses profissionais. [...] Os geógrafos têm [...] uma enorme contribuição a dar para o planejamento do turismo. Essa contribuição pode se traduzir por meio de pesquisas e da construção de um conhecimento sobre o turismo e seus desdobramentos socioespaciais. Este conhecimento poderia subsidiar teoricamente as práticas de planejamento. Outra contribuição importante seria pelo envolvimento em equipes multidisciplinares de trabalho (...)”

Profa. Dra. Rita de Cássia Arisa Cruz, professora da disciplina Geografia do Turismo, DG-USP.

“Turismo implica obrigatoriamente em deslocamento pelo espaço. Deste modo, a base socioespacial figura como a ‘matéria-prima’ do turismo, de maneira que o espaço não pode, sob nenhuma hipótese, ser negligenciado pelos profissionais do setor. Daí a necessidade de atuação dos geógrafos, cumprindo-lhes o papel de pesquisa, planejamento, manejo dos recursos socioambientais, controle de uso, gestão, entre muitas outras atividades que se referem à investigação e ao planejamento dos territórios turistificados ou em vias de turistificação.”

Anderson Pereira Portuguez, coordenador do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Científico da Unilinhares - ES

Do ponto de vista da formação do turismólogo, tomamos de empréstimo a voz de Prof. Dr. Mário Carlos Beni, do Curso de Turismo da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, em entrevista on-line concedida aos alunos da disciplina Geografia do Turismo do DG/USP, em 2002. Ao justificar a importância da abordagem geográfica do turismo nos cursos de formação do geógrafo, o autor sinaliza para algumas pistas que devem ser levadas em conta no processo de formação de um geógrafo com o olhar profissional dirigido ao turismo, como segue:

“[...] Torna-se evidente que, para o turismo, a Geografia tem fundamental importância. É impossível compreender a oferta original de recursos naturais e culturais em seus aspectos diferenciais, sem identificar e compreendê-los corretamente no espaço geográfico. A própria fisiologia da paisagem e a observação criteriosa de seus componentes envolve uma maior sensibilidade de percepção e análise do espaço físico-ambiental. [...]”

Observa-se uma convergência em opiniões de eminentes professores que emprestam sua voz para justificar a relevância de uma abordagem geográfica do turismo na formação do geógrafo. Acima de tudo é necessário que os centros políticos de decisão reconheçam essa relevância, principalmente para definição de objetivos a curto, médio e longo prazo e para a indispensável alocação de recursos financeiros, a fim de que se cumpram metas e programas.

Acrescentamos que, através dos estudos que realizamos ao longo deste doutorado, evidenciamos não só a necessária inserção da disciplina Geografia do Turismo nos currículos e programas dos cursos de formação do geógrafo. Mais que isso, esses estudos apontam para o grande desafio de renovação do próprio construto epistemológico da área de interseção da Geografia com o Turismo, para adequá-lo à realidade de um espaço

globalizado pelas relações capitalistas de produção. Posto de outro modo, uma tarefa desafiante está colocada aos docentes e pesquisadores dessa área de interseção: a produção teórica do espaço turístico no movimento das mudanças globais de construção do espaço da sociedade pós-moderna.

É necessário trazer para o centro de discussão a defesa da inserção da disciplina Geografia do Turismo nos cursos de licenciatura em Geografia com vistas à formação do professor de Geografia cuja atuação é na escola básica, por razões de cunho profissional, cultural/ecológica e didático-pedagógico, como se aponta a seguir.

- Como meio de propiciar aos jovens uma visão de futuro, ao descortinar o elenco de possibilidades que a atividade turística oferece enquanto campo profissional.
- Como tema formador de uma educação para o turismo, ao despertar o educando, tanto para a “arte de viajar” como para a “arte de receber”, através do exercício da solidariedade, da convivência saudável, da cooperação, da admiração e respeito ao patrimônio ambiental e cultural.

Como parte do somatório de ações que podem contribuir para as necessárias mudanças nos currículos e programas da escola básica. Isso se refere à transversalização dos conteúdos pela educação ambiental, patrimonial e turística, tecidas interdisciplinarmente, no processo construtivo de um raciocínio espacial.

Posto isso, rememoramos o exaustivo rastreamento junto às unidades de ensino superior do Brasil que ofereceriam a disciplina Geografia do Turismo. Chegamos ao seguinte resultado: quatro Departamentos de Geografia, num universo superior a cinquenta universidades públicas! Um resultado inexpressivo. São eles: DG da FFLCH da Universidade de São

Paulo; DG da Universidade Federal do Paraná; DG da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais e DG da Universidade Estadual Paulista/Campus de Rio Claro, São Paulo. Esse cenário está relacionado a dificuldades em nível teórico e metodológico.

Ouçamos as vozes de coordenadores de cursos de graduação em Geografia⁴⁶,

“Não há professores especializados no tema. A abordagem de turismo é efetuada dentro de outras disciplinas do Curso – Geografia Urbana, Geografia Cultural, Geografia da Zona Costeira etc... O Curso de GEA da UFRGS tem tradição por abordar questões de Análise Ambiental e Análise Territorial. Entretanto, ainda não individualizamos a disciplina específica de GEA do Turismo, tema que vem ganhando importância a cada dia. Temos um doutorando neste tema aqui na UFRGS.”

Prof. Dr. Nelson Gruber, Coordenador do Curso de Geografia da UFRGS

“O Currículo atual (do início da década de 1990) não contempla. No entanto, a proposta curricular para ser implementada a partir do 1º semestre de 2005, inclui esta disciplina.”

Prof. Dr. William Ferreira Coordenador do IG-UFU

“O Departamento de Geografia é responsável também pelo curso de turismo da UFMG. A reforma curricular, em curso, poderá inserir a disciplina na grade curricular no futuro. Ainda não foram realizadas discussões a respeito.”

IGC-UFMG

⁴⁶ As falas foram obtidas através de entrevista por meio eletrônico realizada em 2004 “por não se dispor de nenhuma outra fonte para abordar o tema em discussão”, como afiança o Manual de Elaboração de Referências Bibliográficas. São Paulo: Atlas, 2001, p.106.

Parece existir reconhecimento da relevância da inserção dessa disciplina na grade curricular do curso de formação do geógrafo, porém sua oferta é postergada em razão da atual indisponibilidade de professores com conhecimento específico para a sua docência.

A caminhada para a tarefa de construção de uma competência para a prática educativa na abordagem geográfica do turismo nos cursos de graduação em Geografia, embora com a oferta postergada, parece indicar um traçado promissor. As pistas até aqui encontradas contam com três aportes: o *tour* epistemológico pelos modelos analisados na parte II; a base conceitual e temática das produções de dissertações e teses que conformam o conhecimento brasileiro da abordagem geográfica do turismo e o relato da experiência do item 3 desta parte. Entretanto, não se esgota aí a construção desta base estrutural. Um outro aporte, não menos importante, tem seu construto na seguinte questão: que contribuições análises de currículos de outros países podem oferecer à construção dos cotidianos educativos da formação do geógrafo brasileiro.

Na busca de uma resposta, consideramos a contribuição do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Brasil, e de mais cinco países. São eles: Estados Unidos; Canadá; Itália; Espanha e Costa Rica.

Ao tomarmos essas amostras como referência, identificamos, inicialmente, conceitos estruturantes da “Geografia do Turismo” e do “Turismo” contidos na apresentação, objetivos e conteúdos de cada um dos programas. Apresentamos os conceitos e os temas de cada programa mapeados e analisados a seguir. Iniciaremos pelo programa dos Estados Unidos da América.

**“GEOG 3430
Geography of Tourism**

**Instructor: Dr. Rudi Hartmann
University Of Colorado – Campus de Denver**

Class Hours: Mondays and Wednesdays 2:30 – 3:45 p.m., NC 3529
Office Hours: Tuesdays 11:30 – 12:30, NC 4017C
For Messages: Telephone: 556-5296 (office) or 744-6824 (home)
E-Mail: rudi.hartmann@cudenver.edu
Mail: Geography Dept Office (Campus Box 172)
Web Site: <http://carbon.cudenver.edu/~rhartman>

Geography of Tourism: A geographic analysis of trends in recreation, travel, and tourism and their economic, social and environmental impacts. An examination of growth and change in resorts and tourist destination areas.

The course will focus on recent trends in tourism development including in eco tourism/nature based tourism, heritage tourism, urban tourism, casino development/amusement parks and ski resort development, in particular in Colorado and the Rocky Mountain West.

Required Readings

Williams, Stephen, *Tourism Geography*, London: Routledge 1998. A few additional items such as articles and excerpts from other textbooks will be occasionally handed out.

Grades

Grades are assigned on the basis of two exams, a mid-term exam and a final exam (33 % each). A main requirement is a student paper (with presentation of the major findings in class) on a chosen or given topic. It accounts for 16.6 %. The remaining 16.6 % are based on class participation and attendance as well as participation in 3 field trips. Participation in one of the field trips is required, participation in two field trips is recommended, and participation in all three field trips will result in extra credits.

The mid-term exam is scheduled for October 23, the final exam for the finals' week. Students who miss one of the two exams and have a documented medical or other deferment excuse will get another chance in a substitute test. Students are required to attend at least 70% of the classes scheduled.

Dropping courses policies: Beginning September 5, students must use a Complete Schedule Adjustment Form (instructor's signature required). After October 28 any adjustments to the student's schedule require a petition and special approval from the dean's office.

The enclosed preliminary schedule is subject to change.

Course Schedule

Day	Topic	Williams
Aug 19/21	Intro to Course and to Geography of Tourism	Chapter 1
Aug 26/28	History of Leisure/Holidays/Resort Areas Trends in Recreation, Travel and Tourism	Chapter 2/3
Sept 4	Tourism as an Agent of Change	Chapter 7

	Title and short description paper is due	
Sept 9 + 11	Tourism Dynamics: Models of Growth and Change in Tourist Destination Areas	Chapter 2 + Additional R
Sept 16 + 18	Sustainability in Tourism Development	Ch. 5/6
Sept 23	The Tourism System/Components of the Supply Side	Chapter 4 + Additional R
Sept 30/Oct 2	Ski Resort Development	Additional R
October 4	Field Trip to Vail, Beaver Creek, Minturn	
Oct 7/9	Eco Tourism	Additional R
Oct 9	Short Version of Paper Due	
Oct 14/16	National Parks, National Forests, Wilderness Areas	Additional R
Oct 19	Field Trip to Rocky Mountain National Park/Estes Park	
Oct 21	State Parks in Colorado, Preview of Mid-Term	
Oct 23	Mid-Term Exam	
Oct 28/30	Urban Tourism/Parks in Metro Denver	Additional R
Oct 30	Field Trip Downtown Denver/LoDo Historic District	
Nov 4/6	Amusement Parks/Casino Development	Chapter 7/8
Nov 11	Heritage Tourism/Tourism to Historic Sites	Chapter 7/8
Nov 12	Paper (Complete & Final Version) Due	
Nov 13 + 18	Student paper presentations & special themes	
Nov 20 + 25		
Nov 27		
Nov 28	Thanksgiving Day	
Dec 2/4	Future Directions in Tourism	
Dec 9/11	Final Exam during Finals' Week/Substitute Tests	
	Field Trips	
	October 4 (Friday), 7:30 – 5:00	

Ski Resort Development: Meetings in Vail, Beaver Creek, National Forest Service in Minturn
 October 19 (Saturday), 7:30 – 5:00
 Tourism to National Parks/Gateway Cities: Meetings in Estes Park, Rocky Mountain National Park (Park Headquarters), inside Park.
 October 30 (Wednesday), 4:30 – 7:30 (+ Social Get-Together afterwards)
 Walk through Denver Downtown/LoDo

Guidelines for Paper/Presentation

Your paper/presentation accounts for 16.6% of your overall grade.

Deadline: Nov 12 (Tuesday) paper is due

Presentation of paper in sessions Nov 13 + 18 + 20 + 25 + 27

Format and length of paper:

10 to 12 pages long including title page and a reference/bibliography page at the end of the paper (which means 8 to 10 pages text typed double spaced, 12 to 14 point font, normal margins).

Your paper could and should have additional materials/enclosures such as maps, tables, diagrams, photographs etc. at the end of the text/reference section.

Research/Libraries/Sources:

Research your chosen topic carefully, in particular at the Auraria library, for books, articles, maps, government documents, internet sources etc.

There are a larger number of useful libraries in the Denver Metro Area including the Denver Public Library, DU Library and Norlin Library at CU Boulder.

Use these sources (with very helpful people at the information desk) and other experts for the research of your paper. You should have 5 to 15 references. If you use internet sources (not

more than three, please enclose a printout of the used materials).

For your presentation in class: have a summary of the major points of your paper (of about 1 to 2 pages) for your fellow students ready. Give a lively presentation, of about 15 minutes, with visual materials such as maps, posters etc. Prepare a presentation that is interactive with the fellow students in your class by asking them questions, soliciting views etc.

Evaluation Key:

10 points max. for contents (wealth of information, research efforts etc.)

10 points max. for written presentation of paper (clarity of organization & lay-out, style & creative writing etc.)

10 points max. for oral presentation of paper/major points in class

15 points max. for overall impression including meeting all the requirements and the deadlines.

45-41 points A, 40 A-, 39 B+, 38 B, 37 B-, etc. “

Disponível em <http://carbon.cudenver.edu/~rhartman/geog3430.htm>

Acesso: 04 jan. 2005

**Estrutura conceitual e temática do Programa de Geografia do Turismo –
Denver - USA**

Quadro 5

Estrutura conceitual	Temas/Tópicos
<ul style="list-style-type: none"> • Recreação • Entretenimento • Viagens e turismo • Impactos • Destinações turísticas • Modalidade: turismo urbano, turismo cultural, turismo de natureza e turismo de cassino 	<ul style="list-style-type: none"> • História do lazer, férias e áreas de <i>resort</i> • O turismo como agente de mudança • Modelos de espaços turísticos • Tendências de segmentação do mercado: ecoturismo, <i>resorts</i>, turismo urbano, turismo cultural, turismo em áreas protegidas, turismo de cassino • Sustentabilidade e desenvolvimento turístico • Sistema turístico • Futuras destinações turísticas

Fonte: Castro (2006)

O programa norte-americano é o que reúne o menor número de conceitos em relação aos demais. O que o diferencia é o foco da abordagem temática, privilegiando os conceitos relacionados à recreação e ao entretenimento. Pode-se dizer que a ênfase é dada à Geografia da Recreação, não à Geografia do Turismo. Parece supervalorizar o conceito modalidade do mercado turístico (cultural, cassinos, de natureza, em parques urbanos, em parques nacionais e regiões selvagens, estações de esporte de inverno) do ponto de vista da **recreação**.

O programa evidencia, em seu contexto, uma dimensão formativa ao incluir a questão desafiante do uso dos territórios turísticos: os impactos e a sustentabilidade. Sua orientação teórico-metodológica está em conformidade com as orientações sugeridas pela UGI, na década de 80 do século XX.

“CANADÁ
GÉOGRAPHIE DU TOURISME (320-216)
PROFESSEUR: DENIS BRUNEAU, BUREAU C-1651 (975-6357)
COLLÈGE MONTMORENCY H-99

DESCRIPTION

Ce cours abordera par une approche géographique l'importance du tourisme dans le monde et au Québec, de ses relations et de ses liens avec les autres champs d'analyse (culturelle, économique et environnementale). Il permettra de reconnaître et d'analyser le fait touristique dans toutes ses dimensions.

OBJECTIFS

- Identifier les caractéristiques du tourisme
- Identifier et analyser les facteurs géographiques (physiques et humains) du tourisme
- Situer et reconnaître le rôle économique du tourisme.
- Reconnaître les principales régions touristiques dans le monde et au Québec
- Réaliser l'apport qu'a le tourisme sur la perception du monde.
- Faire une synthèse en organisant intelligemment un itinéraire de voyage.

MÉTHODOLOGIE

Le contenu du cours sera présenté de façon magistrale en classe. Le matériel cartographique et audiovisuel et de sessions en laboratoire informatique (à confirmer) serviront de base aux travaux pratiques (individuels et en équipe) exécutés en classe ou à la maison.

CONTENU CALENDRIER

• **Introduction** - 1ère semaine

Présentation, les notions de base, la typologie des touristes.

Objectifs spécifiques: Reconnaître les caractéristiques de base ainsi que les grandes subdivisions du tourisme.

Travaux pratiques: Carte muette: les premiers itinéraires, calculs de distances.

• **L'évolution du tourisme** - 2è semaine

Les grandes périodes d'évolution du tourisme: L'antiquité, le Moyen Âge, la renaissance et l'époque contemporaine.

Objectifs spécifiques: Reconnaître les caractéristiques principales de chaque période historique, analyser les facteurs d'évolution du phénomène touristique.

Travaux pratiques: Grille d'analyse. Début du travail de session choix des équipiers et du sujet.

• **Les éléments physiques, humains et techniques.** 3è à 6è semaine

Les facteurs d'attraction physiques et humains du potentiel touristique, les effets du tourisme sur l'environnement physique et humain. Santé et voyages.

Objectifs spécifiques: Connaître et inventorier les différents types d'attrait touristiques, connaître et analyser la relation entre l'activité touristique et le milieu physique et humain.

-Travail pratique : Analyse du potentiel touristique d'une région. Études de cas: Le Mexique et le Mont Tremblant. Approbation du sujet du travail de session et plan détaillé

-EXAMEN INTRA 15% 5è semaine

• **Le tourisme international** 7è à 9è semaine

Les flux touristiques, pays émetteurs et pays récepteurs de touristes, l'importance économique du tourisme international et le tourisme dans les pays en voie de développement (PVD), les grandes régions touristiques dans le monde.

Objectifs spécifiques: Caractériser les grandes régions touristiques de la planète, connaître les différents rôles (économique et socioculturel) des activités touristiques.

Travail pratique: Les flux touristiques : analyse statistique et cartographique.

Le cas de l'Espagne (carte et graphiques) et critique du tourisme dans les PVD.

EXAMEN INTRA 15% 10è semaine

• **L'industrie touristique au Québec** (section 9) 12è à 14è semaine

Bref historique, la villégiature, les régions touristiques et leurs attraits, profil de l'industrie touristique au Québec.

Objectifs spécifiques: Identifier les grandes lignes de l'évolution et les caractéristiques du tourisme au Québec, Identifier les régions touristiques et leurs principaux attraits.

Travail pratique : Analyse cartographique d'une région touristique.

EXAMEN SYNTHÈSE 20 % 15è semaine

ÉVALUATION

Trois (3) examens se partageront 50% de la note finale (15% à la 5è sem., 15% à la 10è sem. et 20% à la 15è sem.). Les travaux pratiques totaliseront 25% des points et un travail de session comptera pour 25%.

SOMMAIRE DES ÉVALUATIONS* ÉCHÉANCES

Exercices cartographiques 5% 2^e semaine

Facteurs physiques 3^e semaine

EXAMEN INTRA (15%) 5^e semaine

Plan détaillé et bibliographie (travail de session) 5% 6^e semaine

Commentaire de carte et présentation de données quantitatives (10%) 8^e semaine

EXAMEN (15%) 10^e semaine

Critique du tourisme dans les PVD (5%) 11^e semaine

Exposés oraux (équipes de 4) 12^e et 13^e semaine

EXAMEN SYNTHÈSE (20%) 15^e semaine

PRÉSENTATION DES TRAVAUX

Tous les travaux doivent respecter les critères suivants :

- Page de présentation et bibliographie
- Texte, graphiques, cartes réalisés à l'encre
- Respect des règles de rédaction (structure du texte et paragraphes)
- Pas de mine ou de feutres pour la réalisation des cartes.

RÉFÉRENCES**OBLIGATOIRE:**

Recueil de textes GÉOGRAPHIE DU TOURISME 320-216 (disponible à la boutique) de Bruneau D. et Nadeau D., édition janvier 1998 # 951340

TRÈS UTILE:

Le Grand Atlas, Nouvelle édition actualisée et augmentée, 1998. De Boeck Wesmael, Bruxelles, Belgique, 200 p.

Bernard Dionne, Pour réussir, Guide méthodologique pour les études et la recherche, 3^e édition, 1998.

BIBLIOGRAPHIE:

Aisner, P. et Plüss, C., 1983. La ruée vers le soleil. L'Harmattan, Paris, 287 p.

Anonyme, 1990. Voyages internationaux et santé: vaccination exigées et conseils d'hygiène. Organisation Mondiale de la Santé (OMS), Genève, 94 p.

Besancenot, J.-P., 1990. Climat et tourisme. Masson, Coll. Géographie, Paris, 223 p.

Cazes, G., 1989. Les nouvelles colonies de vacances? Le tourisme international à la conquête du Tiers-Monde. L'Harmattan, Paris, 336 p.

Côté, R., 1983. Le guide du Québec. Ed. La Presse, Montréal, 430 p.

Demers, J., 1992. Paysages et environnements touristiques. Institut nord-américain de recherche en tourisme inc. (INART), Québec, 228 p.

- Demers, J., 1990. Le tourisme dans notre économie. INART, Québec, 218 p.
- Demers, J., 1987. Le développement touristique, notions et principes. Les publications du Québec, Québec, 342 p.
- Harrisson, G., 1976. Geography of tourism. Macdonald & Evans, London, 476 p.
- Haulot, A., 1974. Tourisme et environnement. Marabout, Monde moderne, Paris,
- Lanquar, R., 1989. Le tourisme international. Presses Universitaires de France, Coll. Que Sais-je?, Paris, 128 p.
- Lozato, J.-P., 1985. Géographie du tourisme. Masson, Coll. Géographie, Paris, 175 p.
- Mesplier, A. et Bloc-Duraffour, P., 1997. Le tourisme dans le monde. Bréal, Coll. Histoire et Géographie économiques, Rosny, France. 313 p.
- Michaud, J.-L., 1983. Le tourisme face à l'environnement. Presses Universitaires de France, Le géographe, Paris, 235 p.
- Wackermann, G., 1988. Le tourisme international. Armand Colin, Paris, 279 p.

GUIDES TOURISTIQUES REVUES et JOURNAUX

- Guide Michelin (guide vert) GÉO (périodique) excellent
- Guide Bleu La Presse cahier Voyages (samedi)
- Guide Gallimard Le Devoir (chronique du tourisme le vendredi)
- Guide Hachette National Geographic (périodique: anglais)
- Guide Ulysse Théoros (périodique)
- Le guide du routard Traveller (périodique: anglais) excellent

QUELQUES ADRESSES INTERNET

www.city.net

cartes, plans de villes et info diverses (anglais) www.vtourist.com
 touriste virtuel, site avec sélection cartographique de la région visitée (anglais)
www.fodors.com

Guides touristiques divers pays (anglais) www.world-tourism.org

A. Organisation mondiale du tourisme, statistiques et offices nationaux du tourisme avec quelques liens pour débiter. (anglais) www.ovpm.org

B. Organisation des villes du patrimoine mondial. Données historiques sur les villes et critères de sélection. www.tourisme.gouv.qc.ca/index.html

Site officiel du Gouvernement du Québec. Nombreux liens

C. Politique d'évaluation des apprentissages (PIEA) et politique du département d'Histoire et de Géographie. Exigences particulières et modalités d'application des différents règlements

1. Présentation des travaux.

Les travaux doivent être présentés à l'encre seulement et doivent comporter une page de présentation avec le nom et le numéro du groupe. De plus ceux-ci doivent être remis à la date d'échéance au début de la période de cours. Une pénalité automatique de 10% s'appliquera et 10% par jour de retard.

2. Remise des travaux et évaluations.

Dans le cas de certains travaux, il est possible que le délai de correction dépasse 10 jours ouvrables. Les copies d'examens sont conservées par le professeur.

3. Valorisation de la langue française.

La qualité de la langue (orthographe d'usage, ponctuation et structure) sera notée et contribuera à 10% de la valeur du travail.

4. Absences.

L'étudiant/e qui s'absente à 15% des périodes de cours se verra attribuer une note finale ne dépassant pas 50%. L'étudiant/e a la responsabilité de rencontrer le professeur et compenser son absence dans les plus brefs délais.

Accueil Collège Montmorency
mise à jour le 11 février 1999 par Denis Bruneau".

Disponível em:
<http://www.cmontmorency.qc.ca/sdp/histg/geo/pctour.html>

Acesso: 04 jan 05

Estrutura conceitual e temática do Programa de Geografia do Turismo – Quebec – Canadá Quadro 6

Estrutura conceitual	Temas/Tópicos
<ul style="list-style-type: none"> • Tipologia de turistas • Segmentação do turismo • Atratividades do turismo • Potencial e diagnóstico • Impactos do Turismo • Fluxos turísticos 	<ul style="list-style-type: none"> • Evolução do turismo • Economia do turismo • Regiões turísticas do mundo • Turismo regional: Quebec

Fonte: Castro (2006)

O programa canadense analisado se distingue dos demais por enfatizar: o Sistema Turístico (economia do turismo, características do turismo, fluxos turísticos, países receptores e emissores de turistas); a interface com a História e a Sociologia (fatores de evolução do fenômeno turístico; os grandes períodos de evolução do turismo: antiguidade, idade média, renascença e época contemporânea). É o único que propõe como abordagem o turismo nos países em vias de desenvolvimento. Como o programa americano, o canadense evidencia uma geografia do turismo cujas bases teórico-conceituais mais se diferenciam do que se assemelham àquelas apontadas nos demais programas da amostra. O rol de conteúdos do programa em pauta mostra uma transição entre as referências formuladas pela UGI com um certo grau de autonomia no sentido de adequá-lo a uma Geografia do Turismo do presente, parafraseando o prof. Milton Santos.

ITÁLIA
Geografia del turismo

Prof.ssa Maria Giuseppina LUCIA

Ordinamento: NOD Nuovo ordinamento didattico
 Crediti: 5
 Area: geografica
 Settore: M-GGR/02 Geografia economico-politica
 Durata: Semestrale
 Attivato nel: I semestre
 Sede: Comune di Pinerolo – Provincia di Torino, Regione Piemonte

Obiettivo del corso

Il corso ha come obiettivo quello di fornire, accanto ai tradizionali contenuti relativi alla distribuzione e alla differenziazione geografica del fenomeno turistico, alcuni strumenti per l'analisi, l'interpretazione e la promozione delle attività turistiche come fattore di sviluppo locale: in questa prospettiva, una parte del corso sarà dedicata all'esame e alla discussione delle politiche per il turismo alle diverse scale geografiche.

Programma del corso

1- Aspetti introduttivi

- la collocazione della geografia del turismo nel quadro delle discipline geografiche
- la specificità della geografia del turismo rispetto alle altre discipline turistiche
- alcuni concetti e strumenti della geografia economica applicabili all'analisi territoriale del fenomeno turistico

2 - L'analisi geografica dei fenomeni turistici

- il concetto di risorsa turistica
- domanda e offerta di turismo e livelli di sviluppo economico
- i tre "momenti" del fenomeno turistico e le problematiche territoriali ad essi connesse
- l'analisi statistica del fenomeno turistico in una prospettiva geografica
- la rappresentazione cartografica del fenomeno turistico

3 - I flussi turistici nel mondo

- le dimensioni dell'espansione del fenomeno turistico
- la distribuzione dei flussi turistici nel mondo
- le principali aree turistiche nel mondo e le loro tipologie
- un approfondimento: le aree turistiche in Europa

4 - Le politiche per il turismo

- i soggetti delle politiche del turismo
- le politiche del turismo alle varie scale geografiche
- un esempio: l'asse turismo nell'azione dei Fondi strutturali comunitari in Piemonte
- politiche del turismo e ambiente: il "turismo sostenibile"

Testo di base

P. INNOCENTI, Geografia del turismo (2° ed.), Nuova Italia Scientifica, Roma, 1996.

Altri testi di riferimento a carattere manualistico:

J. P. LOZATO-GIOTART, Geografia del turismo (2° ed.), Angeli, Milano, 1990.

M. FREGONESE, C. MUSCARA', Gli spazi dell'altrove, Pàtron, Bologna, 1983.

Lo studente dovrà peraltro far riferimento, per la preparazione dell'esame, anche ad ulteriori materiali didattici indicati o forniti dal docente durante lo svolgimento del corso.

Modalità d'esame

-L'esame prevede una prova scritta da sostenere al termine del corso ed una prova orale integrativa (obbligatoria).”

Disponível <http://www.econ.unito.it/corsi/info/geoturpi>

Acesso: 15/06/04

Estrutura conceitual e temática do Programa de Geografia do Turismo – Pinerolo – Itália

Quadro 7

Estrutura conceitual	Temas/Tópicos
<ul style="list-style-type: none"> • Território turístico • Demanda e oferta • Espacialidade turística • Desenvolvimento local • Diferenciação geográfica • Políticas de turismo • Representações turísticas • Recurso turístico 	<ul style="list-style-type: none"> • Turismo e sustentabilidade • O turismo como fator de desenvolvimento local • Cartografia do turismo • A geografia econômica aplicada na análise territorial do turismo • A análise estatística do turismo na perspectiva geográfica • Expansão do fenômeno turístico • Distribuição do fluxo turístico no mundo • Políticas de turismo em múltiplas escalas

Fonte: Castro (2006)

O programa italiano tem por meta uma abordagem geral do turismo e desenvolve a temática de modo objetivo e didático. Apresenta um cuidado especial ao situar o lugar da Geografia do Turismo em relação à Geografia, ao Turismo e à Recreação, diferenciando-se dos demais em sua organização. A proposta tem foco tanto nas questões relacionadas à tradição da abordagem turística, tal como a distribuição e a diferenciação geográfica do turismo, quanto em análises e interpretações do turismo como fator de desenvolvimento local, chegando às discussões das políticas de turismo em diversas escalas geográficas. Sob essa ótica, o programa do curso é dividido

em quatro itens: introdução, análise geográfica do turismo, fluxos turísticos no mundo e política de turismo. Nessa análise, atribuímos um peso equivalente à abordagem da área de interceção da Geografia com o Turismo e à abordagem do Turismo.

“ESPANHA

Asignatura: Geografía del Ocio y del Turismo Año académico: 2004-05 Código: 10937307 Titulación: Licenciatura de Humanidades Carácter: Optativa Ciclo: 1º Curso y Grupo: 1º, 2º Créditos teóricos: 4 Créditos prácticos: 2 Descriptor: Los espacios del ocio. Análisis del fenómeno turístico y su impacto en el espacio geográfico Departamento: Historia, Geografía e Historia del Arte Área de Conocimiento: Geografía Humana Espanha Profesor/es: D. Pedro Tirado Bermejo, Profesor Titular de Escuela Universitaria

OBJETIVOS

Una de las tareas fundamentales de la Geografía es analizar las relaciones hombre-medio. Muchas de las actividades de ocio, y el turismo en particular, tienen una fuerte impronta espacial, tanto por la importancia que en su desarrollo tienen los atractivos (paisajísticos, históricos, artísticos...), de cada área, como por los procesos territoriales que implica.

La asignatura analizará el significado actual de ocio y de turismo, y la relación entre ambos. Se tratará de caracterizar los espacios de ocio y de turismo, de conocer los grandes flujos y los principales centros de turismo y de analizar las variables fundamentales que influyen en el turismo. Así mismo, se estudiarán las estrategias de localización de las empresas y los procesos territoriales desencadenados por los diferentes tipos de ocio y de turismo y sus implicaciones sociales y espaciales. Finalmente se aplicarán estos conocimientos a caracterizar el espacio turístico almeriense y a proponer y discutir nuevas posibilidades de explotación. La idea es que el alumno sepa situarse sobre el territorio, comience a conocer su dinámica y adquiera iniciativa responsable sobre sus potencialidades turísticas.

TEMARIO

Tema 1

Concepto y contenido del ocio y del turismo. Turista-visitante-excursionista. Delimitación de la actividad turística, solapamiento y relación con otros sectores. Importancia económica. Los flujos turísticos. Distribución de los grandes centros turísticos mundiales. La evolución reciente del turismo. La revolución de los transportes, el boom turístico. El ocio y el turismo en nuestros días, el "turismo de calidad". La oferta y la demanda. Constreñimientos: estacionalidad y localización. Fuentes: estadísticas, literarias, fotográficas, guías, encuestas...

Tema 2.

La Geografía del turismo. Caracterización de los espacios turísticos: atractivos, potencialidades y usos. Pautas de distribución espacial de la oferta y la demanda. Flujos turísticos y su dinámica. Características socioeconómicas y hábitos. Imagen y percepción del espacio turístico. Los impactos del turismo: espaciales y sociales. El turismo y la ordenación del territorio.

Tema 3.

El espacio turístico. Delimitación y evaluación. Tipología de los espacios turísticos según el marco geográfico y según la actividad desarrollada. Factores de localización del fenómeno turístico: naturales, socioeconómicos, técnicos. Factores de atracción y actividades complementarias.

Tema 4.

La oferta y la demanda. La demanda (hábitos y preferencias por nacionalidad, rasgos socioeconómicos). La oferta (tipología, atractivos turísticos, ventajas comparativas). La empresa turística: organización (de las grandes cadenas a las empresas familiares), estrategias espaciales, estacionalidad, agentes intermediarios.

Tema 5.

Política y legislación. La influencia de la legislación urbanística y de la política turística regional, nacional y europea. El Programa Futures y el Programa DIA. Instrumentos de gestión del territorio turístico. Los planes estratégicos, los planes de excelencia turística, las figuras de protección de espacios naturales y conjuntos históricos. Repercusiones sobre la dinámica empresarial. Repercusiones locales. Problemas de la planificación turística.

Tema 6.

El turismo de sol y playa. Vigencia del modelo. Recoversión de espacios tradicionales.

Tema 7.

Turismo de montaña.

Tema 8.

Turismo y ocio urbano. Turismo de negocios y turismo cultural. El ocio urbano. La función del ocio en la ciudad. Espacios de ocio urbanos: tipología, distribución espacial y dinámica urbana.

Tema 9.

Turismo rural y segunda residencia. ¿Desarrollo local? El paisaje como recurso. Percepción y evaluación del paisaje. El ocio al aire libre. Los espacios rurales, los espacios forestales y los espacios protegidos. La segunda residencia.

Tema 10.

El espacio turístico almeriense. Caracterización, importancia del sector, atractivos turísticos. Conflictos de uso y modelo territorial.

PRACTICAS

Práctica 1. Fuentes para el estudio del turismo. Ejercicios.

Práctica 2. Excursión y trabajo guiado: Potencialidades turísticas por desarrollar.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ÁLVAREZ, A. (1994), El ocio turístico en la sociedades industriales avanzadas. Ed. Bosch. Barcelona.

BAYÓN MARINÉ, F. (1991), Ordenación del turismo, Madrid, Síntesis, serie Biblioteca Jurídica de Turismo nº 3

BOULLON, R.C. (1990), Las actividades turísticas y recreacionales, ed Trillas, México.

CALABURG, J.; MINISTRAL, M., Manual de geografía turística de España, Madrid, Síntesis, serie Gestión Turística nº 18

CALLIZO SONEIRO, J., (1991), Aproximación a la geografía del turismo, ed Síntesis.

CAZES, G., (1989), Les nouvelles colonies de vacances. Le tourisme international à la conquete du Tiers Monde, ed L'Harmattan, París.

CLARE, A. (1992). "Redefinición del producto turístico. La experiencia medioambiental", Noticias OMT nº3

Geografía del Ocio y del Turismo (1993), Apuntes para la definición y concepto de turismo rural.

ESCOURROU, P., (1993), Tourisme et environnement, ed. SEDES, París.

FERNÁNDEZ FUSTER, L., (1991), Geografía general del turismo de masas.

FOURNEAU, F. (1994). "Des nouvelles motivations des touristes aux nouveaux produits touristiques: una difficile réadaptation permanente". Desarrollo regional y crisis del turismo en Andalucía, Simposio hispano-francés, pp. 247-263, Almería.

FUSTER LAREU, J. (1991), Turismo de masas y calidad de servicios.

GAVIRIA, L., (1986), "Los procesos de decisión en la producción y consumo del espacio y tiempos turísticos" en Información Comercial Española, nº 53.

INNOCENTI, P. (1994), Geografía del turismo.

LÓPEZ PALOMEQUE, F., (1992), "Modalidades turísticas y tipologías de espacios turísticos. En Papers de Turisme, nº11, Institut Turístic Valencià, Valencia.

LOZATO-GIOTART, J.P., (1985), Géographie du tourisme. De l'espace regardé à l'espace consommé, Masson, París. Versión en castellano de Soler Insa, j., (1990).

LUIS GÓMEZ, A., (1987), Aproximación histórica al estudio de la geografía del ocio, Ed. Anthropos, Barcelona.

MARCHENA GÓMEZ, M., (1991), Una visión estructural del turismo para la década de los noventa, Casa de Velázquez, Madrid.

MARCHENA GÓMEZ, M., (1992), "Turismo y desarrollo regional: el espacio del ecoturismo." En Papers de Turisme, nº11, Institut Turístic Valencià, Valencia.

MATHIESON, A./WALL, G., (1990), Turismo: repercusiones económicas, físicas y sociales.

MELLADO, J. Y EHRLICH, K., (1994), "Sensibilidad ambiental: su repercusión sobre la demanda turística y consecuencias en el reajuste de la oferta", en Desarrollo regional y crisis del turismo en Andalucía, Simposio hispano-francés, pp. 87-109, Almería.

PEARCE, D. (1987), Tourism today, a geographical analysis, Longman, Essex (U.K.).

REGUERO, M., (1994), Ecoturismo. Nuevas formas de turismo en el espacio rural, Ed Bosch, Barcelona.

REYNA, S., (1992), El turismo rural en el desarrollo local, Actas del seminario, Laredo, 22 al 26 de julio de 1991.

SÁNCHEZ, J.E., (1991), Espacio, economía y sociedad, ed. siglo XXI, col. Economía y Demografía, Madrid.

SMITH, S. L. J., (1989), "Por una geografía del turismo litoral. Una aproximación metodológica", en Estudios Territoriales, nº 17, pp. 103-122.

I encuentro iberoamericano sobre municipio y turismo rural, (1994), Turismo rural, ed. Fareso.

TURNER, L./ASH, J., (1991), La horda dorada. El turismo internacional y la periferia del placer.

VALCARCEL-RESALT, G. y otros, (1993), Desarrollo local, turismo y medio ambiente.

WACKERMANN, G., (1994), Loisir et tourisme. Une internationalisation de l'espace.

BIBLIOGRAFÍA REFERIDA A ANDALUCÍA-ALMERÍA

CASTRO NOGUEIRA, H., (1989), "Turismo y medio ambiente, dos realidades sinérgicas, planificación del parque natural de cabo de gata", Paralelo 37, nº 11 y 12, Instituto de Estudios Almerienses de la Diputación Provincial de Almería, Almería.

CÓRDOBA, P, Y BAUTISTA, M., (1994), "Encuesta en el parque natural de cabo de gata-níjar, (Para un enfoque antropológico del nuevo turismo)", Desarrollo regional y crisis del turismo en Andalucía, Simposio hispano-francés, pp. 263-281, Almería.

GONZÁLEZ MUÑOZ, J., (1983), El turismo como fenómeno industrial en la provincia de Almería, Vol. II, Ed. Anel, Granada.

HERNÁNDEZ PONCEL, M.C., (1994), "Agricultura y turismo en el campo de dalías, posibles conflictos", Desarrollo regional y crisis del turismo en Andalucía, Simposio hispano-francés, pp. 147-171, Almería.

JIMÉNEZ OLIVENCIA, Y., (1994), "Relaciones entre turismo y agricultura en zonas rurales de montaña, el caso de la alpujarra granadina", Desarrollo regional y crisis del turismo en Andalucía, Simposio hispano-francés, pp. 171-187, Almería.

LABORATORIO DE PLANIFICACIÓN TURÍSTICA, (1981), Programa de acondicionamiento turístico del parque natural de Cabo de Gata, Consejería de Economía y Fomento, Sevilla.

MARCHENA GÓMEZ, M., (1990), "Implicaciones territoriales de la política turística en Andalucía", Geografía de Andalucía, Vol. VII, Sevilla.

MARCHENA GÓMEZ, M., (1987), Territorio y turismo en Andalucía, análisis a diferentes escalas espaciales, Dirección General de Turismo, Junta de Andalucía, Sevilla.

MARCHENA GÓMEZ, M., (1994), "Sobre política regional del turismo en Andalucía", en Desarrollo regional y crisis del turismo en Andalucía, Simposio hispano-francés, pp. 339-381, Almería.

RODRÍGUEZ MARTÍNEZ, F., (1994), "El impacto ambiental del turismo", Desarrollo regional y crisis del turismo en Andalucía, Simposio hispano-francés, pp. 331-339, Almería.

RODRÍGUEZ VAQUERO, J, E., (1981), "El turismo como factor de la economía española, El caso de la provincia de Almería", Paralelo 37 nº 5, Universidad de granada, C.U.A, pp. 149-158, Almería.

EVALUACION

La evaluación se llevará a cabo a través de la participación en clase y la exposición y discusión de lecturas, lo que supondrá un 40% de la nota. El trabajo y las prácticas supondrán otro 40%. Finalmente se realizará un examen que significará un 20% de la calificación final."

Fonte: Disponível em http://www.ual.es/Universidad/Depar/histgeo/_programas/Geografia-del-Ocio-y-Turismo-0405.doc

Acesso 04 jan 05

**Estrutura conceitual e temática do Programa de Geografia do Turismo –
Almería – Espanha**

Quadro 8

Estrutura conceitual	Temas/Tópicos
<ul style="list-style-type: none"> • Tipologia e segmentação • Oferta e demanda • Fluxos turísticos • Impactos • Potencial/diagnóstico • Ordenação do território • Representações simbólicas • Percepção da paisagem • Atrativos turísticos • Espacialidade do turismo mundial • Fatores de localização turística • Modelos territoriais de turismo • Desenvolvimento local 	<ul style="list-style-type: none"> • Conceito e conteúdo do ócio e do turismo • A Geografia do turismo • O espaço turístico • A oferta e a demanda • Política e legislação • Segmentação do mercado: turismo de sol e praia, turismo de montanha, turismo e ócio urbano, turismo rural e segunda residência • Turismo local: Almería

Fonte: Castro (2006)

O programa espanhol também é distinto dos demais analisados até então: ele dá visibilidade paradigmática no trânsito por abordagens plurais da geografia e lança um forte foco sobre uma estrutura conceitual geográfica e turística de sustentação teórica ao planejamento e ordenamento do território turístico. Ao mesmo tempo, propõe a avaliação da paisagem sob a ótica da percepção, o que demonstra a abordagem Humanista da proposta.

Apresenta domínio em seu conteúdo conceitual relacionado tanto ao turismo quanto à geografia do turismo. Sua estrutura conceitual e temática é a que mais se assemelha à matriz da produção brasileira da abordagem geográfica

do turismo, conforme a parte III desta tese. A base conceitual construída é posteriormente aplicada ao turismo local, porém numa dimensão distinta do turismo canadense. Aqui o paradigma geográfico sinaliza para uma abordagem Crítico-Socioambiental, ao propor o estudo de conflitos de uso e modelo territorial do turismo enquanto que no modelo canadense o turismo é enfatizado como sistema.

**“COSTA RICA
Escuela de Geografía
Geografía del Turismo**

Profesor: Gilbert Vargas Ulate – Costa Rica

Introducción

“El turismo como actividad humana ligado a los viajes, al esparcimiento y más recientemente relacionado con las vacaciones, puede ser estudiado por el sociólogo, el historiador, el economista y el geógrafo. Sin embargo, lo que hace particular el interés del geógrafo es la localización, la distribución e la repercusión espacial de las actividades turísticas”

Vargas, G. Geografía turística de Costa Rica. EUNED, 1997.

Objetivos.

- 1-Definir los conceptos de turismo, recreación y geografía del turismo.
- 2-Analizar los diversos factores geográficos que influyen en las actividades turísticas.
- 3-Estudiar las diversas tipologías de turismo.
- 4-Characterizar la evolución y situación actual del turismo en Costa Rica
- 5-Aplicar los conocimientos, técnicas y métodos adquiridos en el ordenamiento del espacio turístico
- 6-Analizar el impacto del turismo en las comunidades locales y los espacios protegidos.

Contenidos

- 1-La geografía. La geografía turística, el turismo, la recreación.
- 2-La actividad turística
 - 2.1. Factores geográficos y la actividad turística
 - 2.2. Historia del turismo y la recreación.
- 3- El clima y el turismo
- 4- Las formas del turismo e la recreación
- 5- La guía turística

- 6- Características de los usuarios turísticos y recreacionales
- 7- Marco social y político del tiempo libre
- 8 -Las rutas y circuitos turísticos
- 9- Evolución y situación actual del turismo en Costa Rica
- 10- Turismo y comunidades locales
- 11- Turismo y medio ambiente
- 12- Ordenamiento del espacio turístico

Metodología

Se utilizará el método expositivo con apoyo audiovisual, Sin embargo, para la buena marcha del curso se requiere de la participación cumplida y analítica del estudiante.

Evaluación

Dos exámenes parciales: 28 de setiembre y 22 de noviembre. 30%

Ensayo "La cultura e los valores históricos como atractivo turístico". 10%

Investigación en grupo: El turismo en las playas Tamarindo e Langosta: transformación, impacto y ordenamiento. 60%

Bibliografía

Alvarado, G. Montero M. 1991. Geografía turística del corredor pacífico medio de Costa Rica, tesis de licenciatura. Escuela de Geografía. Universidad de Costa Rica.

Barbaza, Y. 1970. Trois types d'intervention du tourisme dans l'organisation de l'espace littoral. Annales de Géographie. 434,446-469.

Barbier, B y Pearce D. The Geography of Tourism in France. Definition, scope and themes. Geographical Journal. 9(10), 47-57.

Besancenot, J.P. 1992. Climat et tourisme. Masson et Cie Paris.

Bouillon, R.C. Las actividades turísticas e recreacionales, editorial Trilhas. México.

Budowski, G. 1985. El turismo y la conservación del medio ambiente. Conflicto o simbiosis. En: La conservación como instrumento de desarrollo. EUNED.

Budowski, T. Ecoturismo a la tica. En: hacia una centroamérica verde. Editorial DEI. San José.

Cole, D. 1989. recreation ecology. What we know. What geographers can contribute. Forest Service. USA.

De la poza, J.M. 1993. estructura industrial turística. Oikos tau. Barcelona.

Díaz, J. 1989. Geografía del turismo. Editorial Síntesis, Madrid,

Fourastie, J. 1973. Ocio y turismo. Biblioteca Salvat. Barcelona.

Gutiérrez, R. 1989. Los espacios recreativos del Gran Area Metropolitana. Tesis de licenciatura. Escuela de Geografía. Universidad de Costa Rica.

Hauolt, A. 1974. Tourisme et environnement. Marabou Monde. Paris.

Lanfond, M.F. 1977. Les theories de loiser. PUF. Paris.

Lanquar, R. et al. 1980. L´amenagement touristique.PUF.Paris.

Lozato, J.P. 1990. Geografía del Turismo: el espacio contemplado al espacio consumido. Editorial Trillas, México.

Mercado, T et al. 1993. Análisis del impacto ambiental generado por los grandes desarrollos turísticos em México. Boletín de geografía. UNAM. México.

Miossec, J.M. 1974. Um modele de l´espace touristique. L´espace Geographique. 6(1)41-48.

Miossec, J.M, J.M. 1976. Eléments pour une théorie de l´espace touristique. Les Cahiers du tourisme. Aix en Provence.

Pearce, D. 1998. Tourisme today: a geographical analyses. Longman Publisher. New York

Vargas, G. 1997. La geografía turística de Costa rica: EUNED. San José.”

Disponível em www.fcs.urc.ac.cr/geografia/prophic.html

Acesso: 30 dez. 2004

Estrutura conceitual e temática do Programa de Geografia do Turismo – San José - Costa Rica

Quadro 9

Estrutura conceitual	Temas/Tópicos
<ul style="list-style-type: none"> • Ordenamento espacial • Tempo livre • Recreação • Modalidade do mercado turístico 	<ul style="list-style-type: none"> • História e evolução do turismo • Clima e Turismo • Turismo e meio ambiente • Turismo e comunidades locais • Turismo na Costa Rica: caracterização e avaliação • Rotas e circuitos turísticos • Guia turístico

Fonte: Castro (2006)

O programa costarriquenho não define, com a clareza dos demais, a estrutura conceitual que dá sustentação teórica ao programa, tanto do ponto de vista da geografia do turismo quanto do turismo.

Como no programa italiano, aqui existe uma preocupação em situar o lugar da Geografia do Turismo em relação à atividade turística e à Recreação. Contudo, os temas propostos não contemplam essa preocupação didática em sua estrutura conceitual.

O que distingue esse programa dos demais é a abordagem do tema “Turismo na Costa Rica: caracterização e avaliação”.

**“DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA DA UFPR
Dados relativos à disciplina Geografia do Turismo:
Disciplina: GEOGRAFIA DO TURISMO Código: GB 025**

Validade: 2003 - Carga Horária: 60

Professor responsável: Dr. Marcos Aurélio Tarlombani da Silveira

Objetivos (geral e específicos)

Transmitir aos alunos as noções básicas da análise geográfica do fenômeno do turismo, sua dimensão territorial, seus impactos no território e as tipologias espaciais. Pretende-se, igualmente, transmitir uma visão totalizante do espaço e da sua organização, disponibilizando um conjunto de categorias de análises, de técnicas e metodologias de planejamento territorial do turismo. Aborda-se ainda a distribuição das atividades turísticas no espaço geográfico, que permita fundamentar critérios de intervenção e formular planos de desenvolvimento turístico em escala regional e local.

Conteúdo (ementa)

- A dimensão territorial do turismo; difusão territorial do turismo; fatores geográficos e turismo; tipologias de turistas e de espaços turísticos;

- Bases conceituais e teóricas da geografia do turismo: teorias geográficas e turismo (Teoria das Localidades Centrais; Teoria do Ciclo de Vida dos destinos turísticos);
- Modalidades de turismo: do turismo de massas ao turismo rural e ao ecoturismo;
- Os impactos territoriais do turismo: ambientais, socioculturais e econômicos;
- Planejamento e ordenamento territorial do turismo: teoria, métodos e técnicas; diagnósticos e inventário de recursos territoriais e ambientais;
- Turismo, Sustentabilidade e Ordenamento do Território: princípios e práticas;
- Políticas públicas e estratégias de desenvolvimento turístico no Brasil e no Paraná.
- Estudo de caso no Estado do Paraná.

Metodologia

Aulas expositivas, discussão e análise de textos, apresentação de seminários sobre o conteúdo; Palestras com profissionais da área; Trabalho de campo.

Bibliografia Básica

BARROS, N. C. (2001). *Manual de Geografia do Turismo*. Recife: Ed. Da UFPE.

BECKER, B. (1996). *Políticas e planejamento do turismo no Brasil*. In: Turismo, espaço, paisagem e cultura. São Paulo: Hucitec, pp.181-192.

BENI, M. C. (1997). *Política e estratégia de desenvolvimento regional*. Planejamento integrado do turismo. In: Turismo e desenvolvimento local. São Paulo: Hucitec, vol. 1, pp. 79-86.

_____. (2000). *Política e estratégia do desenvolvimento regional - planejamento integrado e sustentável do turismo*. In: *Turismo: teoria e prática*. São Paulo: Atlas.

CASTRO, I. E et al. (1995) – *Geografia, conceitos e temas*. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro.

CAZES, G. (1996). *Turismo e Subdesenvolvimento*. Tendências Recentes. In: Turismo e Geografia: Reflexões Teóricas e Enfoques Regionais. Ed. Hucitec, São Paulo.

COOPER, C. et al. (2001). *Turismo. Princípios & práticas*. Porto Alegre: Bookman.

CRUZ, R. C. (2000). *Política de turismo e território*. São Paulo: Contexto.

ECOPARANÁ. (1999). *Planejamento do desenvolvimento do turismo no Estado do Paraná*. Curitiba.

EMBRATUR. (1996). *Política Nacional de Turismo. Diretrizes e programas*. Brasília: Ministério da Indústria, Comércio e Turismo/Governo Federal.

EMBRATUR/IBAMA. (1994). *Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo*. Brasília: Ministério da Indústria Comércio e Turismo/Ministério do Meio Ambiente e da Amazônia Legal/Governo Federal.

- GÓMEZ, A. L. (1988). *La Evolución Internacional de La Geografía del Ócio*. Barcelona. Ed. Antropos.
- GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. (2001). *Diretrizes para o turismo em áreas naturais no Estado do Paraná sob a ótica da sustentabilidade*. Curitiba: Secretaria de Estado do
- _____ (2002d). *Projeto caminhos do mar*. Curitiba: Programa Pró-Atlântica/Secretaria de Estado da Cultura.
- HALL, C. M. (2001). *Planejamento turístico*. Políticas, processos e relacionamentos. São Paulo: Contexto.
- MICHAUD, J. L. (1983). *Le Tourism face à L'Environnement*. PUF. Paris.
- OMT. (1999a). *Desarrollo turístico sostenible*. Guía para administraciones locales. Madrid. Organización Mundial del Turismo, 2ª ed.
- _____ (1999b). *Agenda para planificadores locales: Turismo sostenible y gestión municipal*. Edición para América Latina y Caribe. Madrid: Organización Mundial del Turismo.
- _____ (1999c). *Código ético mundial para el turismo*. In: Cuadernos de la Organización Mundial del Turismo. Madrid: Organización Mundial del Turismo.
- RODRIGUES, A. B. (org). (1996). *Turismo e Geografia. Reflexões Teóricas e Enfoques Regionais*. Ed. Hucitec, São Paulo.
- _____ (1997). *Turismo e espaço. Rumo a um conhecimento transdisciplinar*. São Paulo: Hucitec.
- _____ org. (1997). *Turismo e desenvolvimento local*. São Paulo: Hucitec.
- _____ (org). (1997). *Turismo e ambiente. Reflexões e propostas*. São Paulo: Hucitec.
- _____ (2000). *Geografia do Turismo*. Novos Desafios. In: Turismo. Como aprender. Como Ensinar. São Paulo: Ed. Senac.
- RUSCHMAN, D. (1997). *Turismo e planejamento sustentável*. São Paulo: Papyrus.
- SILVEIRA, M. A. T. (1997). *Planejamento territorial e dinâmica local: Bases para o turismo sustentável*. In: *Turismo e desenvolvimento local*. São Paulo: Hucitec. pp. 87-98.
- _____ (1998) *Políticas de desenvolvimento e sustentabilidade: Possibilidades e perspectivas com base no turismo*. RA'E'GA, *O Espaço Geográfico em Análise*. Revista do Departamento de Geografia, UFPR, nº02, ano II, pp. 43-65.
- _____ (1999b). *Ecoturismo na Ilha do Mel-Pr*. In: Turismo e Meio Ambiente. Fortaleza: UECE. pp. 138-151.
- _____ (1997). *Planejamento territorial e dinâmica local: Bases para o turismo sustentável*. In: Turismo e desenvolvimento local. São Paulo: Hucitec. pp. 87-98.
- _____ (2001). Política de turismo e oportunidades ao desenvolvimento local. In: *Turismo Rural*. São Paulo: Contexto. pp. 133-150.

_____ (2001). *Para pensar o território a partir do turismo*. Trabalho apresentado no 4. Anpege. São Paulo: USP.

_____ (2002). *Turismo, Políticas de Ordenamento Territorial e Desenvolvimento*. Um foco no Estado do Paraná no contexto regional. São Paulo: FFLCH/USP. Tese de Doutorado.

SWARBROOKE, J. (2000). *Turismo sustentável*. Conceitos e impacto ambiental. São Paulo: Aleph, vol.1.

VALENZUELA, M. (1986). *Turismo y territorio*. Ideas para una revisión crítica y constructiva de las prácticas espaciales del turismo. *Revistas Estudios Turísticos*. (90). pp. 47-57.

VERA, F. et al. (1997). *Análisis territorial del turismo*. Una nueva Geografía del Turismo. Barcelona: Ariel, Col. Geografía.”

O Programa do DG/UFPR nos foi encaminhado por meio eletrônico pelo Prof. Dr. Marcos Aurélio T. Silveira.

Estrutura conceitual e temática do Programa de Geografia do Turismo – Curitiba – Brasil

Quadro 10

Estrutura conceitual	Temas/Tópicos
<ul style="list-style-type: none"> •Tipologias espaciais •Tipologia de turistas •Impactos •Ordenamento territorial •Modelos de espaços turísticos •Modalidade do mercado turístico: Turismo Rural e ecoturismo Turismo de massa 	<ul style="list-style-type: none"> • Planejamento territorial • Turismo e sustentabilidade • Políticas de turismo

Fonte: Castro (2006)

O programa da UFPR é semelhante ao espanhol na ênfase dada à estrutura conceitual que dá sustentação teórica ao planejamento e ordenamento do território turístico. Encontramos essa semelhança nos conceitos estruturantes

como: dimensão espacial do turismo, impactos, planejamento, políticas públicas, distribuição espacial atividades, bases conceituais e teóricas da Geografia do Turismo, tipologia de turismo e escala. Ambos não abordam a Cartografia do Turismo, nem levam em conta a questão espaço-temporal. A diferença entre esses dois programas está no foco da dimensão conceitual do turismo que é dado pelo programa da Espanha, o que não acontece no programa paranaense.

Em síntese, a análise dos programas nos permite elaborar as seguintes conclusões:

- Nenhum conceito é unanimidade nos seis programas analisados.
- A estrutura conceitual da maioria dos programas analisados aponta para uma tendência de abordagem que envolve planejamento, políticas públicas e ordenamento territorial, o que evidencia a dimensão teórico-prática do ensino da Geografia do Turismo.
- Há uma tendência de foco no planejamento do espaço turístico na maior parte dos programas. Esse foco recai sobre vários desdobramentos: geografia econômica aplicada à análise territorial do turismo; turismo, sustentabilidade e ordenamento do território (princípios e práticas); planejamento e ordenamento do território do turismo (teoria, métodos e técnicas de diagnóstico e inventário de recursos territoriais e ambientais); plano e estratégias de desenvolvimento turístico; turismo e desenvolvimento local; organização dos espaços turísticos; inventário do espaço turístico e identificação dos recursos/atrativos turísticos; turismo e comunidades

locais; ordenamento do espaço turístico; problemas da planificação turística e instrumentos de gestão do território turístico.

- Tal qual o planeamento do espaço turístico, a maior parte dos programas enfatiza as políticas públicas relacionadas a: sustentabilidade; turismo como agente de mudança; políticas para o turismo em várias escalas geográficas; sujeitos da política do turismo; políticas de turismo e meio ambiente (turismo sustentável); política e legislação (regional, nacional e europeia).
- Há certa frequência no trato do conceito de impactos do turismo com focos separados, tais como: impactos territoriais do turismo (ambientais, socioculturais e econômicos); impactos ambientais; impactos econômicos, sociais e ambientais; impactos do turismo (sociais e ambientais).
- As bases conceituais e teóricas da Geografia do Turismo aparecem nos programas com diferentes focos: teorias do espaço turístico; fatores geográficos e turismo; tipologias espaciais e paisagem como recurso turístico (percepção e avaliação); recursos naturais e culturais; fatores geográficos (técnicos, físicos e humanos do turismo); Geografia do Turismo e Recreação; clima e turismo; características dos espaços turísticos (atrativos, potencialidades e uso).
- A modalidade/tipologia do turismo se destaca em quase todos os programas e se desdobra nas seguintes abordagens: modalidades do turismo (turismo de massas, turismo rural, ecoturismo); tipologia dos espaços turísticos segundo o marco geográfico e as atividades

desenvolvidas; ecoturismo e turismo de massa; formas de turismo e recreação; turismo cultural; turismo de natureza; os espaços protegidos e os espaços florestais; turismo rural e segunda residência; turismo e ócio urbano (tipologia, distribuição espacial e dinâmica urbana); turismo de montanha; turismo de sol e praia; turismo em parques urbanos; turismo em parques nacionais e regiões selvagens; principais áreas de turismo no mundo e sua tipologia.

- A escala geográfica⁴⁷ é presente nos programas através das seguintes expressões: escala regional e local; escala local, nacional e mundial; principais regiões turísticas do mundo e em Quebec; a indústria turística em Quebec; principais áreas turísticas do mundo e sua tipologia; turismo na Europa; turismo regional (Piemonte); evolução e situação atual do turismo na Costa Rica; espaço turístico almeriense; políticas para o turismo em várias escalas geográficas; políticas públicas e estratégias de desenvolvimento turístico no Brasil e no Paraná; política e legislação (regional, nacional e européia).
- A Cartografia do turismo e outras representações desse fenômeno apresentam uma baixa freqüência nos seguintes desdobramentos: cartografia aplicada ao turismo (linguagem gráfica, sensoriamento remoto, GPS, geoprocessamento, o papel da Internet); estatística do turismo na perspectiva geográfica; cartografia do turismo; guia turístico.

⁴⁷ A escala geográfica é uma ferramenta de grande importância na análise geográfica, por determinar a área de abrangência de ação de um fenômeno em sua dimensão espacial. Dentre outros estudiosos da escala, destaca-se CASTRO, Iná E. *O problema da escala*. In: CASTRO, Iná E. et al (orgs) *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995: pp. 117 -141.

- O sistema turístico, face à abordagem do turismo nessa área de interseção Geografia e Turismo, apresenta uma frequência média e seus desdobramentos apresentam-se como: fluxos turísticos e sua dinâmica; oferta e demanda (economia do turismo); inventário do espaço turístico; recurso turístico; oferta e demanda; os atrativos turísticos; dinâmica do turismo (modelos de crescimento); prognósticos do turismo; tendências na recreação e no turismo; distribuição do fluxo de turismo no mundo; rotas e circuitos turísticos; fatores de localização do turismo (naturais, socioeconômicos e técnicos); fatores de atração e atividades complementares; a empresa turística (organização, estratégias espaciais, sazonalidade e agentes intermediários).
- De todos os programas, o norte-americano parece ser o que menos contribui em sua base conceitual para uma formação consistente na abordagem geográfica do turismo, por se apresentar mais voltado para viagens de recreação.

A partir da análise propiciada por esses programas, podemos afirmar que existe uma pluralidade de objetivos no ensino da abordagem geográfica do turismo nos cursos superiores de Geografia. Os programas parecem mostrar uma relação estreita entre estrutura conceitual/seleção de temas e o fim a que se destina o ensino da disciplina. Desse modo, há programas cujos pressupostos teórico-metodológicos e o conteúdo proposto relacionam-se às políticas territoriais do turismo e ao planejamento do espaço turístico. Outros programas têm como finalidade uma abordagem geral da dimensão espacial do turismo. Quer dizer, é o professor, como timoneiro do processo de ensino e aprendizagem que, num dado momento e contexto, definirá as metas, os objetivos do ensino e organizará os conteúdos dessa disciplina.

Esperamos que as discussões levadas a efeito nesta parte tenham deixado evidenciada a relevância atribuída ao ensino-pesquisa da Abordagem Geográfica do Turismo. Nosso propósito é que as instituições se sintam encorajadas a iniciar uma discussão acerca da inserção da abordagem geográfica do turismo na grade curricular do curso de graduação em Geografia, tomando como referência, pelo menos, dois aspectos:

1- Existe a necessidade da participação do geógrafo na pesquisa da dimensão espacial desse fenômeno.

2- Existe um mercado real de trabalho para geógrafos engajados na abordagem geográfica do turismo.

Em decorrência, existe um interesse real de demanda por essa disciplina nos cursos de graduação em Geografia.

Esses arremates finais, no avesso e no direito, mesclados pelo nosso esforço intelectual e físico guardam a nossa contribuição para a abordagem geográfica do turismo no currículo dos cursos de graduação em Geografia. Completamos assim a sinuosa e prazerosa descoberta do caminho que conduz à pesquisa e ao ensino na abordagem geográfica do turismo para futuras gerações de geógrafos-pesquisadores-educadores do nosso país.

Em relação à competência técnica do docente, lembramos, em todo o tempo e lugar, a fala da Profa. Fani Ventura, de Caratinga-MG:

“É fazendo que a gente se torna capaz!”

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nenhuma síntese é possível

Edgar Morin

O fio condutor desta tese é a organização do conhecimento do conhecimento do lugar do turismo na ciência geográfica, com o propósito de amearhar contribuições de nível teórico-metodológico para a ação educativa de docentes que atuam nos cursos de formação do geógrafo.

Chegamos ao ponto mais avançado que nos foi possível de aproximação dos olhares epistêmicos de uma amostra de geógrafos em diferentes escalas temporais e geográficas, que se debruçaram e se debruçam em estudos e pesquisas relacionadas à dimensão geográfica do turismo.

No que diz respeito à produção acadêmica brasileira analisada, assumimos postura idêntica à de Callizo (1991). Cada dissertação e cada tese do universo da nossa pesquisa é uma contribuição valiosa na edificação do conhecimento brasileiro da abordagem geográfica do turismo. Sua pluralidade de enfoques é o mais salutar exercício do livre direito de pensar.

Os estudos e pesquisas do espaço turístico brasileiro, a exemplo da tendência internacional, são tecidos com os fios da multiplicidade de abordagens em razão da complexidade com que a realidade desse fenômeno se apresenta ao mesmo tempo eivado de objetividade e de subjetividade. E a abordagem desse fenômeno na ação educativa da formação do geógrafo não pode ignorar essa multiplicidade.

Entre as contribuições à ação educativa, tanto em nível epistemológico como em nível teórico-metodológico, que esse estudo revelou julgamos oportuno destacar as seguintes:

- Em nível epistemológico, a produção do conhecimento na abordagem geográfica do turismo fundamenta-se nos três movimentos de constituição da Ciência Geográfica, ou seja, do pensamento clássico ao moderno e desse às várias influências filosóficas que marcaram o século XX. A partir de 1950, essas influências filosóficas são reconhecidas como abordagem Pragmática, Humanista (incluindo a Percepção), Cultural e Crítica. Pode-se acrescentar a essas a abordagem Socioambiental, já reconhecida na produção brasileira da Ciência Geográfica.
- Em nível teórico-metodológico destacam-se três dimensões: a conceitual, a procedimental e a do princípio educativo.

Na dimensão conceitual do *quefazer* pedagógico, ordenamos os conceitos a partir de determinado critério: aqueles que imprimem identidade ao pensamento geográfico (produção do espaço, território, territorialidade, espacialidade, paisagem, lugar, região, relação sociedade e natureza, fronteira); os que evidenciam uma tendência pluriparadigmática do pensamento geográfico atual (ordenamento territorial, zoneamento, gestão ambiental, planejamento espacial, globalização, território-rede, sociedade de consumo, trabalho, especulação imobiliária, segregação espacial, políticas públicas); os conceitos em processo de construção na área de interseção da geografia com o turismo (urbanização turística, impactos socioambientais, núcleo de periferia urbana, infra-estrutura turística, turismo com base local, segunda residência, espacialidade diferencial, (re)qualificação espacial, lugares turistificados, territórios turistificados); e aqueles resultantes de invasões e migrações interdisciplinares (impactos socioambientais, impactos espaciais, políticas públicas de turismo, sustentabilidade, cultura, patrimônio, ecologia, recreação, lazer, turismo de massa, marketing turístico, capacidade de carga, representações simbólicas, potencial-diagnóstico das atratividades, processo histórico, economia do turismo, não-lugar).

Em sua totalidade trata-se de um constructo conceitual indivisível. No entanto, em termos de frequência, alguns deles se comportam como pilares, razão pela qual foram por mim denominados **conceitos estruturantes**. Em ordem decrescente são eles: impactos; produção do espaço turístico; políticas de turismo; potencial/diagnóstico; sustentabilidade; representações simbólicas; paisagem; território e planejamento.

b) Na dimensão procedimental, numa análise mais refinada da base conceitual anterior, nos foi possível constatar duas questões que colocamos para reflexão dos educadores no processo construtivo de programas de ensino na abordagem geográfica do turismo.

A primeira questão trata da investigação empírica e reflexões teóricas acerca da **urbanização turística**. Assumimos como relevante incluir esse tema como um dos itens dos programas da disciplina “Geografia do Turismo”. Do ponto de vista teórico-metodológico, o trato didático dos indicadores da urbanização turística permite contextualizar e globalizar de modo exemplar a dimensão geográfica do turismo, que contempla: o predomínio do consumo sobre a produção; a especulação imobiliária e revalorização seletiva do solo urbano; a requalificação do espaço urbano; a revitalização do patrimônio edificado e ambiental; a composição e dinâmica do tecido social na construção de novas territorialidades; a valorização estética da paisagem; os novos sistemas de objetos e de ações na construção da espacialidade complexa; a questão da qualificação da mão-de-obra local e do trabalho sazonal; a produção específica de certos bens de consumo; o crescimento demográfico e econômico acima da média regional/nacional; e os problemas socioambientais de toda ordem que emergem nessa nova forma urbana.

A segunda questão refere-se aos **efeitos** (favoráveis e desfavoráveis) da atividade turística sobre os territórios. Desde a época de Kohl o olhar epistêmico do geógrafo articula-se de forma aguçada com esses efeitos.

Hoje, mais do que no passado, os efeitos do turismo podem e devem fazer parte do universo de investigação empírica, porém, articulado com a base teórico-prática da gestão territorial, planejamento, zoneamento, ordenamento, capacidade de carga e sustentabilidade. Assim procedendo, consideramos possível superar a crítica pertinente sobre o predomínio do descritivismo e denunciamento que têm caracterizado a análise dos efeitos desfavoráveis do turismo na produção do conhecimento dessa abordagem.

c) A dimensão do **princípio educativo** em nível teórico-metodológico norteia a organização do currículo, a partir do resgate dos saberes e fazeres dos alunos, das relações cooperativas entre educador-educando, da produção do conhecimento com autoria, da autonomia de pensamento. Em conclusão, não existe modelo de programa e currículo acabados, uma vez que cada qual é construído/reconstruído quando professores e alunos assumem o processo construtivo de suas aprendizagens.

Consideramos irrefutável o comprometimento do geógrafo e, por extensão, das universidades brasileiras com o construto do conhecimento e do saber-fazer da abordagem geográfica do turismo. O geógrafo deve assumir com competência e responsabilidade seu papel no atual contexto de desenvolvimento sócio-espacial do turismo na realidade brasileira.

O geógrafo técnico-pesquisador deve participar de equipes interdisciplinares de gestão territorial, em condições de oferecer subsídios às políticas de ordenamento e planejamento de atividades turísticas, ao levantamento de potencial/diagnóstico, à elaboração de roteiros e mapas turísticos, entre outras atribuições. Os desafios podem ser superados na medida em que as exercitações investigativas forem suficientemente encorajadas, por exemplo:

- na busca da sustentação teórica adequada à fundamentação de estudos de caso;
- no cuidado do tratamento interpretativo dos dados em pesquisas de cunho teórico, metodológico e empírico;
- na pesquisa do estado da arte com vistas à construção de interconexões teóricas por ser evidente que a Geografia é uma ciência complexa;
- na aplicação de conhecimentos em novos contextos, sem perder de vista a dimensão multiescalar na análise do fenômeno turístico;
- na construção de olhares epistêmicos cada vez mais acurados, lapidados, inquiridores, avaliativos, analíticos, críticos e propositores;
- no alinhamento permanente da abordagem geográfica do turismo com os preceitos de valorização, pelo respeito e proteção, no uso e consumo dos bens ambientais, culturais e patrimoniais dos territórios.

O geógrafo professor – educador deve atuar na formação de um raciocínio espacial, na visualização de um futuro profissional no campo do turismo e do lazer, no desenvolvimento de uma consciência cidadã que expresse posturas ecologizadas no uso e consumo dos espaços geográficos seja qual for a sua destinação.

Acreditando na educação como fomentadora da esperança, depositamos nosso esforço ameador desta tese nas mãos de professores-educadores dos cursos de graduação e pós-graduação em Geografia e em Turismo do presente e do futuro.

VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Maria Flávia Coelho. *Zona Costeira do Pecém: de Colônia de Pescador à Região Portuária*. 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2005

ALMEIDA, Regina Araujo. *Academias de Viagens e Turismo Brasil - AVT-BR*. Conheça nossos programas e participe dessa parceria. VI Encontro Nacional de Turismo de Base Local. 2002. Campo Grande-MS. Caderno de Resumos, 2002, p. 55-56.

_____. *et al. Nas trilhas da pesquisa - Geógrafo do Turismo: que profissional é esse?* VI Encontro Nacional de Turismo de Base Local. 2002. Campo Grande-MS. Caderno de Resumos, 2002, p.41-2.

_____.; CASTRO, Nair A Ribeiro de. *O lugar do turismo no curso de graduação em Geografia: uma experiência em processo*. VI Encontro Nacional de Turismo de Base Local. 2002. Campo Grande-MS. Caderno de Resumos, 2002, p. 39-40.

AMARAL, Dulce Vidigal do. *A percepção das populações tradicionais sobre as relações que envolvem o ecoturismo na Chapada dos Veadeiros: o município de Alto de Paraíso de Goiás*. 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade de Brasília, Brasília, 2001.

ANDRADE, Delma Santos de. *Dinâmica simbólica e turismo*. Bezerros/PE. 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

ANDRADE, Elenilda Silva Barros de. *Fazenda Nova natureza e meio ambiente: um olhar refazendo a paisagem*. 2004. Dissertação. (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geografia. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2004.

ANDRIOLO, Arley; FAUSTINO, Evandro. *A experiência de estudantes paulistas em Uruçanga*. In: RODRIGUES, Adyr B. Turismo. Desenvolvimento local. São Paulo:Hucitec, 1977, p.164-178.

ASSIS, Kleber Moisés Borges de. *O turismo interno no Brasil*. Tese de livre-docência - Instituto de Geociências. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1976.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papyrus, 1994, 111p.

AZEVEDO, Júlia. *Enraização de propostas turísticas*. In: RODRIGUES, Adyr B. Turismo. Desenvolvimento local. São Paulo: Hucitec, 1977, p.147-63.

BANDEIRA, Ariadna da Silva. *A política do turismo na Bahia e a reprodução do espaço litorâneo - o exemplo de Itacaré*. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

BARBIERI, Evandro Biassi. *O fator climático nos sistemas territoriais de recreação – Uma análise subsidiária ao planejamento da faixa litorânea do Estado do Rio de Janeiro*. 1979. 187p. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

BECKER Bertha Koiffmann. *Políticas e planejamento do turismo no Brasil*. In: YÁSIGI, Eduardo, CARLOS, Ana Fani A; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 181-192.

BENEVIDES, Ireleno Porto. *Práticas e territorialidades turísticas e planejamento governamental do turismo no Ceará*. 2004. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

BENI, Mário Carlos. *Análise estrutural do turismo*. 3. ed. São Paulo: SENAC, 2000. 517p.

BERTIN, Marta. *O Turismo em Foz do Iguaçu na Visão dos Estudantes: Um Estudo de Percepção Ambiental*. 2003. Dissertação. (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

BOERNGEN, Ronaldo. *Teorias, mapas e viagens: a geografia nos cursos superiores de turismo*. 2002. 111p. Dissertação. (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BOULLÓN, Roberto. *Las actividades turísticas y recreacionales*. México: Trillas, 1985.177p.

BUSS, Maria Dolores. *Classificação ambiental do sul catarinense para fins turísticos*. 1980. 218p. Dissertação. (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1980.

CALLIZO, Javier Soneiro. *Aproximación a la Geografía del Turismo*. Madrid: Síntese, 1991. 216p.

_____. *El espacio turístico de Chadeaud, um entrevero teórico: del historicismo al materialismo dialéctico y el sistemismo behaviourista* Geographicalia. Vol.26. Dez/1989.

CALHEIROS, Silvana Quintella Cavalcanti. *Turismo Versus Agricultura no Litoral Meridional Alagoano*. 2000. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000..

CALVENTE, Maria Del Carmen Matilde Huertas. *Turismo e excursionismo: o qualificativo rural - um estudo das experiências e potencialidades no norte velho do Paraná*. 2001.263p.Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo.

CAPEL, Horacio. *Filosofia y Ciencia en la Geografía Contemporânea*. Espanha: Barcanova, 1981, 509p.

CAPRA, F. O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 1987.

CARVALHO, Mafra Merys Ribeiro Paz de. *Análise do arranjo produtivo do turismo na região dos lagos – Paulo Afonso-BA*. 2005. Dissertação. (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2005.

CASTRO, Iná E. *O problema da escala*. In: CASTRO, Iná E. et al (Org.) *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p.117 - 141.

_____. *Paisagem e turismo*. De estética, nostalgia e política. In: YÁSIGI, Eduardo (Org) *Paisagem e turismo*. São Paulo: Contexto, 2002, p.121-140.

CASTRO, Nair A Ribeiro de. *Educação em Geografia*. Caminhos e (des) caminhos da construção de uma prática pedagógica. 1992. 2 v. 440p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2002.

_____. *Ensinando e aprendendo turismo com crianças: Uma experiência com educadoras do município de Araxá /MG*". In: VI Encontro Nacional de Turismo com Base Local. 2002. Campo Grande-MS. Caderno de Resumos, pp.37-38.

_____ *et al. Percepção ambiental e turismo: A segregação espacial de Campos do Jordão*. In: VI Encontro Nacional de Turismo com Base Local. 2002. Campo Grande-MS. Caderno de Resumos, pp.247-48

_____; BUENO, Miriam R.; SILVA, Rita E. Durso Pereira da. *Geografia. Proposta Curricular Ensino Fundamental*. 1998. Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais. 1998. (inédita)

CARLOS, Ana Fani A. *O turismo e a produção do não-lugar*. In: YÁSIGI, Eduardo, _____; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 25-37.

_____ *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.150p.

CAZES, Georges. *Turismo e subdesenvolvimento: tendências recentes*. In: RODRIGUES. Adyr B. *Turismo e Geografia: reflexes teóricas e enfoques regionais*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____ *Fondements pour une geographie du tourisme et des loisirs*. Paris: Bréal, 1992. 189p.

_____ *Tourisme et Tiers-Monde*. Um bilan controversé. Les nouvelles colonies de vacances? Paris: L`Harmattan, 1992. 208p.

_____ *Les avances pionnières du tourisme internacional dans le Tiers`Mond: réflexions sur un système décisionnel multinacional en cours de constitution*. Travaux de l`Insitut de Geographie de Reims, 43-44; 15-26, 1980.

CHADEFAUD, Michel. *Aux origines du tourisme dans les Pays de l`Adour*. Editors J&D. Deucalion, 1988, 1012p.

CLAVAL, Paul - *Les Grandes Coupures de L`Histoire de la Géographie*. *Revue Hérodote*, mai- juillet/1982, p. 129-151.

_____ *Introducción e La Nueva Geografia*. In: _____ *Evolución de la Geografía_Humana* (1.ed. en francês). Trad. de Alexandre Ferrer. Barcelona: Oikos-tau, 1974, p. 15-44 e p.203-221.

CORIOLOANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. *Turismo, territórios e sujeitos nos discursos e práticas políticas*. 2004. Tese (Doutorado em Geografia) -

Departamento de Geografia, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2004.

COSTA GOMES, Paulo César da. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. 366p.

CRUZ, Rita de Cássia. *Política de Turismo e Território*. São Paulo: Contexto, 2000.167p.

_____. *Políticas de turismo e (re)ordenamento de territórios no litoral do Nordeste do Brasil*. 1999. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

_____. *O Nordeste que o turismo (ta) não vê*. In: RODRIGUES, Adyr B.(Org) *Turismo. Modernidade. Globalização*. São Paulo: Hucitec, 1997, p.210-18.

_____. *Políticas de turismo e construção do espaço turístico-litorâneo no Nordeste do Brasil*. In: LEMOS, Amália Inês G. de. *Turismo: impactos socioambientais*. São Paulo: Hucitec. 1996.

_____. *Turismo e impacto em ambientes costeiros: projeto Parque das Dunas. Via Costeira, Natal*. 1995. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

CUSTÓDIO, Vanderli. *A retomada do planejamento federal e as políticas públicas de ordenamento do território municipal: a temática das águas e do saneamento*. Revista do Departamento de Geografia: Universidade de São Paulo, N.16, 2005, p. 95-104.

DAHLEM, Roseli Bernardete. *O turismo e a produção do espaço na Costa Oeste Paranaense*. 2004. Dissertação. (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2004.

DALL'ACQUA, Clarisse Torrnes Borges. *Das cadeias produtivas à definição dos espaços geo-econômico, global e local*. Três abordagens que integram competitividade e desenvolvimento. 2002, 115p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

DOMINGOS, Mônica de Castro. *O turismo como agente (re)organizador do uso do espaço rural: o caso de Carrancas (MG)*. 2004. Dissertação (Mestrado

em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

Équipe MIT. *Tourisme 1. Lieux communs*. Paris: Belin, 2002. 320p.

EUFRÁSIO, Mário A. O turismo nos lugares centrais e o turismo ambiental na obra de Christaller. In: LEMOS, Amália Inês G. de. *Turismo: impactos socioambientais*. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 287-95.

FALCÃO, José Augusto Guedes. *O turismo internacional e os mecanismos de circulação e transferência de renda*. In: YÁSIGI, Eduardo, CARLOS, Ana Fani A; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 63-77.

_____. *Mecanismos de circulação e transferência de valor: o caso do turismo internacional no Rio de Janeiro – RJ*. 1992. 232p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

FONSECA, Maria Aparecida Pontes da. *Políticas públicas, espaço e turismo*. Uma análise sobre a incidência espacial do Programa de Desenvolvimento do Turismo no Rio Grande do Norte. 2004. 235p. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

FRATUCCI, Aguinaldo César. *Os lugares turísticos: territórios do fenômeno turístico*. GEOgraphia – Ano. II – No 4 – 2000, p.121-133.

_____. *O Ordenamento Territorial da Atividade Turística no Estado do Rio de Janeiro: Processos de Inserção dos Lugares Turísticos nas Redes de Turismo*. 2000. Dissertação. (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2000.

FURTADO, Edna Maria. *A onda do turismo na cidade do sol: a reconfiguração urbana de Natal*. 2005. 300p. Tese (Doutorado em Geografia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

FRÉMONT, Armand. *La region, espace vécu*. Paris, PUF, 1976.

GALVÃO Jucilene. *O processo de planejamento do turismo de natureza: reflexões sobre a construção da política municipal de desenvolvimento sustentável do turismo de Brotas*. 2004.107p. Dissertação. (Mestrado em

Geografia) – IGCEX. Universidade Estadual Paulista, Campus de Rio Claro, Rio Claro, 2004.

GARCÍA, Guillermo. *A relação pedagógica como vínculo libertador*. In: PATTO, Maria Helena Souza. (Org) *Introdução à pedagogia escolar*. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.

GARMS, Armando. *Pantanal: o mito e a realidade – Uma contribuição à Geografia*. 1993. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

GÜTTLER, Maria Aparecida Castro César. *Comunicação turística de Florianópolis*. 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia) – CFCH, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

HAGGET P.; CHORLEY, R. *Modelos, paradigmas e a nova geografia*. In: *Modelos sócio-econômicos em geografia*. CHORLEY, Richard, HAGGETT, Peter. (org). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos/USP, 1975.

HIERNEAUX Daniel Nicolás. *Elementos para un análisis sociogeográfico del turismo*. In: RODRIGUES, Adyr B. (Org.) *Turismo e Geografia. Reflexões Teóricas e Enfoques Regionais*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999, p.39-44.

JESUS, Djanires Lageano de. *A Transformação da Reserva Indígena de Dourados-MS em territórios turístico: valorização sócio-econômica e cultural*. 2004. Dissertação. (Mestrado em Geografia). Departamento de Geografia, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus de Dourados, Dourados, 2004.

JOHNSTON, R. J. *Geografia e geógrafos: a geografia humana anglo-americana desde 1945*. Tradução de Oswaldo Bueno Amorim Filho. São Paulo: DIFEL, 1986, 359p.

KNAFOU, Rémy. *Loisir*. Dictionnaire de la Géographie et de l'espace des sociétés. Paris: Éditions Belin, 2003, p.581-82.

_____. *Turismo e território*. Para um enfoque científico do turismo. In: RODRIGUES, Adyr B. *Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.p.62-74.

_____.; STOCK, M. *Tourisme*, in LÉVY J.& LUSSAULT, M. Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés. Paris: Belin, 2003, p.931-33.

KRIPPENDORF, Jost. *Cartão vermelho ao turismo?* Conferência apresentada na Oficina de Turismo no I Fórum Social Mundial em Porto Alegre-RS, 2002.

_____. *Sociologia do Turismo*. Para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989, 235p.

LACERDA, Mariana de Oliveira. *Paisagem e potencial turístico no vale do Jequitinhonha – Minas Gerais*. 2005. Dissertação. (Mestrado em geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

LANQUAR, R. *Le tourisme international*. 6^a. Édition. Paris: Presses Universitaires de France. 1995.

LEDA, Renato Leone Miranda. *Políticas públicas e territorialização do desenvolvimento turístico da Bahia: o caso da Chapada Diamantina*. 2003. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

LEFF Enrique. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, 343p.

LOMBARDO, Magda Adelaide. *O uso de maquete como recurso didático em turismo*. In: RODRIGUES, Adyr B. *Turismo*. Desenvolvimento local. São Paulo: Hucitec, 1977, p.201-07.

LOPES JR., Edmilson. *Sombras sobre o reino tropical de Dionísio: população, meio ambiente e urbanização turística no litoral do Rio Grande do Norte*. In: SERRANO, Célia et al. *Olhares contemporâneos sobre o turismo*. Campinas, SP: Papyrus, 2000, p.131-150.

LUCHIARI, Maria Tereza D.P. *Urbanização turística – um novo nexos entre o lugar e o mundo*. In: SERRANO, Célia et al. *Olhares contemporâneos sobre o turismo*. Campinas, SP: Papyrus, 2000, p. 105-130.

LÜDKE, Leoni. *Análise da governança em atividades de turismo rural no Distrito Federal*. Um estudo de caso. 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

LUIS GÓMEZ, Alberto. *Aproximación histórica al estudio de la geografía del ocio*. Barcelona: Anthropos, 1988, 384p.

MADRUGA, Antonio Moacyr. *Litoralização: da fantasia de liberdade a modernidade autofágica*. 1992. 160p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo 1992.

MAGALHÃES, Cláudia Freitas. *Organização do espaço turístico de municípios mineiros: uma proposta metodológica*. 2000. Dissertação. (Mestrado em geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

MARIANI, Milton Augusto Pasquotto. *Geografia e turismo no paraíso das águas: o caso de Bonito* 2001. 265p. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MARTINELLI, Marcelo; RIBEIRO, Mônica Patrícia. *Cartografia para o turismo: símbolo ou linguagem gráfica?* In: RODRIGUES, Adyr B. Turismo. Desenvolvimento local. São Paulo: Hucitec, 1977, p.190-200.

MARTINS, Regina Andréa. *O desenvolvimento local: políticas públicas e ação do turismo no povoado de Lapinha, município de Santana do Riacho (MG)* 2002. Dissertação (Mestrado em geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

MASCARENHAS, Gilmar. *Cenários contemporâneos da urbanização turística*. Caderno Virtual de Turismo. vol 4, No. 4, 2004. Disponível: www.vt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/include/getdoc. Acesso 03/04/2005.

MELLO e SILVA, Sylvio Bandeira de. *Geografia, turismo e crescimento: o exemplo do Estado da Bahia*. In: RODRIGUES, Adyr B. (org.) Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999, p.122-144.

_____. *Turismo e urbanização*. In: RODRIGUES, Adyr B. (Org.) Turismo. Modernidade. Globalização. São Paulo: Hucitec, 1997, p.161-171.

MENDONÇA, Francisco. *Geografia Socioambiental*. In: _____; KOZEL, Salete (Org.) Elementos de epistemologia da geografia contemporânea. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002, p.121-144.

_____. *Geografia Socioambiental*. Terra Livre. Associação dos Geógrafos Brasileiros. São Paulo. N.16. 1º. Semestre. 2001. p.113-32.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *A paisagem como fato cultural*. In: YÁSIGI, Eduardo (Org.) Paisagem e turismo. São Paulo: Contexto. 2002. 29-64

MENEZES, Luis Carlos de. *Uso sustentável da Serra de Itabaiana: preservação ou ecoturismo*”. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2004.

MOESCH, Marutschka Martini. *A produção do saber turístico*. São Paulo: Contexto, 2000.

MONTEIRO, Carlos Augusto F. *Geografia & ambiente*. Orientação. Instituto de Geografia – USP, São Paulo, n.5 p.19-28, 1984.

MOLINA, Sergio; RODRIGUEZ, Sergio. *Planejamento integral do turismo: um enfoque para a América Latina*. Bauru, SP: EDUSC, 2001, 176p.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. 2.ed.Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,1998. 334p.

_____.*A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução Eloá Jacobina. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2000. 128p.

_____.*As duas globalizações: comunicação e complexidade*. In: _____: SILVA, Juremir Machado da. (Org.). *As duas globalizações: complexidade e comunicação. Uma pedagogia do presente*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina/ EDIPUCRS, 2002, p. 39-60.

_____; KERN, Brigitte. *Terra-Pátria*. Porto Alegre: Sulina, 1995. 189p.

MULLINS, Patrick. *Tourism urbanization*. International Journal of Urban Regional Research, 15 (3): 326-342, 1991.

OLIVEIRA, Alexandre Magno de. *A preservação ambiental e a urbanização na Serra do Cipó*. 2002.a 164p. Dissertação. (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, IGC-UFMG. Belo Horizonte, 2002.

OLIVEIRA, Leonardo Carneiro de. “A rede de empreendimentos turísticos e sistema de informação: contexto e desafio em Paraty-RJ”. 2002b. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

OURIQUES, Helton Ricardo. *A produção do turismo: fetichismo e dependência*. 2003, 237p. Tese (Doutorado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade Estadual Paulista, Campus de Presidente Prudente, Presidente Prudente, 2003.

PEARCE, Douglas G. *Geografia do Turismo*. Fluxos e Regiões no mercado de viagens. Tradução Saulo Krieger. São Paulo: Aleph, 2003. 388p.

PERETTI, Gláucia Aparecida Rosa Cintra, *Proposta de conscientização turística na E.E. Dezoito de Junho, de Pres. Epitácio-SP: uma experiência de como trabalhar o tema turismo nas escolas de ensino fundamental*. 2002. Dissertação. (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade Estadual Paulista, Campus de Presidente Prudente, Presidente Prudente, 2002.

PINHEIRO, Evandro da Silva. *Percepção ambiental e a atividade turística no Parque Estadual do Guartelá -Tibagi - PR*. Curitiba. 2004. Dissertação. (Mestrado em Geografia), 2004. Departamento de Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

PIRES, Paulo. *Interfaces ambientais do turismo*. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi (Org.) *Turismo: como aprender, como ensinar*. São Paulo: SENAC/São Paulo, 2001, p.229-256.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. *Turismo e desenvolvimento socioespacial: reflexões sobre a experiência do agroturismo no estado do Espírito Santo*. 1998. 169 p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

_____. *Elementos para uma abordagem crítica do turismo no ensino de primeiro e segundo graus*. In: RODRIGUES, Adyr B. *Turismo*. Desenvolvimento local. São Paulo: Hucitec, 1977.p.179-189.

RAMOS, Marcelo Viana. *Impactos sócio-ambientais do turismo: a produção do espaço urbano em Porto Seguro*. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

REJOWSKI, Míriam. *Turismo e Pesquisa Científica*. 2. ed. Campinas: SP, Papirus, 1996, 167p.

_____. *Pesquisa acadêmica em turismo no Brasil (1975-1992) – Configuração e sistematização documental*. Tese de doutorado. São Paulo – ECA/USP, 1993, 2 v., 285p.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. *Geografia do Turismo: novos desafios*. In: TRIGO, Luis Gonzaga Godoi (Org.) *Turismo: como aprender, como ensinar*. São Paulo: SENAC/São Paulo, 2001, p. 187-122.

_____. *Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar*. São Paulo: Hucitec, 1998a.

_____. *Uma abordagem geográfica do espaço do turismo*. In; CORIOLANO, Luzia N.M.T (org.) *Turismo com ética.V.1*. Fortaleza: UECE, 1998b, pp. 76-99.

_____. *Desafios para os estudiosos do turismo*. In: *Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais.2.ed.* São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. *Águas de São Pedro. Estância paulista - Uma contribuição à geografia da recreação*. 1985. Tese. (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

ROSA, Maria Cristina. *Conservação da natureza, políticas públicas e (re) ordenamento do espaço: contribuição ao estudo das políticas ambientais no Paraná*. 2000. 328p. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

ROSA, Rosilene de Oliveira. *Patrimônio natural e cultural, atividade turística e políticas públicas para o Desenvolvimento Local Sustentável em Aquidauana-MS*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, Aquidauana, 2004.

SACRISTÁN, J. Gimeno. *O Currículo. Uma reflexão sobre a prática*. 3ª edição. Porto Alegre: ARTMED, 1998, 352p.

SANTOS, Lídia Maria dos. *O meio natural e o ecoturismo em Belo Horizonte*. 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

SANTOS, Milton, *O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania*. (organização, apresentação e notas de Wagner Costa Ribeiro; ensaio de Carlos Walter Porto Gonçalves) São Paulo: Publifolha, 2002. 221p.

_____. *Técnica espaço tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998. 190p.

_____. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. Tradução de Myrna T. Rego Viana. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. 345p.

SANTOS, Oder José dos. *Esboço para uma pedagogia da prática*. Educação em revista, Belo Horizonte, n.1, p.19-23, jul.1985.

SARAIVA Maria Lianeide Souto Araújo. *Faces dos Novos Usos do Território Litorâneo: lazer e turismo em Praia das Fontes e Prainha do Canto Verde*. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2002.

SAUER, Carl O. *A morfologia da paisagem*. In: CORRÊA, Roberto Lobato & RESENDAHL, Zeny. (org.) Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 12-74.

_____. *Desenvolvimentos recentes em Geografia Cultural*. In: CORRÊA, Roberto Lobato & RESENDAHL, Zeny. (org.) Geografia Cultural: um século (1) Rio de Janeiro, EdUERJ, 2000, p.15-98.

_____. *Geografia Cultural*. CORRÊA, Roberto Lobato & RESENDAHL, Zeny. (org.) Geografia Cultural: um século (1) Rio de Janeiro, EdUERJ, 2000, p.99-110.

SCHAEFER, Fred K. *O excepcionalismo na Geografia: um estudo metodológico*. Boletim de Geografia Teorética, 7 (13): 1977, p.5-37.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. *A muralha que cerca o mar. Uma modalidade de uso do solo urbano*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979. 91p.

SILVA, Anaildes Tatiane Pinho da. *A Produção do Espaço Turístico da Bahia de Todos os Santos e Entorno*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

SILVA. Armando Corrêa da. *O litoral norte do estado de São Paulo – Formação de região periférica*. 1975. 251p. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1975.

SILVA, Clarinda Aparecida da. *Paisagem Campo de Visibilidade e de Significação Sociocultural: Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e Vila de São Jorge*. 2003. 176p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.

SILVA, Jorge A. S. *Turismo, crescimento e desenvolvimento: uma análise urbano-regional baseada em cluster*. 2004. 480p. Tese (Doutorado em Turismo) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2004.

SILVA, Maria da Glória Soares. *O ecoturismo no espaço rural de Bonito - Pernambuco*. 2002.164p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geografia, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2002.

SILVEIRA, Marcos Aurélio T. da. *Turismo, políticas de ordenamento territorial e desenvolvimento*. Um foco no estado do Paraná no contexto regional. 2002. 277p. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

_____. *Turismo & natureza: serra do Mar no Paraná*. 1992. 255p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SILVESTRE, Vanderléia. *Enfoque geográfico de um espaço turístico: um olhar sobre São Lourenço (MG)*. 1995. 230p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

SIMÃO, Maria Cristina Rocha. *Preservação do patrimônio cultural em núcleos urbanos: do conflito à solução*. 2000. Dissertação (Mestrado em geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

SOUZA Santos, Boaventura. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989, 176p.

_____. *Pela mão de Alice*. O social e o político na pós-modernidade. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1999, 348p.

_____. *A crítica da razão indolente*. Contra o desperdício da experiência. 2. ed. v.1. São Paulo, Cortez, 2000, 415p.

SOUZA, Edson Belo Clemente. *Estado: Produção da região do lago de Itaipu – Turismo e crise energética*. Tese (Doutorado em Geografia) - Departamento de Geografia, da Universidade Estadual Paulista, Campus de Presidente Prudente, Presidente Pudente, 2000.

STOCK, Mathis (Coord) *Le tourisme. Acteurs, lieux e enjenux.* Paris, Editions Belin, 2003, 304p.

SWARBROOKE, John; HORNER, Susan. *O comportamento do consumidor no turismo.* Tradução de Saulo Krieger. São Paulo: Aleph, 2002. 405p.

TULIK, Olga. *Praia do Góis e Prainha Branca: núcleos de periferia urbana na Baixada Santista.* 1979. 282p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.

URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas.* Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1999. 231p.

VERA, J. Fernando (coord) *Análisis territorial del turismo.* Barcelona, Ariel. 1997, 443p.

ZABALA, Antoni. *Enfoque globalizador e pensamento complexo. Uma proposta para o currículo escolar.* Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: ArtMed. 2002, 248p.

_____. *A prática educativa: como ensinar.* Tradução de Ernani Rosa Porto Alegre: ArtMed, 1998, 224p.

VI - ANEXO